

Dezembro de 2008

Revista de Letras

Revista de Letras



7

Série II
Dezembro
de 2008



Departamento de Letras, Artes e Comunicação
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Apartado 1013
5001-801 Vila Real - Portugal

7

DEPARTAMENTO DE LETRAS
CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS
UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO
CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS

Revista de Letras

Série II

Nº7

Dezembro de 2008

REVISTA DE LETRAS

Direcção: Carlos Assunção e José Esteves Rei.

Conselho de redacção: Carlos Assunção, José Esteves Rei, Maria da Assunção Monteiro, Henriqueta Gonçalves, José Manuel Cardoso Belo, Olinda Santana, Rui Guimarães, Armindo Mesquita, Fernando Moreira, Laura Bulger, Luísa Soares, Isabel Alves, José Barbosa Machado, Gonçalo Fernandes, Anabela Oliveira, Helena Santos, Orquídea Ribeiro, Milton Azevedo, Maria do Céu Fonseca.

Conselho científico: Amadeu Torres, Universidade Católica Portuguesa e Universidade do Minho – António Fidalgo, Universidade da Beira interior – Aurora Marco, Universidad de Santiago de Compostela – Bernardo Díaz Nosty, Universidad de Málaga – Carlos Assunção, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Daniel-Henri Pageaux, Sorbonne Nouvelle Paris III – Fátima Sequeira, Universidade do Minho – Fernando Moreira, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Gonçalo Fernandes, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Henriqueta Gonçalves, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Jorge Morais Barbosa, Universidade de Coimbra – José Cardoso Belo, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – José Esteves Rei, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Maria da Assunção Monteiro, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Maria do Céu Fonseca, Universidade de Évora – Mário Vilela, Universidade do Porto – Milton Azevedo, University of California, Berkeley – Nair Soares, Universidade de Coimbra – Norberto Cunha, Universidade do Minho.

Concepção gráfica e paginação: José Barbosa Machado

Tiragem: 200 exemplares

Editor: Sector Editorial dos SDE

Impressão: Publidisa, Publicaciones Digitales

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Departamento de Letras
Apartado 1013
5001-801 Vila Real
Portugal

REVISTA DE LETRAS

Revista de Letras / ed. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Letras; Centro de Estudos em Letras; dir. Carlos Assunção e José Esteves Rei; org. Armindo Mesquita, Luísa Soares e José Barbosa Machado. – Série II, n.º7 (Dezembro de 2008) – Vila Real: UTAD, 2009 – Continuação de: Anais da UTAD. – Contém referências bibliográficas. – Anual.

ISSN: 0874-7962 Depósito Legal:

I. Assunção, Carlos, dir. / II. Rei, José Esteves, dir. / III. Mesquita, Armindo, org. / IV. Soares, Luísa, org. / V. Machado, José Barbosa, org. / VI. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Departamento de Letras, Artes e Comunicação. Centro de Estudos em Letras, ed. Lit./ 1. Linguística - - [Periódicos] / 2. Literatura Portuguesa - - estudos críticos - - [Periódicos] / 3. Didáctica - - [Periódicos] 4. Cultura Portuguesa - - [Periódicos] / Comunicação - - Didáctica.
CDU: 81 (05) / 821.134.3.09 (05) / 37.02 (05) / 008 (469) (05) / 808.56 (05) / 37.02 (05)

Índice

LINGÜÍSTICA

- Los humanistas ante los neologismos*
S. López Moreda 7-22
- La descripción lingüística y la didáctica del adverbio*
Maria do Carmo Henriques Salido 23-39
- Cortesía y entonación: las interrogativas absolutas en catalán*
Lluïsa Astruc 41-53
- A linguagem do Padre António Viera como precursor
dos direitos humanos na primeira globalização*
Rui Dias Guimarães 55-64
- Charles Bally: um discípulo da estilística saussureana?*
Marlene Vasques Loureiro 65-74

LITERATURA

- Herança clássica na construção da Europa moderna:
transmissão e intersecção de novos modelos hermenêuticos*
Nair de Nazaré Castro Soares 77-88
- As preocupações humanistas de Saramago em Ensaio sobre a Lucidez*
António José Borges 89-100
- Trás-os-Montes e Alto Douro em contos/memórias de Donzília Martins*
Maria da Assunção Morais Monteiro 101-108
- Camões e a dialéctica do feminino e do masculino*
Maria Luísa de Castro Soares 109-129
- L'Avare de Molière, une panoplie du comique*
Maria Natália Sousa Pinheiro Amarante 131-141

LITERATURA INFANTIL

- Tempo de crescer... com a leitura infantil*
Armindo Mesquita 145-151
- Caleidoscópio de histórias de encantamentos e encantados em
narrativas de crianças da Amazônia: uma memorial para a Literatura Infantil*
Laura Maria Silva Araújo Alves 153-160
- O mundo real do contexto educativo finlandês: Factores de sucesso
em literacia da leitura*
Armindo Mesquita e Virgínia Coutinho 161-170

<i>O conto na sala de aula como motivação para a leitura</i> Maria da Graça Sardinha e Susana Quesado	171-175
--	---------

COMUNICAÇÃO

<i>Retórica – usos marginais do termo e do conceito na comunicação pública e política</i> J. Esteves Rei	179-188
---	---------

<i>Comunicación política y política de la comunicación</i> A. López Eire	189-202
---	---------

<i>La empresa, un lugar de comunicación pública: la Retórica empresarial</i> María del Mar Gómez Cervantes	203-210
---	---------

<i>Greimas, a Retórica e a manipulação da linguagem</i> Maria Luísa Malato Borralho	211-219
--	---------

<i>Títulos de primeira página: a informação como segunda premissa</i> Regina Gouveia	221-231
---	---------

<i>Retórica para um país cor-de-rosa: análise semiótica do cartoon “Natureza Morta” de Gonçalo Viana</i> José Barbosa Machado	233-238
--	---------

<i>Imago: O jogo do olhar</i> Anabela Dinis Branco de Oliveira	239-245
---	---------

<i>O paradoxo persuasivo da retórica</i> Tito Cardoso e Cunha	247-253
--	---------

CULTURA

<i>Death in the work of Zora Neale Hurston</i> Orquídea Ribeiro	257-264
--	---------

<i>A cultura jesuítica do Barroco em Portugal e na Polónia representada pelos padres António Vieira e Piotr Skarga</i> Anna Kalewska	265-281
---	---------

<i>Diogo Cão na obra Mulheres Navegantes no Tempo de Vasco Da Gama</i> Fina d’Armada	283-287
---	---------

TESES CONCLUÍDAS EM 2008

Teses de Doutoramento e Mestrado	291
--	-----

LINGÜÍSTICA



***Constat nos rebus novis nova nomina accomodare
posse, ut veteres factitarunt.***

(Los humanistas ante los neologismos)

S. López Moreda
Universidad de Extremadura, Cáceres (España)
slopez@unex.es

Resumen

Las lenguas enriquecen su patrimonio léxico mediante los neologismos, pero éstos, a su vez, atentan contra la identidad de la propia lengua. En la prosa de los humanistas de los siglos XV y XVI los partidarios de *nova verba* (Lorenzo Valla, Erasmo, Luis Vives) se impusieron a los conservadores, sobre todo a los ciceronianos, (Bartolomé Facio, Antonio Beccadelli, el Panormita) en una polémica que se sirvió de la doctrina de los clásicos (Varrón, Lucrecio, Cicerón, Horacio, Quintiliano, Aulo Gelio...) para enriquecer el léxico latino a la vez que aportaban múltiples soluciones recogidas por las lenguas modernas, especialmente cuando el mundo científico demanda constantemente dar nombre a las nuevas realidades.

Palabras clave: neologismos, prosa latina renacentista, *proprietas verborum*, mundo científico, nuevas realidades.

Abstract

Languages enrich their lexical heritage through neologisms but these, in turn, constitute a threat to the identity of language itself. In the humanist writings during the 15th and 16th centuries advocates of the “nova verba” (Lorenzo Valla, Erasmo, Luis Vives) imposed their views over the conservatives, above all, the followers of Cicero (Bartolome Facio, Antonio Beccadelli, el Parnomita) in a controversy that stemmed from the doctrine of the classics (Varron, Lucrecio, Ciceron, Horacio, Quintiliano, Aula Gelio) in order to enrich the Latin lexicon at the time that contributed with different solutions reached by modern languages, especially when the scientific world was constantly searching for naming new realities.

Keywords: neologisms, Renaissance Latin prose, *proprietas verborum*, scientific world, new realities.

Con las palabras que dan título a nuestras páginas Lorenzo Valla salía al paso de los reproches dirigidos contra su latín por Antonio Beccadelli (El Panormita) y Bartolomé Facio cuando de manera subrepticia leyeron el manuscrito de los *Gesta Ferdinandi regis Aragonum* que Valla había dejado al rey para una revisión previa a la imprenta. Decía Facio al Panormita:

*Vix evolvi tabellas decem et iam plus quam ducentos errores repperi: in quibus ridicula quaedam et pueriliter dicta. Habebis quod rideas. Prosequor reliquum*¹.

Las expresiones “ridículas y pueriles” aludían básicamente a una serie de neologismos introducidos por Valla y ausentes en la prosa clásica.

La réplica de Lorenzo Valla, que no se hizo esperar, consistió en un *Apologus*, en el que justificaba las expresiones empleadas a la vez que ridiculizaba el latín de Poggio Bracciolini. A modo de farsa dramática, al servicio del ilustre Guarino se dan cita personajes de baja estopa, un cocinero, un vinatero y un caballero, para juzgar los latines del enconado enemigo de Valla. De este modo, el Apólogo o «acto escénico», como Valla lo subtítulo, más que un sainete, es un auténtico tratado de “elegancias” de la lengua latina expuesto de manera amena, porque lo verdaderamente importante no es la *actio*, sino el lenguaje que sustenta la acción: los tres personajes citados, prototipos claros de la comedia plautina, juzgan el *sermo vulgaris* de Poggio para que sirva de contraste con el latín elegante de Lorenzo Valla, todo un manifiesto que pretende ser paradigma del latín que han de escribir los humanistas del siglo XV.

1. La polémica entre medievalistas, conservadores (ciceronianos) y modernistas (seguidores de Quintiliano).

En el “renacer” de la lengua latina, el panorama lingüístico europeo, cual si de un centón se tratara, resultaba enormemente pintoresco y complejo: además del auge creciente de las lenguas vernáculas², en los escritos en lengua latina, de un lado competían los ciceronianos, para quienes sólo los términos empleados por el Arpinate eran los correctos (Poggio, Facio, P. Bembo); de otro, aquellos humanistas que habían ampliado su horizonte lingüístico, especialmente tras el hallazgo en el monasterio de Saint Gall de la *Institutio oratoria* de Quintiliano, que ofrecía una nueva doctrina sobre el buen latín (Lorenzo Valla, Luis Vives, Erasmo, F. Biondo, Manetti). Y por si fuera poco, ambas corrientes coexistían en los ámbitos académicos con el artificioso latín medieval, especialmente en los ambientes filosóficos, teológicos y jurídicos, que habían creado su propio latín, una jerga sólo al alcance de sus propios círculos, como pone de relieve Egidio Colonna:

Videntes... *Philosophi* nullum idioma vulgare esse completum et perfectum, per quod *perfecte exprimere possent naturam rerum*, et mores hominum, et cursus astrorum, et alia de quibus disputare volebant, *invenerunt sibi quasi proprium idioma*, quod dicitur latinum, vel idioma litterale: quod constituerunt adeo latum et copiosum, ut *per ipsum possent omnes suos conceptus sufficienter exprimere*³.

¹ Resta, G., *L'epistolario del Panormita*, Messina 1954, 184 n° 258. «Apenas abrí el manuscrito y ya percibí más de doscientos errores: había numerosas expresiones pueriles y que incitaban a la risa. Tendrás motivos para reírte. Prosigue».

² Recordemos que a finales de este siglo y comienzos del siguiente se escriben las primeras gramáticas en lenguas vernáculas (Nebrija en castellano, Fernando de Oliveira en portugués, León Baptista Alberti y G. Francesco Fortunio, en italiano, John Palsgrave, Louis Meigret en frances).

³ Egidio Colonna *De regimine principum*, II 2, 7. Cita tomada de P. V. Mengaldo, *Introduzione a De vulgari eloquentia*, I. Padova 1968, p. LV.

Pero este latín, “al modo fraileesco e escolástico”, como lo consideraba Leonardo Bruni en la *Vita di Dante*¹, provocó una amplia censura cuyo eco se percibe especialmente en el famoso proemio al libro II de las *Elegantiae* de Lorenzo Valla y también en otros humanistas, conscientes de la “artificialidad” de su actitud.

La otra polémica, la habida entre ciceronianos y anticiceronianos², o si se prefiere, entre conservadores y modernistas, dejando a un lado cuestiones estilísticas y formales, en materia léxica, ni era nueva ni genuinamente renacentista; se trata en esencia de un problema que concierne permanentemente a la lengua de un pueblo y que aflora de manera especial cuando dicha lengua entra en contacto con otras que han formado signos lingüísticos (significante y significado) diferentes para denominar una misma realidad extralingüística, hablando en términos de Coseriu. No es otro que el problema que plantean las traducciones: *bois*, en francés, que puede traducirse por “bosque”, pero también por “madera” y “cajón”; *ligar*, en portugués, no corresponde al “ligar” castellano (conquistar a una chica), sino a “conectar” (por ejemplo, telefónicamente, desde el interior de un ascensor averiado); *fin*, en castellano, cuenta con tres equivalentes en inglés (*finished*, *end*, *concluded*); *cantar*, en castellano, no corresponde a *cantare*, en latín, sino a *canere*, y así podríamos seguir.

El problema de la traducción radica, pues, en dar nombre a las mismas realidades ya existentes en ambas lenguas, pero que operan con conceptos distintos, y dar nombre a realidades conocidas a través de otra lengua. En esencia, el mismo problema que se habían planteado los romanos en relación con los pueblos itálicos y con los griegos ahora se plantean los humanistas respecto a las lenguas vernáculas y el latín.

Ante la *patria egestas latina* recordada, entre otros, por Lucrecio, Séneca y Plinio³, Quintiliano, que establece tres tipos de palabras (*propria*, *ficta* y *translata*), opta por el empleo de palabras *ficta* (los neologismos) cuando no es posible el empleo de *propria* (las avaladas por la antigüedad) y *translata* (las transferidas por metáfora o metonimia); una solución cómoda cuando la pobreza de la lengua latina así lo requería: *Et confessis quoque Graecis utimur verbis, ubi nostra desunt*⁴.

Era, efectivamente, una buena solución que en lo sucesivo harán suya las diferentes lenguas; unas veces adaptando el término a la propia estructura de cada

¹ En la versión española conservada en la Biblioteca Nacional de Madrid, f. 46r, y ms. 18041, f. 693.

² El más genuino representante es el *Dialogus Ciceronianus sive de optimo genere dicendi* de Erasmo publicado en 1528, que supuso el golpe de gracia contra posturas ciceronianas, como la de Paolo Cortesi o Stephano Doletto. Cf. Marc Fumaroli, *L'Age de la Éloquence. Rhétorique et "res litteraria" de la Renaissance au seuil de l'époque classique*, Ginebra, 1980, p. 77 y ss.

³ Lucrecio, *De rerum natura*, I, 138-39: *multa novis verbis praesertim cum sit agendum / propter egestatem linguae et rerum novitatem*; Séneca, *Epist.*, 58, 1-7: *Quanta verborum nobis paupertas, immo egestas sit, numquam magis quam hodierno die intellexi*; Plinio, *Epist.*, IV, 18: *Accidit hoc primum imbecillitate ingenii mei, deinde inopia ac potius, ut Lucretius ait, egestate patrii sermonis.*

⁴ Quint., *Inst.* I 5, 58. «Y usamos también palabras griegas admitidas cuando faltan las propias». Abunda en esta misma idea en X, 5, 2-3: *Nam et rerum copia Graeci auctores abundant et plurimum artis in eloquentiam intulerunt, et hos transferentibus verbis uti optimis licet: omnibus enim utimur nostris.*

lengua (“correo electrónico”, “insumos”, “chatear”), y otras incorporándolo sin variación alguna (“piano”, “módem”, “web”, “airbag”). En ocasiones, también, como habían hecho los propios romanos, creando *ex nihilo* un término por la vía de la *similitudo* (analogía), (*silvicomus* de Lucrecio), y evitando así el préstamo griego, o creándolo a partir de motivaciones fónicas (por ejemplo, los nombres onomatopéyicos como *murmurari*, *clamare*, *crepitare*).

Deliberadamente he recurrido a ejemplos del mundo clásico y del actual para enmarcar el mismo problema en mitad del camino: el Renacimiento; porque en pocas ocasiones vio la Humanidad un progreso de las ciencias y las artes tan notorio como en esta época; y hubo necesidad de latinizar todas las nuevas realidades extralingüísticas que los campos de la administración, la navegación, la poliorcética y las ciencias en general iban proporcionando.

“Pour les langues naturelles – señala Bernard Quemada– la néologie répond, on le sait, à la nécessité de compléter et de rénover le lexique pour dénoter les transformations du monde, le progrès des connaissances, l’apparition de nouvelles réalités, de nouvelles idées, sensibilité ou comportements sociaux... Une langue qui ne connaîtrait aucune forme de néologie serait déjà une langue morte”¹.

Cuando un historiador, para mayor difusión en el mundo intelectual y político europeo, escribe en lengua latina una crónica, al latinizar los términos institucionales, políticos, administrativos o de cualesquiera de las manifestaciones humanas en el campo de las artes y de las ciencias, recurre a un sistema lingüístico que está en desuso entre los hablantes y que sólo unos pocos conocen literariamente. Y por si esto fuera poco, el latín, que había pervivido en mundos cerrados al alcance de pocos intelectuales, había degenerado en una lengua artificial ajena a la que pervivía en las grandes obras literarias. En otras palabras, había que depurar la corrupción del latín medieval, creador de monstruos abstractos como *dapsilitas*, *quidditas* y *haeccitas*, y para ello indagar, sobre todo los gramáticos, rétores y filólogos, en el léxico y las fuentes antiguas, de ahí que, como señala Riccardo Fubini² fuera ésta una de las características del movimiento cultural de los humanistas.

«Para nombrar en latín tantos objetos, armas, costumbres e instituciones desconocidas de los antiguos, –señala Van Tieghem– los prosistas, y sobre todo los historiadores, cuentan con dos procedimientos. Unos, obstinadamente fieles a la historiografía clásica, sobre todo a Livio, buscan equivalentes en el latín clásico mediante perífrasis o rodeos difíciles de entender para un lector moderno, aunque los contemporáneos sí pudieran hacerlo. Otros, por el contrario, preferían la precisión y la exactitud, eran partidarios de forjar términos nuevos o “latinizar” los términos modernos, aun a costa de cierto tufillo a “latín de cocina”»³.

¹ Bernard Quemada, “Problématique de la néologie”, en G. Adamo e V. Della Valle (eds.), *Che fine fanno i neologismi?*, Leo S. Olschki editore, Firenze, 2006, pp. 2-3.

² Fubini, R., *Umanesimo e secolarizzazione de Petrarca a Valla*, Bulzoni Editore, Roma, 1990, p. 1.

³ P. Van Tieghem, *La Littérature latine de la Renaissance. Étude d’histoire littéraire européenne*. Genève, 1966, p. 225.

Pero el lenguaje científico y técnico, antes y ahora, necesita usar *verba restricta et propriissima*, porque cuando se vierten al latín nombres de instituciones, hallazgos científicos y nuevas realidades no cabe otro procedimiento que el del rigor, la exactitud y la univocidad, lo que caracteriza este tipo de lenguaje frente al literario. En él no hay lugar para la polisemia ni la sinonimia, los términos no aceptan la prueba de la conmutación, hablando en términos de E. Coseriu. En otras palabras, nada más lejos de la *proprietas verborum* que el valerse de términos genéricos en lugar de los específicos. La lengua debe explotar sus recursos en lugar de sobrecargar de sentidos suplementarios (nuevas acepciones) las palabras ya existentes y cuando esto no sea posible, entonces sí, echar mano del neologismo:

Non enim in philosophia verba sine freno laxanda sunt, cum ex improprietate verborum error ad ipsas res paulatim accrescat. Quod ut apertius videas, ex Hispanica lingua in hoc cum oportuerit, testimonium dabo. ‘Scurra’ proprie est, qui curiam sequens per mensas alienas discurret et risum excitat ac aliis solatium, sibi, utilitatem procurat: hi tamen sunt, quos nos ‘alvardanos’ dicimus¹.

Vocabula infinita ponuntur in textibus theologiae et philosophiae de alienis lignis, quae non possunt scribi nec proferrri nec intelligi nisi per eos qui linguas sciunt. Et necesse fuit hoc fieri propter hoc, quod scientiae fuerunt compositae in lingua propria, et translatore non invenerunt in lingua Latina vocabula sufficientia².

Los nuevos términos podían ser “normativamente correctos”, esto es, motivados por los procedimientos formadores de palabras de la propia lengua latina (modificación, desarrollo, composición, analogía, etimología, préstamos, calco semántico...), como habían defendido ya Varrón y Prisciano:

*Eo iam magis analogias esse negandum, quod non modo ab similibus dissimilia finguntur, sed etiam ab isdem vocabulis dissimilia neque a dissimilibus similia, sed etiam eadem. Ab isdem vocabulis dissimilia fingi apparet, quod, cum duae sint Albae, ab una dicuntur *Albani*, ab altera *Albenses* (Varr., LL 8, 35).*

*Quoniam taberna, ubi venit vinum, a vino *vinaria*, a creta *cretaria*, ab unguento *unguentaria* dicitur... ubi caro venit, *carnaria*, ubi pelles, *pellitaria*... quoniam gemina sunt Parma Roma, ut Parmenses sic Romenses (Varr., LL 8, 55-56).*

*Quid enim impedit, nos quoque aliquid copiae ad opulentiam Latinae conferre eloquentiae et ad imitationem ‘armo’ et ‘armor armatus’ dicere ‘tunico’ et ‘tunicor tunicatus’, ut ‘roboro’ et ‘roboror roboratus’ et ut ‘aero’ et ‘aeror aeratus’, ‘ferro feror ferratus’, ‘plumbo plumbor plumbatus’ et ut ‘vestio’ et ‘vestior vestitus’, ‘togo’ et ‘togor togatus’? (Prisciano, *Instit.*, VIII, 16, 92; *GLK*, II, 442).*

Pero también cabía la posibilidad de admitir cierto grado de trasgresión de la norma, como había sucedido en el mundo clásico en la poesía y en la retórica

¹ *Liber Alfonsi episcopi Burgensis*, IV. Edición de T. González Rolán, A. Moreno Hernández y P. Saquero Suárez-Somonte, *Humanismo y teoría de la traducción en España e Italia en la primera mitad del siglo XVI*, Ediciones Clásicas, Madrid 2000, pp. 215-216

² M. Pérez González, «Rogerius Bacon, teórico de la traducción», *Estudios Humanísticos. Filología*, 14 (1992), pp. 276-277.

por medio de la metáfora, a la que Aristóteles dedica un estudio particular en su *Poética*. También Lorenzo Valla, nada sospechoso de ser aristotélico, en su condición de profesor de retórica, especialmente en el libro VI de las *Elegantiae*, admite la creación de términos nuevos basados en las metáforas y, sobre todo, en la catacrexis:

Idem quoque Quintilianus inquit: *Multa sunt et Graece et Latine non denominata*. Nam qui iaculum emittit, iaculari dicitur; qui pilam aut sudem appellatione privatim sibi assignata caret. Et ut lapidare, quid sit, manifestum est, ita glebarum testarumque iactus non habet nomen. Unde *abusio*, quae ‘katachresis’ dicitur, necessaria est¹.

Los rétores, gramáticos y lexicógrafos clásicos brindaron, pues, a los humanistas del siglo XV la solución del problema de los *nova verba* mediante los recursos de la propia lengua, pero también mediante la incorporación de extranjerismos. Giannozzo Manetti Erasmo y Luis Vives no pueden ser más elocuentes al criticar la rigidez de los ciceronianos para quienes sólo eran aceptables los términos usados por el de Arpino:

Nec enim Latinae linguae penuriam accusamus, quia *Graecas dictiones* vel etiam *de nationibus peregrinis* quodam alluvionis modo paulatim ad se continue trahit... Sed ingens et paene infinita est potentia eius, et nedum a Graecis, sed a *barbaris et universis mundi nationibus quicquid ei libet licet accipere*².

Quid in iis faciemus, *de quibus non est locutus*? Ut de aedificiis, de agro colendo, de rustico aut barbaro aut bellico instrumento. Num tacendum erit? [...] Iam nec in sermone isto communi atque urbano dixit omnia, et eorum, quae dixit, alia perierunt, alia venerunt ad nos ab imperitis corrupta. Quid loquentur de nostro foro, de nostris legibus, institutis, moribus, de pietate nostra per omnia Ciceroniani? Res omnes, sicut praeclare Erasmus colligit, sunt mutatae, ut apte loqui de rebus praesentibus nequeat, qui a Cicerone latum unguem deflectere non audeat³.

La imitación de Cicerón haría inviable el proceso de comunicación entre los humanistas del siglo XV en lo tocante a la *proprietas verborum*, de ahí que, frente a quienes defendían el empleo de sólo términos genéricos ya existentes en el *corpus* de la lengua latina, introduciendo una nueva acepción, nos encontremos con

¹ «También Quintiliano mismo dijo: “Hay muchas acciones que no cuentan con el término apropiado ni en griego ni en latín. En efecto, de quien lanza una jabalina decimos *iaculari*; el que lanza una pelota o una estaca (*pilam, sudem*) no cuenta con un término apropiado. Y del mismo modo que resulta evidente qué es *lapidare*, así, el lanzamiento de un terrón o de una pieza de barro no tiene un término apropiado”. De ahí que sea necesario el uso impropio de un término, que los griegos llaman catacrexis». Quint. *Inst.* VIII,2,5,3 citado en L. Valla, *De Linguae Latinae elegantia libri VI*, VI, 5. S. López Moreda, *De linguae Latinae elegantiae libri sex*, ed. traducción y notas, Cáceres, 1998, p. 694.

² M. Pérez González, *G. Manetti y la traducción en el siglo XV*, Universidad de León, 1999, p. 55.

³ L. Vives, *De causis corruptarum artium IV*, fol. 55r y v.. Excudebat Antuerpiae Michael Hillenius in Rapo, anno MDXXXI.

decididos partidarios del neologismo, cuando no del extranjerismo. Es la base de los reproches de B. Facio contra L. Valla a propósito de un nuevo artefacto bélico, como es la bombardarda. Facio sostiene que debe emplearse el término genérico *tormentum* mientras que Valla es partidario de introducir el nuevo término:

Elegantius multo si dixisses: ‘*Tubet tormentis* muros quati’, quod verbum, a maioribus usitatum, etiam in iuniorum consuetudinem venit, cum sit *generale vocabulum* omnium machinarum bellicarum ingentia saxa torquentium (L. Valla, *Antidotum in Facium* I, 14, 18).

Et certe *nihil iniquius est quam ad generalia semper et impropria confugere et hanc verborum inopiam pati malle, quam suum*, ut quaeque res nascitur, sicut in hominibus fit, *attribuere nomen, et ingeniosum inventum proprie appellationis honore fraudare.* (L. Valla, *Antidotum in Facium* I, 14, 18-22).

2. Razones en pro de los neologismos. Hacerse entender.

Hoy sabemos que la propuesta de Valla fue la afortunada: los historiadores de su siglo y los del siguiente recogieron el término de manera habitual, (entre otros, Damião de Góis en el Cerco de Díu y las Guerras Cambaicas). Por lo atinado de su juicio y por la belleza del símil con que lo cierra, conviene que veamos su argumentación con el detalle que merece un aserto tan contundente como es el de “Toda nueva realidad exige un vocablo propio”:

Usitatum inquis maiorum vocabulum fuit ‘*tormentum*’, quasi de hoc nunc agatur: at non in hunc accipiebant illi sensum. Posteris, quos iuniores vocas, in consuetudinem venit: quasi negem nobis esse utendum; ***at nova res novum vocabulum flagitat.*** Generale illud est machinarum saxa torquentium: quasi non *inopiae remedium sit ad generale confugere, velut ad mutuum. At ego peculiare et proprium quaero* [...] at hoc de quo agimus diversae multum et materiae et figurae et actionis, nec torquens saxa, sed *expuens cum ardore et sonitu*, ideoque compositum eius nomen ex ‘*ardeo*’ et ‘*bombus*’, graeco quidem, sed iam pro latino *apud multos auctores usurpato*, quorum sunt Columella, Plinius, Apuleius, Macrobius, praeter poetas, quorum sunt Lucretius et Persius: quominus debes despicere ut ineptum. Nimis longum sit si enumerem nova a posterioribus excogitata nomina, novis rebus accomodata, vel in iure civili quod novum vocant vel in canonico, vel in theologia, vel in medicina, vel, ne caeteras scientias artesque enumerem, in ipsa re militari, quale est apud Vegetium ‘*matiomarbuli*’ et ‘*ebiae*’, telorum genera veteribus inaudita quia aspectu incognita. Et certe *nihil iniquius est quam ad generalia semper et impropria confugere et hanc verborum inopiam pati malle, quam suum, ut quaeque res nascitur, sicut in hominibus fit, attribuere nomen, et ingeniosum inventum proprie appellationis honore fraudare*¹.

¹ *Antidotum in Facium* I, 14, 18-22. «Dices que nuestros antepasados emplearon el término ‘*tormentum*’. Como si ahora tratáramos de éste: pero ellos no lo empleaban con este significado. Ha llegado hasta los escritores de hoy, a los que das el nombre de ‘*iuniores*’, como si yo dijera que no debemos emplearlo; pero, los nuevos objetos exigen un término nuevo. El término general se refiere a las máquinas de guerra que lanzan piedras; pero es un pobre remedio acudir al término genérico, como

La defensa del nombre específico y no del genérico, siguiendo además los procedimientos clásicos de la etimología, la onomatopeya¹ y las *auctoritates*, justifica la introducción del término ‘bombarda’, “ruido acompañado de llamas”, así como la de otros términos que testimonian los progresos del siglo XV (el reloj de campana, las gafas, la cerbatana, la brújula, el cuadrante), los nuevos sistemas de medidas (la legua), las nuevas instituciones políticas y administrativas, e incluso los cambios en la nominación de términos geográficos:

Nec solum horam oculis ostendit ac prescribit, sed etiam auribus procul et domi manentium nuntiat, **campana**, quae superimposita est, numerum distinguente: quo nihil neque utilius neque iocundius. **Ipsaque campana novum inventum est**, [...] *Campanam* dixi more usitato; nonnulli *nolam* vocant (L. Valla, *Gesta*, Apéndice III, p. 196).

Se trata, en efecto, del reloj mecánico conocido vulgarmente como *horologium*, y que comprende tanto el latino *solarium*, propiamente “reloj de sol”, la *clepsidra* griega, el *aquarium* y el *harenarium*; pero son especies distintas a las que se añade *campana* o *nola* cuyo genérico es el *horologium*.

Lo que hoy entendemos por gafas fue un invento del siglo que halló su denominación propia mediante el recurso del desarrollo en *-arius*, “concerniente o relativo a”, a la manera de *argentarius*, *frumentarius*, *culinarius* y otros:

Illud in artem nullam cadit, fecisse *duos orbis e tenui vitro crystallove aut berillo*, per quae infirmior visus melius, si credibile est, videat, quae **ocularia** nominant. [...]

Ab ingenii argutia non abest, *hastam in modum tubae aequaliter perforatam, per quam impulso spiritu cretaceas pilulas emittimus, quibus certissimo ictu aviculas occidimus*. Cuius nomen antiquum non est, quae nec res antiqua erat².

si fuera un préstamo. Sin embargo, lo que yo busco es un término específico [...] De lo que estamos tratando existe una gran diferencia de materia, de forma y de acción; y no se trata de algo que arroja piedras, sino de que las arroja con llamarada y ruido, por eso está compuesto de ‘ardeo’ y de ‘bombus’, palabra de origen griego ciertamente, pero ya empleada en muchos autores como latina, entre ellos Columela, Plinio, Apuleyo, Macrobio, además de poetas como Lucrecio y Persio; así pues, en modo alguno debes despreciar este término como algo inapropiado. Sería excesivamente prolijo si enumerara los neologismos inventados por autores no clásicos, adaptados a las nuevas realidades, tanto en el derecho civil, que ahora llaman ‘nuevo’, como en el derecho canónico, o en la teología, o en la medicina, o, para no enumerar las restantes ciencias y artes, en la misma ciencia militar; como por ejemplo, ‘mationarbuli’ y ‘ebiae’ en Vegetio, una especie de jabalinas de las que nunca habían oído hablar los antiguos por serle desconocidas. Y es que nada hay más injusto que acudir siempre a términos generales e inapropiados y preferir soportar esta carencia de términos que dar a cada cosa su nombre, como hacemos con los hombres, nada más nacer, y privar a cualquier invento ingenioso del honor de contar con su nombre propio».

¹ Hay un antecedente clásico precioso como es el Frontón en carta dirigida a Marco Aurelio en la que a los poetas les fue concedido *verba nova fingere* para expresar mejor lo que se siente (Cf. Portaluppi, *Opere di Marco Cornelio Frontone*, Torino, Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1974, 132.

² [Se trata de la cerbatana] (L. Valla, *Gesta*, Apéndice III, p. 203). La cerbatana como artilugio para cazar pájaros que, en contra de lo que se cree, no es procedencia americana. Se conoce en Europa ya

Nec mirum si *unaqueque gens certa viarum spatia suis appellant nominibus*, cum et Latini mille **passus** vocent et Galli **leugas** et Perse **parasangas** et **rastas** universa Germania, atque in singulis nominibus diversa mensura sit [...] Ita ego hispano, de hispano principe loquens; est autem nomen hoc Galliae quidem nativum, sed cum Hispanis illi commune (Hier., *In Ioel* III, 215; L. Valla, *Gesta*, I 15, 1).

Siquidem horologium illud ad eandem pene formam pipsidis quod *magnete temperatur*, eandemquoque prope modum rationem continet, et ut ibi quattuor et viginti in orbem radii, totidem ventos demonstrat, ita hic pari numero diei noctisque horas sua in circulo puncta. Hoc nonnulli **quadrantem** nominant¹.

El Parlamento reunido en Calatayud para tratar la cuestión sucesoria del Rey Martín el Humano, el Palacio Real o la existencia de una figura social específica del reino, como nuevas realidades sociolingüísticas, adquieren carta de naturaleza mediante salvaguardas²:

Un caso de singular dificultad, incluso en el mundo actual cuando afrontamos traducciones de unas lenguas a otras, es el relativo a la **metrología**, y que sirvió también entonces para poner también a prueba la actitud de los prosistas ante el problema de los neologismos. Así por ejemplo, en la *Historia de Fernando de Aragón* leemos: Et ut illi loquuntur, duabus *leugis*³.

B. Facio recrimina a Valla que se exprese con términos vulgares y no con los términos que emplearían los *eruditissimi*. Sin embargo, Valla responde con la propia doctrina de esos pretendidos *eruditissimi*, Cicerón y Quintiliano⁴, sobre cuya autoridad nadie duda, e incluso con el testimonio de Jerónimo:

Nec mirum si unaqueque gens certa viarum spatia suis appellant nominibus, cum et Latini mille passus vocent et Galli leugas et Perse parasangas et rastas universa Germania, atque in singulis nominibus diversa mensura sit [...] Ita ego hispano, de hispano principe loquens; est autem nomen hoc Galliae quidem nativum, sed cum Hispanis illi commune⁵.

desde el siglo XIV, como atestigua Du Cange, bajo las formas ‘cerbatana’ y ‘cerobotana’, citando el Tractatus de Re Militari et Machinas bellicis eleganter depictis de Paulo Sanctino Ducensi, escrito en torno al año 1330. Se trata de un arabismo hispano (*zarbatána*, en árabe clásico *sabatānah*) que dejó sus huellas en el ámbito mediterráneo: “cerbatana” en español, “cerbottana” en italiano, “sarbatane” y “sarbacane” en francés y “zarbatana” en portugués.

¹ L. Valla, *Gesta*, Apéndice III, pp. 197-98.

² [El Parlamento] *concilium quod illi parlamentum vocant* (L. Valla, *Gesta*, II, 7, 3). [Palacio Real] *hosterium: tenebatque se in domu regia, quae dicitur illorum lingua hosterium*, (L. Valla, *Gesta*, II, 15, 1). [Traidor, bara] ‘traditorem’ et ‘baram’, quod dico sic ab illis vocari (L. Valla, *Gesta*, III, 2, 14).

³ *Gesta*... I, 15, 1. «Y, como ellos dicen, dos leguas».

⁴ Cic., *De orat.* III, 165; Quint., *Inst.* VIII, 3, 37.

⁵ Hier., *In Ioel* III, 215. «No hay que extrañarse de que cada pueblo dé su propio nombre a las medidas de espacio, cuando los latinos hablan de ‘mil pasos’, los galos de ‘leguas’, los persas de ‘parasangas’ y toda Germania de ‘rastas’, y en cada uno de estos nombres la medida es diferente. [...] Así también yo, hablando de un príncipe hispano, me expresaré en términos hispanos; el nombre, por otra parte, es

En el lenguaje especializado, los neologismos y tecnicismos, aunque sean extranjeros, son preferibles a las perífrasis, porque ésta denota una clara falta de *proprietas*, mientras que aquellos reflejan con exactitud la realidad social a que se refieren, tal como aprecia ya el obispo Alfonso de Cartagena, imbuido del ambiente humanista de los italianos:

Non enim in philosophia verba sine freno laxanda sunt, cum ex *improprietas* verborum error ad ipsas res paulatim accrescat. Quod ut apertius videas, ex Hispanica lingua in hoc cum oportuerit, testimonium dabo. ‘Scurra’ proprie est, qui curiam sequens per mensas alienas discurrit et risum excitat ac aliis solatium, sibi, utilitatem procurat: hi tamen sunt, quos nos ‘alvardanos’ dicimus¹.

En los humanistas peninsulares, especialmente por la política colonial de las coronas de Castilla y de Portugal durante los siglos XV y XVI, los términos relativos a las naves y los instrumentos de navegación son una buena cantera para compendiar la doctrina que venimos exponiendo. Al ser cada vez más escasa la similitud de las nuevas embarcaciones con las griegas o romanas, aunque en ocasiones se recurre a la denominación de naves ya inexistentes, como las trirremes², en un claro anacronismo, los diferentes autores se esfuerzan por solucionar, vía neologismo, la adecuación del lenguaje a la realidad. En este caso, los postulados de L. Valla son encomiables, como ocurre con *hippagines*³, término cuestionado por Facio, pero que se ajusta a la etimología, “naves para transportar caballos”, y cuenta además con una *auctoritas* tan del gusto de los ciceronianos, las de Aulo Gelio y de Pompeyo Festo, a la vez denota más precisión y exactitud que el término genérico propuesto por Facio, *onerarias* o *actuarías*.

No obstante, la proliferación de tipos de naves y las nuevas funciones exigidas a la marinería llevan con frecuencia a introducir el término vernáculo, debidamente glossado o acompañado de la *praemunitio* correspondiente, para aproximar al lector la nueva realidad. Así, Damião de Góis, hablando de unas canoas en el cerco de Diu dice:

Ferdinandus Castris cum octo *minoribus longis navibus* (incolae ‘Catures’ vocant) *difficilioribus usus tempestatibus*...⁴

de origen galo, pero común con el nombre de los hispanos». Sin embargo, la necesidad de establecer una comparación entre los pesos y medidas de la antigüedad y los recientes se puede observar en el *De ponderibus et mensuris*, París 1599, de Juan de Mariana.

¹ *Liber Alfonsi episcopi Burgensis*, IV. Edición de T. González Rolán, A. Moreno Hernández y P. Saquero Suárez-Somonte, *Humanismo y teoría de la traducción en España e Italia en la primera mitad del siglo XV*, Ediciones Clásicas, Madrid 2000, pp. 215-216. «Pues en filosofía no se pueden dejar libres y sin sujeción las palabras, porque un error debido a la falta de propiedad de éstas se acrecienta poco a poco hasta alcanzar a las cosas mismas. Para que lo veas más claramente daré un ejemplo al respecto a partir de la lengua española, cuando convenga. ‘Scurra’ [‘bufón] es propiamente el que siguiendo a la corte recorre las mesas ajenas y provoca la risa y el divertimento a los demás y se granjea beneficio para sí; éstos, sin embargo, son a los que llamamos “alvardanos”».

² Así por ejemplo en *Gesta* I 6, 1 y II 13, 14, 16; II 15, 9 10.

³ *Gesta*, I, 6, 11.

⁴ D. de Góis, *De bello Cambaico ultimo commentarii tres*, Lovanii, apud Servatium Sassenum

El sintagma clásico para designar al mando supremo de la nave, *praefectus marinus*, cedió terreno ante el nuevo término ‘almirantus’, como se aprecia ya en Pedro Martir d’Angleria, o ante el vulgar *admiratus*¹, mientras que a su vez el vicealmirante siguió conociéndose como *supprefectus classis*.

Especialmente sintomático de lo que venimos exponiendo resulta ser la designación de lugares geográficos porque, en principio, de un humanista que defiende la lengua latina frente a las vernáculos, cabría esperar que mantuviese las denominaciones ya existentes en el mundo clásico. Pero no siempre es así y todo apunta a que, una vez más, se impone el uso a la norma, los modernistas a los conservadores, el hacerse entender al respeto por la tradición clásica. Es verdad que *Hispania* siguió denominándose de la misma forma, pero a su lado, *Gallia* empezó a ser “Francia”, la denominación medieval de *Florentia* ganó terreno a la clásica *Fluentia*, *Ferraria* a *Forum Arrii*, “Barcelona” a *Barcinona* y *Olisipona* a *Olisippo*, por citar algunos ejemplos. El nombre clásico de *Ispalis* (Sevilla) empezó a ser desplazado por el vulgar Sibilía y *Britania* por *Anglia*², en este caso reafirmando una denominación que venía ya desde el siglo XIII, a partir de la raíz *angl-* que daba muestras de vida desde el siglo X.

3. Los neologismos no atentan contra la elegancia de la lengua

Una vez aceptada la necesidad de los neologismos para cumplir con el objetivo primordial de cualquier lengua, esto es, el de comunicarse y hacerse entender, cabe sólo la posibilidad de cuestionarnos en qué medida la introducción de este recurso, perturbador en cierta medida del sistema lingüístico, afecta a la estabilidad e identidad de dicha lengua y a la elegancia de la misma.

Si nos hacemos eco de la polémica entre Lorenzo Valla y Antonio Beccadelli o Bartolomé Facio, resulta que una de las mayores objeciones que éstos le hacían a la prosa de Valla era precisamente la de atentar contra la elegancia de la lengua. Pero es precisamente sobre la escasa consistencia de este reproche donde mejor podemos argumentar a favor de los neologismos como recurso elegante de la lengua; es decir, no se trata sólo de una cuestión de necesidad comunicativa (hacerse entender), sino que atañe a la elegancia de la propia lengua, porque el primer rasgo que garantiza el “buen decir”, incluso entendido en su acepción retórica, es precisamente el de la *proprietas verborum*. Pues bien, frente a la ambigüedad significativa del término genérico en lugar del específico, el concurso de este último deshace la posible anfibología y evita la ambigüedad: que una nave que transporta caballos se denomine *hippago*, que un reloj que anuncia las horas se denomine *campana*, que el espacio

Diestensem. Anno MDXLIX, mense Ianuario. Commentarius I fol. Ci.

¹ El *Glosario* de Du Cange incluye el término *admiratus* en la voz de “amir”, de origen árabe, y es glosado con los términos latinos *dominus*, *princeps* e *imperator*. Los cristianos utilizaron *admiratus* y su deformación *amiralius* para designar al *praefectus classis*.

² In Castella ex ómnibus potentissima est *Ispalis*, quam vulgo *Sibiliam* dicunt (L. Valla, *Gesta*, proem. 13 y I, 2, 5). Ex *Britannia*, quam nunc *Angliam* vocant (L. Valla, *Gesta*, proem. 21 y I, 3, 8).

comprendido entre dos puntos en Castilla se mida por *leugas*¹, proporciona al lector y al hablante una exactitud que en modo alguno tienen los términos genéricos *navis*, *orlogium* o *passus*.

Pero más aún, frente a los detractores conservacionistas a ultranza de la *latinitas* ciceroniana, además de las palabras de Vives, cabe recordarles también las tan citadas de Horacio:

«...Siempre ha sido lícito y lo seguirá siendo producir palabras acuñadas con el sello de la modernidad... Del mismo modo que los bosques cambian de hojas cada año con la llegada del otoño y las primeras en caer son las viejas, así también muere la vieja generación de palabras. Muchas palabras que dejaron de usarse volverán a la vida y otras muchas, que ahora están de moda, dejarán de usarse; así lo quiere el **uso**, en cuyas manos están el arbitraje, las leyes y la **norma** de la lengua»².

Más recientemente, incluso aquellos que ven una posición conservadora en la doctrina emanada de las *Elegantiae* de Lorenzo Valla, como sucede con los italianos Octavio Besomi, Vincenzo Di Caprio y la profesora Cesarini Martinelli, admiten que la inclusión de neologismos en la obra histórica (los *Gesta Ferdinandi Regis Aragonum*) supone un “aggiornamento indispensabile se il latino vuol mantenere inalterata la sua funzione di lingua universale”³.

En su opinión, serían sólo razones funcionales las que justifican la presencia de los neologismos:

Certamente nei Gesta la questione dei neologismo è posta esencialmente da un punto de vista meramente funzionale alla esigenze di una comunicazione rivolta ai lettori moderni⁴.

Pero no podemos estar de acuerdo con quienes piensan en la aceptación de los neologismos sólo por razones funcionales. Son varias y poderosas las razones que demuestran una actitud más moderna en su concepto de *latinitas*. Varios pasajes de las *Elegantiae* y sobre todo del *Antidotum in Facium* dan fe de que Lorenzo

¹ En el castellano actual todavía persiste esta unidad métrica bajo la forma fonéticamente evolucionada a “legua”.

² Horacio, *Ars*, 58-73.

...Licuit semperque licebit
signatum praesenti nota producere nomen;
et quare subiungit:
Ut silvae foliis pronos mutantur in annos,
prima cadunt: ita verborum vetus interit aetas.
Multa renascentur quae ante cecidere cadentque
quae nunc sunt in honore vocabula, sic volet usus,
 quem penes arbitrium est et ius et norma loquendi.

³ L. Cesarini Martinelli, “Nota sulla polemica Poggio-Valla e sulla fortuna delle *Elegantiae*”, *Interpres* 3 (1980), pp. 29-79.

⁴ V. di Caprio, *La tradizione e il trauma. Idee del Rinascimento romano*. Viterbo, Vecchiareli Editore, 1991, p. 180.

Valla no puede ni debe incluirse en el grupo de los ciceronianos; pero, es más, ni siquiera en el grupo de los tenidos por conservadores, sencillamente porque es un firme defensor del *usus* frente a la norma¹, no limita el buen latín sólo a Cicerón o a los escritores clásicos y abre el abanico de las *auctoritates* desde los arcaicos hasta Isidoro de Sevilla, como afirma taxativamente en el proemio al libro II de las *Elegantiae*.

El neologismo, y esta es doctrina clásica, no atenta contra la *latinitas* cuando sigue cualquiera de los procedimientos reguladores de que dispone la lengua latina para formar vocabulario (analogía, etimología, derivación, composición...) sin que resulte estridente la nueva forma resultante. Podemos aportar numerosos testimonios de autoridades de prestigio como los de Lucrecio, los poetas neotéricos, Cicerón, Varrón, Horacio, Quintiliano, Aulo Gelio, Frontón y un largo etcétera, también de la literatura cristiana², que contribuyeron al enriquecimiento del patrimonio léxico. Y es que acudir a la *circuitio*, es decir, a la perífrasis, como reiteradamente propone Bartolomé Facio³, no es síntoma ni prueba de *elegantia*, como tampoco lo es adaptar términos antiguos a las nuevas realidades, introduciendo por lo tanto una nueva acepción, porque, además de atentar contra la *proprietas*, genera confusión: *infans* (“infante”) no es lo mismo en la prosa clásica (“niño que aún no habla”) que en la Castilla del Renacimiento (“hijo del Rey”), ni *comes* (“acompañante”) en el latín clásico que en la Europa medieval (“conde”).

Conclusión

Hacemos nuestras las razones de Valla y cuantos humanistas emplearon los neologismos, y lo hacemos no sólo por razones lingüísticas sino también históricas. La mejor forma de conocer nuestro pasado es con el testimonio de la lengua que, a la manera de la arqueología, con los sucesivos cortes diacrónicos nos permite observar los estratos culturales y tener conocimiento exacto del mundo contemplado en sus variantes socioculturales y científicas.

Hoy sabemos por Damião de Góis que en las guerras de Cambaia los nativos usaban unas barcas ligeras que llamaban “catures” y armas de asalto como los “basiliscos” y “bombardas”, o que la máxima autoridad en los territorios conquistados para las coronas española o portuguesa era el “virrey” (*vicereus*). Términos como “ferrocarril” y “automóvil” nos ilustran sobre progresos del hombre y de la técnica así como del momento en que tuvieron lugar. De la misma manera, y con el testimonio de la prosa, las generaciones futuras sabrán de la llegada del mundo de la informática

¹ Cf. S. López Moreda, «Norma y *usus* en las *Elegantiae* de Lorenzo Valla. Un intento de sistematización del léxico», en Sánchez Salor *et alii* (ed.), *La recepción de las artes clásicas en el siglo XVI*, Universidad de Extremadura, Cáceres, 1996, pp. 111-123.

² No olvidemos que los más de cien verbos en *-zare* introducidos por los cristianos a imitación de los griegos originariamente fueron vistos como formas anómalas en el sistema, pero se impusieron para satisfacer una necesidad, la de dar nombre a nuevas realidades: *baptizare*, por ejemplo.

³ Valla le explica a Facio que la *circuitio non elegantia est, sed tropus* (*Antidotum in Facium*, 95, I, 13, 2). Puede valer como solución retórica, pero no léxica en sentido estricto.

cuando en nuestros textos vean términos como zapping o web.

A fin de cuentas, hablando con propiedad, todas las palabras existentes en el momento de nacer fueron un neologismo. Y es a los hombres cultos a quienes compete contribuir al enriquecimiento de la lengua como en su día hicieron las autoridades que hoy admiramos y cuyas palabras ponen fin a estas páginas:

Et alia sunt quae de his inserere possemus, nisi in longum traheret oratio, quibus constat **nos rebus novis nova nomina accomodare posse, ut veteres**, a quibus praecepta habemus et exempla sumimus, **factitarunt**. Unde ait Priscianus in VIII: «Si enim auctoribus timiditas obstitisset, ut nullis novis uterentur dictionibus ipsa natura et significatione rerum exigente, perpetuis latinitas angustiis damnata mansisset» (L. Valla, *Gesta*, Apéndice III, p. 204).

Et certe necesse est ut docti aliquando constituent quibus vocabulis appellanadae sint eae res quae non ita multo superioribus sunt excogitatae. **Non enim exhausta sunt mortaliatis ingenia**¹.

Referencias bibliográficas

Alberti, G. Battista (1985): «Lorenzo Valla traduttore di Tucidide», en R. Cardini, E. Garin et alii (eds.), *Tradizione classica e letteratura umanistica. Per Alessandro Perosa*, I, Bulzoni Editore, Roma, pp. 243-254.

Birkenmajer, A., (1922): «Der Streit des Alonso von Cartagena mit Leonardo Bruni Aretino», *Vermischte Untersuchungen zur Geschichte der Mittelalterlichen Philosophie. Beiträge zur Gescicgte der Philosophie des Mittelalters*, 20, Heft 5, pp. 129-236.

Carrera de la Red, A. (1988): *El “problema de la lengua” en el Humanismo Renacentista Español*, Valladolid. Universidad.

Castro Soares, Nair de Nazaré, (2002): «A historiografia do Renascimento em Portugal: Referentes estéticos e ideológicos humanistas», en *Aquém e além da Trapobana. Estudos Luso-orientais à Memória de Jean Aubin e Denys Lombard*, Universidades Nova de Lisboa, Lisboa, pp. 15-37.

Cesarini Martinelli, L. 3 (1980): «Note sulla polemica Poggio-Valla e sulla fortuna delle *Elegantiae*», *Interpres* pp. 29-79.

Clark, V. S. 3 (1980): *Studies in the Latin of the Middle Ages and the Renaissance*, Lancaster, 3.

Cooper, F. T. (1975: Nueva York 1895): *Word Formation in the Roman Sermo Plebeius*, Hildesheim-Nueva York.

V. Di Caprio, (1981): “Appunti sul classicismo delle *Eleganze* di L. Valla”, en *Annali dell’Università degli studi di Roma*, Facoltà di Lettere e Filosofia, Istituto di filologia moderna, 1-2, pp. 59-80.

----- (1984): “La rinascita delle cultura a Roma: la tradizione latina nelle *Eleganze* di Lorenzo Valla”, en *Umanesimo a Roma nel Quattrocento*, Roma-New York,, pp. 163-90.

----- (1985-1990): “L’idea di tradizione culturale nelle *Elegantiae* di Lorenzo Valla”, en *Annali del Dipartimento di Italianistica, Università di Roma “La Sapienza”*. *Filologia e critica*, pp. 29-48.

¹ L. Valla, *Gesta Ferdinandi regis Aragonum* (Par. lat. 6174, ff. 34r-37r).

- (1991): *La tradizione e il trauma. Idee del Rinascimento romano*. Viterbo, Vecchiareli Editore.
- Fubini, R. (1990): *Umanesimo e secolarizzazione de Petrarca a Valla*, Bulzoni Editore, Roma.
- Garin, E. (1954): *Prosatori Latini del Quattrocento*, en *La Letteratura Italiana. Storia e Testi*, Milán-Nápoles.
- (1996): *El Renacimiento italiano*, (traducción española de A. Vicens), Barcelona.
- González Rolán, T. et al. (2000): *Liber Alfonsi episcopi Burgensis*, IV. Edición de, *Humanismo y teoría de la traducción en España e Italia en la primera mitad del siglo XV*, Ediciones Clásicas, Madrid, pp. 215-216.
- Hoven, R.(1994): *Lexique de la Prose Latine de la Renaissance*, Ed. E. J. Brill, Leiden-New York-Köln.
- Ijsewijn, J. (1973): «Le latin des Humanistes Français: Évolution et Étude Comparative», en A. Stegmann (ed.), *L'Humanisme Français au Début de la Renaissance*, París, pp. 329-342.
- Kretschmer, F. A. (1975): «The 'res/verba' Dichotomy and 'copia' in Renaissance Translation», *Renaissance and Reformation*, 11, pp. 24-29.
- López Moreda, S.((1975),): *L. Vallensis, De linguae Latinae elegantiae libri sex*, ed. traducción y notas, Cáceres, p. 694.
- (1996): «Norma y usus en las *Elegantiae* de Lorenzo Valla. Un intento de sistematización del léxico», en Sánchez Salor et alii (ed.), *La recepción de las artes clásicas en el siglo XVI*, Universidad de Extremadura, Cáceres, , pp. 111-123.
- (2002): Lorenzo Valla, *Historia de Fernando de Aragón*, Introducción, traducción, notas e índice, Akal, Madrid.
- Maestre Maestre, J. M^a. (1982): «Sistema, norma y habla y creatividad literaria latino-tardía», *Actas del I Congreso Andaluz de Estudios Clásicos (Jaén, 9-12 diciembre 1981)*, Jaén, pp. 260-267.
- Mazzocco, A.(1993): *Linguistic Theories in dante and the Humanists*, Leiden, , pp. 69-82.
- Mignot, X. (1969): *Les verbes dénominatifs latins*, París.
- Mengaldo, P. V. (1968): *Introduzione a De vulgari eloquentia*, I. Padova.
- Morrás Ruiz-Falcó, M. (1994): «Latinismos y literalidad en el origen del clasicismo vernáculo: Las ideas de Alfonso de Cartagena (1384-1456)», *Livius*, 6, pp. 35-58.
- Paoli, U. E. (1942): «Il latino degli Umanisti», *Storia illustrata della letteratura italiana*, vol. I. Milán, , pp. 315-328.
- Pérez González, M. (1992) «Rogerius Bacon, teórico de la traducción», *Estudios Humanísticos. Filología*, 14, pp. 276-277.
- (1995) «Leonardo Bruni y su tratado *De interpretatione recta*», *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos*, 8, pp. 193-233.
- (1999): *G. Manetti y la traducción en el siglo XV*, Universidad de León,.
- Resta, G. (1954): *L'epistolario del Panormita*, Messina, 184 n° 258.
- Rizzo, S. (1984): *Il lessico filologico degli Umanisti*, Roma.
- (1986): «Il latino nell' Umanesimo», en A. Asor Rosa, ed., *Letteratura italiana*, vol. 5, *Le questioni*, Turín, pp. 379-408.
- Seigel, J. E.(1968): *Rhetoric and Philosophy in Renaissance Humanism*, Princeton.
- Stevens JR, H. J. (1975): «Lorenzo Valla and Isidore of Seville», *Traditio*, XXXI, pp. 343-348.

Tate, R. B. (1972): *Ensayos sobre la historiografía peninsular del siglo XV*, Gredos, Madrid.

Tavoni, M. (1984): *Latino, grammatica e volgare. Storia de una questione umanistica*, Padova.

Tieghem, P. van, (1966): *La Littérature Latine de la Renaissance: Étude d' Histoire Littéraire Européenne*, Ginebra.

Tunberg, T. O. (1988): «The Latinity of Lorenzo Valla's *Gesta Ferdinandi Regis Aragonum*», *Humanistica Lovaniensia* 37, pp. 30-78.

Valla, L. (1981): *Antidotum in Facium*, ed. de M. Regoliosi, Editrice Antenore, Padova.

Valla, L. (1973): *Gesta Ferdinandi regis Aragonum*, ed. O. Besomi, Editrice Antenore, Padova.

Vives, L., *De causis corruptarum artium IV*, fol. 55r y v.. Excudebat Antuerpiae Michael Hillenius in Rapo, anno MDXXXI.

La descripción lingüística y la didáctica del adverbio

Maria do Carmo Henriques Salido
Universidade de Vigo
mcsalido@uvigo.es

Resumen

En este estudio se analizan descripciones del adverbio en la historia de la gramática y lingüística, el registro y tratamiento de los adverbios en *-mente* en diccionarios generales monolingües del español y del portugués, y se presenta una actividad didáctica nucleada en torno a los adverbios en *-mente*, a partir de un ejemplario procedente de un texto legal.

Palabras clave: Descripción del adverbio en gramáticas y diccionarios, comportamiento sintáctico, clases y subclases semánticas, didáctica de los adverbios en *-mente*.

Sumário

Neste estudo analisam-se descrições do advérbio na história da gramática e linguística, o registo e tratamento dos advérbios em *-mente* em dicionários gerais monolingues do espanhol e do português, e apresenta-se uma actividade didáctica nucleada sobre os advérbios em *-mente*, a partir de um exemplário procedente de um texto legal.

Palavras-chave: Descrição do advérbio em gramáticas e dicionários, comportamento sintáctico, classes e subclasses semânticas, didáctica dos advérbios em *-mente*.

Abstract

In this research descriptions of adverbs in grammar and linguistics books, and entries of adverbs ending in *-mente* in monolingual dictionaries of Spanish and Portuguese are analyzed. A teaching activity for these adverbs based on sample sentences from a legal document is presented.

Keywords: Adverb descriptions in grammars and dictionaries; Syntactic behaviour of adverbs in *-mente*; Categories and subcategories of adverbs in *-mente*; Teaching methodology for adverbs in *-mente*.

1. Introdução

Desde que Dionisio de Tracia (h. 100 a. de C.) define el adverbio (*epirrhēma*) como “la parte de la oración sin flexión que se une al verbo y lo modifica” y Prisciano (año 500 d. de C) lo describe como la clase de palabras, cuya propiedad “es la de acompañar a un verbo, al que está subordinado sintáctica y semánticamente” (Robins 1974: 43 y 65), hasta que Bosque (1991:127) observa que la clase de los adverbios es la peor definida en las gramáticas, “por lo que tampoco es de extrañar que la ausencia de detalle – y hasta de coherencia– en no pocas caracterizaciones del adverbio salte inmediatamente a la luz en cuanto se intenta dibujar sus límites”, transcurren varios siglos de historia de la lingüística. El panorama parece no ser muy diferente en el ámbito de los estudios del portugués, cuando Cunha y Cintra (1985: 530) comprueban el interés de los lingüistas modernos por reexaminar el concepto del adverbio desde el punto de vista funcional y semántico:

Sob a denominação de ADVÉRBIOS reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Por esta razão, nota-se entre os lingüistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico (Cunha y Cintra 1985: 530).

La mayor parte de los estudios y monografías sobre el elemento adverbial en español coinciden en poner de relieve su “heterogeneidad”: hay adverbios de base léxica (los adverbios en *-mente*) y adverbios pronominales; desde el punto de vista morfológico unos son invariables y otros admiten grados de comparación y sufijos apreciativos; desde el punto de vista sintáctico unos funcionan como circunstanciales del predicado y como modificadores de palabras (nombres, adjetivos y adverbios) o de sintagmas (adjetivales, adverbiales, nominales y preposicionales) y otros modifican a la oración en su conjunto, e incluso pueden funcionar como conectores textuales u ordenadores discursivos.

Expuesta esta sucinta panorámica, procedemos a enunciar los objetivos principales de nuestro estudio: (a) Mostrar algunas de las descripciones del adverbio, y en particular de los adverbios en *-mente*, en la historia de la gramática y lingüística española y portuguesa, con el propósito de demostrar que siguen siendo inobjetables en la actualidad; (b) Comentar el registro y tratamiento que recibe la clase de adverbios de base léxica en diccionarios generales monolingües del español y del portugués, y (c) Presentar como material didáctico un ejemplario procedente de un texto legal, porque es un instrumento de gran ayuda para analizar los adjetivos de los que derivan y la acepción con la que se forman, para observar empíricamente su comportamiento sintáctico y para determinar las clases y subclases semánticas.

2. La descripción lingüística de los adverbios en -mente en la historia de la gramática y lingüística

2.1. En la historia de la gramática y lingüística española “la doctrina de Nebrija sobre el adverbio no tiene nada de original”, “se limita a copiar de Donato” (García 1960: 142). Ello no obstante, Nebrija (1492) es el primero en observar que los “adverbios de calidad” en *-mente* del castellano se forman “por rodeo” a partir de un nombre adjetivo y el nombre *miente* o *mente*, que significa ánima o voluntad, y es el primero en señalar que de una base adjetiva “con este nombre *miente* o *mente*”, es decir, de la unión de dos lexemas o de dos palabras de la lengua, se forman muchos adverbios:

Adverbio es una delas diez partes dela oracion. La cual añadida al verbo hincha o mengua o muda la significacion de aquel [...] I llama se adverbio por que comun mente se junta e arrima al verbo para determinar alguna qualidad enel. [...] Otras muchas maneras ai de adverbios que se dizen enel castellano por rodeo. [...] muchas vezes por rodeo de dos nombres. Otros muchos adverbios de calidad por rodeo de algun nombre adjetivo e este nombre miente o mente que significa. anima o voluntad: e assi dezimos de buena miente. e para mientes. e vino se le mientes. e de aquí dezimos muchos adverbios. como justa mente. sabia mente. necia mente (Nebrija 1492: 265-267).

El postulado nebrisense de que “el nombre o *mente* significa ánima o voluntad” ya no se toma en consideración por la Real Academia Española (1726-1739), es una voz que “sirve también de terminación de los adverbios de modo, que se forman o pueden formar de todos los adjetivos”. En las últimas décadas del siglo XVIII, la *Gramática* de la Real Academia Española (1771) considera que estos adverbios denotan “el modo de la acción o significación de los verbos con que se juntan”, pero también pueden expresar “el orden” (*primeramente*), “el tiempo” (*últimamente*) o “la afirmación” (*ciertamente*). Sobre su origen sostiene que no se forman de los adverbios latinos terminados en *-enter*, sino de dos voces latinas, “un adjetivo y el ablativo *mente*”, que forman “una sola voz”, que puede presentar la base no flexionada (“sin ninguna variación”) o flexionada en femenino. Como son “muchos”, cuando concurren dos o más adverbios en *-mente*, recomienda elidir este elemento en el primero o primeros y ponerlo sólo en el último, “porque su repetición entera y seguida sería molesta” para nuestra lengua:

Estos adverbios denotan por lo comun el modo de la accion ó significacion de los verbos con que se juntan como : *diestramente*, *discretamente*, *neciamente*, aunque algunas veces expresan el órden ó el tiempo, como: *primeramente*, *últimamente* : la afirmacion, como: *ciertamente*.

No se forman, como algunos han creído, de los adverbios latinos terminados en *enter*: v.g. *prudenter*, *diligenter*, sino de dos voces latinas, que son un adjetivo, y el ablativo *mente*, como: *prudente mente*, *diligente mente*. Nosotros tomamos el

adjetivo que corresponde en la terminacion femenina quando es de dos terminaciones, y quando es de solo una nos servimos de ella sin ninguna variacion, y en ambos casos añadimos el ablativo latino mente, formando en una sola voz, los adverbios: *sabiamente, cuerdamente, prudentemente, felizmente, atrozmente*.

Como estos adverbios acabados en *mente* son muchos, y su repetición entera y seguida seria molesta, permite y aun pide nuestra lengua que quando hay necesidad de poner dos, tres ó mas juntos, se escuse la terminacion *mente* en el primero ó primeros, y se ponga solo en el último: v.g. Ciceron escribió *sabia* y *eloqüentemente*: Cesar escribió *clara, oportuna, y concisamente* (Real Academia Española 1771: 315-316).

Bello en su *Gramática* (1847 §§ 64 y 369) lo define como una palabra que “modifica al verbo, al adjetivo y a otro adverbio” e interpreta los adverbios en *-mente* como “frases sustantivas adverbializadas”. Desde entonces existen en la historia de la gramática española diversas interpretaciones sobre la naturaleza de la adverbialización por medio de *-mente*, que se pueden reducir a estas dos posturas: la *Gramática* de la Real Academia (1931) retrocede a su origen latino y los considera “voces compuestas”, pero Alarcos (1994: 129) los describe como palabras derivadas. En la actualidad es unánime el postulado defendido, entre otros, por gramáticos y morfólogos como Bosque (1989: 129), Scalise (1987) o Varela (1990: 82-84), según el que en el español moderno *-mente* es un sufijo, que se agrega en teoría a todos los adjetivos de la lengua española, siempre y cuando éstos posean las características apropiadas, y cambia la categoría de la base en el proceso de formación de la nueva palabra. La base puede ser un adjetivo sin flexión (*gravemente, irrevocablemente*) o una forma femenina flexionada (*expresamente, maliciosamente, válidamente*), pero estas formaciones “no retienen las propiedades de sus formas de origen, sino que, por el contrario, son palabras derivadas en las que la noción <<femenino>> ya no está presente” (Scalise 1987: 121).

En los últimos seis años, aunque son muchos los problemas que permanecen sin dilucidar, son notables los progresos alcanzados. Kaul de Marlangeon (2002: 125) analiza el estado actual de la cuestión y los elementos léxicos “que se utilizan para atribuirles propiedades a los entes”, propiedad que fluctúa “entre el campo de la *intensificación del grado de la propiedad*, que pone acento en la cantidad presente en ella y el de la *énfatización de la propiedad modificada* que pone el acento en la *calidad o modo* con que ella se manifiesta”.

Di Tullio (2005:199-206) considera inobjetable la definición tradicional que se ceñía a criterios sintácticos, pero matiza que “no da cuenta, sin embargo, del comportamiento de algunas palabras [...] que se incluyen en la clase de los adverbios” como determinados adverbios en *-mente* que pueden funcionar como “modificadores de la modalidad” e indican “la valoración que hace el hablante de la oración en su conjunto”. Propone una clasificación en función de: “su distribución”, “su productividad” [distingue entre los que constituyen clases cerradas, una clase relativamente abierta (los adverbios con forma adjetiva) y una clase abierta], “la estructura del sintagma que encabezan”, “su posibilidad de modificación”, “su relación con la situación o el contexto”, “por su intersección con otras clases” y

“según coincidan o no con el límite de la palabra”. De los adverbios en *-mente* dice que es una clase sumamente heterogénea, “por lo que su clasificación presenta dificultades similares a la de la clase de los adverbios en su conjunto”.

Para Hernando Cuadrado (2007: 142) pasaron de ser una clase de palabras que funcionaba como adyacente del verbo, del adjetivo o de otro adverbio, a ser adyacente de otras partes de la oración, especialmente del adjetivo y de otro adverbio, “sobre los que incide directamente, así como de frases u oraciones enteras, en cuyo caso su incidencia es englobadora, llegando incluso a traspasar sus fronteras y servir de conector discursivo”.

Torner (2007) estudia 84 adverbios en *-mente* del español, pertenecientes a 7 subclases adverbiales distintas, y emplea sistemáticamente un corpus lingüístico “como fuente de obtención de datos”. Se centra en el examen de las relaciones existentes entre los adjetivos calificativos con usos adverbiales y ciertas subclases de adverbios, y concluye con el postulado de que “los adverbios en *-mente* heredan la estructura argumental que tienen sus adjetivos de base en la acepción con la que se forma el adverbio” (Torner 2007: 269). Una de las conclusiones finales más destacada es que:

-mente es una unidad morfológica semánticamente transparente, dado que en el proceso derivativo la base sobre la que se aplica no ve alterados ni su significado nuclear ni su estructura argumental. En este sentido, la función de *-mente* no parece consistir más que cambiar la categoría de la base a la cual se adjunta (de adjetivo a adverbio); se trata, pues, de un mero transcategorizador, que posee un significado gramatical pero que está vacío de significado léxico, pues no aporta ningún rasgo semántico añadido al adverbio que forma; las diferencias de uso y de interpretación que se observan entre la base y la nueva voz creada son las propias de la oposición categorial adjetivo frente a adverbio (Torner 2007: 274).

2.2. En el ámbito de los estudios del portugués es Fernão de Oliveira (1536) el primero en observar que los adverbios en *-mente* son palabras derivadas y no palabras compuestas, si bien “hay muchos que no son palabras derivadas” (así, *antes*, *logo*, *cedo*, *tarde*), y que estos adverbios expresan “cualidad”, aunque “no todos los que significan cualidad acaban en *-mente*”:

Na declinação natural, onde falamos das dições tiradas podemos também meter os averbios em *mente*, como *compridamente*, *abastadamente*, *chammente*; e porém ha hi muitos que não são tirados, como *antes*, *despois*, *asinha*, *logo*, *cedo*, *tarde*. E quasi podemos notar que os averbios acabados em *mente* sinificam calidade; e não todos os que sinificam calidade acabam em *mente*, porque já agora não diremos *prestesmente*, como disseram os velhos, nem *raramente* (Fernão de Oliveira, Capítulo XLII, 10-15).

En las últimas décadas del siglo XVIII Bernardo de Lima e Melo Bacelar (1783: 91) en su *Gramática filosófica* describe el adverbio como una palabra

indeclinable, “que junto a otra hace ampliar, o restringir, o declarar el modo de su significación”, una concepción que está en la línea de la tradición de los gramáticos griegos y latinos:

57. O adverbio *he hum som* indeclinavel, que junto a outro faz ampliar, ou restringir, ou declarar o modo da sua significação. O adverbio *mais*, junto ao nominativo eloquente amplia a sua significação; *menos* a diminue; *gravemente* a qualifica (Melo e Bacelar 1783: 91).

En las gramáticas del portugués de las últimas décadas del siglo XX, Malaca (1982: 99) constata que los ‘adverbios de frase’ constituyen “uma classe distribucional praticamente ignorada dos nossos gramáticos” y añade que apenas Celso Cunha (1976: 499) “lhes faz uma breve referência na sua *Gramática da Língua Portuguesa* [...] ao afirmar: <<Certos advérbios aparecem modificando toda a oração>>”. Mateus et. al. (1983: 307-308) consideran el adverbio como la “categoria nuclear do sintagma adverbial, podendo apresentar-se como uma única palavra ou como uma locução adverbial” y señalan que “os advérbios do tipo *francamente*, podem ser dominados pela F”, “daí a sua mobilidade”. Cunha y Cintra (1985: 530) destacan, como ya hemos anticipado, que son una “classe heterogênea”, “com distribuição e funções às vezes muito diversas” y comentan la “repetição de advérbios em -mente”.

Vilela (1995: 191-199) recuerda que “os advérbios não modificam apenas os verbos, mas também adjetivos e mesmo outros advérbios”, pone de relieve la falta de homogeneidad de los adverbios en -mente (“e mesmo com uma boa parte dos advérbios simples”), incorpora información sintáctica y semántica, y destaca que “um mesmo advérbio pode cumprir várias dependências semânticas” (puede funcionar como adverbio dependiente directamente del verbo o funcionar como adverbio de enunciación).

Y, por último, Bechara (1999: 290-293) recuerda que es una clase de palabras “muito heterogênea”, razón por la que “torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente”, por ello le parece correcto adoptar la propuesta de Alarcos Llorach en el sentido de que se atiende a las relaciones que cada adverbio contrae dentro del enunciado, bien en su papel primario de adyacente circunstancial, bien por su combinación con otras unidades en el interior de un grupo nominal unitario:

Assim, há advérbios de papel semântico-sintático mais *internamente* ligados ao núcleo verbal (e estes não gozam das flexibilidades de posição e entoação atrás referidas), e há os advérbios mais externamente ligados ao núcleo verbal. Daí escapar ao analista uma classificação unitária que abarque todos os casos possíveis. É bom caminho, parece-nos, adotar a proposta de Alarcos Llorach no sentido de ater-se o analista “às relações que cada advérbio contrai dentro do enunciado, quer no seu papel primário de adjacente circunstancial, quer por sua combinação com outras unidades no interior de um grupo nominal unitário” (Bechara 1999: 290).

3. El registro y descripción de los adverbios en -mente en diccionarios generales monolingües

Si en el plano de los estudios gramaticales la semejanza entre las gramáticas del español y del portugués parece ser manifiesta, no es menor el gran paralelismo existente entre los diccionarios generales monolingües del español y los del portugués, no tanto por el modo de registrar y describir las palabras que se clasifican en clases cerradas, sino por el subconjunto de adverbios de base lexemática, que heredan el significado nuclear de las bases adjetivas de las que derivan.

3.1. El *Diccionario de Autoridades*, elaborado por la Real Academia Española (1726-1739), tiene como propósito incluir “generalmente todas las voces de la lengua estén o no en uso”, lo cual explica que aparezcan como lemas un número superior a 1360 unidades. En el DRAE (1791) la Academia justifica la reducción de los seis tomos a uno solo “pero sin quitar ninguna voz, ni alterar la obra en cosa substancial”, con la intención de “hacerlo de más fácil uso” y que el “Público pudiere tenerle por un precio cómodo” (DRAE, 1791, *Prólogo*), razón por la que se mantienen casi en su totalidad (las exclusiones son irrelevantes) todas las voces registradas en el *Diccionario de Autoridades*. Sin embargo, unos doscientos años más tarde, en el DRAE (1970) se advierte que “tampoco se incluyen todos los adverbios en -mente, ni todos los diminutivos y despectivos en *-uco, -uca, -ucho, -ucha*, por ser de formación fácil y a menudo ocasional. Pero su ausencia en el Diccionario no significa por sí sola que no existan en el uso o que sean incorrectos” (DRAE 1970: XXIV).

En las obras de la lexicografía española de los últimos diez años el registro y descripción de esta clase de estas voces es bastante heterogéneo. El DEA (1999: XVI) incluye “todos los adverbios de esta clase —tanto si su significado está ya en el adjetivo primitivo, como si han desarrollado otros— cuya circulación real ha quedado comprobada”, pero el DUE (2007) introduce un cambio substancial respecto a las dos ediciones anteriores, puesto que no elige como lemas aquellos adverbios cuyo significado es deducible del adjetivo del que derivan, estos aparecen como sublemas en el paréntesis inicial de los artículos correspondientes (DUE 2007: XVI). El DRAE (2001) no siempre acoge todas las palabras derivadas de otras o formadas por composición como “los adverbios en -mente”, de los que “solo aparecen aquellos términos que, vista la documentación de su empleo real, el Pleno académico ha decidido incluir” (DRAE 2001: XXXI).

Otros diccionarios como el *Diccionario Salamanca de la lengua española* (DS), dirigido a estudiantes y a profesores que se dedican a enseñar español, reduce ostensiblemente su número en el leuario, pero incorpora datos que permiten conocer la clase, función y significado de determinados adverbios. El DUEAE (2002: 45-47), si bien no hace un registro exhaustivo de todos los adverbios en el conjunto del léxico “con *sabor* panhispánico” (DUEAE 2002: XII), los describe con cierto pormenor, los clasifica por el modo de significar, señala las funciones sintácticas (modificadores del adjetivo, de otro adverbio, del verbo, de la oración y

del enunciado) y distingue los adverbios conjuntivos.

3.2. En la historia de la lexicografía portuguesa, el *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido Figueiredo, elaborado con anterioridad al año 1911 y que en vida del autor era “o melhor dicionário da língua portuguesa; o mais opulento, o mais <<vivo>> e, tecnicamente, o mais perfeito”, a pesar de las modificaciones y revisiones sufridas, es continuador de las pautas del primer diccionario de la Academia Española y recoge un elevado número de adverbios en *-mente*. Sin embargo, de modo parecido a lo que hemos indicado en los párrafos precedentes, en los dos grandes diccionarios generales monolingües de lengua del portugués, ambos publicados en el año 2001, el *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa* (DACL) y el *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (DHLP), se observan dos métodos absolutamente diferentes en la forma de explicar y describir estas unidades. El *DACL* selecciona todos los documentados en las fuentes utilizadas para elaborar la nomenclatura de la obra e incluye información gramatical, pragmática, semántica y sintáctica, con independencia de que su significado pueda ser deducible de los adjetivos de los que derivan:

Advérbios em *-mente*

No presente Dicionário destacam-se com entrada própria os advérbios terminados em *-mente*.

- . os que, pela sua riqueza semântica própria e pelos usos e características sintáticas, ultrapassam em muito o domínio semântico e sintático do adjetivo de que derivam.

- . os que derivam de participios passados adjectivais sem entrada própria e que se tornam relevantes lexicalmente como, por exemplo, *designadamente*, *reiteradamente*, etc.

N.B.: No final do artigo respeitante ao adjetivo indica-se, quando possível, o advérbio em *-mente* dele derivado (DACL 2001, I: XVI).

El *DHLP*, por el contrario, no registra de modo metódico adverbios derivados con el sufijo *-mente* “por ser regular e facilmente inferível o seu significado a partir dos adjetivos de que derivam”, si bien puntualiza que “os raros casos que fazem parte da nominata justificam-se por alguma irregularidade semântica ou determinada informação sobre eles que se achou a pena prestar ao leitor” (*DHLP* 2001: XXX); son escasos los ejemplos citados (*absolutamente*, *estupidamente*, *respectivamente*, *sensivelmente*, etc.).

4. La didáctica de los adverbios en *-mente*

Uno de los fenómenos más evidentes en las gramáticas del español es que los ejemplos, con los que ilustran los postulados teóricos sobre el adverbio en general y los adverbios en *-mente* en particular, proceden de textos de la lengua común o culta, es raro que se apoyen en textos legales o jurídicos, a pesar de que la Ley y el Derecho son realidades que afectan e implican a todos los ciudadanos.

En los últimos años hemos estado observando empíricamente los adverbios en *-mente* en la *Constitución Española* (CE) de 1978 (Henríquez 2008a) y en la *Ley de Régimen Jurídico de las Administraciones Públicas y del Procedimiento Administrativo Común* (Henríquez 2008b) y hemos podido comprobar la alta frecuencia de aparición (acaso muy superior a la que se registra en la lengua común). En las conclusiones hemos puesto de relieve que son unidades muy válidas para: (a) Destacar, calificar o cuantificar acciones, procesos, estados o resultados; (b) Cuantificar indirectamente las propiedades que los adjetivos denotan; (c) Marcar la precisión con la que el emisor realiza la asignación de la propiedad; (d) Restringir la extensión de la clase a la que pertenece un elemento, y (e) Reforzar el contenido asertivo o representativo de toda la oración. Esta realidad nos ha permitido descubrir que los ejemplos procedentes del texto, que constituye “la norma fundamental de un Estado” (CE), ofrecen gran interés desde el punto de vista didáctico.

La actividad que presentamos a continuación se apoya en el ejemplario procedente del *Código Civil* (CC) – promulgado el 24 de julio de 1889 y reformado en numerosas ocasiones, la última en el año 2007, edición que seguimos en el presente estudio – y consta de una breve exposición teórica sobre el adverbio en general y sobre los adverbios en *-mente* en particular, unos comentarios de carácter morfológico y semántico sobre los adjetivos de los que se forman, las diversas funciones sintácticas que pueden ejercer y, finalmente, las clases y subclases semánticas más representadas. De las 150 unidades registradas, apenas seleccionamos poco más de una treintena de ejemplos.

Los adverbios en *-mente* son una clase de adverbios lexemáticos muy heterogénea, formados con el sufijo *-mente* a partir de una base adjetiva, que señalan circunstancias de modo o de manera, con la que se puede “expresar el modo de realización de una acción, de desarrollo de un proceso, de atribución de una propiedad o de evaluación del hablante del hecho que comunica” (Kaul de Marlangeon 2002: 43) y pueden “incidir en niveles muy distintos del significado oracional y discursivo desde la predicación verbal hasta la actitud del emisor frente al enunciado o el modo como se usa la lengua” (Torner 2007: 17). Las bases, desde el punto de vista morfológico, pueden ser adjetivos ‘primitivos’ (*entero, físico, grave, puro*) y ‘derivados’ de nombres (*excepcional, legal, malicioso, parcial, prudencial, subsidiario, total*) o de verbos (*expreso, privativo*). En términos generales, por su significado intrínseco se pueden distinguir: los ‘adjetivos calificativos’ (*grave, irrevocable, necesario*), los ‘adjetivos relacionales’ (*extrajudicial, judicial, legal*) y los ‘adverbiales’ (*puro*) “formas adjetivas paralelas a los adjetivos calificativos que, sin embargo, no constituyen expresiones asignadoras de propiedades” (Demonte 1999: 204-205), que se agrupan en dos grandes clases (la de los adjetivos adverbiales ‘intensionales’ y la de los adverbiales ‘eventivos o circunstanciales’).

La acepción a partir de la que se forma el adverbio, si es una de la lengua común y culta, suele aparecer en los diccionarios, pero si se trata de una acepción correspondiente a una determinada rama del saber, lo más frecuente es que el investigador tenga que elaborarla a partir de una ya documentada o construir una nueva: por ejemplo, los adjetivos calificativos *legítimo* ‘conforme a las leyes’ (DRAE,

acepción primera), *potestativo* ‘que está en la facultad o potestad de alguien’ (DRAE), *válido* ‘que tiene la validez referida a las normas jurídicas’. Los adjetivos relacionales admiten glosas o fórmulas del tipo <<relativo a>>, <<que tiene que ver con N>>, <<pertenciente o relativo a N>>, <<de N>>, etc.; en algunos casos muestran varias acepciones en los adjetivos de base con la que se forma el adverbio, porque, como los calificativos, pueden usarse predicativamente (*es absolutamente legal*) o asignar una sola propiedad: así, *legal* ‘que está establecido por la ley o está conforme con ella’, ‘de la ley, la justicia o el derecho o relacionado con ellos’ (DUEAE, acepciones primera y segunda). En otros casos, no incluyen una acepción que se ajuste al significado que tiene la palabra en esta clase de textos y en el contexto: *prudencial* ‘que está establecido conforme a las reglas y preceptos de la prudencia’.

Estos adverbios pueden ejercer diversas funciones sintácticas (circunstanciales; modificadores de un adjetivo; modificadores de un sintagma adjetival, adverbial, nominal y preposicional, o de toda una oración), pero presentan diferentes lecturas y aportan valores diversos, en función de si son adverbios oracionales o adverbios de modo. Cuando funcionan como modificadores oracionales, alcanzan o afectan a todo el conjunto de la oración.

La función de circunstancial está reservada para la modificación del verbo y con ella se describe el modo en que se lleva a cabo la acción expresada por el verbo o “el modo o la circunstancia en que se cumple la acción o actividad indicada por el verbo” (Kaul de Marlangeon 2002: 83). Los verbos son en su mayoría transitivos (*comprometer, entregar, fijar, imponer, repudiar, retrasar*), aunque se ven algunos intransitivos [*proceder* ‘hacer algo conforme a razón, derecho, mandato, práctica o conveniencia’ (DRAE, acepción octava), *pertenecer, resultar*]. Pueden aparecer en una forma verbal finita en futuro de indicativo (*adquirirá irrevocablemente*) y en presente (*expresamente imponga, judicialmente se señale, legalmente proceda, prudencialmente fije, válidamente repudia*), pretérito perfecto (*legítimamente hayan podido adquirir, maliciosamente haya retrasado*) o pretérito pluscuamperfecto de subjuntivo (*completamente se hubiese entregado*).

Los adverbios se predicán de las acciones o procesos que los verbos designan y pueden ocupar la posición preverbal o seguir inmediatamente al verbo. Cuando preceden al verbo, enfatizan o destacan que la información se asigna con las limitaciones impuestas por un marco de conocimientos jurídicos que tiene el emisor (*judicialmente, legalmente, legítimamente, maliciosamente, prudencialmente, válidamente*), cuantifican el estado o acción denotado por el verbo (*completamente*) o califican un resultado (*expresamente*):

- (1) No se entenderá pagada una deuda sino cuando *completamente* se hubiese entregado la cosa o hecho la prestación en que la obligación consista (art. 1157)
- (2) La curatela de los incapacitados tendrá por objeto la asistencia del curador para aquellos actos que *expresamente* imponga la sentencia que la haya establecido (art. 289).
- (3) También podrá el propietario, si lo prefiere, [...] retener en su poder los bienes del usufructo en calidad de administrador, y con la obligación de entregar al

usufructuario su producto líquido, deducida la suma que por dicha administración se convenga o *judicialmente* se señale (art. 494).

(4) Asimismo, se asumirá la guarda por la entidad pública cuando así lo acuerde el Juez en los casos en que *legalmente* proceda (art. 172.2).

(5) El dominio del dueño de un predio sobre las aguas que nacen en él no perjudica los derechos que *legítimamente* hayan podido adquirir a su aprovechamiento los de los predios inferiores (art. 415).

(6) El poseedor de mala fe responde del deterioro o pérdida en todo caso, y aun de los ocasionados por fuerza mayor cuando *maliciosamente* haya retrasado la entrega de la cosa a su poseedor legítimo (art. 457).

(7) Prestar la garantía que el Juez *prudencialmente* fije (art. 185).

(8) El que *válidamente* repudia una herencia se entiende que no la ha poseído en ningún momento (art. 440).

Ello no obstante, lo más frecuente es que el adverbio ocupe la posición posverbal y modifique verbos transitivos que aparecen en formas verbales finitas en presente (*implique necesariamente, comprometa gravemente*) o futuro de subjuntivo (*resultare legal o físicamente imposible*), en presente (*pertenecen privativamente*) o futuro de indicativo (*adquirirá irrevocablemente*), o en una construcción sintáctica constituida por dos o más verbos (‘el auxiliar’ y ‘el auxiliado’ o principal) como las formadas por < poder + infinitivo > que aporta el valor de < posibilidad > (*puede hacerse expresa o tácitamente, puede constituirse judicial o extrajudicialmente, podrá desahuciar judicialmente*) o < quedar + participio > que expresa el resultado de un proceso previo o simultáneo a la época designada por el auxiliar (*no quedan obligados solidariamente*). Los adverbios destacan que la información se asigna con las limitaciones impuestas por un marco de conocimientos jurídicos que tiene el emisor (*extrajudicialmente, irrevocablemente, judicialmente, legalmente, privativamente, solidariamente*), califican un resultado (*expresamente, gravemente, tácitamente*) o evalúan la aserción (*necesariamente*) “con respecto a la necesidad u obligación de que ocurra” (Kovacci 1999: 750)

(9) La confirmación puede hacerse *expresa o tácitamente*. Se entenderá que hay confirmación tácita cuando [...] el que tuviese derecho a invocarla ejecutase un acto que implique *necesariamente* la voluntad de renunciarlo (art. 1311).

(10) Podrá pedir un cónyuge la terminación del régimen de participación cuando la irregular administración del otro comprometa *gravemente* sus intereses (art. 1416).

(11) Si el vendedor no cumple lo prescrito en el artículo 1518, el comprador adquirirá *irrevocablemente* el dominio de la cosa vendida (art. 1509).

(12) El depósito puede constituirse *judicial o extrajudicialmente* (art. 1759).

(13) El arrendador podrá desahuciar *judicialmente* al arrendatario por alguna de las causas siguientes (art. 1569).

(14) También quedará liberado el deudor en las obligaciones de hacer cuando la prestación resultare *legal o físicamente* imposible (art. 1184).

(15) Se presumen gananciales los bienes existentes en el matrimonio mientras no se pruebe que pertenecen *privativamente* al marido o a la mujer (art. 1361).

(16) Los socios no quedan obligados *solidariamente* respecto de las deudas de la sociedad; y ninguno puede obligar a los otros por un acto personal, si no le han conferido poder para ello (art. 1698).

Si modifica a un adjetivo o a un adjetivo participial, que expresa los resultados de las acciones que los verbos designan, el adverbio incide en la relación que el adjetivo mantiene con el nombre al cual complementa, es un modificador preadjetival y puede cuantificar “indirectamente las propiedades que los adjetivos denotan” (Bosque 1999: 220), evaluar el valor de verdad de una expresión lingüística, calificar la forma en que se atribuye dicha propiedad o expresar la rotundidad con la que el emisor realiza la asignación de la propiedad. Los adjetivos modificados por el adverbio son calificativos (*absolutamente imposible, enteramente sordo, esencialmente revocables, legal o físicamente imposible*) o participiales que puede aparecer con un complemento agente, introducido por la preposición *por* (*expresamente autorizado por aquel, legalmente autorizado por los demás*). En los ejemplos (17), (19), (20), (21), (23) y (26) los adverbios modifican al adjetivo y en los ejemplos (18), (22) y (24) modifican al adjetivo participial y tienen alcance sobre el sintagma adjetival.

Los adverbios indican el dominio jurídico en el que se mantienen las condiciones de verdad de la propiedad que se atribuye al sustantivo (*legalmente autorizado, válidamente celebrados*), afectan al grado, a la magnitud o a la extensión en que la cualidad se predica (*absolutamente imposible, enteramente sordo, esencialmente revocables, excesivamente gravoso*), o son focalizadores (*la condición puramente potestativa*), porque el significado del adverbio dimana del adjetivo de base en el sentido de que “la intensión o concepto al que modifican se aplica de manera exclusiva al objeto mentado, excluyendo así a otros merecedores de tal acepción” (Demonte 1999: 207):

(17) Cuando *absolutamente* fuere imposible resolver las dudas por las reglas establecidas en los artículos precedentes (art. 1289).

(18) Para los efectos civiles, sólo se reputará nacido el feto que tuviere figura humana y viviere veinticuatro horas *enteramente* desprendido del seno materno (art. 30).

(19) Si el testador que no supiese o no pudiese leer fuera *enteramente* sordo, los testigos leerán el testamento en presencia del Notario (art. 697).

(20) Todas las disposiciones testamentarias son *esencialmente* revocables (art. 737).

(21) Será excusable el desempeño de la tutela cuando por razones de edad, enfermedad [...] o por cualquier otra causa, resulte *excesivamente* gravoso el ejercicio del cargo (art. 251). (22) El testador, o el contador partidario *expresamente* autorizado por aquel, podrá adjudicar todos los bienes hereditarios o parte de ellos a alguno de los hijos o descendientes (art. 841).

(23) Los adquiridos por sucesión en que el padre, la madre o ambos hubieran sido *justamente* desheredados o no hubieran podido heredar por causa de indignidad (art. 164.2)

(24) Cuando los albaceas fueran mancomunados, sólo valdrá lo que todos hagan de consuno, o lo que haga uno de ellos *legalmente* autorizado por los demás

(art. 895).

(25) La condición *puramente* potestativa impuesta al heredero o legatario ha de ser cumplida por estos, una vez enterados de ella (art. 795).

(26) Los contratos *válidamente* celebrados pueden rescindirse en los casos establecidos por la ley (art. 1290).

Si funcionan como modificadores oracionales son externos a la predicación, “no inciden sobre el núcleo verbal, sino que afectan a todo el conjunto de la oración” (Alarcos 1994: 299). Poseen una libertad posicional mayor que cuando funcionan como circunstanciales, presentan “el rasgo de aislamiento marcado por pausas respecto del resto del enunciado” (Alarcos 1994: 133) y van delimitados por un signo ortográfico (una coma). Los adverbios denotan circunstancias que constituyen una excepción a una regla (*excepcionalmente*), son cuantificativos o cuantificadores (*total o parcialmente*), o limitadores nocionales e indican el dominio dentro del cual se mantienen las condiciones de verdad de la oración, cosa que debe quedar exenta de duda por parte del receptor (*subsidiariamente*). Algunos adverbios requieren un contexto plural y expresan que la acción se realiza en condiciones de igualdad entre dos agentes (*el arrendatario saliente y el arrendatario entrante*), es decir, indican el modo del cumplimiento de una relación sinalagmática (*recíprocamente*). El adverbio *respectivamente* es un adverbio oracional, encubiertamente deíctico y anafórico, con el que se expresa que “en dos enumeraciones que se ponen en correlación se establece una correspondencia entre los elementos que ocupan el mismo lugar de cada serie” (DUEAE):

(27) *Excepcionalmente*, los hijos podrán ser encomendados a otra persona y, de no haberla, a una institución idónea, confiriéndoseles las funciones tutelares que ejercerán bajo la autoridad del Juez (art. 103).

(28) *Excepcionalmente*, el Juez, en resolución motivada, podrá alterar el orden del párrafo anterior o prescindir de todas las personas en él mencionadas, si el beneficio del menor o del incapacitado así lo exigiere (art. 234).

(29) El arrendatario saliente debe permitir al entrante el uso del local y demás medios necesarios para las labores preparatorias del año siguiente; y, *recíprocamente*, el entrante tiene obligación de permitir al colono saliente lo necesario para la recolección y aprovechamiento de los frutos (art. 1578).

(30) La pérdida se producirá una vez que transcurran tres años a contar, *respectivamente*, desde la adquisición de la nacionalidad extranjera o desde la emancipación (art. 24).

(31) Habrá de reembolsarse el valor satisfecho a costa, *respectivamente*, del caudal común o del propio, mediante el reintegro de su importe actualizado al tiempo de la liquidación (art. 1358).

(32) La patria potestad prorrogada en cualquiera de estas dos formas se ejercerá con sujeción a lo especialmente dispuesto en la resolución de incapacitación y, *subsidiariamente*, en las reglas del presente Título (art. 171).

(33) La otra tercera parte se destinará a la Caja de Amortización de la Deuda pública, salvo que, por la naturaleza de los bienes heredados, el Consejo de Ministros acuerde darles, *total o parcialmente*, otra aplicación (art. 956).

Las otras funciones sintácticas que pueden desempeñar son las de modificadores de un sintagma preposicional, como se observa en (34), o de un sintagma adverbial como en (35) y (36), un grupo sintáctico formado en torno a un núcleo que representan el adverbio *antes* (*inmediatamente antes de la emancipación*) y el adverbio *después* (*inmediatamente después de la celebración*), que llevan complementos prepositivos, que configuran con cada uno de ellos un grupo sintáctico, introducido por la preposición *de*. El adverbio *generalmente* focaliza el constituyente de la oración con el que está en contacto, dota de relevancia a este grupo sintáctico y aporta la idea de que es común en cualquier situación, en que pueda existir posibilidad u ocasión de que ocurra una desgracia; el adverbio *inmediatamente* expresa tiempo anterior:

(34) Durante una batalla, asalto, combate, y *generalmente* en todo peligro próximo de acción de guerra, podrá otorgarse testamento militar de palabra ante dos testigos (art. 720).

(35) Cuando, *inmediatamente antes* de la emancipación, hubiere existido una situación no interrumpida de acogimiento o convivencia, iniciada antes (art. 175).

(36) El Juez, Alcalde o funcionario ante quien se celebre el matrimonio extenderá, *inmediatamente después* de la celebración, la inscripción o el acta correspondiente con su firma y la de los contrayentes y testigos (art. 62).

Las clases y subclases semánticas predominantes, como se deduce de los ejemplos reproducidos con anterioridad, son las siguientes:

(a) Los *adverbios nocionales* “admiten la conmutación por la expresión <desde el punto de vista + adjetivo> (o complemento con sustantivo)” [*físicamente* <<desde el punto de vista material>>, *irrevocablemente* <<desde el punto de vista de la irrevocabilidad [de un contrato]>>, <<judicialmente <<desde el punto de vista de judicial>>, *justamente* <<desde el punto de vista de lo que es conforme a justicia y recta razón>>, *legalmente* <<desde el punto de vista legal>>, *legítimamente* <<desde el punto de vista de la legitimidad legal>>, *maliciosamente* <<desde el punto de vista de los actos hechos con malicia, dolo y engaño>>, *privativamente* <<desde el punto de vista de los bienes que son propios y particulares de una persona>>, *solidariamente* <<desde el punto de vista del modo de derecho u obligación in sólidum>>, *subsidiariamente* <<desde el punto de vista de una acción o de una responsabilidad dispuestas para sustituir a otra principal en caso de fallar ésta>>, *válidamente* <<desde el punto de vista de la validez referida a las normas jurídicas>>].

Son “limitadores nocionales”, precisan “el alcance del contenido representativo de la oración”, lo presentan “como válido sólo para el dominio nocional” (Kovacci 1999: 744-745), se interpretan “como un comentario del hablante desde la perspectiva en que él considera válida la proposición” (Kaul de Marlangeon 2002: 67) e indican el dominio dentro del cual se mantienen las condiciones de verdad de la oración, que puede coincidir con uno de la lengua

común (*físicamente*) o ser un ‘dominio específico de la Ley y el Derecho’, cosa que debe quedar exenta de duda por parte del receptor.

Pueden ejercer las funciones de circunstanciales como ha quedado ilustrado en los ejemplos (1) a (16), modificadores de un adjetivo en (17), (19), (20), (21), (23) y (26), de un sintagma adjetival en (18), (22) y (24), o de toda una oración en (32).

(b) Los *adverbios de foco* o *focalizadores* destacan o focalizan un segmento oracional sobre el que tienen alcance y señalan “el predominio del elemento en foco” de la construcción en que intervienen. En este grupo está el adverbio *puramente*, que funciona como modificador de un adjetivo y cuyo significado emana del adjetivo adverbial *puro*, una clase de adjetivos que orienta “la interpretación hacia la exhaustividad de la referencia, invita a que la acepción correspondiente se aplique al referente con todas sus consecuencias, sin ningún género de duda” (Demonte 1999: 207).

(c) Los *adverbios de modo* o de manera responden a la pregunta *¿cómo?*, en el texto “modifican verbos de acción, proceso o estado, considerados globalmente en su cumplimiento total, de modo que califican este resultado” (Kovacci 1999: 728-731). El significado del adverbio está en los adjetivos de base *directo* ‘sin intermedio de otras cosas’ (*DUE*) y ‘sin desvíos’; *expreso* ‘expresado, especialmente mediante palabras’ (*DEA*); *grave* ‘que envuelve peligro’ o ‘susceptible de tener consecuencias muy dañosas’ (*DUE*, acepción segunda); *recíproco* ‘que se da a otro y que a su vez se recibe de este en la misma medida’ (*DUEAE*, acepción primera); *tácito* ‘que no se expresa o no se dice formalmente, sino que se supone o infiere’. Ejercen las funciones de circunstanciales en (2), (9) o (10), modificadores de un sintagma adjetival en (22) y de una oración en (29).

(d) Los *adverbios de grado* pueden tener el rasgo cuantificativo en su base adjetiva. El grado máximo positivo comprende los adverbios de totalidad *absolutamente* ‘de modo completo, total’, *enteramente* ‘sin excluir nada’ (*DUE*), *totalmente* ‘completamente, del todo, íntegramente’ (*DS*), que forman bloques de sinónimos (*completamente*, *enteramente*, *íntegramente*, *totalmente*), y otros que no indican totalidad (*esencialmente*, *excesivamente*). Derivan de las bases adjetivas *entero* ‘se aplica a la cosa en que no falta nada de lo que la constituye normal u originariamente’ (*DUE*, acepción primera), *esencial* ‘lo más básico o más importante’, ‘que destaca entre otras propiedades o que se considera más importante que ellas’, *excesivo* ‘más grande o en más cantidad que lo necesario o conveniente’ (*DUE*) y *total* ‘se aplica a lo que abarca toda la cosa o todos los aspectos de la cuestión de que se trata’ (*DUE*, acepción primera). Desempeñan la función de circunstanciales en (1), modificador de un adjetivo en (19), (20) y (21), y modificadores oracionales en (33).

(e) Los *adverbios de marco temporal (inmediatamente)*, cuyo significado dimana del adjetivo *inmediato* ‘que ocurre después del momento de que se trata, sin mediar intervalo de tiempo’ (*DUE*, acepción tercera), indica que la propiedad se atribuye con la mayor rapidez, sin tardanza, sin que medie tiempo (*inmediatamente antes*, *inmediatamente después*). En los ejemplos (33) y (34) ejercen la función de modificadores de un sintagma adverbial.

4. Conclusiones

En las páginas precedentes ha quedado patente que las definiciones y concepciones sobre el adverbio presentes en la tradición gramatical, siguen siendo inobjetables desde el punto de vista sintáctico. En los corpus legales examinados la función de circunstanciales (modificadores del verbo) se registra en un porcentaje aproximado al 68%, la de modificador de un adjetivo o un sintagma adjetival en torno al 20% y a mucha mayor distancia aparecen las otras funciones.

En la descripción lingüística del adverbio, y en particular de los adverbios en -mente, son notables los progresos alcanzados en los últimos años, pero quedan pendientes muchos aspectos por dilucidar, debido a la problemática compleja y pluridisciplinar y/o interdisciplinar que presentan estas unidades, por tratarse de una serie abierta muy heterogénea con numerosos valores semánticos y con un comportamiento sintáctico todavía poco explorado. Por ello, es de sumo interés elaborar actividades formativas a partir de textos y ejemplos procedentes de textos legales, con el objetivo de que los alumnos adquieran la competencia de comprender los principios básicos de las ciencias del lenguaje en la historia y en la actualidad.

Referencias bibliográficas

- Alarcos Llorach, Emilio (1994): *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe.
- Bello, Andrés (1847): *Gramática de la lengua española destinada al uso de los americanos*. Santiago de Chile: Imprenta del Progreso.
- Bosque, Ignacio (1991): *Las categorías gramaticales*. Madrid: Síntesis.
- Bosque, Ignacio (1999): “Sintagma adjetival. Modificadores y complementos del adjetivo. Adjetivo y participio”. In Ignacio Bosque y Violeta Demonte (dir.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, 1. Madrid: Espasa Calpe, pp. 217-310.
- Bosque, Ignacio y Demonte, Violeta (dir.) (1999): *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe. 3 vols.
- Código Civil*, edición preparada por Francisco Javier Fernández Urzainqui, septiembre 2007. Cizur Menor, Thomson-Aranzadi.
- Cunha, Celso (1976): *Gramática da Língua Portuguesa*. Ministério de Educação e Cultura: FENAME – Fundação Nacional de Material Escolar.
- Cunha, Celso y Cintra, Lindley (1985): *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- DACL (2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Verbo.
- DEA (1999): *Diccionario del español actual*, de Seco, Manuel & Andrés, Olimpia & Ramos, Gabino. Madrid: Aguilar.
- Demonte, Violeta (1999): “El adjetivo: clases y usos. La posición del adjetivo en el sintagma nominal”. In Ignacio Bosque & Violeta Demonte (dir.), *Gramática descriptiva de la lengua española*, 1. Madrid, Espasa, pp.129-215.
- Di Tullio, Ángela (2005): *Manual de gramática del español*. Buenos Aires: La isla de luna.

DHLP (2001¹): *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

DRAE (1791³): *Diccionario de la lengua castellana*. Madrid: Vda. de Ibarra, 1 vol.

DRAE (1970¹⁹): *Diccionario de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1 vol.

DRAE (2001²²): *Diccionario de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1 vol.

DS (1996): *Diccionario Salamanca de la lengua española*. Madrid: Santillana-Universidad de Salamanca.

DUE (1966-67): *Diccionario de Uso del Español*, de María Moliner. Madrid: Gredos

DUE (1998²): *Diccionario de Uso del Español*, de María Moliner. Madrid: Gredos

DUE (2007³): *Diccionario de Uso del Español*, de María Moliner. Madrid: Gredos

DUEAE (2002): *Diccionario de Uso del Español de América y España*, dirigido por Paz Battaner Arias. Barcelona: Spes Editorial.

Figueiredo, Cândido de (1986²³): *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Bertrand Editora.

García, Constantino (1960): *Contribución a la historia de los conceptos gramaticales. La aportación del Brocense*. Revista de Filología Española. Anejo LXXI. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

Henríquez Salido, M^a do Carmo (2008a): “Los adverbios en -mente en la Constitución de 1978”. In *Revista de Llingua i Dret*, n^o 50, pp. 53-87.

Henríquez Salido, M^a do Carmo (2008b): “Los adverbios en -mente en la Ley de Régimen Jurídico de las Administraciones Públicas y del Procedimiento Administrativo Común (LRJAP-PAC)”. In *Boletín de la Academia Vasca de Derecho*, n^o 15, pp. 97-142.

Hernando Cuadrado, Luis Alberto (2007): “El problema del adverbio como parte de la oración”. In *Verba*, 33, pp. 123-146.

Kaul de Marlangeon, Silvia Beatriz (2002): *Los adverbios en -mente del español de hoy y su función semántica de cuantificación*. Madrid: Iberoamericana.

Kovacci, Ofelia (1999): “El adverbio”. In Ignacio Bosque y Violeta Demonte (dir.) *Gramática descriptiva de la lengua española*, 1. Madrid: Espasa Calpe, pp. 705-786.

Mateus, M^a Helena Mira et al. (1983): *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra, Livraria Almedina.

Melo Bacelar, Bernardo (1783): *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa. Reprodução fac-similada da edição de 1783 com introdução e notas pelo Académico Correspondente Amadeu Torres*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1996.

Oliveira, Fernão de (1536): *Gramática da linguagem portuguesa. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção com um estudo introdutório do Prof. Eugenio Coseriu*. Lisboa, 2000: Academia das Ciências.

Real Academia Española (1990 [1726-1739]): *Diccionario de Autoridades*. Madrid: Gredos, ed. facsimil.

----- (1771): *Gramática de la lengua castellana*. Edición facsimil y apéndice documental de Ramón Sarmiento. Madrid: Editora Nacional, 1984.

----- (1931): *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe.

Torner Castells, Sergi (2007): *De los adjetivos calificativos a los adverbios en -mente: semántica y gramática*. Madrid: Visor Libros.

Vilela, Mário (1995): *Gramática da Língua Portuguesa: Gramática da palavra, Gramática da frase, Gramática do texto*. Coimbra: Livraria Almedina.



Cortesía y entonación: las interrogativas absolutas en catalán

Lluïsa Astruc

The Open University-The University of Cambridge

mla28@hermes.cam.ac.uk

Resumen

Este artículo explora las características prosódicas de las preguntas absolutas (las que requieren una respuesta de «sí» o «no») en catalán y la relación entre la prosodia y la intención pragmática del acto comunicativo. En catalán existen dos opciones básicas para formular una pregunta absoluta: o se empieza la pregunta con la partícula *que* y se usa una entonación descendente o no se usa *que* y la entonación es ascendente. El uso de una u otra estrategia varía según los dialectos y la intención del hablante. Dos experimentos en catalán central, un dialecto que permite ambas opciones, demuestran que en este dialecto el uso de una u otra forma obedece a consideraciones pragmáticas que se explican dentro del marco de la teoría de la cortesía.

Abstract

This study explores the prosodic characteristics of absolute questions (questions that require a yes-no answer) in Catalan. It also looks at the relationship between prosody and pragmatics. Catalan has two main choices for asking an absolute question: questions are either headed by the particle *que* and receive a falling intonation or they do not start with *que* and receive a rising intonation. One or other option is preferred depending on the dialect and on the specific communicative intention of the speaker. Data from two experiments in Central Catalan, a dialect which allows both strategies, show that the use of one or other form follows from pragmatic factors, which can be accounted for by the framework of politeness theory.

1. Introducción

El objetivo principal de este estudio es explorar la relación entre la sintaxis, la prosodia y la pragmática en el caso de las preguntas absolutas (también llamadas preguntas polares o preguntas de sí o no) en catalán. El catalán es una lengua románica que se habla en Cataluña (donde es la lengua oficial, junto con el español), en la Comunidad Valenciana y en las Islas Baleares. Fuera del territorio nacional, se habla como lengua cooficial en Andorra. También se habla en áreas del sur de Francia y en la ciudad sarda de Alguer. El catalán se divide en dos dialectos principales, el catalán oriental y el occidental. El bloque occidental se divide a su vez en cuatro sub-dialectos. Uno de estos sub-dialectos es el catalán central, que

se habla en Barcelona y sus alrededores y que es, por el peso demográfico de esta zona, la variedad que cuenta con mayor número de hablantes.

Una de las características sintáctico-prosódicas más interesantes del catalán central es la tendencia a encabezar las preguntas absolutas con la partícula *que*, como se muestra en este ejemplo:

- (1) *Que vols venir amb mi?*
Que-quieres3SG venir conmigo?

La particular *que* del catalán es en realidad un operador morfosintáctico que tiene la función de indicar el modo interrogativo, y que no aporta, en principio, ningún contenido semántico. Desde el punto de vista prosódico, es un elemento átono y por lo tanto no atrae el acento melódico (*pitch accent*). Existen partículas interrogativas con funciones aproximadamente semejantes en otras lenguas. Por ejemplo, el francés y el italiano tienen *que*, el ruso tiene *li*, el griego tiene *mipos* (Baltazani 2004) y el estonio tiene *kas* (Asu 2003). En español, el uso de *que* es mucho más reducido y no aparece descrito en la literatura. Sólo un trabajo anterior (Ramírez-Verdugo et al 2007) describe su uso en una tarea de mapa¹ con hablantes madrileños. Otros dialectos catalanes también tienen este *que*, pero con variaciones fonéticas o pragmáticas. Por ejemplo, en el sub-dialecto de Tarragona, el núcleo del contorno descendente tiene un tono más alto, como se explica a continuación. En el catalán noroccidental y en el rosellonés, *que* se usa exclusivamente con preguntas anti-expectativas como *Que no ve?* (¿[Que] no viene?, con la implicación de *yo pensaba que vendría*).

Muchos estudios se centran en la vertiente sintáctica (ver por ejemplo, Rigau 1984; Bonet y Solà 1986; Hualde 1992) o semántico-pragmática (Cuenca 1997; Payrató 2002; Payà 2003); muchos menos en la fonología entonativa. Por ejemplo, Bonet (1984), Prieto 2002; Martínez-Celdrán et al (2005) han estudiado la entonación de las interrogativas con *que* en catalán central; Mascaró y Pons (1986) en catalán menorquino; Payà y Vanrell (2005) en catalán mallorquino; Prieto y Padilla (2004) en tortosino. Los trabajos previos coinciden en los detalles principales pero difieren en detalles específicos sobre la distribución y uso de la partícula *que*, como se verá a continuación.

En general, se acepta que en catalán central y en dialectos que admiten el uso de la partícula *que*, esta, cuando esta se halla presente, encabeza obligatoriamente la frase y va seguida inmediatamente del verbo. Si existe un sujeto explícito, este debe aparecer dislocado. En catalán, al igual que en castellano, las oraciones interrogativas totales pueden presentar tanto un orden sintáctico canónico (SVO) como con dislocación del sujeto a la derecha (VOS). En cambio, si la oración va encabezada por *que* la dislocación del sujeto es obligatoria. Esto se muestra en los ejemplos siguientes:

- (2) *La María te un mapa?* (¿María tiene un mapa?)
b. *Te un mapa, la María* (Tiene un mapa, María)

¹ Una tarea de mapa es un experimento en que se da a dos participantes sendos mapas que difieren en pequeños detalles. Los participantes, que solo puede ver su mapa, tienen que hacer preguntas para decidir la ruta a seguir.

- d. *Que te un mapa, la María?* (¿[Que] tiene un mapa, María?)
 c. **Que la María te un mapa?* (¿[Que] María tiene un mapa?)

Desde el punto de vista sintáctico, la partícula *que* tiene la función de operador sintáctico que expresa la modalidad de la oración. Prieto y Rigau (2007) se basan en el modelo de Rizzi (2001) para proponer que la función de *que* es la de operador sintáctico que expresa una disyunción entre la afirmación y la negación del contenido proposicional de la oración. Esto se ve en el siguiente ejemplo:

- (3) a. *Plou?* (¿Llueve?)
 b. *Que plou?* (¿[Que] llueve?)

Mientras que el contenido proposicional de 3.a es «X?», el contenido de 3.b es «X o no-X?». En esto, el catalán se aparta de otras lenguas que emplean partículas interrogativas con una función puramente focalizadora. En catalán, en cambio, la interrogación abarca siempre toda la oración. Por ejemplo, todas las respuestas, de (5) serían respuestas gramaticalmente correctas tanto a la una pregunta con *que* en (4.a) como a la pregunta sin *que* en (4.b):

- (4) a. *Que prens cafè al migdia?* (¿[Que] tomas café al mediodía?)
 b. *Prens cafè al migdia?* (¿Tomas café al mediodía?)

- (5) c. *Si que en prenc.* (Sí que tomo)
 d. *No, només pel matí.* (No, sólo por la mañana)
 e. *No, prenc te.* (No, tomo café)

A fin de focalizar una parte de la frase, un constituyente específico, este debe ser dislocado a la izquierda o a la derecha, fuera de la frase principal:

- (6) a. *De cafè, (que) en prens?* (¿Café, [que] tomas?)
 b. *Al migdia, (que) en prens de cafè?* (¿Al mediodía, [que] tomas café?)

Estas son las características sintácticas más remarcables. Este estudio, sin embargo se centra en un análisis pragmático y prosódico, realizado en base a datos empíricos originales recogidos mediante un texto leído y dos cuestionarios de situación. El marco teórico usado en el estudio de los aspectos pragmáticos es, como ya se ha dicho, la teoría de la cortesía. El marco teórico usado en el estudio de la entonación es el modelo métrico y autosegmental (Pierrehumbert, 1980; Ladd, 1996). El modelo métrico y autosegmental (AM) propone que la entonación de cualquier idioma consta de dos tipos de tono, uno alto (H, *high*) y uno bajo (L, *low*) y de dos niveles de representación: acentos melódicos asociados con la sílabas métricamente prominentes (por ejemplo, *ga* en *gato*) y tonos de frontera asociados con el final o principio de las frases prosódicas. Los acentos melódicos se representan con un asterisco (H* y L*) mientras que los tonos de frontera se representan seguidos de un porcentaje (H% y L%). (Ver descripción en Beckman et al 2002. Ver última propuesta en Prieto et al 2009).

Cuando la interrogación es neutra y sin ningún matiz expresivo especial

(ver Payrató 2002: 1203), el patrón entonativo de las preguntas absolutas puede tener dos finales diferentes: un final ascendente o un final descendente. La Figura 1 muestra un ejemplo esquemático de cada oración (ver también Prieto 2001, 2002).



Figura 1 – Patrones ascendente (panel de la izquierda) y descendente (panel de la derecha).

En el panel de la izquierda se muestra el patrón ascendente típico. El tono sube al principio y después baja de forma más menos gradual, dependiendo de lo larga que sea la frase, hasta llegar al segundo acento, donde vuelve a subir de forma muy abrupta. Esta subida final es muy marcada y muy fácil de percibir. El primer acento melódico es bajo-alto (L+H*), el segundo es bajo (L*) y la parte final es una subida (H%).

En el panel de la derecha se muestra el patrón descendente. El tono empieza alto y continúa así hasta llegar a la penúltima sílaba, donde baja hasta alcanzar la tesitura más baja del hablante. El acento melódico principal (o acento nuclear) reside en la penúltima sílaba es un combinado alto-bajo (H+L*) y la parte final permanece baja (L%). En el modelo AM, los dos ejemplos de la Figura 1 se describirían respectivamente como L+H* L* H% (patrón ascendente) y H+L* L% (patrón descendente).

Desde el punto de vista prosódico, la partícula *que* aparece con tanta frecuencia con el patrón descendente que se tiende a asumir que *solo* puede aparecer con preguntas realizadas con este patrón entonativo concreto (ver Bonet 1984; Prieto 1998, 2002; Fernández Planas et al 2004; Martínez-Celdrán et al 2005; Prieto y Rigau 2007). Por otra parte, las preguntas de oferta y petición constituyen actos de habla específicos y tradicionalmente se han considerado como un tipo especial de pregunta absoluta (preguntas marcadas, ver Payrató 2002). Las descripciones en la literatura no precisan si las ofertas y peticiones reciben una entonación especial pero se tiende a asumir que el patrón descendente (con *que* opcional) resulta menos cortés y deferente que el patrón ascendente (Payrató 2002, Prieto 2002, Prieto y Rigau 2007). Este trabajo investiga ambas hipótesis: (i) que existe una asociación de la partícula *que* con el patrón entonativo descendente, (ii) que el patrón descendente resulta menos cortés que el patrón ascendente y por tanto se usa menos en situaciones que requieren máxima cortesía.

Para investigar el segundo punto, se sigue el modelo de la teoría de la cortesía propuesto por Brown y Levinson (1987), que sigue siendo el modelo más influyente

en estudios de pragmática (ver revisión de la literatura en Kasper 1990; ver también Fraser 1990, Jary 1998, Levinson 1983). Brown y Levinson (1987) parten del supuesto de que la comunicación verbal es una actividad racional orientada a la consecución de un fin concreto. Por un lado, los participantes persiguen sus propios objetivos; por otro lado, son conscientes de que tienen una *imagen pública* (*face*) que desean mantener o incluso mejorar. Se usa el término *imagen positiva* para referirse a la necesidad de sentirse aceptado y apreciado por un individuo o por un grupo e *imagen negativa* al deseo de alcanzar sin impedimentos los propios goles y objetivos. Toda interacción social constituye una amenaza potencial para la imagen pública (tanto negativa como positiva) de los participantes (*face-threatening act*). Por ejemplo, un simple ofrecimiento puede ofender al oyente ocasionándole una pérdida de imagen, lo cual a su vez repercute en la imagen pública del hablante. En general, las órdenes, amenazas, retos, peticiones, sugerencias, consejos y ofertas, amenazan la imagen negativa mientras que la imagen positiva se ve amenazada por críticas, ridículo, la mención de temas tabú, etc.

Por todo ello, el hablante antes de actuar valora el impacto del acto sobre la imagen pública común según el siguiente modelo:

$$(7) W_x = D(S,H) + P(H,S) + R_x$$

En esta fórmula, W_x es el peso de la amenaza, $D(S,H)$ es la distancia social entre hablante y oyente, $P(H,S)$ es el grado de poder que el hablante tiene sobre el oyente y, finalmente, R_x es el coste del acto para el oyente, según este se percibe en la cultura específica a la que ambos pertenecen.

Por ejemplo, en una cultura como la española o catalana, pedir prestado un coche representa un coste muy alto para el oyente ya que se trata de un objeto valioso, e incluso puede ocasionar problemas legales, mientras que pedir la hora no representa un coste apenas. En general, las ofertas de bebida o comida no representan coste alguno para el oyente. Por supuesto, los hablantes no calculan mentalmente este algoritmo cada vez que deciden si llevar a cabo o no un acto que constituya una amenaza potencial a la imagen pública. En cambio, lo que sí hacen es valorar de forma más o menos consciente consideraciones como las siguientes: «X es mi jefe», «no conozco a X demasiado bien», «pedirle Y a alguien como X es demasiado».

El éxito de una interacción social depende, por tanto, de la habilidad de los participantes para hallar un equilibrio entre los deseos propios (la imagen positiva) y los deseos de los otros (la imagen negativa). Para lograr este equilibrio, los participantes pueden usar las siguientes estrategias de cortesía:

- (8) a. acto sin atenuaciones (*bald-on record*)
- b. cortesía positiva (*positive politeness*)
- c. cortesía negativa (*negative politeness*)
- d. cortesía indirecta o atenuada (*off-record*)

Por ejemplo, si un hablante desea que el oyente cierre la ventana puede optar por las siguientes estrategias, de la más a la menos directa:

- (9) a. Cierre/a la ventana.
 b. Venga cierra la ventana, que nos morimos de frío.
 c. ¿Le importaría cerrar la ventana?
 d. Aquí hace bastante frío.

Tanto las ofertas como las peticiones constituyen actos potencialmente amenazadores para la imagen pública del hablante y del oyente. Las ofertas, sin embargo, también favorecen la imagen positiva del hablante, por lo que frecuentemente los efectos positivos superan a los efectos negativos. Las peticiones, por otra parte, no reportan efectos beneficiosos en potencia; son esencialmente, actos amenazadores. Por esto, se han estudiado ampliamente en la literatura sobre la cortesía, especialmente desde una perspectiva inter-lingüística (Blum-Kulka, 1987, García 1993, Koike 1994, Wierzbicka, 2003, entre muchos otros).

El objetivo principal de este trabajo es, por tanto, estudiar el uso de la partícula *que* en ofertas y peticiones y su asociación con uno u otro patrón entonativo. Las preguntas de investigación son las siguientes: (i) ¿qué patrón entonativo se emplea en situaciones en que se requiere máxima cortesía?, (ii) ¿es cierto que la partícula *que* solo aparece con el patrón descendente?

2. Metodología

El estudio se basa en el análisis de los ejemplos obtenidos en un estudio empírico. El corpus consta de unas 206 frases, producidas por 12 hablantes de catalán central que realizaron dos tareas: una lectura (corpus controlado: 6 hablantes y 156 frases en total) y una entrevista semi-dirigida (corpus semi-espontáneo: 12 hablantes y 50 frases en total). En la época de las grabaciones, los participantes tenían edades comprendidas entre los 30 y los 50 años y residían en Reus (provincia de Tarragona).

El corpus controlado se obtuvo leyendo una serie de frases cortas de estructura (S)VO con un máximo de dos acentos de intensidad por frase, como por ejemplo:

- (10) a. *Que vols una neula?* (¿[Que] quieres una neula?)
 b. *Vols una neula?* (¿[Quieres] una neula?)
 (11) a. *Que vols meló?* (¿[Que] quieres melón?)
 b. *Vols una mica de meló?* (¿[Quieres] un poco de melón?)

De acuerdo con la práctica en estudios de entonación, se procuro maximizar el número de sonidos sonoros (esto es, sonidos como vocales, y las consonantes sonoras: n, m, l, d, b, etc.) para evitar la presencia de discontinuidades y perturbaciones en la frecuencia fundamental

En la grabación del corpus semi-espontáneo, que se realizó en la misma sesión, los hablantes participaron en parejas, dramatizando situaciones hipotéticas que requerían realizar ofertas y peticiones. Por ejemplo, en una situación determinada, se les pedía que imaginasen que tenían invitados para cenar y que les tenían que preguntar si querían más comida, si tomarían café, si tomarían azúcar con el café,

etc. En otra situación, tenían que pedir diversos favores a desconocidos o vecinos, como por ejemplo:

(12) (a) Pedirle a un desconocido en la calle: (i) la hora, (ii) que les dejase usar el teléfono móvil.

(b) Pedirle a un vecino: (i) que les prestase algo de azúcar o de café, (ii) que les cuidase a un niño pequeño por unas horas.

En todas estas situaciones, el valor del factor $P(S,H)$ es nulo, ya que no se da el caso de que un hablante tenga más poder sobre el otro. En el caso del desconocido en 12.a, la distancia social sería algo mayor que en el caso del vecino en 12.b, y por ello el índice $D(S,H)$ sería más alto. Por lo que respecta al coste para el oyente (índice R_x), pedir la hora o algo de azúcar tienen un coste bajo mientras que usar el móvil y cuidar a un niño tienen un coste alto. Con estas situaciones se crea una gradación en el peso de la amenaza representada por la petición. Esperamos, por tanto, encontrar diferencias en el tipo de estrategia de cortesía usada y, específicamente, en el uso de uno u otro patrón entonativo.

3. Análisis

La primera pregunta de investigación era: (i) ¿qué patrón entonativo se emplea en situaciones en que se requiere un grado alto de cortesía? Para responderla, veremos primero el análisis de las ofertas y después el de las peticiones, con ejemplos de ambos corpus.

Las ofertas típicamente se realizan con una pregunta directa y esta recibe un patrón descendente o bien un patrón descendente pero con final ascendente. La Figura 2 y la 3 muestran dos ejemplos de oferta realizados con el patrón descendente-ascendente:

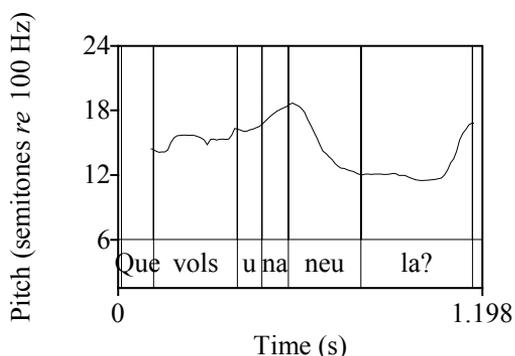


Figura 2 Curva de frecuencia correspondiente a la oferta *Que voleu una neu la?* (¿[Que] quieres una neu la?)

La Figura 2 muestra la entonación típica más frecuente con las ofertas: descendente *pero con un final ascendente*. Este patrón se idéntico al patrón descendente excepto en la subida final de la que carece el patrón descendente.



Figura 3 Curva de frecuencia correspondiente a la oferta *A les herbetes, que hi voldreu, una miqueta de mel?* (¿Con las hierbecitas, [que] querréis un poquito de miel?)

La Figura 3 muestra una pregunta de oferta que consta de tres unidades entonativas consecutivas, cada una de ellas realizada con un patrón descendente y la última (*una miqueta de mel?*), adicionalmente, con un final ascendente.

También es posible usar con las ofertas un patrón ascendente especial con núcleo alto que es fonéticamente similar al llamado *high-rise* del inglés británico (ver por ejemplo, Gussenhoven 2004: 298-300). Vemos un ejemplo en la Figura 4.

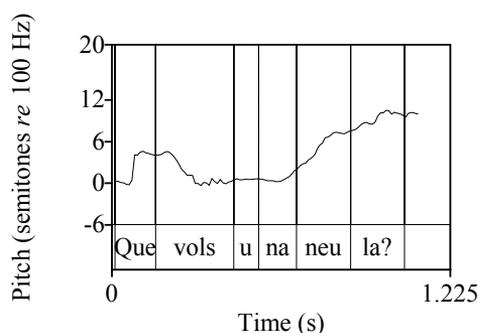


Figura 4 Curva de frecuencia correspondiente a la oferta *Que vols una neula?* (¿[Que] quieres una neula?)

Este patrón combina un acento melódico descendente, un posible acento ascendente y un tono de frontera alto. El acento descendente se sitúa en el verbo *vols* (¿quieres?); el tono es alto en la sílaba previa que corresponde a la partícula *que* y luego baja a lo largo de *vols* (L*). A continuación vemos una subida en la

sílaba acentuada de la última palabra, *neu-* en *neula*, que corresponde a un acento melódico (H* o L*+H). Finalmente, tenemos un tono de frontera alto (H%).

Este patrón entonativo puede usarse, como en este caso, cuando el hablante está seguro de que el oyente desea algo, pero no sabe a ciencia cierta que puede ser: «¿Quieres una neula? (no sé, quizás quieras otra cosa...)». Su uso es muy frecuente, por ejemplo, cuando el hablante se dirige a un niño.

Los ejemplos (13) a (15) muestran peticiones típicas:

(13) *Perdoni, que em podria deixar el mòbil per fer una trucada urgent? Ja li pagaré el que sigui.* («Perdone, [que] me podría dejar el móvil para hacer una llamada urgente? Ya le pagaré lo que sea»)

(14) *Que li faria res que li deixés un ratet el nen? Haig d'anar a comprar i em precisa molt.* («[Que] le importaría que le dejase un ratito al niño? He de ir a comprar y lo necesito mucho»)

(15) *Que em pots cangurar una estona al meu nebodet? Mira que mono que és!* («[Que] me puedes cuidar un rato a mi sobrinito? ¡Mira que mono que es!»)

Todas las peticiones se acompañaron de una o más de las siguientes estrategias modificadoras: (i) uso del subjuntivo, del condicional, o de verbos modales; (ii) justificación de la necesidad de hacer la petición; (iii) promesa de que no el acto no tendrá un gran coste para el oyente (ver Blum-Kulka, S. 1987, Sifianou, M. 1992).

En todos los casos, las peticiones se introdujeron con la partícula *que* y se entonaron con el patrón descendente, o bien con un patrón descendente pero con final ascendente. En la Figura 5 vemos la petición del ejemplo (13):

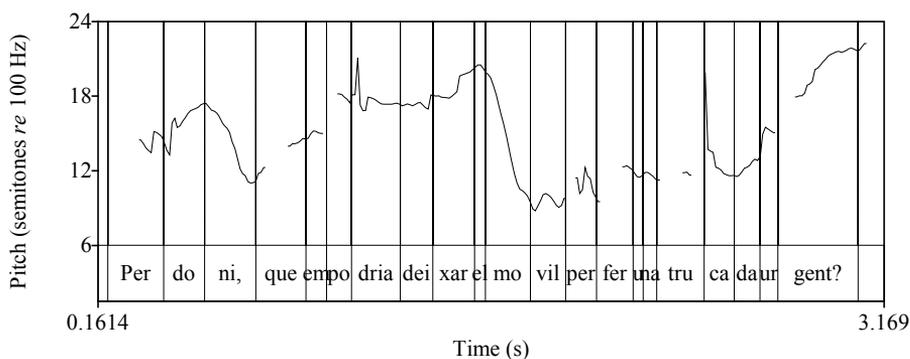


Figura 5 Curva de frecuencia correspondiente a la petición *Perdoni, que em podria deixar el mòbil per fer una trucada urgent?* (Perdone, [que] me podría dejar el móvil para hacer una llamada urgente?)

La petición en la Figura 5 consta de tres frases entonativas diferentes, las dos primeras una con un patrón descendente y la última con un final ascendente similar al de la frase de la Figura 4. El último acento es alto y va seguido de una subida

final. Esta configuración acentual, relativamente rara, en el corpus se usa tanto con ofertas como peticiones. Con peticiones, el significado cambia sutilmente.

El análisis fonológico no muestra una preferencia clara por un patrón entonativo concreto en función del grado de cortesía requerido; tanto las peticiones como las ofertas se realizan generalmente con el patrón descendente (ocasionalmente con el descendente-ascendente). En situaciones que requieren máxima cortesía, como por ejemplo una petición costosa o a un desconocido, se emplea adicionalmente un variado repertorio de expresiones modificadoras.

La segunda pregunta de investigación era: (ii) ¿es cierto que la partícula *que* solo aparece con el patrón descendente? Para responder a esta pregunta, se han analizado las preguntas absolutas del corpus controlado y del semi-espontáneo, 142 en total. La distribución se observa en el gráfico de la Figura 6.

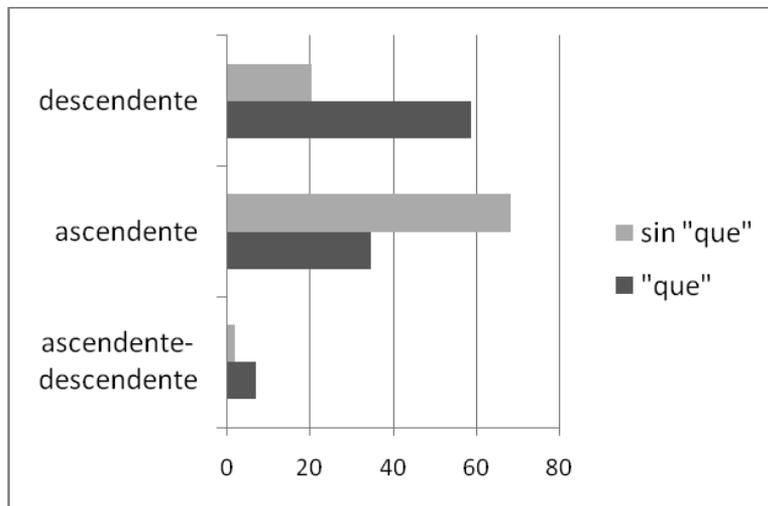


Figura 6 Distribución de los tres tipos de patrones entonativos en preguntas con y sin *que*. Los tres tipos de patrones entonativos se presentan en el eje vertical y los porcentajes en el eje horizontal.

Las preguntas encabezadas por la partícula *que* reciben generalmente el patrón descendente (59% de los casos), aún cuando también pueden recibir el patrón ascendente (34%). El patrón descendente-ascendente es más raro (7%), pero también es posible. Por lo que respecta a las preguntas sin *que*, estas generalmente reciben el patrón ascendente (68%), más raramente el descendente (20%), y aún más raramente el ascendente-descendente (2%). Un análisis estadístico realizado en SPSS confirma que la diferencia en la distribución de los patrones es estadísticamente significativa (t -test, $t=3.553$, $p<0.01$) y que existe una asociación clara entre el uso del patrón descendente y las preguntas con *que* y el ascendente y las preguntas sin *que* (Pearson test, $r(24)=0.5$, $p=<0.01$).

4. Conclusión

Las peticiones representan una amenaza para la imagen pública mucho mayor que las ofertas, y esto se refleja en el uso de expresiones modificadoras. Tanto las peticiones como las ofertas se realizan con una pregunta directa encabezada por *que*, pero en el caso de las peticiones, esta pregunta se acompaña adicionalmente de expresiones para introducir la petición (*Mira, he de demanar-te un favor...*, «Mira, he de pedirte un favor...»), de justificaciones de la necesidad de realizar la petición (*Es que ho necessito molt...*, «Es que lo necesito de verdad...»), de expresiones como *por favor*, de promesas de compensar al oyente o de que el coste de la acción no será muy elevado, o incluso de diminutivos o expresiones minimizantes (*será un ratet*, «será un ratito»). Este uso de expresiones modificadoras no es exclusivo del catalán si no que coincide con lo señalado en otros estudios previos (Sifianou 1992, en griego; Márquez Reiter 2002, García, C. 1993, en español).

Tanto las peticiones como las ofertas se realizan con el patrón descendente, ocasionalmente con el descendente-ascendente. Ambos se acompañan de la partícula *que*: absolutamente siempre en el caso de las peticiones a desconocidos o vecinos (sin importar si el coste para el oyente es alto o bajo) y casi siempre en el caso de las ofertas. La respuesta a la primera pregunta de investigación (¿qué patrón entonativo se emplea en situaciones en que se requiere máxima cortesía?) es que en situaciones que requieren cortesía se emplea con preferencia el patrón descendente, seguido del descendente-ascendente. En situaciones que requieren máxima cortesía, como por ejemplo una petición costosa o a un desconocido, se emplea además un variado repertorio de expresiones modificadoras. Tanto las ofertas como las peticiones con *que* y el patrón descendente resultan más corteses. Sin embargo, el uso de *que* no desencadena automáticamente el uso del patrón descendente. En respuesta a la segunda pregunta de investigación (¿es cierto que la partícula *que* solo aparece con el patrón descendente?) hemos visto que existe una fuerte tendencia a usar el uno cuando se usa el otro. La correlación entre el uso de uno y el otro es moderadamente fuerte y estadísticamente significativa, pero no es cierto que la partícula *que* solo aparece con el patrón descendente.

Referencias bibliográficas

Asu, E.L. (2003). The phonetics and phonology of Estonian intonation. Tesis doctoral. University of Cambridge.

Baltazani, M. (2004). Intonation of polar questions in Greek and the location of the nucleus. Paper presented at the International conference on Tone and Intonation, Santorini (ESF Scientific network).

Beckman, M., Díaz-Campos, M., McGory, J.T., Morgan, T.A. (2002). Intonation across Spanish, in the Tones and Break Indices framework. *Probus* 14, 9-36.

Blum-Kulka, S. (1987). Indirectness and politeness in requests: Same or different? *Journal of Pragmatics* 11.131-146.

- Bonet, E. (1984). *Aproximació a l'entonació del català*. Tesis de licenciatura, Departament de Filologia Catalana, Universitat Autònoma de Barcelona.
- Bonet, E., Solà, J. (1986). *Sintaxi generativa del català*. Barcelona: Enciclopedia Catalana.
- Brown, P., Levinson, S. (1987). *Politeness: Some universals in language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press
- Cuenca, M. J. (1997). Form-Use Mappings for Tag Questions. In *Discourse and Perspective in Cognitive Linguistics*. En W.-A. Liebert, G. Redeker & L. Waugh (eds), 3-19. Amsterdam: John Benjamins.
- Fraser, B. Perspectives on politeness. *Journal of Pragmatics* 14: 219-236.
- García, C. (1993). Making a request and responding to it: A case study of Peruvian Spanish speakers. *Journal of Pragmatics* 19.127-152.
- Gussenhoven, C. (2004). *The Phonology of Tone and Intonation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hualde, J.I. (1992). *Catalan*. London and New York: Routledge.
- Jary, M. (1998) Relevance theory and the communication of politeness, *Journal of Pragmatics*, 30, 1-19.
- Kasper, G., (1990). Linguistic politeness: Current research issues. *Journal of Pragmatics* 14:
- Koike, D. (1994). Negation in Spanish and English suggestions and requests: Mitigating effects? *Journal of Pragmatics* 21.513-526.
- Ladd, D.R. (1996). *Intonational phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Levinson, S., (1983). *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press
- Márquez Reiter, R. (2002). Cortesía en el español hablado de Montevideo. En M.E. Placencia y D. Bravo. *Actos de habla y cortesía en español*. Muenchen. Lincom Europa.
- Fernández Planas, A. M., Martínez Celdrán, E., Carrera Sabaté, J., van Oosterzee, C., Salcioli Guidi, V., Castellví Vives, J., Szmidt Sierykow, D. (2004) Interrogatives absolutes al barceloní i al tarragoní (estudi contrastiu). *Estudios de Fonética Experimental*, XIII, 129-155.
- Martínez Celdrán, E., Fernández Planas, A. M., Carrera Sabaté, J., Espuny, J., Monserrat, J. (2005). Approche du mappé prosodique dialectal de la langue catalane en Catalogne. Géolinguistique. Special issue on Projet AMPER, Hors série n.3, 103-151.
- Mascaró i Pons, I. (1986) Introducció a l'entonació dialectal catalana. *Randa*, 22: 5-38
- Payà, M. (2003). Politeness strategies in spoken Catalan: when prosodic and non prosodic elements don't match. *Paper presented at the 6th NWCL International Conference: Prosody and Pragmatics*, Preston (UK), November 15, 2003.
- Payà, M. & Vanrell, M. M. (2005). Yes-no questions and echo questions intonation in Majorcan and Minorcan Catalan. Paper presented at Phonetics and Phonology in Iberia, PaPI 05. Universitat Autònoma de Barcelona, 20-21 June, 2005. <http://seneca.uab.es/filologiacatalana/papi>
- Payrató (2002). L'enunciació i la modalitat oracional. En J. Solà, M. R. Lloret, J. Mascaró & M. Pérez-Saldanya (eds), *Gramàtica del català contemporani*. Barcelona: Empúries, 1151-1222.
- Pierrehumbert, J. (1980). *The phonetics and phonology of English intonation*. Tesis doctoral. MIT.
- Prieto, P. (1998). Notes sobre l'entonació dialectal del català: Les oracions

interrogatives absolutes. *Actes del Novè Col·loqui d'Estudis Catalans a Nord-Amèrica*. Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 347-377.

Prieto, P. (2002). Entonació. En J. Solà, M.R. Lloret, J.Mascaró, M. Pérez Saldanya (eds) *Gramàtica del català contemporani*. Barcelona: Editorial Empúries, 393-462.

Prieto, P. & Pradilla, M. A. (2004). Les inflexions finals en l'entonació del tortosí. En M. À. Pradilla Cardona (ed) *Qüestions de llengua i literatura a les comarques de la Diòcesi de Tortosa*, 277-286. Benicarló: Onada Edicions.

Prieto, P., Aguilar, L., Mascaró, I., Torres-Tamarit, F., Vanrell, M.M. (2009). L'etiquetatge prosòdic Cat_ToBI. *Estudios de Fonética Experimental XVIII*, 287-309.

Prieto, P., Rigau, G. (2007) The syntax-prosody interface: Catalan interrogative sentences headed by que. *Journal of Portuguese Linguistics*, 6-2 (2007), 29-59.

Ramírez Verdugo, M^a D., Astruc, L., and B. Morán (2007). Entonación interrogativa en español y en inglés, in J. Dorta et al (eds) *La prosodia en el ámbito románico*. Colección Universidad. Madrid: La Pàgina Ediciones S.L., 210-232.

Rigau, G.(1984). De com si no es conjunció i d'altres elements interrogatius. *Estudis Gramaticals*. Bellaterra: Publicacions UAB.

Rizzi, L. (2001). Locality and Left Periphery. In A. Belletti (ed), *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structures* vol II, 223-251. Oxford: Oxford University Press.

Sifianou, M. (1992). *Politeness phenomena in England and Greece. A cross-cultural perspective*. Oxford: Clarendon Press.

Wierzbicka, A. (2003). Cross-cultural pragmatics: *The semantics of human interaction. Second edition*. Berlin: Mouton de Gruyter.



A linguagem do Padre António Vieira como precursor dos direitos humanos na primeira globalização

Rui Dias Guimarães
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
ruidiasguimaraes@gmail.com

Aos Drs. Lino Simões e
Paulo Ponço

Resumo

A linguagem dos sermões e ensaios do Padre António Vieira, considerada na esteira de Coseriu como *énergeia* ou uma actividade livre e transformadora, com um espírito edificador através de uma estrutura ideacional ou da criação ideacional, segundo Halliday, considerando o contexto social e objectivo da comunicação originando um padrão ideacional, segundo Roger Fowler, foi livre e activamente geradora da ideia de direitos humanos no séc. XVII, ideia continuadora da primeira globalização iniciada nos séculos XV e XVI, conceito de globalização segundo novas perspectivas actuais, como a que nos é sugerida por Jorge Rodrigues e Meireles-Coelho, que evidenciam o conflito entre a velha ordem do mundo antigo intolerante e reducionista do homem e da sua dignidade universal, visão eurocêntrica, e o mundo novo resultante do pensamento global e universal e de novos direitos e valores relacionados com a nova visão humanista do homem, visão global e planetária a partir do lusocentrismo de Vieira, fruto da sua mundividência intercontinental, ideia que assenta as raízes humanistas em Gil Vicente, Camões e Thomas More, detectável sobretudo nos sermões, através da estrutura ideacional e da criação ideacional, da criação ideacional no texto da ideia de direitos humanos, na primeira globalização, conceito de global na metáfora do mundo como «praça ou feira universal» no *Sermão da Rainha Santa Isabel* e da projecção de novos valores em novas tormentas e sagas humanistas, como Vieira evidencia em *História do Futuro*, colocam o Padre António Vieira como um precursor dos direitos humanos em Portugal, na Europa e no mundo, já que a edificação dos novos valores, detectável pela análise da linguagem, com a criação ideacional dos direitos humanos, foi praticamente coetânea da primitiva declaração de direitos inglesa, pioneira sobre direitos e liberdades no exercício do poder parlamentar, a *Bill of Rights* de 1689, e precursora dos direitos humanos em relação às primitivas declarações de direitos das colónias inglesas da América do Norte, seja a *Declaração e Resolução do Primeiro Congresso Continental*, de 1774, a *Declaração de Direitos de Virgínia*, de 1776, a *Declaração de Direitos e Garantias da Constituição Federal Norte-Americana*, de 1791, seja a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, de 1789, da Revolução Francesa do Séc. XVIII. A elaboração de uma linguagem dos direitos humanos como códigos de uma língua social dentro de um novo humanismo, evidenciam o valor do Padre António Vieira no ano de 2008, em que se comemora o quarto centenário do seu nascimento.

Palavras-chave: Criação ideacional no discurso (linguística textual); discurso sermonístico; língua e comunicação de valores; primeira globalização; direitos humanos.

1. Introdução

A linguagem do Padre António Vieira, notável pregador e orador do séc. XVII, e dentro dela a criação ideacional da língua como actividade livre, sobretudo na sermonística, perspectivada como comunicação, o seu pioneirismo quanto à ideia de direitos humanos, em relação aos quais se pode considerar precursor, num tempo histórico por alguns perspectivado como a primeira globalização, é esta a natureza do problema que pretendemos focar.

Analisar e aplicar conceitos linguísticos relacionados com o texto e a comunicação, sobretudo tendo em vista a estrutura das ideias do discurso, com relevo para a criação ideacional no que respeita aos direitos humanos, observar algumas obras importantes de Vieira, na sermonística e fora dela, analisar comparativamente alguns textos de declarações de direitos, com destaque para as primitivas declarações de direitos dos séculos XVI, XVII e XVIII, tendo em atenção as ideias de direitos humanos do Padre António Vieira, assim como considerar algumas perspectivas actuais de globalização, constituiu o nosso trabalho prévio.

Situar o discurso vieirino, no que diz respeito à ideia dos direitos humanos, como precursor dos mesmos já na primeira globalização, com repercussões de intemporalidade nas diferentes gerações de direitos actuais, como aspectos de um novo humanismo e códigos de uma língua social a nível global e planetário para o presente e futuro, é o nosso principal propósito.

1. A estrutura ideacional do texto vieirino, reflexo de uma nova mundialidade.

Sem pretendermos traçar uma biografia ou bio-bibliografia do Padre António Vieira, importa referir alguns aspectos fundamentais para a compreensão da sua obra e do seu contexto social e civilizacional.

Padre Jesuíta, Vieira, com alguma ascendência africana, nasceu em Lisboa em 1608 e viria a falecer no Brasil em 1697. Por ele passou a crise portuguesa da perda da independência em relação a Espanha e a Restauração de 1640.

Hoje, Vieira é, por diversos críticos portugueses e brasileiros, considerando luso-brasileiro, e conhece uma enorme admiração, talvez mais no Brasil do que em Portugal, pelas causas defendidas quanto aos índios brasileiros e à escravatura negra. A luta pela dignidade humana.

A vida do Padre António Vieira repartiu-se por dois continentes, o americano e o europeu e, desde logo, dentro do espírito religioso, abriu novos horizontes que marcariam a sua obra.

É a comunicação o cerne da obra de Vieira. A comunicação de novos valores

e de novos códigos de conduta de um novo humanismo. Por alguns apontado como o maior orador português de todos os tempos. A comunicação, na sua expressão oral, sobretudo realizada através dos seus conhecidos sermões e com o registo linguístico magistralmente escrito.

É tal o nível do registo linguístico escrito que Vieira é considerado por muitos, como pelo próprio Fernando Pessoa, como o mestre da Língua Portuguesa.

Iremos tentar abordar alguns aspectos do registo linguístico do texto vieirino, tendo em conta alguns princípios da linguística da comunicação e, dentro do vasto universo das ideias veiculadas para o auditório vivo, sobretudo através da sermonística, na complexa estrutura ideacional, a criação ideacional no registo linguístico que se prende com a comunicação de valores e de novos valores, sobretudo os direitos humanos.

Esta criação ideacional ou a ideia dos direitos humanos em Vieira está bem dentro do espírito das primitivas declarações de direitos, nomeadamente as inglesas, da qual é coetânea, e precursora em um século da declaração de direitos da Revolução Francesa e das declarações de direitos da Revolução Americana.

O grande enquadramento desta criação ideacional ou da ideia dos direitos humanos, com registo linguístico nos famosos sermões é, segundo perspectivas actuais, o enquadramento da primeira globalização dos séculos XV-XVI com a sua expansão no Mundo Novo já no séc. XVII e mais concretamente no século XVIII no continente americano.

É uma nova visão do homem que Vieira apresenta, a radicar já no novo conceito científico renascentista da globalidade da Terra, o próprio conceito de globo e de global, em cientistas como Pedro Nunes, ou na *Utopia* de Thomas More. A criação de uma nova linguagem de códigos de conduta globais que Vieira claramente evidencia na sua *História do Futuro*, dirigidos à humanidade e à família humana.

Sobretudo no registo linguístico da comunicação conseguida através dos sermões, isolando na criação ideacional a ideia dos direitos humanos, tendo em atenção o contexto da época e choque dos valores do eurocentrismo do mundo antigo e a nova visão humanista e global do mundo novo, avaliar até que ponto Vieira foi um precursor dessa ideia à escala europeia e mundial, constitui o nosso principal objectivo, servindo também para homenagear o Padre António Vieira neste ano em que se comemoram quatrocentos anos do seu nascimento.

3. *Enérgeia* e criação ideacional

Propomo-nos abordar o tema *Padre António Vieira, precursor dos direitos humanos na primeira globalização*, dentro de um tratamento de fundo, a plasmação linguística, literária cultural e comunicativa sob a experiência da vivência cívica e mística.

Perspectivamos a linguagem como uma actividade livre, como afirma Coseriu (1985:23): «*Com a determinação da linguagem como enérgeia, alcançamos um ponto decisivo. A linguagem é agora, para nós, uma actividade livre. Pertence,*

pois, ao propriamente humano, já que só o homem é livremente activo».

É a cultura da palavra livre, ou da linguagem livre sob a experiência da vivência cívica e mística. A cultura da palavra livre, no ser livre e criador de liberdade humanística a seguir uma única bandeira, o rosto do homem universal, e a pugnar pela sua libertação.

Sobretudo através dos sermões, o Padre António Vieira desenvolveu grandes exemplos de comunicação e de oratória, comunicação oral, de que nos ficaram legados magistralmente escritos. Não existe sermonística e oratória sem comunicação oral com registo escrito.

A linguagem de Vieira reflecte o ser. Aí, no ser universal e na irmandade da família humana, reside o Padre António Vieira, o mestre da língua portuguesa, como o definiu Pessoa.

A grande experiência da vivência cívica e mística de Vieira, espelhando o continente americano, sobretudo no Brasil; e o continente europeu, sobretudo em Portugal, amplia a visão da língua portuguesa, renascida numa mesma-outra língua de novos signos dentro da qual Vieira infixa uma outra já como sistema de valores e códigos de conduta, num espírito edificador em que a língua, como afirma Halliday (1971:332): *«serve para exprimir conteúdos – tem uma função representativa ou, melhor, ideacional...o falante ou o escritor utiliza a língua para dar forma à sua maneira de olhar os fenómenos do mundo, que inclui a interpretação do mundo interior da sua consciência, isto é, as suas reacções, cognições e percepções e, também, os actos linguísticos relativos à expressão oral e compreensão das coisas».*

É o mundo interior da consciência de Vieira que o fez transbordar das limitadas fronteiras de Portugal e da Europa e lhe conferiram já uma dimensão universal e planetária, definindo a dimensão europeia de Portugal como um porto de partida.

Torna-se relevante distinguir nos textos de Vieira a estrutura ideacional, a variação ideacional e sobretudo a criação ideacional que distingue os seus textos de outros.

Em *Crítica Linguística*, afirma Roger Fowler (1994:224) que *«o contexto social e o objectivo da comunicação produzem um conjunto de significados característicos que, por sua vez, são codificados numa determinada estrutura textual, originando um padrão ideacional inteligível para os interessados.».*

Contudo, em Vieira, a experiência da vivência cívica e mística intercontinental dentro da pluralidade, lançou-o para caminhos de uma nova criação ideacional, muito para lá de um simples contexto social mas dentro de um tecido de diferentes contextos sociais muitos deles desconhecidos e intercontinentais, novas mundividências, uma nova criação ideacional que informa muitos dos seus textos, sobretudo os sermões.

A língua portuguesa, ao expandir-se pelos cinco continentes, após os descobrimentos de seiscentos, e sobretudo numa maior expansão com assimilação de novas fonias, léxicos e estruturas, relacionados com diferentes culturas, já em setecentos, adquiriu uma nova dimensão global, ampliando também a maneira de

ver o mundo e, na perspectiva humanista, de ver o próprio homem.

Ainda como afirma Roger Fawler (1994:255) «*uma língua dá forma não a uma mas a várias maneiras de olhar o mundo e, assim sendo, torna-se claro que os falantes não se vão submeter a um único sistema de crenças*».

O Padre António Vieira acompanhou a realidade da consolidação das descobertas e o desenvolvimento da língua portuguesa como pátria multicultural, em setecentos, com a luz de novos valores universais do humanismo, e, a partir da linguagem como *enérgeia*, actividade livre da dimensão espiritual profunda inerente ao propriamente humano, o homem livremente activo.

Indubitavelmente que Vieira está intimamente relacionado com o desenvolvimento da língua portuguesa numa dimensão maior, sobretudo no âmbito da lusofonia, considerando sobretudo o Brasil e a dimensão cultural e intercultural.

A criação ideacional do texto vieirino, fruto de diversas mundividências e da sua dimensão cívica e mística e da linguagem como actividade livre, aponta para uma nova visão universal do homem seja no Portugal colonial e imperial de então seja na própria Europa. É uma criação ideacional com forte intervenção social que o levaria a ser julgado pelo tribunal do Santo Ofício, perante o qual se defendeu, imbuído de um messianismo lusocêntrico «*na subordinação do tema do Quinto Império á ideia de uma plenificação da história*» (Borges: 1995, 13).

Textos inaugurais de um paradigma de globalização, detectam-se na visão visionária de *História do Futuro*, as *Esperanças de Portugal*, a *Clavis Prophetarum* ou a *Defesa Perante o Tribunal da Inquisição*, com a ideia do Quinto Império, originariamente bíblica e judaica, «*um império universal, harmónico, onde coubessem todas as raças e todas as culturas, unidas espiritualmente num único reino cristão e católico*» (Sá: 1984,22) ideias que hoje se retomam em diferentes acepções.

Considerando os sermões, como comunicação oral directa e com um registo linguístico escrito, Vieira usou a linguagem como actividade livre em acções sociais e transformadoras de pregação e oratória que constituem «*acções sociais que levam a cabo os utentes da linguagem quando comunicam entre si em situações sociais e dentro da sociedade e da cultura em geral.*» (Van Dijk:2001).

4. Novos códigos da primeira globalização - o velho mundo antigo e o novo mundo

A visão do homem universal e da globalização, mesmo política e económica, evidencia-se, claramente, no *Sermão da Rainha Santa Isabel*, proferido como uma modalidade específica de comunicação oral, imbuída de misticismo e espiritualidade, em 1674, na Igreja de Santo António dos Portugueses.

Neste sermão, a expressão «*feira universal*» corresponde metaforicamente a globalização e comunicação global: Afirma o Padre António Vieira, em 1674: «*Este mundo, senhores, composto de tanta variedade de estados, officios e exercicios públicos e particulares, políticos e económicos, sagrados e profanos, nenhuma*

outra cousa é senão uma praça ou feira universal, instituída e franqueada por Deus a todos os homens, para negociarmos nele o Reino do Céu.» (Vieira: 1999).

Essa criação ideacional do texto, na acepção de Halliday (*idem, ibidem*) sobre a função linguística e o estilo literário, é complexa e desenvolve-se em diferentes direcções; entre outras, como a que nos apresenta Paulo Borges (1995) quanto à *ideia do Quinto Império* na defesa perante o tribunal do Santo Ofício.

Contudo, é o aspecto de Vieira como precursor dos direitos humanos, a *ideia dos direitos humanos*, que também poderá estar relacionada com a *ideia de Quinto Império*, como parte de códigos de uma língua de valores, ou de uma língua mais perfeita na linguagem dos direitos humanos, uma língua social, que nos interessa salientar num momento histórico que alguns teóricos designam como primeira globalização.

Para tentar tornar mais preciso o conceito linguístico de estrutura ideacional, como afirma Halliday (*idem, ibidem*) e observar a criação ideacional, podemos recorrer ao conceito de discurso, em termos semio-linguísticos como uma sequência que enuncia uma mensagem significativa e que se torna, portanto num discurso duplo (Greimas: 1976, 84).

O discurso vieirino apresenta uma multidimensionalidade, que passa pela literatura, sermonística, oratória, ensaio, epistolografia, entre outros, e reduzir o discurso a uma unidimensionalidade sermonística, por exemplo, seria amputar a sua bidimensionalidade.

Para se poder entender o texto vieirino, sobretudo os sermões, é preciso enquadrá-lo no contexto histórico e civilizacional da crise civilizacional europeia e das novas mundividências planetárias, de que Vieira é um dos principais actores, a nível europeu e luso-brasileiro com expansão universal.

Podemos considerar que os tempos modernos tiveram lugar, historicamente, no séculos XV-XVI e abriram novos caminhos para a humanidade, por oposição aos tempos antigos.

O tempo moderno dos séculos XV-XVI é o tempo da primeira globalização, desenvolvido e consolidado no séc. XVII, praticamente o séc. do Padre António Vieira (1608-1697).

Com um mais perfeito conhecimento do mundo e os novos conhecimentos científicos e da razão experimental, os descobrimentos portugueses e ibéricos deram novos mundos ao mundo e afloraram o Novo Mundo.

Duas visões colidiram com reacções de intolerância brutais e desumanas, a dos tempos novos e a dos tempos velhos, uma nova visão humanista global e planetária, a da primeira globalização, aberta ao mundo, e a velha visão fechada e eurocêntrica antiga.

Opondo-se à velha visão eurocêntrica fechada do mundo antigo, Vieira apresenta o seu *«lusocentrismo quinto-imperial – momento simultaneamente precursor e extremo de uma dada vertente do próprio pensamento profético-messiânico ocidental, modelando ainda as suas várias formas da sua laicização contemporânea – para o que dele frutifica em Pascoaes, Pessoa, Raul Leal, Almada Negreiros e Agostinho da Silva, num aprofundamento e transfiguração que procede*

já do enraizamento em Gil Vicente e Camões» (Borges:1994, 11).

Então, surgiram já as primeiras manifestações para deseducar a Europa e o mundo antigo, cravada de tantas injustiças, fanatismos e intolerâncias, e dotá-la, bem como a humanidade, de novos códigos de conduta e de novos valores humanistas. São, de facto, princípios dos direitos humanos. E Vieira foi um precursor, neste domínio.

Na sua *História do Futuro*, afirma Vieira, em 1644: «*assim como lês então aquelas vossas histórias, lede agora esta minha, que também é toda vossa. Vós descobristes ao mundo o que ele era, e eu vos descubro a vós o que haveis de ser. Em nada é segundo e menor este meu descobrimento, senão maior em tudo. Maior cabo, maior esperança, maior império*» (Vieira: 1982).

A este espírito novo não é alheio o humanismo de Thomas More (1478-1535) e da sua *Utopia* que Vieira incorporou e desenvolveu com o sentido do ideal humanista ou já de um novo humanismo.

Ouvem-se, hoje, novas vozes que perspectivam os portugueses como os pioneiros da primeira globalização (Rodrigues, Jorge Nascimento, Devezas, Tessaleno (2007), ou a primeira globalização e as continuadas descobertas no ambiente antropológico do séc. XV a XVII, Meireles-Coelho, Carlos (2005^a), ou mesmo a própria crise da primeira globalização, Cruz, Alexandre Manuel Silva e (2008).

5. Padre António Vieira, precursor dos direitos humanos.

Iniciámos esta nova leitura de Vieira como precursor dos direitos humanos, leitura válida para a época de seiscentos e setecentos, para o presente e para o futuro, nos seminários da unidade curricular *Linguagem e Cultura de Direitos Humanos em Portugal* que ministramos ao mestrado em cultura portuguesa da UTAD, aplicando uma metodologia interdisciplinar.

Em boa hora, Elisabete Martins, uma das alunas do mestrado, decidiu, em 2004, eleger este tema para dissertação, com o título *Padre António Vieira: Precursor dos Direitos Humanos em Portugal*, com um *constructo teórico* interdisciplinar, defendida com êxito e brilho em 2005.

Pretendeu Martins (2005) circunscrever a nova faceta desvendada de Vieira a Portugal na dimensão imperial de então.

Contudo, já nessa altura se nos afigurou existir uma dimensão maior que poderia ir mais além do que a das portas do império, dimensão que poderia ser pioneira e precursora dos direitos humanos na Europa e no novo mundo que se estava a conhecer melhor, e que alguns teóricos designam por primeira globalização; fruto de uma mundividência nova e uma educação intercontinental, praticamente realizada no Brasil.

Efectivamente, Vieira nasceu em Lisboa mas ainda de tenra idade, em 1614, com apenas sete anos, acompanhou a família na sua ida para o Brasil, onde o pai ia ocupar o cargo de escrivão na Relação da Baía e ingressou como aluno externo no Colégio dos Jesuítas da Baía, ficando para sempre ligado aos jesuítas.

Cursou Teologia na Companhia de Jesus e foi ordenado sacerdote com 26 anos, em 1634. Conheceu profundamente o interior brasileiro e a vida dos índios, onde lhe brotou o princípio da defesa dos índios contra os colonos escravagistas, e contra todas as formas de servidão humana.

A dignidade, a liberdade, a igualdade, a solidariedade e responsabilidade, a universalidade, são os princípios dos direitos humanos que a criação ideacional de Vieira gerou no discurso pujante de *enérgica* ou a linguagem como actividade livre, que se mantêm hoje inalterados, aos quais se acrescentou, através da legislação, o princípio da autoridade.

«Sabei, pois, todos que sois chamados escravos, que não é escravo tudo o que sois. Todo o homem é composto de alma [...] De maneira irmãos pretos que o cativoiro padeceis, por mais duro e áspero que vos pareça, não é cativoiro total, ou de tudo o que sois, senão meio cativoiro», afirma no Sermão Vigésimo Sétimo.

No século de seiscentos, os sermões predominam largamente e para além de um género literário cultivado pelo padre que cultivava as letras e a língua, era o género por excelência do pregador.

Ultrapassavam largamente as questões religiosas e focavam os aspectos das diferentes facetas da vida social, economia, política, guerra, costumes, valores. Era uma forte intervenção social moralizadora em que se discutiam e apresentavam valores e visões do mundo, ideias ainda actuais: «*A Paz não se conquista com exércitos armados; conquista-se com uma só espada, que é a justiça; e com dois escudos, que são os das suas Balanças*», afirma no Sermão sobre a Paz.

Era a base da pregação, escutada avidamente pelo povo, de modo directo, à semelhança do cristianismo primitivo, tendo por exemplo a pregação directa de Cristo, com um lado espectacular e directo.

O profundo sentimento religioso, a essência dos direitos humanos à escala universal, sobretudo a defesa dos índios contra o escravagismo, o messianismo, o patriotismo são recorrentes evidentes nos sermões de Vieira.

Citemos, em traços gerais, e a título de exemplo, alguns sermões. No *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal Contra as da Holanda*, e o *Sermão da Visitação de Nossa Senhora*, ou o *Sermão de Santo António*, pregados em Lisboa, em 1640, apresenta a defesa patriótica e a intervenção em temas políticos.

No *Sermão dos Bons Anos*, pregado em Lisboa, em 1642, defende a Restauração da independência os direitos dos judeus e Cristãos-Novos. No *Sermão de São Roque*, condena a ambição, a cobiça, a vaidade e a prepotência. No *Sermão do Rosário*, condena a escravatura dos negros e apresenta a defesa dos direitos dos índios do Brasil. O *Sermão do Mandato* é uma elegia ao amor a partir de Cristo.

No *Sermão da Primeira Domingo do Advento ou Sermão do Juízo*, condena a corrupção política e a ambição e a pobreza social. No *Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*, condena Vieira os colonos que têm indígenas como escravos. No *Sermão de Santo António aos Peixes* apresenta como tema central o problema dos índios escravos. O *Sermão da Sexagésima*, é a defesa da causa da liberdade dos índios, e assim, entre outros textos de Vieira, encontramos a persistente defesa dos princípios da dignidade, da liberdade, da igualdade, da universalidade e da

solidariedade que o colocam como um precursor dos direitos humanos na primeira globalização.

De facto, Vieira foi coetâneo da primitiva declaração inglesa de direitos, a conhecida *Bill of Rights* de 1689, um dos documentos jurídicos pioneiros sobre direitos e liberdades que condenava o absolutismo e a tirania e afirmava o parlamentarismo, o liberalismo e a liberdade de expressão.

A criação ideacional de alguns sermões e textos de Vieira foi precursora, em ideais e espírito, das primitivas declarações de direitos que se prendiam com o continente americano, marcadamente no século seguinte, o séc. XVIII como a *Declaração e Resolução do Primeiro Congresso Continental*, de 1774, em que os colonos exigem os mesmos direitos comuns a Inglaterra, os mesmos privilégios e imunidades; a *Declaração de Direitos de Virginia*, de 1776, que assinala o início da Guerra da Independência, declaração que anula a hereditariedade de cargos públicos e afirma a igualdade dos cidadãos perante a lei; a *Declaração de Direitos e Garantias da Constituição Federal Norte-Americana*, de 1791 e mesmo a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* de 1789 da Revolução Francesa do séc. XVIII.

Referências bibliográficas

Adam, Fean-Michel (1990): *Éléments de Linguistique Textuelle. Théorie et Pratique de L'Analyse Textuelle*. Liege: Pierre Mardaga, éditeur.

Borges, Paulo Alexandre Esteves (1994): *A Plenificação da História em Padre António Vieira. Estudo sobre a ideia de Quinto Império na defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Coseriu, Eugenio (1985): *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos.

Cruz, Alexandre Manuel da Silva e (2008): *Uma visão pedagógica dialogal na crise da primeira globalização*. Aveiro: Universidade de Aveiro (dissertação de mestrado).

Fawler, Roger (1986): *Linguistic Criticism*. London: Oxford University Press (trad. *Crítica Linguística*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994).

Greimas, A. J. (1976): *Sémiotique et Sciences Sociales*. Paris.

Halliday, M.A.K. (1971): “Linguistic Function and Literary Style”. In: *Literary Style: A Symposium*. New York and London: Oxford University Press.

Jakobson, Roman (1995): *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix (edição brasileira).

Martins, Elisabete Maria Figueiredo (2005): *Padre António Vieira: Precursor dos Direitos Humanos em Portugal*. Vila Real: UTAD (dissertação de mestrado).

Meireles-Coelho, Carlos (2005^a): *Da escola confessional à escola plural*. Fórum de EMRC. Lisboa: SNEC.

Rodrigues, Jorge Nascimento; Devezas, Tessaleno (2007): *Portugal: o pioneiro da globalização*. Lisboa: Centro Atlântico.

Sá, Maria das Graças Moreira de (1984): “Introdução e notas” In *Sermões escolhidos do Padre António Vieira*. Lisboa: Editora Ulisseia.

Van Dijk, Teun A. (2001): *El discurso como estructura y proceso*. Barcelona.

Vieira, António (1951): *Padre António Vieira: obras escolhidas*. Prefácio e notas de

António Sérgio e Hernâni Cidade – Obras Várias, Vol. IV. Lisboa: Sá da Costa.

Vieira, António (1982): *História do futuro*. Introdução e notas de Maria Leonor Carvalho Buescu. Lisboa: INCM.

Vieira, António (1983): *Livro antepimeiro da história do futuro*. Edição crítica de José Van Den Besselaar. Lisboa: Biblioteca Nacional.

Vieira, António (1993): *Obras completas do Padre António Vieira: Sermões*. Vol. I, II, III, IV e V. Porto: Lello e Irmão.

Vieira, António (1999): *Sermões escolhidos do Padre António Vieira*. Selecção, introdução e notas de Maria das Graças Moreira de Sá. 4ª ed. Lisboa: Ulisseia.

Charles Bally: um discípulo da estilística saussureana?

Marlene Vasques Loureiro
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
 mloureiro@utad.pt

Ferdinand de Saussure, a turn-of-the-century linguist whose influence upon modern ideas about language and reality has become immeasurable. (Bradford 1997: 7)

Sumário

Os manuscritos de Ferdinand de Saussure, editados na obra *Écrits de Linguistique Générale*, em 2002, apresentam a estilística como pertencendo ao domínio da linguística. Saussure nega que a estilística tenha como objecto de estudo o estilo, que é individual. Para ele, a estilística insere-se no campo do que está validado pelo uso social. Por isso, a estilística não se dedica tanto ao que está escrito, mas ao que se fala e, portanto, não tem como finalidade postular regras, mas generalizar as suas observações para chegar a uma teoria geral que se aplique a todas as línguas.

Este ponto de vista saussureano pode ser considerado a base da posição tomada, mais tarde, por Charles Bally. Para este, a estilística era o estudo da fala do indivíduo, tendo em conta a afectividade e a subjectividade com que fala.

1. Introdução

O presente artigo visa reflectir sobre a estilística e o seu objecto de estudo, partindo da conjectura, editada na obra *Écrits de Linguistique Générale* (2002), de um dos grandes vultos da linguística - Ferdinand de Saussure (n. 1857 – m. 1913) – e, a partir daí, explorar as teorias de Charles Bally, o discípulo que, juntamente com Albert Sechehaye, procurou compilar o pensamento do mestre na obra *Cours de Linguistique Générale*, editada e publicada em 1916.

De um modo geral, as teorias de Ferdinand de Saussure são exploradas e divulgadas tendo primordialmente por base a obra póstuma publicada pelos seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye. Contudo, os diversos assuntos abordados (definição de linguagem, *langue* e *parole*, definição do objecto de estudo da linguística, conceitos de signo, significante, significado, valor, etc.) têm sido alvo de más interpretações, não só dos leitores do *Curso*, mas também dos próprios editores e, por isso, se sentiu a necessidade de recorrer ao estudo das

fontes do *Cours de Linguistique Générale*. Assim o fez Tullio De Mauro e Rudolf Engler, através das suas edições críticas do *Cours*, bem como Robert Godel, com a publicação da obra *Les Sources Manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*, em 1957, que constituiu uma etapa decisiva na descoberta do verdadeiro pensamento de Saussure.

A publicação, em 2002, de uma compilação de manuscritos de Saussure encontrados na sua antiga casa e reunidos na obra *Écrits de Linguistique Générale* surge como mais uma fonte de investigação do pensamento linguístico de Ferdinand de Saussure. Descobertos em 1996 numa divisão, apelidada *Orangerie*, da sua antiga casa em Genebra, estes manuscritos, sob o título de «livre sur la linguistique générale», parecem surgir como aquele livro sobre a linguagem e linguística geral que Saussure se havia proposto escrever (cf. “Car si ce livre est vrai, il montre avant tout qu’il est profondément faux de s’imaginer qu’on puisse faire une synthèse radieuse de la langue” Saussure 2002: 95). São assim publicados pela primeira vez em 2002, juntamente com outro conjunto de escritos saussureanos sobre linguística geral guardados na Biblioteca Pública e Universitária de Genebra.

Portanto, graças a estes textos, pode-se fazer uma nova leitura do ideário linguístico de Ferdinand de Saussure, obrigando-nos a rever o pensamento fixado pelo *Cours de Linguistique Générale* em e a partir de 1916. Tal como consideram Bouquet e Engler (2002: 9), estes manuscritos reestruturaram uma ciência da linguagem que deveria tratar, em sincronia, do lado semântico da linguagem, e a gramática comparada, diacronicamente, abordar o lado fonológico. De acordo com esta perspectiva, a linguística devia abordar a morfologia, a lexicologia, a sintaxe, a retórica e a estilística.

De facto, a grande novidade saussureana foi a inserção da estilística no domínio da linguística. E este será o ponto de partida da nossa reflexão.

Charles Bally (1865 – 1947) foi o discípulo de Saussure que trabalhou no ramo da estilística, nomeadamente através das suas obras: *Précis de stylistique* (1905); *Stylistique et Linguistique Générale* (1912) *Le Langage et la Vie* (1925), *Traité de Linguistique Française* (1951). De facto, Charles Bally é, hoje, por muitos considerado o pai-fundador da estilística. Por exemplo, Gladstone Chaves de Melo, na sua obra *Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa* (1979), expõe que «A Estilística é uma ciência (ou técnica) muito recente. Foi criada por Charles Bally, discípulo de Saussure, em 1902» (Chaves de Melo 1979: 15). É precisamente nesta afirmação que nos vamos centrar, pois o que ainda não se sabia então era que também o seu mestre, Ferdinand de Saussure, meditou sobre o tema, chegando a citar o trabalho de Bally, tal como provam os *Écrits*.

A estilística é abordada nos manuscritos saussureanos, num capítulo intitulado «Rapport sur la création d’une chaire de stylistique» [relatório/notícia da criação de uma cadeira de estilística], ocupando somente duas meras páginas, e no qual o genebrino reflecte sobre a necessidade de estudo da estilística enquanto compartimento da linguística, uma ciência muito vasta. Por isso, a informação contida nessas duas páginas sobre a definição e a delimitação do objecto de estudo

da estilística aparece de forma bastante sintética e elucidativa.

Saussure começa por advogar que o termo *estilística* surgiu pela falta de outro, pois tanto estilística como estilo constituem-se como um equívoco. Para o linguista genebrino, a palavra estilo evoca a ideia de uma pessoa / indivíduo, de um procedimento individual. Pelo contrário, a estilística, tal como foi concebida e ilustrada nos trabalhos de Charles Bally [tal como havia afirmado, Saussure comenta o trabalho de Charles Bally], propõe-se estudar os modos de expressão da língua enquanto ramificação do uso comum, uma vez que entram na categoria do facto social e, por conseguinte, saem do âmbito do indivíduo:

Style et stylistique font une équivoque malheureuse. [...]

1° Le mot de style évoque l'idée d'une personne, d'un individu, de procédé individuel. (Le style, c'est l'homme, etc.). Justement au contraire la stylistique conçue de la manière dont l'ont illustrée les travaux de M. Bally entend étudier les moyens d'expression de la langue dans la mesure où ils ont la consécration de l'usage commun, dans la mesure où ils tombent dans la catégorie du fait social et sont fixés hors de l'individu (Saussure 2002: 272).

Ou seja, o estilo depende do indivíduo e a estilística, de acordo com o ponto de vista de Saussure, situa-se para além do indivíduo, na esfera linguística e social¹.

Por outro lado, Saussure acrescenta que a palavra estilo evoca a ideia do que é literário ou, pelo menos, do que é escrito; a estilística, por seu turno, sem se desinteressar pelo que se escreve, tem como objecto de observação, acima de tudo, o que se fala, as formas vivas da linguagem, recolhidas ou não de um texto. No fundo, enquanto o estilo se situa no domínio da escrita / do texto escrito, a estilística trata preferencialmente do domínio da fala.

Desta forma, a estilística não tem como objecto de estudo o estilo. A estilística é uma ciência de pura observação dos factos que classifica, não dita regras nem pretende ser normativa:

La stylistique n'a pas non plus pour *but* le style, *quoique pouvant être d'une utilité*. Elle n'est pas une science normative, édictant des règles. Elle prétend et a droit de prétendre être une science de pure observation, consignnant les faits et les classant (*Ibidem*).

Por último, Saussure alerta que o que se tem feito em estilística não passa simplesmente de linguística². Efectivamente, o campo da linguística é muito vasto, comportando duas partes: por um lado, a língua, enquanto depósito passivo, e, por outro, a fala / *parole*, que é a parte activa e origem dos fenómenos que se percebem na língua.

¹ “Le style dépend de l'individu, et la stylistique se place initialement au-dessus de l'individu dans la sphère linguistique ou sociale” (Saussure 2002: 272).

² “L'objection consistant à dire: mais alors, c'est tout simplement de la linguistique qu'on nous offre sous le nom de stylistique. Oui, messieurs, tout simplement de la linguistique” (*Ibidem*: 273).

Desta forma, o que Saussure postula é uma estilística que, sem colocar de lado o que é escrito, tem como objecto, acima de tudo, a observação do que é falado, consignado ou não por um texto:

Le stylistique, sans se désintéresser de ce qui est écrit, voit avant tout son objet dans l'observation de ce qui est parlé, dans les formes de langage vivantes, consignées ou non dans un texte. Le style dépend de la lettre, et la stylistique se place de préférence hors de la lettre, dans la sphère de pure parole (*Ibidem*).

A estilística coloca-se, assim, na esfera da *parole*. Valoriza-se, desta forma, o domínio da *parole* enquanto força activa e origem verdadeira dos fenómenos da língua. Não obstante, a estilística situa-se fora do indivíduo, num domínio linguístico ou social no qual são estudados os meios de expressão da língua consagrados pelo uso comum (*Ibidem*).

Do apresentado, o linguista de Genebra arremata que a estilística não diz respeito ao individual, mas ao que está ratificado pelo uso social (ou seja, o que reúne as condições para que uma coisa seja linguística); não diz respeito ao que se escreve, mas preferencialmente ao que se fala; não tem como finalidade ser normativa ou postular regras de boa expressão, mas generalizar as suas observações e chegar a uma teoria aplicável a todas as línguas.

Efectivamente, a grande novidade dos *Écrits* é a inserção da estilística e, consequentemente da retórica, no domínio da linguística. Falamos aqui em retórica porque, tal como afirmou Gladstone Chaves de Melo, a estilística veio ocupar o espaço deixado aberto pela morte provisória da retórica (Chaves de Melo 1979: 20) e, no fundo, segundo Pierre Guiraud, a estilística é uma retórica moderna (Guiraud 1979: 7) ou é fundada sobre a antiga retórica (*Ibidem*: 21). Na verdade, tendo em comum o estudo da expressividade, só se distinguem pelos objectivos: a retórica tinha uma finalidade pragmático-descritiva, enquanto a estilística apresenta um carácter mais descritivo-interpretativo, sem considerações de natureza normativa (Castellar de Carvalho).

Portanto, como sabemos, não há nenhuma referência à estilística no *Cours de linguistique générale* (1916). No entanto, é muito provável que Saussure tivesse exposto nas aulas [uma vez que os manuscritos são apontamentos] as suas teorias sobre a estilística e que, a partir daí, Charles Bally se dedicasse ao estudo da estilística. Tal como sublinha Charles Bally, foi Ferdinand de Saussure quem lançou as bases desta nova disciplina:

Le maître dont la science pleure aujourd'hui la perdre douloureuse, Ferdinand de Saussure, a été le premier à jeter les bases de cette discipline nouvelle (Bally 1965: 25).

De facto, o ponto de vista de Charles Bally relativamente à estilística vai ao encontro do de Saussure, afirmando que aquela abarca todo o domínio da linguagem, sendo, por isso, linguística:

La stylistique embrasse le domaine entier du langage. Tous les phénomènes linguistiques, depuis les sons jusqu'aux combinaisons syntaxiques les plus complexes, peuvent révéler quelque caractère fondamental de la langue étudiée; tous les faits linguistiques, quels qu'ils soient, peuvent manifester quelque parcelle de la vie de l'esprit et quelque mouvement de la sensibilité. La stylistique n'est pas l'étude d'une partie d langage, c'est celle du langage tout entier, observé sous un angle particulier (*Ibidem*: 62).

Ou, como afirma Alicia Yllera, «a estilística de Bally [é] uma extensão da linguística saussureana ao domínio dos factos afectivos, isto é, estudo dos meios de expressão disponíveis numa língua» (Yllera 1979: 14).

Nos *Écrits*, Saussure encerra a sua reflexão sobre a estilística apontando para a necessidade de estudo dos factos linguísticos motivados por determinado estado psicológico (Cf. “Par conséquent, c'est une chose bienvenue, [...] l'explication des formules de la langue en tant que motivées par tel ou tel état psychologique”, 2002: 273). Charles Bally vai reiterar o mesmo ao afirmar que o estudo da linguagem não é somente a observação das relações existentes entre os símbolos linguísticos, mas que também envolve uma parte psicológica, uma vez que exprimimos aquilo que antes pensamos:

L'étude d'une langue n'est pas seulement l'observation des rapports existant entre des symboles linguistiques, mais aussi *des relations qui unissent la parole à la pensée*, que c'est une étude en partie psychologique, en tant qu'elle est basée sur l'observation de ce qui se passe dans l'esprit d'un sujet parlant au moment où il exprime ce qu'il pense; une étude plus linguistique que psychologique cependant, en ce qu'elle est tournée vers la face expressive de la pensée et non vers la face pensée des faits exprimés (Bally 1951: 2).

Portanto, o que Bally quer dizer é que a língua serve para exprimirmos as nossas ideias¹, as nossas emoções, sentimentos e desejos. No entanto, como a língua é um facto social, para exprimirmos as nossas ideias e sentimentos, temos de recorrer a meios de expressão que os outros indivíduos conheçam e compreendam:

Notons cependant (nous y reviendrons à maintes reprises), que le langage, étant un fait social, ne peut exprimer des mouvements de l'être individuel que la face accessible à la connaissance des autre individus; autrement dit, on ne peut montrer ce qu'on pense et ce qu'on sent soi-même que par des moyens d'expression que les autres peuvent comprendre; nos pensées nous sont propres, les symboles employés pour leur expression sont communs à tous ceux qui parlent de la même façon que nous (*Ibidem*: 6-7).

Portanto, a estilística, fazendo parte da linguística geral, será em sentido lato uma disciplina intermediária entre a psicologia e a linguística (*Ibidem*: 12). Neste

¹ “Le langage exprime nos idées. D'abord nous exprimons des idées” (Bally 1951: 5).

seguimento, Bally define a estilística como estudando os factos de expressão da língua tendo em conta o seu lado afectivo, ou seja, tendo em conta a intensidade, a sensibilidade ou a subjectividade com que nos expressamos:

La stylistique étudie donc les faits d'expression du langage organisé au point de vue de leur contenu affectif, c'est-à-dire l'expression des faits de la sensibilité par le langage et l'action des faits de langage sur la sensibilité (*Ibidem*: 16).

Por afectividade entende-se a manifestação natural e espontânea de formas subjectivas do nosso pensamento, indissociáveis dos nossos sentimentos, vontades, desejos, etc.:

L'affectivité est la manifestation naturelle et spontanée des formes subjectives de notre pensée: elle est indissolublement liée à nos sensations vitales, à nos désirs, à nos volontés, à nos jugements de valeur: elle est-ce qui revient au même – la marque extérieure de l'intérêt personnel que nous prenons à la réalité (Bally 1965: 75).

Por outras palavras: a língua, para além de reflectir a vida real e concreta, também exprime os elementos afectivos, os sentimentos, as emoções que afectam os indivíduos no dia-a-dia. Por isso, muitas ideias, que aparentemente parecem objectivas, estão carregadas de afectividade/subjectividade:

Ainsi, au contact de la vie réelle, les idées objectives en apparence s'imprègnent d'affectivité; le langage individuel cherche sans cesse à traduire la subjectivité de la pensée, et il arrive que l'usage consacre ces tours expressifs (*Ibidem*: 18).

É pelo facto da língua espontânea e natural, usada no dia-a-dia, estar impregnada de subjectividade e afectividade que surge a necessidade da estilística na linguística para fazer esse estudo. Porém, poderíamos dizer que cada indivíduo teria a sua maneira própria de empregar o seu idioma materno tendo em conta o que quisesse expressar e as emoções que o dominassem, havendo, portanto, lugar para uma estilística individual. No entanto, Bally nega a existência de uma estilística individual ou do indivíduo, uma vez que tal remeteria para a noção de estilo e para o estudo do estilo de um escritor ou orador. Por isso, estabelece a distinção entre o emprego da língua por um indivíduo em circunstâncias normais e comuns ao grupo e o uso que o escritor faz da língua, que recorre a um modo de expressão voluntário e consciente, com uma intenção iminentemente estética:

Il y a un fossé infranchissable entre l'emploi du langage par un individu dans les circonstances générales e communes imposées a tout un groupe linguistique, et l'emploi qu'en fait un poète, un romancier, un orateur. Quand le sujet parlant se trouve dans les mêmes conditions que tous les autres membres du groupe, il existe de ce fait une norme à laquelle on peut mesurer les écarts de l'expression individuelle; pour le littéraire, les conditions sont toutes différentes: *il fait de la langue un emploi volontaire et conscient* (on a beau parler d'inspiration; dans la

création artistique la plus spontanée en apparence, il y a toujours un acte volontaire); en second lieu et surtout, *il emploie la langue dans une intention esthétique*; il veut faire de la beauté avec les mots (Bally 1951: 19).

Portanto, a estilística, segundo Bally, deve recair sobre o estudo da língua materna, sobre a forma mais espontânea que é a língua falada, que, por sua vez, é onde se manifesta de forma mais clara a relação entre a fala, o pensamento e os sentimentos e emoções. Ou seja, a língua afectiva, isto é, a língua associada a uma emoção (Bally 1965: 75) Por seu turno, a análise estilística far-se-á procurando os elementos afectivos presentes no “sistema expressivo” da língua e definindo o lugar que ocupam no sistema da língua bem como o seu significado. Contrariamente, tornar-se-ia estudo do estilo se se procurasse saber o “porquê” da utilização de uma expressão e qual o efeito conseguido (Bally 1951: 26).

Depois de delimitar os elementos afectivos e de delimitar os factos de expressão, Bally dividiu os elementos afectivos como provocando efeitos naturais (*effets naturels*) e efeitos por evocação (*effets par evocation*). Os primeiros têm a ver com o facto de existir entre o pensamento e as estruturas linguísticas uma espécie de laços naturais, que adequam a forma ao conteúdo do que o pensamento quer exprimir. Por exemplo, um diminutivo é um elemento afectivo natural porque exprime naturalmente gentileza e fragilidade. Pelo contrário, uma palavra no aumentativo tem um valor pejorativo. Da mesma forma, existe um laço natural entre o som e o sentido das onomatopeias. Por sua vez, os efeitos por evocação reflectem situações das quais se tira o significado pela situação específica em que o efeito expressivo é utilizado. Por isso, existem palavras ou estruturas que pertencem a um estado de língua determinado e particular, por exemplo a linguagem de determinadas profissões (médicos, engenheiros...), a linguagem científica, literária, poética e todos os registos de língua (familiar, popular...). Cada expressão ou estrutura se distingue pela entoação, pelas próprias palavras e, de acordo com os termos que evocam, reflectem sentimentos e atitudes mentais ou sociais particulares. Assim, o objecto de estudo da estilística de Bally é o estudo do conteúdo afectivo natural e evocador, termos que se aproximam bastante dos actuais conceitos de denotação e conotação, respectivamente (Guiraud 1979: 45-46).

Como já referimos, a estilística de Bally não estuda o texto literário, nem a linguagem figurada, distinta dos efeitos evocativos, porque aqueles obedecem a uma necessidade estética, não se inserindo na espontaneidade da mentalidade comum da colectividade linguística:

Une expression littéraire est une création individuelle due à la poussée de l’instinct esthétique: c’est le produit d’un idéal supérieur, étranger à la mentalité commune. A ce titre, elle est parfaitement indifférente à la stylistique (*Ibidem*: 228 -229).

Da mesma forma, tendo também uma forte vertente estética ligada a uma origem individual marcada, o estilo é afastado da delimitação do objecto de estudo da estilística. De facto, a estilística é muitas vezes considerada uma retórica moderna

vista de dupla forma: por um lado, como uma ciência da expressão e por outro, como uma crítica dos estilos individuais. Para Pierre Guiraud, seria desta forma que esta nova ciência se definiria, uma ciência do estilo:

La stylistique est une rhétorique moderne sous sa double forme, une science de l'expression et une critique des styles individuels; mais cette définition ne se dégage que lentement; et ce n'est que lentement que la nouvelle science du style reconnaît son objet, ses buts et ses méthodes (Guiraud 1979: 7).

A postura de Charles Bally, por alguns considerada controversa (Chiss e Puech 1999: 163), foi, no entanto, seguida por muitos estudiosos, nomeadamente pelo português Rodrigues Lapa. No prefácio da sua obra *Estilística da Língua Portuguesa* (1945), Rodrigues Lapa afirma que deve o seu livro essencialmente a Charles Bally, embora discorde da distinção rígida que este, tal como Ferdinand de Saussure, estabelece entre linguagem corrente e linguagem literária:

Contudo, a quem mais deve é ainda a Carlos Bally, o sábio estilólogo suíço, que ergueu um monumento à nova ciência com o «Tratado de Estilística Francesa». Discordando embora de Bally na separação demasiado rígida que faz de linguagem corrente e linguagem literária, a minha Estilística baseia-se fundamentalmente na sua, adopta a sua terminologia e é de quando em quando uma adaptação da sua (Lapa 1945: prefácio).

Principalmente devido à não aceitação do texto literário enquanto objecto de estudo directo da estilística, a posição de Bally aparece associada à estilística da expressão, por estudar dos meios de expressão ligados à afectividade. No entanto, esta definição nem sempre foi bem percebida ou aceite pelos seus contemporâneos ou seguidores. Por isso, há uma série de estudos que se assemelham à estilística de Bally, mas que se distanciam dela por motivos diversos, especialmente os ligados à abordagem do texto literário. Distinta da estilística da expressão, surgiu também a estilística estrutural, ligada aos nomes de Vossler, Leo Spitzer, Jakobson e Michel Riffaterre, que defendem a independência da estilística relativamente à linguística e que consideram o texto literário o grande e ideal objecto de estudo estilístico.

Neste sentido, Michael Riffaterre (1973), embora admita que o veículo do estilo é a língua, ele pretende que a estilística seja uma ciência autónoma e independente da linguística, que também deve abordar e explorar o texto literário. Tal não considera Saussure, que afirma que a estilística pertence ao domínio da linguística. Também Charles Bally (1965) defende esta teoria quando afirma que a estilística abarca todo o domínio da linguística¹ e, por isso, abarca também o estudo da fonologia, do vocabulário e da sintaxe. Por tudo isto, a estilística “ainda se mantém perfeitamente indecisa quanto ao seu objeto” (Chaves de Melo 1979: 16).

De facto, para Bally, a estilística era o estudo da fala do indivíduo, tendo em conta a afectividade e a subjectividade com que fala. Bally desvaloriza, deste modo,

¹ “Que l'on adopte l'une ou l'autre de ces définitions, la stylistique embrasse le domaine entier du langage” (Bally 1965: 62).

a influência da retórica e do texto literário. No fundo, ele «apenas pretendeu chamar a atenção para o lado afectivo do discurso, fazendo do seu estudo sistemático uma ciência» (Chaves de Melo 1979: 16).

Em suma, recorrendo às suas próprias palavras, Bally permanece fiel à distinção saussureana entre *langue* e *parole*, mas acrescenta-lhe um outro domínio de estudo: a língua falada tendo em conta o seu conteúdo afectivo ou subjectivo, objecto de estudo da estilística, sempre fazendo parte da linguística geral:

En somme, je reste fidèle à la distinction saussurienne entre la langue et la parole, mais j'annexe au domaine de la langue une province qu'on a beaucoup de peine à lui attribuer: la langue parlée envisagée dans son contenu affectif e subjectif. Elle réclame une étude spéciale: c'est cette étude que j'appelle stylistique. Un des objets de mon enseignement sera de montrer comment la stylistique s'emboîte dans la linguistique générale (Bally 1965: 159)

O seu mérito foi o facto de definir claramente o objecto de estudo da sua estilística, restringindo-o ao estudo da afectividade na língua comum, falada e espontânea, excluindo dela qualquer feição literária. Acresce ainda referir a forte vertente didáctica com que Bally escreveu o seu Tratado de Estilística, que dividiu em duas partes: uma primeira parte teórica, e um segundo volume que apresenta uma série de exercícios de carácter prático destinados essencialmente para servirem de preparação para o próprio objecto de estudo – a estilística, tentando provar a sua teoria e metodologia (Carvalho 1973: 220).

Por último, é ainda de realçar que Bally foi um dos poucos linguistas que reconheceu que o pensamento humano é inseparável da vida humana, e, por isso, a língua não tem somente uma vertente intelectual (tal como postulado no *Cours*), mas também uma outra essencialmente subjectiva e afectiva, objecto de estudo da estilística enquanto ramo ou parte da linguística.

Referências bibliográficas

Bibliografia activa:

- Saussure, Ferdinand de (2002): *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard.
Bally, Charles (1910): *L'étude systématique des moyens d'expression*. Genève: Eggimann.
----- (1951): *Traité de Stylistique Française*. 2Vols. 3.^a Edição. Paris: Librairie C. Klincksiek.
----- (1965): *Le Langage et la Vie*. 3.^a edição. Genève: Droz.

Bibliografia passiva:

- Adam, Jean-Michel (1997): *Le style dans la langue*. Paris: Delachaux et Niestlé.
Amacker, René (1975): *Linguistique Saussurienne*. Genève – Paris: Librairie Droz.
Bradford, Richard (1997): *Stylistics*. London: Routledge.

- Bouquet, Simon (1990): (1997): *Introduction à la lecture de Saussure*. Paris: Payot.
- Calvet, Louis-Jean (1975): *Pour et contre Saussure*. Paris: Payot.
- Câmara, João Bettencourt da (1995): *Saussure, chess and time – the role of an analogy in a scientific revolution*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- Carvalho, Castellar de (s/d): «A Estilística e o Ensino do Português». Internet. Disponível em <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno12-02.html> (consultado em 21 de Maio de 2008).
- Carvalho, J. G. Herculano de (1973): *Estudos Linguísticos*. I Vol. 2.ª Edição. Coimbra: Atlântida Editora.
- Černý, Jiří (1998): *Historia de la Lingüística*. Cáceres: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Extremadura.
- Chaves de Melo, Gladstone (1979): *Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa*. Albufeira: Edições Poseidon.
- Chiss, Jean-Louis e Puech, Christian (1999): *Le langage et ses disciplines*. Bruxelles: Duculot.
- Cressot, Marcel (1947): *Le style et ses techniques*. Paris: Presses Universitaires de France.
- (2001): *O estilo e as suas técnicas*. Lisboa: Edições 70.
- Fontanier, Pierre (1977): *Les figures du discours*. Paris: Flammarion.
- Fromilhague, Catherine e Sancier, Anne (1991): *Introduction à l'analyse stylistique*. Paris: Dunod.
- Gadet, Françoise (1987): *Saussure: une science de la langue*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Godel, Robert (1969): *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: Droz.
- Granger, Gille-Gaston (1988): *Essay d'une philosophie du style*. Paris: Éditions Odile Jacob.
- Guiraud, Pierre (1979): *La stylistique*. 9.ª Edição. Paris: Presses Universitaires de France.
- Guiraud, Pierre e Kuentz, Pierre (1978): *La stylistique – Lectures*. 4.ª Edição. Paris: Klincksieck.
- Harris, Roy (2003): *Saussure and his Interpreters*. 2.ª Edição. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Koerner, E. F. K (1982): *Ferdinand de Saussure: Genesis y Evolución de su Pensamiento en el Marco de la Lingüística Occidental: Contribución a la Historia y a la Teoría de la Lingüística*. Madrid: Editorial Ctedos.
- Lapa, M. Rodrigues (1945): *Estilística da Língua Portuguesa*. Lisboa: Seara Nova.
- Moliné, Georges (1989): *La stylistique*. 3.ª Edição. Paris: PUF.
- Mounin, Georges (1967): *Histoire de la Linguistique*. Paris: Puf.
- Rei, José Esteves (1998): *Retórica e Sociedade*. Lisboa: IIE.
- Riffaterre, Michael (1973): *Estilística Estrutural*. São Paulo: Cultrix.
- Saussure, Ferdinand de (1968): *Cours de Linguistique Générale*; édition critique par Rudolf Engler. Otto Harrassowitz – Wiesbaden.
- (1879): *Recueil des Publications Scientifiques*. Lausanne: Payot.
- Thibault, Paul J. (1997): *Re-reading Saussure: The Dynamics of Signs in Social Life*. London – New York: Routledge.
- Yllera, alicia (1979): *Estilística, Poética e Semiótica Literária*. Coimbra: Almedina.

LITERATURA



Herança clássica na construção da Europa moderna: transmissão e intersecção de novos modelos hermenêuticos

Nair de Nazaré Castro Soares
Universidade de Coimbra
ncaastrosoares@gmail.com

Nos tempos que poderíamos considerar de formação espiritual da Europa, são indissociáveis “Cristianismo primitivo e *paideia* grega”, como afirma Werner Jaeger, na sua obra com este título¹.

Na verdade, desde os séculos II e III d.C., em que o Cristianismo, com autores como Clemente de Alexandria, Orígenes, Filon, se define por novas formas de sensibilidade e intelectualidade helenísticas, os *Poemas Homéricos* – que estavam na base da educação dos povos, progressivamente convertidos – são ainda a grande fonte da mitologia, agora confrontada alegoricamente com as histórias bíblicas. Assim, figuras de reis, sobretudo do Antigo Testamento, são tipologicamente paralelas de heróis mitológicos e, estes heróis, tais como Ulisses e Hércules, símbolos do próprio Cristo.

A ascensão mundial da religião cristã, a partir da conversão de Constantino, em 312, marco histórico para a elaboração de uma teologia do Império cristão, não teria sido possível sem a evolução pós-clássica da cultura grega. O processo de cristianização do mundo de língua grega dentro do Império romano – os judeus em Roma falavam grego – implica a simultânea helenização da religião cristã, matriz essencial da identidade europeia.

Além disso, a formação humana, no período imperial romano, dá-se através da interacção entre a religião cristã e a cultura e a filosofia gregas. A retórica e a filosofia que competiam no campo da cultura e da educação, vão ser postas ao serviço do Cristianismo, pelo que se pode falar de retórica e filosofia cristãs.

O legado da cultura grega no mundo romano e o génio da sua reelaboração nos autores latinos, da República ao Império, que a Patrística assimila, deixaram marcas indeléveis na cultura ocidental.

A queda do Império Romano do Ocidente, as invasões dos bárbaros não destruíram por completo o legado cultural antigo. Assim, quando, entre o século V e o VII, o Ocidente conheceu uma das maiores crises da sua história, com o desmembramento do Império Romano, em 476, após as invasões germânicas e

¹ Werner Jaeger, *Early christianity and Greek Paideia*, trad. port. *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*. Trad. Artur Morão. Ed. 70, 1961. A ascensão mundial da religião cristã, segundo este autor, não teria sido possível sem a evolução pós-clássica da cultura grega. Além disso, o processo de formação do homem helénico, no período imperial romano, dá-se através da interacção entre a religião cristã e a cultura e a filosofia gregas.

a formação dos pequenos reinos – ostrogodo na Itália, visigótico na Hispânia, burgundo” e franco, na Gália, e vândalo na África do Norte “– a herança intelectual da Antiguidade não se extinguiu por completo.

Contudo, foi diversa a situação intelectual da Europa, nas várias partes do antigo império desagregado, no período que se estende entre o apogeu patrístico e a renascença carolíngia. Neste particular, a Península Ibérica, pátria de escritores como Marcial, Séneca, Quintiliano, Lucano, Prudêncio, gozou, sob a dominação visigótica, de um período relativamente favorável a uma certa adaptação das antigas tradições culturais, bem como a uma rápida fusão no domínio do direito, da raça e da religião, com a conversão ao Cristianismo.

Aliás, a força da tradição era grande e os ideais educativos e culturais, no Baixo Império, centrados num “humanismo literário” – que visava a formação do homem, corpo e espírito, o desenvolvimento de todas as capacidades da personalidade, de preferência a uma aquisição técnica e especializada –, iriam lançar fundas raízes na formulação de princípios comuns à formação integral do homem europeu, ao longo dos séculos, na Idade Média e Renascimento.

A comprová-lo estão figuras que, desde o século V, informaram o pensamento e a cultura medievais, como Marciano Capela, Boécio e Cassiodoro, Justiniano, S. Bento, S. Martinho de Braga, S. Gregório Magno, Santo Isidoro de Sevilha, Beda o Venerável, Alcuíno, um dos principais mentores da política cultural de Carlos Magno, Rábano Mauro, discípulo de Alcuíno, conhecido como *Praeceptor Germaniae* e, no século XII, Hugo de S. Victor e João de Salisbúria, que precedem o grande vulto do séc. XIII, S. Tomás de Aquino.

Duas “renascenças” conheceu a Idade Média, a carolíngia e a do séc. XII. Em ambas se realizou a união dos ideais ético-filosóficos e pedagógico-culturais da Antiguidade clássica com os ideais monásticos, guerreiros e cavaleirescos que prevaleceram na medievalidade. No século XII, assiste-se à ressurreição das cidades e ao progresso económico, à fundação de novas ordens religiosas, ao movimento das Cruzadas e ao intercâmbio com o Oriente. Desenvolve-se o estudo das artes liberais, com o progressivo enriquecimento de novas disciplinas, graças às traduções de obras dos autores antigos e aos livros científicos, filosóficos, literários, provenientes do mundo árabe. As cortes e os palácios dos senhores feudais promovem a educação aristocrática e abrem-se a novas formas de sociabilidade em que se privilegiam a música, a poesia e a narrativa histórica, ou histórico-mítica, em língua vulgar, em que se cultivam a cortesia, as boas maneiras, a delicadeza no amor, sob influência ovidiana.

Afirma-se assim a tradição do amor cortês e da poesia lírica trovadoresca, o gosto pelos romances de cavalaria, os tratados de educação de príncipes e a produção historiográfica, em que as ações de figuras individuais de reis e senhores servem de paradigmas e *exempla*, em perfeita simbiose entre literatura e espiritualidade.

No século XIII, S. Tomás de Aquino, intérprete fiel da mensagem ético-política aristotélico-ciceroniana e do direito romano, é um marco indelével na história do pensamento até à modernidade. A originalidade da sua doutrina política deve-se aos fundamentos jurídico e moral e à arte de utilizar conceitos da tradição Patrística, sobretudo de Santo Agostinho, e de os elaborar, harmonizando-os com

as novas orientações e directrizes do seu pensamento.

O renascimento do direito romano em Bolonha, nos séculos XI a XII, e a generalização do seu ensino nas principais universidades, e entre elas na de Paris, durante o séc. XIII, justificam a vastidão e solidez dos conhecimentos jurídicos do Aquinate. Quando cita santo Isidoro de Sevilha, a manifestar respeito pelo “enciclopedista” do séc. VII, S. Tomás está próximo do espírito dos pós-glossadores, que culminará pouco depois no génio de Bártolo. Neste domínio, é de grande importância o recurso a Cícero, no que se refere sobretudo aos costumes e instituições e à aplicação, nos seus tratados, dos princípios e postulados do direito romano. Mas a principal fonte da sua doutrina é, sem dúvida, Aristóteles, cuja *Política* se reencontrara, neste século.

Factor essencial que muito facilitou a conservação e o apreço pela cultura clássica foi o ininterrupto uso do Latim por parte da Igreja e das instituições escolásticas.

A ideia da *translatio studii* – cujo modelo remonta a Horácio (*Ep.* 2.1, 156-157: *Graecia capta ferum uictorem cepit et artes intulit agresti Latio*) – ganhou forma desde o *Duocento* italiano, estendendo-se depois a toda a Europa românica. Dante, plenamente convencido de que a Itália, “Jardim do Império” (*Purg.* VI, 105) tem, neste particular, um lugar privilegiado, faz de Virgílio, vate da *Vrbs* imperial, o arauto da missão ecuménica de Roma¹.

Nenhum continente viveu mais intimamente ligado à cultura de matriz clássica e judaico-cristã, tendo a Igreja como centro congregador e difusor, do que a Europa, ao longo das épocas medieval e renascentista. Nos mosteiros, abadias e catedrais se conservaram e reproduziram, além da Sagrada Escritura e de livros de edificação moral, as obras dos autores antigos, gregos e latinos, que, reencontrados pelos primeiros humanistas italianos, motivaram a *renouatio litterarum*.

No século XIV, de uma importância decisiva na elaboração do pensamento político da Idade Moderna – já que o estado surge como fonte de unidade e de ordem, em oposição à instabilidade ocasionada pela luta de poderes entre o papado e o império – é significativa a assimilação da cultura clássica ao Cristianismo.

Curiosa é, neste sentido, do ponto de vista simbólico, a interpretação do mito de Europa – a filha de Agenor, rei da Fenícia, país de prósperas cidades, como Sídon e Tiro, que foi raptada por Zeus, sob a aparência de touro – mito este que aponta no sentido de um primitivo movimento civilizacional de Oriente para Ocidente, já que o nome Europa foi dado aos territórios ocidentais. Ao longo da Idade Média, a transmissão e a representação figurativa deste mito, que teve início em Homero e Hesíodo, prendem-se sobretudo às *Metamorfoses* de Ovídio. Todavia, no *Trecento*, no século que viu nascer Petrarca, “o primeiro humanista”, difunde-se a versão cristianizada do *Ovidio moralizzato*, que atribui ao mito um sentido alegórico, segundo o qual a Europa é a alma humana e o touro representa Cristo que a redime, transportando-a da Terra ao Paraíso.

A consciência europeia nos séculos XV e XVI é condicionada por três

¹ Vide August Buck, *L'eredità classica nelle letterature neolatine del Rinascimento*, trad. ital., Brescia, Paideia Ed., 1980.

acontecimentos determinantes. São eles a queda de Constantinopla em 1453, as guerras de Itália com a consequente redefinição dos estados intra-europeus, e o movimento da Reforma, que veio rasgar definitivamente a túnica da Igreja unida de Roma¹.

Com a queda de Constantinopla, assiste-se à descoberta do grego, como elemento importante do património europeu, mas sofre-se sobretudo a amputação de toda a parte oriental da Europa e a ameaça constante do poderio otomano, pelo que a batalha de Lepanto, travada a 7 de Outubro de 1571, encheu de júbilo a *respublica christiana*.

É o século XVI a época em que se definem as fronteiras dos principais estados europeus, em que as línguas vulgares adquirem o estatuto de línguas cultas, em que se afirma a ideia de nacionalidade e o conceito de pátria². Apesar disso, é o latim a língua comum de comunicação dos homens cultos, que se movimentam pelos diversos centros do saber, e são responsáveis pelo progresso da educação e das instituições de ensino, que adoptam programas de estudos similares e impõem o universalismo do pensamento clássico a uma *Europa sufficientissima sibi*, no dizer de Sebastião Münster, na sua *Cosmografia*, de 1559³.

O próprio domínio do latim clássico, restituído à elegância e pureza original, segundo a lição de Lorenzo Valla, nas suas *Elegantiae linguae latinae*, representa como que um elo vertical, capaz de abolir o tempo e religar esta época à Antiguidade⁴.

¹ Em 1980, decorreu em Paris um colóquio, que contou com especialistas de Literatura Neolatina e de História das Ideias, e se intitulou precisamente *La conscience européenne au XVI^e et au XVII^e siècle*, Paris, 1982 (Collection de l'École Normale Supérieure de Jeunes Filles n. 22). Em diversas perspectivas, estes acontecimentos foram recorrentes pontos de referência.

² A noção de pátria adquire no Renascimento um sentido novo. Sobre o patriotismo como noção viva no século XVI, vide J. Delumeau, *La civilisation de la Renaissance*. Paris, 1967, p. 46-57; J. A. Maravall, *Estado moderno y mentalidad social (siglos XV a XVII)*, 2 vols., Madrid, 1972: II, p. 457-525. Em Portugal, a independência nacional, assente numa monarquia que nem guerras, nem lutas religiosas punham em causa, firmou-se o ideal heróico dos nossos homens de Quinhentos, de par com um alto conceito de pátria que mais se arreigava com a distância dela – nos centros do saber europeus, nas paragens longínquas do império, ou mesmo no exílio. Sá de Miranda, na *Carta a D. João III (Obras completas)*, II, Lisboa, 1977, p. 49) sintetizará o sentimento colectivo, nestes termos: «no meo dos corações, esculpidas vossas quinas».

³ Precedido já por Pedro Apiano – que já referira a superioridade da Europa sobre os outros continentes, na sua *Cosmographia* de 1524, frequentemente reeditada e traduzida –, Sebastião Münster afirma (*Cosmographia*, Basileae, 1559, p. 40-41) que a Europa, embora mais pequena que as outras partes do mundo, é a mais povoada, a mais fértil e a mais rica em culturas. A Europa basta-se a si própria, tanto na paz como na guerra: ela possui homens bastantes para combater, para trabalhar os campos e para habitar as cidades – *Europa sufficientissima sibi*. É também da *Cosmographia* de Sebastião Münster, edição de 1588, provavelmente a primeira, que o historiador Denys Hay (*Europe: The emergence of an Idea*, Edinburgh University Press, 1957 - 2ª ed. 1968) retira uma gravura que representa a Europa de maneira alegórica: uma imperatriz coroada, que segura na mão direita a esfera do mundo, encimada por uma cruz, e na mão esquerda um ceptro. Note-se que a cabeça e a cara representam a Hispânia, figuração que surge em Camões, n' *Os Lusíadas*. Sobre a figura alegórica e a respectiva representação das regiões e países europeus, vide Denys Hay cit., frontispício e p. 119. Vide ainda J. Céard, 'L'image de l'Europe dans la littérature cosmographique de la Renaissance', in *La Conscience européenne* cit., 49-63.

⁴ M.-M. de La Garanderie, 'Érasme. quelle conscience européenne?', in *La Conscience européenne*

De um ao outro lado do continente europeu, toda uma elite formada nas *liberales artes*, nas *litterae humaniores*, constitui como que um terceiro poder entre o poder político e o poder religioso, o poder da cultura. Assim se justifica a expressão que viria a empregar Francis Bacon, *scientia est potentia*.

O Humanismo Renascentista vai ter como dominante a educação, a formação integral do homem, o humanismo filológico e jurídico, o humanismo cívico, a valorização do conhecimento científico e experimental – em que os autores clássicos são referência, ou ponto de partida na busca da verdade –, a revolução da ciência.

Petrarca, Pier Paolo Vergerio, Lorenzo Valla, Coluccio Salutati, Leonardo Bruni, Marsilio Ficino, Giovanni Pico della Mirandola, Leon Battista Alberti, Angelo Poliziano, e tantos outros representantes do primeiro humanismo italiano abrem curso ao humanismo europeu do século XVI, com luminares como Erasmo, Thomas More, Luis Vives, D. Jerónimo Osório, Pedro Nunes, Nicolau Copérnico, e, em finais de Quinhentos e, além dele, Giordano Bruno, Tommaso Campanella, Galileo Galilei.

Quer se trate de obras de literatura, de pedagogia, de filologia e exegese bíblica, de filosofia e teologia, de arquitectura, de ciência política, de parenética, matemática ou astronomia, são escritas na língua de cultura, na Europa, o latim, ou traduzidas em latim do original grego, pelo que são obras que pertencem ao património europeu.

O Humanismo do Renascimento, ao abarcar, com uma nova mentalidade, múltiplas componentes, privilegia o homem, como sujeito e motor do seu destino e da sua felicidade, a sua dignidade, o seu ideal de perfeição, a sua intervenção na sociedade civil – o que levou já a definir este movimento como “humanismo pedagógico” e “humanismo cívico”. Para atingir este ideal humano, necessária se torna uma cultura enciclopédica, que engloba todos os ramos do saber – como aponta o *Panepistemon* de Poliziano.

Os principais representantes do humanismo europeu são em grande parte indissociáveis da história da pedagogia. São eles os autores dos tratados pedagógicos desta época, subsidiários, do ponto de vista estético e do ponto de vista doutrinal, dos ideais educativos do humanismo greco-latino, que confluem com a ética cristã, numa interdependência e complementaridade entre *humanitas* e *pietas*, a exemplo dos autores da Patrística e dos Irmãos da Vida Comum, com a sua mensagem da *devotio moderna* – a que se prendem a espiritualidade da *imitatio Christi* e o ideal pedagógico da *docta pietas* erasmianos, de particular significado no século XVI europeu.

Neste sentido, referência constante, entre os humanistas, é o opúsculo de S. Basílio sobre a forma de ler os clássicos, traduzido de grego para latim por Leonardo Bruni, com o título *De legendis antiquorum libris*, e dedicado, em 1405, a Coluccio Salutati¹. Os autores cristãos da Patrística são assim considerados a par

cit., p. 302.

¹ Cf. sobre este assunto Nair de Nazaré Castro Soares, *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra, 1994, p. 226.

Aproveitamento do opúsculo de S. Basílio faz a oração de Arnaldo Fabrício, pronunciada na abertura solene do Colégio das Artes, quando se refere à disciplina da Música. Vide o confronto textual no

dos clássicos, são ensinados nas escolas humanistas, como na de Guarino de Verona, figuram na *ratio studiorum* proposta pelos tratadistas e merecem ser comentados e editados, desde o *Quattrocento* italiano, e sobretudo por Erasmo, o “Educador da Europa” – epíteto dado também a Plutarco, incondicional modelo estético e ideológico do humanista de Roterdão.

Por outro lado, é aconselhada, “para inteligência da Sacra Página”, a leitura dos escritores e poetas da Antiguidade pagã¹. A importância conferida aos autores clássicos, em matéria de pedagogia, é reconhecida já por André de Resende, na oração de sapiência, proferida na Universidade de Lisboa, em 1 de Outubro de 1534. Ao fazer o elogio das *humaniores litterae*, refere-se em último lugar à Teologia, a rainha de todas as disciplinas, como convinha a um seguidor de Erasmo². Depois de afirmar, numa reminiscência do *Pro Archia* de Cícero, que “o estudo das letras é muito necessário para recrear o espírito, viver a vida civil e proteger entre si a comunidade dos homens”, considera que também a Teologia deve adornar-se do “brilho e elegância de expressão, que os Antigos sempre juntaram à piedade”. Por isso aconselha que “entre as divinas letras se misturem os princípios do divino Platão e os do grande Aristóteles”³.

A lição dos poetas, enaltecida pelos autores do primeiro humanismo italiano – tais como Boccaccio no seu *De genealogia deorum*, considerado já a *magna charta* da nova dignidade universal conquistada pelas letras, ou Coluccio Salutati, em *De laboribus Herculis*, ou ainda Enea Silvio Piccolomini, no *De liberorum educatione* – vai a cada passo ser seguida pelos tratadistas pedagógicos. Eram os preceitos de Aristóteles, colhidos por Horácio, sobre o valor didático, ético, filosófico e lúdico da poesia: o poder de unir *utile dulci*, pois *aut prodesse uolunt aut delectare poetae* (HOR. *Ars poetica*, v. 343 e 333).

A Poesia e a Arte poética eram integradas como a Retórica na disciplina da Gramática, quer nos tratados de educação, quer no plano curricular dos colégios humanistas. Por influência dos modelos clássicos, as diferentes formas poéticas, a epopeia, a tragédia, o poema didático, a elegia, a ode, a tragédia vão ser frequentemente utilizadas pelos poetas do Renascimento. As obras dos poetas clássicos gregos e latinos, que se impuseram como modelos retóricos, estéticos e

estudo de Maria José Sousa Pacheco, *A oração inaugural do colégio das Artes de Arnaldo Fabrício*. Introdução, texto latino, tradução e notas. Coimbra, 1959 [Dissertação de Licenciatura em Filologia Clássica, dactilografada, sob a orientação do Professor A. Costa Ramalho].

¹ Sobre o interesse pelos Padres da Igreja, no *Quattrocento* italiano, que Erasmo herdou, vide J. V. de Pina Martins, *Humanismo e Erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*. Estudo e textos, Paris, 1973, p. 112-136, maxime p. 116.

² Sobre o “Erasmismo teológico” vide J. V. de Pina Martins, *Humanismo e Erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*. Estudo e textos, Paris, 1973, p.112-136; J. Sebastião da Silva Dias, *Correntes de sentimento religioso em Portugal*, I, Coimbra, 1960, p. 189-191.

³ L. Andreae Resendii Lusitani, *Oratio pro rostris pronunciata in Olisiponensi Academia Calendis Octobribus MDXXXIII*. Vide edição moderna, André de Resende, *Oração de sapiência (Oratio pro rostris)*. Tradução de Miguel Pinto de Meneses. Introdução e notas de A. Moreira de Sá, Lisboa, 1956, p. 50-53.

doutrinários, eram divulgadas, quer na língua original, quer em tradução, através de edições saídas nos prelos mais famosos da Europa, ou nas oficinas mais modestas, que serviam as instituições universitárias.

Os objectivos deste ensino das humanidades podem resumir-se, desde a pedagogia do *Quattrocento* aos colégios dos Jesuítas, na expressão que se tornou lema, *Non multa ad multum*, que Montaigne – antigo aluno do Colégio da Guiena, em que era Principal o humanista português André de Gouveia – traduz pela conhecida máxima «plutôt la tête bien faite que bien pleine» (*Essais*, I, 26).

O interesse pela educação – por influência de Plutarco e do *rhetor* Quintiliano, na pegada de Cícero – leva, nesta época, ao tratamento da *puerilis institutio*, desde o *Quattrocento* italiano a Erasmo e a muitos seus seguidores por toda a Europa. Neles se afirma o conceito de criança, com individualidade própria, como um ser em crescimento, componentes essenciais da futura psicologia diferencial, desenvolvidas nos séculos seguintes, até ao nosso tempo.

É também a preocupação pela formação integral do governante que tem na mão o destino dos povos, a felicidade e o bem comum, que motiva a ampla difusão de um género de literatura, o dos “Tratados de educação de príncipes”, considerado um tema europeu, desde Petrarca e de Pier Paolo Vergerio, desde o *Quattrocento* italiano a finais do Século XVI. Como os *Livros de horas* para a sensibilidade medieval, os tratados pedagógicos, de educação aristocrática, ou de vida civil e cortesia, tornam-se um verdadeiro *vademecum* na Europa renascentista.

O sentido apurado da pedagogia renascentista revela-se ainda na utilização do diálogo. As vantagens pedagógicas do género dialógico não passaram despercebidas já aos mestres medievais. O diálogo era para eles um meio de demonstração e de verificação ao serviço de uma verdade admitida como tal. Era o método dialéctico e lógico do *sic et non*, do *pro et contra*, que Rabelais ridiculariza no cap. XIX do *Pantagruel*.

Apesar das críticas que o ensino escolástico – centrado sob a disputa baseada nas *Summulae logicales* de Pedro Hispano – recebe dos humanistas, é indubitável que o colóquio escolar é herdeiro destas *disputationes*.

A renovação dos estudos clássicos e a admiração pela forma e estilo dos autores da Antiguidade, Platão, Xenofonte, Luciano, Cícero, irá pôr em relevo um tipo de diálogo diferente, de aspiração literária e filosófica, muitas vezes com um carácter enciclopédico, que rivaliza com o simples diálogo pedagógico. Os humanistas, inversamente aos autores medievais, seus predecessores, servem-se não só da Retórica, em substituição da Lógica, mas também da Dialéctica, que lhes fornece citações literárias, ilustrações e exemplos, que desempenham uma função didáctica e pedagógica notável.

Para os humanistas, a forma de diálogo literário é menos um instrumento pedagógico – embora sirva a pedagogia – do que um meio de expressão literária, conforme à sua maneira de ver um lado e o outro das coisas. Era a influência do modo de argumentar próprio da filosofia académica, que Cícero divulgara.

A tendência para dramatizar a obra literária e o extraordinário florescimento de tratados em forma de diálogo, ao longo de todo o séc. XVI, são o reflexo do valor

conferido à palavra, ao discurso, à opinião individual. É no diálogo, na apresentação dos diferentes pontos de vista e argumentos de personalidades distintas que se dá voz ao pensamento e à liberdade do homem, à sua condição e capacidades, à sua relação com a sociedade e com a realidade em geral.

É esta preocupação do real, este “realismo integral”, típico do Renascimento, profundamente assimilado ao idealismo do humanismo cristão, que leva à necessidade do debate, da confrontação de ideias.

Palco de reformas e de diferentes sistemas políticos, sociais e religiosos, o séc. XVI, no dealbar da Idade Moderna, viu surgir uma cultura nova em que o homem, pela reflexão e pelo discurso, se impunha como princípio renovador. É pelo diálogo universal entre os homens do mundo inteiro, de que a língua latina é instrumento, que são debatidos grandes problemas da existência humana; é pela palavra actuante que esses problemas adquirem verdadeiramente a dimensão do real. A vida de sociedade e as reuniões intelectuais, as “Academias”, que os humanistas italianos cultivam e difundem por toda a Europa, conferem verosimilhança e naturalidade a estes confrontos de ideias que os diálogos retratam.

Não é sem razão que os tratados de filosofia, de pedagogia, de parenética e de conduta social usam com frequência o diálogo, o melhor instrumento para reproduzir uma conversa. Lembrem-se os quatro livros do diálogo *Della uita civile* de Matteo Palmieri, *Il cortegiano* de Baldassare Castiglione, os *Asolani* de Bembo, o *De educatione ac institutione liberorum* de Giovanni Antonio Flaminio, o *De optimo principe dialogus* de Giovanni Bernardo Gualandi, o *De liberis instituendis* de Jacopo Sadoletto, o *De platano* de João Rodrigues de Sá de Meneses, os *Diálogos* de Francisco de Holanda, os *Dialoghi d’Amore* de Leão Hebreu, o *De gloria* e o *De regis institutione et disciplina* de D. Jerónimo Osório, os *Diálogos* de Frei Amador Arrais, entre outros.

Uma das características fundamentais da literatura renascentista, além da riqueza formal, é o aproveitamento que faz da literatura clássica. Todo um conhecimento de prosadores e poetas gregos era comum entre os homens cultos do Renascimento, quer soubessem lê-los no original, ou em traduções latinas, muito em uso, ou mesmo em vulgar.

Entre todos os géneros literários cultivados pelos antigos, a História é talvez o que mais seduz os tradutores e os autores do século XVI¹.

A glória da Roma antiga era incansavelmente entoada pelos humanistas italianos, preocupados em ajustar a beleza do seu discurso à grandiosidade dos

¹ A oração de Arnaldo Fabrício, proferida a 21 de Fevereiro de 1548, por ocasião da abertura do Colégio da Artes, conferia importância à disciplina da História, num país que com frequência dava a conhecer ao mundo, em língua latina, a sua gesta contra os defensores do islão, o mesmo islão que punha em perigo a unidade da Europa, enquanto príncipes cristãos se digladiavam entre si. Neste ano de 1548 sai a lume o *Commentarius de rebus in India apud Dium gestis* do seu colega Diogo de Teive, que exalta os feitos dos portugueses no cerco de Diu de 1546. Sobre a modernidade do ensino em Portugal, traduzido no *curriculum* alargado que as orações de sapiência testemunham e os próprios estatutos regulamentam, vide Nair de Nazaré Castro Soares, “Humanismo e História. *Ars scribendi* e valor do paradigma”, *Máthesis* 1 (Viseu, 1992) 153-169; Idem, “Humanismo e pedagogia”, *Humanitas* 47 (1995) 799-844, maxime p. 820-834.

feitos dos seus antepassados, como o testemunha Lorenzo Valla, no prefácio ao primeiro livro das suas *Elegantiae Latinae*, que inspiraram as considerações dos gramáticos humanistas, Antonio de Nebrija e Fernando de Oliveira, sobre a língua, companheira do império¹. Esta glorificação do passado mítico-histórico de Roma desencadeia uma verdadeira emulação, não só entre os escritores italianos, herdeiros directos do grande império – não poderemos esquecer o espírito da *Monarquia* de Dante e mesmo de *Il principe* de Maquiavel – mas ainda entre os humanistas europeus, que se orgulham das suas origens e que cantam a bravura dos seus heróis nacionais e a grandeza das suas pátrias.

O orgulho das origens da nação portuguesa manifesta-se no séc. XVI, em obras como o *De antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende, que pretende provar, pelo recurso à ciência filológica, a *dignitas* da nação portuguesa, abundante em testemunhos da presença dos romanos. Mas a excelência lusitana é ainda apresentada na própria literatura cavaleiresca, ou antes, na sua reactualização paradigmática, como é o caso da *Crónica do Imperador Clarimundo* de João de Barros. De par, o enaltecimento da gesta nacional é uma constante nos autores do século XVI, em poesia e em prosa, em latim e em vulgar, para o que concorre o “esquema de superação” – ao serem postos em paralelo os feitos lusos e os dos grandes heróis gregos e romanos –, como n’ *Os Lusíadas* de Camões (1. 3): «cesse tudo o que a Musa antigua canta, / que outro valor mais alto se alevanta».

A exaltante atmosfera moral, aliada à consciência da hiperidentidade que caracteriza os homens desta época, transparece na prosa histórica em vulgar e em latim. Ganha forma a história monográfica, que empenhou humanistas como Diogo de Teive e Damião de Góis, onde se relatam episódios, em que o sensacionalismo tem um lugar de relevo.

O motivo da exaltação épica das glórias nacionais torna a história próxima da epopeia. Neste particular, serve de modelo Tito Lívio - o título das *Décadas* de Barros o comprova - que se aproxima tanto da *Eneida* de Virgílio² como a obra histórica quinhentista da epopeia camonianiana. É que a poesia, mais universal do que a história, segundo a definição de Aristóteles³, exprime muitas vezes, entre nós, neste período, a essência extraída dos ensinamentos da história.

É notável a definição de história, traduzida da ciceroniana *História testis temporum, lux ueritatis* (*De oratore*, 2.9.36), que surge já, no século XV, da pena de Fernão Lopes, na *Crónica de D. João I* (II parte, cap. 37): “a estoria ha de seer luz da uerdade e testemunha dos antigos tempos”. Com a lição de Cícero e de Tito

¹ Vide sobre este assunto, Eugenio Asensio, ‘La lengua compañera del Imperio’ in *Estudios portugueses*, Paris, 1974, p. 1-16.

² Sobre a proximidade da obra de Tito Lívio - tem sido notada a cor poética do estilo do historiador, sobretudo nos primeiros livros - e da *Eneida* de Virgílio, vide A. Rostagni, *Da Lívio a Virgílio e da Virgílio a Lívio*, Padova, 1942; P. G. Walsh, *Livy; his historical aims and methods*, Cambridge, 1961, p. 136-137 e p. 245-270.

³ Aristóteles, *Poética*, 1451 a 36-1451 b 10.

Quintiliano, dentro da tradição primitiva de uma história heróica, afirma na *Institutio Oratoria* (10.1.31) que a história está muito próxima da poesia e que aquela é uma forma de poema em prosa.

Lívio, a abrir a sua *Ab urbe condita*, e com os exempla das *Vitae parallelae* de Plutarco, a história paradigmática vai impor-se por toda a Europa e em Portugal, sobretudo com João de Barros.

Além disso, numa época em que o regalismo se começa a afirmar, por influência do direito romano, e abre caminho à teoria da soberania de estado, formulada por Jean Bodin, nos seus *Six livres de la republique*, o posicionamento doutrinário, adoptado pelo enunciador do discurso histórico, propiciava certas relações conceptuais entre a obra histórica e os tratados de pedagogia e parénese políticas.

Numa palavra, significativo é, no Renascimento, o papel da história da Antiguidade que condiciona a arte de escrever história, é ponto de referência da exaltação épica das glórias nacionais, é disciplina formativa do carácter e repositório de paradigmas, que merece ser objecto de especulação teórica, é manancial de *exempla* que informam a tradição retórica, é base e fundamento de novos horizontes científicos, é enfim suporte de novos modelos ideológicos e da formulação política em termos modernos¹.

Referência perene para os escritores de Quinhentos é, além da história, a literatura da Antiguidade clássica, em que os motivos poéticos e mitológicos são recorrentes. E é, neste século de ouro que, em Portugal, imitam os clássicos com originalidade e arte singulares, entre tantos outros, poetas latinos como André de Resende, Inácio de Morais, Diogo Pires, Diogo de Teive e o seu discípulo José de Anchieta – o espanhol das Ilhas Canárias, o “Canário de Coimbra”, e grande apóstolo do Brasil –, ou, na língua portuguesa, António Ferreira e Luís de Camões, que ambos cantam, enaltecem.

Na verdade, todo o discurso literário no Renascimento é profundamente influenciado pela retórica escolar, qualquer que seja o género cultivado².

O peso da Antiguidade mítico-lendária e o fascínio que a beleza das formas clássicas desperta nos poetas do Renascimento, em toda a Europa, condicionam o seu discurso, que se apoia num mundo de referências comuns, numa espécie de comunidade de inspiração, a conferir-lhe um carácter inevitavelmente culto, de acordo com a formação humanística europeia e os padrões de sensibilidade do tempo, sem que a criatividade e a originalidade individuais sejam afectadas.

Comuns a todos os autores da Europa são as temáticas clássicas, com imagens e motivos históricos e mitológicos da tradição literária, de grande actualidade, num tempo em que se difundiram o neoplatonismo ficiniano, de par com o petrarquismo e o epicurismo da Arcádia, em que surgiu a doutrina de Maquiavel e se afirmou a ciência política com Jean Bodin.

São temas recorrentes, na literatura do Renascimento, o bom rei e o tirano, a realeza que, pela sua posição eminente, está mais exposta ao sopro dos ventos e às

¹ Vide Nair de Nazaré Castro Soares, ‘A História Antiga no Humanismo Renascentista Português’, *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*. (Coimbra, 18-20 Out.1990), Coimbra 1994, p 280-305.

² Jean Lecointe, *L’idéal et la différence. La perception de la personnalité littéraire à la Renaissance*, Genève, 1993, «De l’exercice scolaire à la pratique littéraire», p. 88-99, maxime p.94.

intempéries, o valor da lealdade e da amizade verdadeira, os perigos da adulação, a vida áulica e os trabalhos do rei, em contraste com o ideal da vida simples, da *aurea mediocritas* e do *beatus ille* horacianos – em que a filosofia epicurista de tom lucreciano, se une com a poética dos *Salmos* e com o ideal evangélico –, a instabilidade e fragilidade da vida humana, a labilidade da Fortuna, senhora cega das coisas, o amor em conflito com a razão de estado, a transcendentalidade do amor e da morte, o amor sagrado e o amor profano, o poder cósmico do amor.

Todos estes temas, com seus motivos mitológicos e imagens que se repetem, nos vários autores, perpassam nos diferentes géneros da produção literária de Quinhentos, desde os tratados de educação de príncipes à poesia lírica, à épica e à tragédia.

A clássica união da ética e da política, a mobilidade de mestres e alunos, no espaço europeu, o uso dos mesmos manuais didáticos e dos mesmos métodos de ensino – em que sobressai o *modus parisiensis* e o papel divulgador do teatro pedagógico¹ –, a formação integral do homem, dentro dos mesmos princípios e directrizes, que poderemos designar europeus, em que os autores clássicos e os Livros Sagrados se davam as mãos, estão na base da construção da Europa moderna².

Apesar da especificidade de cada nação e da mundividência própria de cada época, os valores éticos, científicos, culturais e artísticos, essenciais à formação e à realização humanas, assentes no primado do homem que é razão, inteligência, vontade e sensibilidade, constituem, na Idade Média e Renascimento, a herança perene de um património colectivo em que assentam os *fundamenta* da ideia de Europa e da identidade do ser europeu.

¹ O *modus parisiensis*, assente nos princípios da ordem e do exercício, com vista a uma formação integral, física, intelectual, moral e religiosa, foi iniciado nas escolas humanísticas dos Irmãos da Vida Comum e posto em prática em Paris, nas primeiras duas, três décadas do século XVI, por pedagogos como Johan Sturm, Mathurin Cordier e George Buchanan. Sturm, célebre reformador do Ginásio de Estrasburgo e autor de uma vasta obra pedagógica e de um famoso tratado *De literarum ludis recte aperiendis* (1538), vai influir significativamente na formulação dos métodos pedagógicos e na *Ratio studiorum* dos jesuítas. Mathurin Cordier e George Buchanan integraram o grupo de mestres que vieram de Paris para Bordéus, a convite de André de Gouveia, juntamente com humanistas portugueses, como João da Costa e Diogo de Teive.

O *modus parisiensis* – que acompanha o sucesso do ensino nas instituições em que Diogo de Gouveia foi Principal, o Colégio de Santa Bárbara em Paris, o da Guiena em Bordéus e o Colégio das Artes em Coimbra – vai conhecer a maior difusão também nas escolas protestantes da Europa central, por influência de Sturm, e vai impôr-se também nos Colégios Jesuítas que irradiaram por toda a Europa. Vide R. P. Dainville, *Les jésuites et l'éducation de la société française. La naissance de l'Humanisme moderne*, Paris, 1940, maxime, cap. II, “L'ordre des études”, p.71-155; Giuliano Raffo, S. J., *La ratio Studiorum. Il metodo degli studi umanistici nei collegi dei gesuiti alla fine del secolo XVI*. Introdução e tradução dal latino. Roma, 1989; J. Ferreira Gomes, ‘O *modus parisiensis* como matriz da pedagogia dos jesuítas’, *Revista portuguesa de Filosofia* 50 (1994) 179-196; L. Brockliss, ‘Curricula’, in *A history of the university in Europe. II - Universities in early modern Europe (1500-1800)*, Cambridge: Cambridge University Press, 1996, maxime, p. 572;

² A *ratio studiorum* humanista, seguida, com ligeiras variantes, nas diversas instituições europeias, é a que figura no livro I da *Institutio oratoria*. Os métodos pedagógico-didáticos são os que têm como centro o homem, na individualidade da sua natureza e das suas capacidades. É que os frutos escasseiam, se a natureza é contrariada, *inuita Minerva*, no dizer de Cícero (*De Officiis*, 1.110) e Platão (*Republica* 536e).

Foram estes valores comuns, as múltiplas valências culturais, humanísticas, éticas e políticas de que dependem a concepção do mundo e do homem, a visão da vida e da história, que fecundaram a trajectória milenar da Europa, entidade espiritual e realidade cultural – farol de civilização e progresso –, e, a partir dela irradiaram para o mundo.

Um longo processo, no fluir dos tempos...

As preocupações humanistas de Saramago em *Ensaio sobre a Lucidez*

António José Borges
Escola Alemã de Lisboa
joseborges@portugalmail.pt

Resumo

Pretendemos aflorar alguns tópicos relacionados com as preocupações humanistas presentes no *Ensaio sobre a Lucidez*, consistindo num trabalho de análise, com alguma reflexão, sobre a visão do homem no romance.

E reflectir sobre a condição do homem, o seu futuro, implica um trabalho interdisciplinar que nos permita captar e transmitir tudo o que vamos recebendo e entendendo. Temos como objectivo tratar os vários aspectos que envolvem o animal racional que é o homem, o qual se distingue pelo seu conhecimento e sentimento. As atitudes e valores, em constante mutação e degradação, serão aqui problematizadas(os).

Abstract

We want to touch on some topics related to the humanitarian concerns in *Ensaio sobre a Lucidez*, consisting of a work of analysis, with some reflection on the vision of man in the novel.

And reflect on the condition of the man, his future, implies an interdisciplinary work that will enable us to capture and transmit everything that we received and understood. We aim to deal with various aspects involving the animal which is the rational man, which is distinguished by its knowledge and feeling. The attitudes and values in constant change and degradation, will be here in question.

A palavra humanismo deriva do latim *humanus*, que significa “humano”. Podemos definir brevemente um humanista como alguém cuja visão do mundo confere grande importância aos seres humanos, à vida e ao valor do ser humano. O humanismo realça a liberdade do indivíduo, a razão, as oportunidades e os direitos.

Jostein Gaarder

O humanismo difundiu-se como uma visão do mundo na qual o homem é o centro do universo, o fator do seu próprio destino e não está sujeito a limitações, pois pode assumir o lugar e as tarefas que prefere. Hoje, o humanismo assume contornos diferentes e tem de ser repensado e adaptado à mundividência moderna.

O humanismo não se manteve como um movimento uniforme. O humanismo no Renascimento não é o mesmo do Séc. XXI, mas permanece a preocupação com

o que o homem *é* e *como é*. Ao afirmar que vem aí um homem novo, que não se sabe como será e que por isso escreve para o presente, José Saramago exprime a sua vontade de participação cívica num mundo que ele afirma ser péssimo. Não é ele que é pessimista, conquanto os grandes humanistas tenham sido sempre grandes pessimistas. Exprime ainda o desejo de melhorar o mundo, e o próprio homem, através de uma escrita que não é alheia à função social da literatura.¹ Ora, “o que há de relevo no Homem é o seu *arquétipo*, aquilo que faz dele um Ser profunda e repetidamente humano”².

O romance *Ensaio sobre a Lucidez* constitui mais uma obra de José Saramago onde a preocupação com o homem, com a condição humana, é uma constante. São muitos os recursos de que o autor se serve para satirizar pessoas, situações e instituições. Isto justifica-se pelo facto de que “a sociedade é um caos, ao qual só o gracejo pode dar forma e conferir harmonia” (Schlegel 1979: 79) e “o caos é uma ordem por decifrar” (Saramago 2002: 9).

Se o humanismo faz jus ao seu próprio nome, é por ter em alta conta o ser humano. Mas não há nada de mais profundamente humano que a interrogação da razão sobre o sentido da existência. A escolha da palavra *Lucidez* para o título do romance transporta consigo remetências humanistas. Surgem motivos de preocupação com o homem e a sua realização. A demanda eterna do homem à procura de si mesmo, à descoberta do seu eu, requer, pressupõe que saíamos de nós para melhor nos vermos.

Existe um conjunto de factores que nos levam a caracterizar José Saramago como sendo um clássico: pelo rigor, um humanista, pelo teor das suas preocupações no *Post-Modernismo*, onde existe o culto do homem. É certo que se constata um certo retorno do Barroco em alguma literatura actual, pois que, este se adapta melhor ao homem moderno, residente de um labirinto caótico. No entanto, está bem patente um espírito racionalista, clássico e humanista, nos modos de expressão do autor, pelo que, uma vez mais este vai ao encontro de necessidades primordiais do homem, como a procura de certezas e de unidade, mantendo-se, todavia, desperto relativamente a sentimentos contrários e reconhecendo a importância da dúvida e do caos.

Saramago não se furta às tendências, instrumentaliza-as. Mas o que é realmente relevante e intencional na sua escrita – o que nos remete para o Humanismo – é a tentativa de recuperação do homem na sua obra. O Humanismo nunca foi e não é um movimento estanque; esta preocupação com o homem é uma das suas vertentes que aliada ao racionalismo, que é apanágio no autor, nos remete para traços de carácter clássico presentes na sua escrita e personalidade.

O homem contemporâneo está cego, perdeu a imagem da sua realidade, como em muitos outros momentos da sua História. Assim, José Saramago manifesta novamente o desejo de que o homem alcance a lucidez que lhe vem faltando, sustentando a ideia de que “sábio será aquele que constrói o espectáculo do mundo”

¹ Vide: Borges, António José, “O Humanismo no *Ensaio sobre a Lucidez*”, *Humanitas*, 2004, pp. 554-557.

² *Idem*, p. 557

(Figueiredo 2001: 367). Saramago realça, então, o lugar de destaque do homem relativamente aos outros seres criados e a sua liberdade de conduta.

Saramago proporciona-nos mais uma viagem alucinante por territórios fantásticos, onde o humano surge sob um olhar diferente, mas onde o homem é ainda o centro de todo o olhar. Segundo Sartre, também o existencialismo é uma forma de Humanismo e, à luz desta ideia, extraímos do *Ensaio sobre a Lucidez* preocupações existencialistas e humanistas. Quando a personagem do Comissário murmura para a mulher do cântaro vazio: “É como a vida minha filha, começa não se sabe para quê e termina não se sabe porquê” (Saramago 2004: 303), estamos perante a noção do absurdo existencial, sendo que o homem está em questão.

O destino, e principalmente o quotidiano – referimo-nos à mundividência moderna¹, aos valores que imperam no mundo de hoje, às relações interpessoais – do homem são objecto de análise atenta, expressa de uma forma irónica e apreensiva por parte do autor; esta postura surge na senda de um Humanismo que faz jus ao seu próprio nome, dado que tem em alta conta o ser humano. Não há nada de mais profundamente humano que a interrogação da razão sobre o rumo que o ser humano está a tomar, sendo incontornável o questionamento sobre o sentido da existência. Alguém que não reflecte sobre estes aspectos não está preparado para a vida e para todos os *karmas* e *dharmas* que nela surgem.

O antropocentrismo moderno remonta ao século XV, quando Pico della Mirandola escreveu o *Oratio de hominmis dignitate* (Discurso sobre a dignidade do homem).

Neste romance, a visão que Saramago nos transmite do homem está bem patente, *grosso modo*, quando o autor relata o desenrolar do dia de eleições, mais concretamente a ida às urnas:

...os eleitores [...] começaram a sair para a rua, [...] e todos, todos, os são e os enfermos, aqueles por seu pé, estes em cadeiras de rodas, em macas, em ambulâncias, confluíam para as suas respectivas assembleias eleitorais como rios que não conhecem outro caminho que não seja o do mar. (Saramago 2004: 23)

¹ Atentemos e reflectamos sobre algumas etapas na evolução do homem, sobre a sua eterna demanda de certezas e unidade, sobre a problemática do seu destino:

A mundividência clássica funda-se na crença no **Ser**, na sua racionalidade e no Cosmos. A mundividência medieval centra-se na crença em **Deus**, na Sua criação e na sua revelação. A mundividência moderna funda-se no **Homem** e sua capacidade de conhecer e dominar o mundo (Lembramos, aqui, **Os Lusíadas** de Camões). [...]

A actualidade parece-nos ter levado ao limite os postulados da mundividência moderna, embora, simultaneamente, sofra de uma desagregação da substância da crença. Isto equivale a dizer que muito na literatura actual nos mostra como o homem não crê realmente em nada. E, por isso mesmo, é capaz de acreditar em tudo.

Consideramos pertinente lembrar que uma condição primordial da autorealização é o autoconhecimento. Para tal, “devemos procurar quebrar a cadeia que nos liga ao mundo exterior para gozarmos a nossa verdadeira liberdade. «La plus grande chose du monde c’est de sçavoir être à soy», escreveu Montaigne” (Cassirer 1995 : 14), um moralista e um grande humanista francês.

Em muitas obras de José Saramago, e este *ensaio* não foge à regra, dá-se a fusão dos tempos. Os problemas nunca mudam, pelo que os seus romances tratam, essencialmente, um tempo humano. Saramago afirma que escreve para o presente, para o homem do presente.

Neste romance, à semelhança do *Ensaio sobre a Cegueira*, não há alusão ao tempo e as personagens são inominadas, como no Nouveau Roman, o que lhes atribui um carácter de universalidade. O cão das lágrimas, a mulher do médico podem ser qualquer um de nós, podemos ser todos nós.

Não raras vezes, parece-nos que Saramago escreve realmente para o presente, mas cremos ser mais um tempo humano o que o ocupa.

Convém notar que tem ocorrido uma subtil mudança na ficção de Saramago. Referimo-nos a um obscurecimento do tempo e do espaço. Ao tratar o homem, o seu drama, o autor universaliza o seu campo de preocupações. Isto talvez ocorra desde *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, obra que marca um certo desenraizamento em favor de uma globalização, isto relativamente ao seu campo de acção no seio da literatura.

Durante o romance não é directamente mencionado o local, neste caso a cidade, onde a acção se desenrola, pelo que esta fábula, à guisa de *O Pedro e o Lobo*, esta sátira, que nunca o foi tanto, esta tragédia, pelo seu culminar, este uivo, pela epígrafe; enfim, este *ensaio* – o autor põe à prova a sua perplexidade – este exercício em forma de romance e que gera um sobressalto, uma pequena luz no fundo do túnel, pode ocorrer em qualquer lugar e em qualquer altura.

Saramago recorre ao imaginário para nos transmitir determinados estados de alma e ideias sobre o estado actual da sociedade e do homem, uma vez que “o imaginário permite devassar o íntimo das sociedades, suas crenças, aspirações, ideologias...” (Berrini 1998: 11). Assim, o *Ensaio sobre a Lucidez* é, pelos registos que devassam o íntimo de uma sociedade, as suas crenças, aspirações e ideologias, um manuscrito de teor histórico. Recorrendo ao imaginário, usando o fantástico, José Saramago lega às gerações vindouras um conjunto de relatos de situações, embora estabelecendo aqui uma analogia, preocupações e inquietações verosímeis.

Porque há um quê de sociólogo em Saramago, também há um quê de historiador; as suas histórias inventadas reflectem o espírito da época, do tempo (*Zeitgeist*), logo, é um legado histórico; não no sentido de a recordar, mas no sentido de a deixar marcada por um propósito moral, este impregnado na sua escrita. Desta forma, a história que se faz nos nossos dias proporciona ao homem a compreensão de si mesmo. O passado não é visto como refúgio, mas como algo necessário ao homem de hoje, para que este se possa conhecer melhor.

A cidade, a política e o homem são tópicos relevantes, que constituem um elo de ligação incontornável na sociedade moderna.

Eça de Queiroz, num dos seus rasgos de preclara lucidez, filosofou sobre o povo português que paga e reza – que paga aos que o exploram e reza aos que o enganam. E tanto mais pertinentemente nos veio à ideia esta sentença queirosiana, quanto mais actual se mostra.

Malgré notre, se ao decidirmos estudar um qualquer romance de Saramago, ou, no caso, um conjunto deles, o nosso espírito não fosse sensível ao que no *Manual de Pintura e Caligrafia* está escrito, dito pela escrita. Donde, relativamente ao aspecto de que nos ocupamos, de facto, nesse primeiro romance, o autor discorre sobre o conceito de cidade e reflecte sobre ela. Uma vez que o romance se passa na cidade de Lisboa, a personagem do pintor traça as suas formas e analisa a perspectiva com que se depara – e não se coíbe nas suas observações, perante as Massamás que vê; o homem e a cidade são indissociáveis nesta era pós-moderna.

Sendo um sábio que não se contenta com o espectáculo do mundo, José Saramago manifesta uma lúcida atenção com o curso do rio que transporta a civilização. Actualmente, a *polis* é o centro de toda a actividade humana, onde se convergem todo o tipo de interesses.

A acção do *Ensaio sobre a Lucidez* decorre, grosso modo, numa grande cidade que é capital e que se nos apresenta como o espaço mais natural *do e para* o homem.

Nos tempos que correm não devemos dissociar a política das preocupações do e com o homem. E, neste sentido:

...em face do recrudescimento do fundamentalismo, é difícil encontrar métodos de estudo e interpretação da realidade que forneçam respostas cabais e indiscutíveis para a grande interrogação: porquê tanto fanatismo no limiar do século XXI, numa época que deveria ser, finalmente, da ciência e do racionalismo, da liberdade, da democracia, da tolerância e do humanismo? (Lopes e Sá 1997: 44)

Os pressupostos e princípios supra mencionados servem, de alguma forma, para fundamentar e legitimar o valor, a importância e o futuro da cultura humanística inerente à escrita de José Saramago, pois não raras vezes José Saramago alude à falta de carácter, própria de muitos políticos actuais.

O governo retratado no romance procura a dada altura seduzir a população através da comunicação social, que serve de veículo de transmissão das suas ideologias e propósitos amorais; referimo-nos principalmente às notícias «arquitectadas», que visam atribuir a culpa do «mal branco», da elevada percentagem de votos em branco, à mulher do médico. O governo instiga a população a revoltar-se contra a mulher do médico. Para conseguir alcançar esse objectivo serve-se do poder persuasivo que a imprensa escrita detém – no caso, os jornais. Deste modo, a população só vê aquilo que a deixam ver. Estabelecemos aqui uma analogia entre a alegoria da caverna e a alegoria da cidade onde a acção deste romance se desenrola.

As crises ao nível político, económico e social em que vivemos mergulhados,

porque são indissociáveis e interpenetram-se, são como uma só, que é preocupante; mas, ainda assim:

há quem descubra uma outra crise, ainda mais profunda, a crise dos espíritos e dos corações, uma crise de identidade e da comunidade, uma crise moral e talvez espiritual nas nossas sociedades modernas, anónimas e indiferentes, onde reinam como donos e “novos senhores do mundo”, impiedosamente, ia a dizer, intolerantemente, a técnica, os media e o dinheiro, embora ainda haja quem se bata por um renascimento do humanismo, pelo direito ao sentido, a uma esperança partilhada como um direito fundamental do homem para o Século XXI. (Veiga 2004: 32 – 34)

No discurso de Saramago está amiúde presente ou latente um chamamento de atenção para a necessidade de haver respeito pela diferença na opinião ou posição: política, religiosa, económica, entre outras.

Donde, porque a política se faz com homens e é nas cidades que estão centrados os poderes e onde se tomam as principais decisões, sublinhamos aqui as palavras de José Cutileiro, que nos parecem ir ao encontro da ideologia social e política de Saramago:

...tinha havido sempre, e continuaria a haver, governantes e governados, o risco de violência era permanente. Por isso, o objectivo supremo da política deveria ser criar um poder em comum que prevalecesse sobre formas de domínio de uns ou de outros. Como tal era impossível, toda a política é frágil: a sua retórica não garante certezas e fica-se à mercê de quem seja tentado por utopias, ou por ideologias inflexíveis, ou por receitas tecnocráticas – que provocam exclusões e dividem quer a sociedade doméstica quer a sociedade internacional. Era preciso que cidadãos e Estados vencessem tais tentações para que uma vida boa pudesse existir sobre a terra. (Cutileiro 2005: 15)

De referir a seguinte passagem do romance – a qual, sendo uma fala multifónica, constitui a passagem-chave:

...se haviam votado como votaram era porque estavam desiludidos e não encontravam outra maneira de que se percebesse de uma vez até onde a desilusão chegava, que poderiam ter feito uma revolução, mas com certeza iria morrer muita gente, e isso não queriam, que durante toda a vida, pacientemente, tinham ido levar os seus votos às urnas e os resultados estavam à vista, Isto não é democracia nem é nada, senhor presidente da câmara. (Saramago 2004: 103)

O tema da religião, da relação: homem-religião, sempre caro a José Saramago, é também abordado neste romance, embora não aprofundadamente. Importa analisar a visão que Saramago nos transmite.

São poucos os humanistas que se desligam da noção de divindade. O homem, como centro de todas as construções filosóficas, não exclui Deus. Pelo contrário, o homem deve aproximar-se, ser um anjo.

O autor do *Evangelho segundo Jesus Cristo* apresenta-se-nos como um

ser humano com um conhecimento profundo dos textos bíblicos. Esse mesmo conhecimento condu-lo a uma consciência do papel que o homem desempenhou na história do cristianismo, realçando, concomitantemente, o poder do cérebro humano, o único que nos permite atingir um nível de transcendência. Desta forma, o que efectivamente José Saramago põe em causa não é tanto a ignorância ou o esquecimento de Deus, mas sim “a presença dos intermediários: aqueles que se instituíram como intermediários de Deus e que condicionaram e continuam a condicionar em grande parte a nossa vida, o nosso modo de pensar” (Reis 1998: 142). Ora, o autor do *Ensaio sobre a Lucidez* pensa que todas as formas de adorar Deus se equivalem, isto colocando a hipótese da sua existência. A sua intolerância face ao fundamentalismo religioso – este aspecto da intolerância estende-se, também, a outros domínios da ideologia de Saramago, como o político, económico, social, humano, entre outros – visa criar um mundo mais tolerante. Portanto, ele simplesmente é intolerante com a intolerância.

Esta questão religiosa está, sob várias formas, presente no romance, o que concretamente se exprime no emprego da letra d, minúscula, sempre que escreve: Deus. De igual modo, todos os outros títulos de cargos exercidos pelas personagens do romance são escritos com letra inicial minúscula. Tendo em conta o contexto por vezes irónico em que a palavra deus é utilizada, entendemos que Deus é diminuído na sua importância como sendo a Entidade providencial, reguladora dos acontecimentos e da vida humana. Não se trata de uma negação da existência Divina, mas sim de uma redução do valor do seu papel interventivo no mundo do homem. (Borges 2004: 556)

Ao escrever: “o diabo tem tão bom ouvido que não precisa que lhe digam as coisas em voz alta, Valha-nos então deus, Não vale a pena, esse é surdo de nascença” (Saramago 2004: 111), Saramago, servindo-se da ironia, pretende transmitir-nos a ideia de que Deus nos votou ao abandono. No que diz respeito à questão religiosa, a ironia é um dos recursos mais utilizados pelo autor para fazer passar as suas ideias. Destacamos a seguinte reflexão sobre o papel da cidade na votação em branco e os reflexos que esta teve sobre aquela:

A manhã estava agradável, com muito sol, o que serve para demonstrar à sociedade que os castigos de que o céu foi tão pródiga fonte no passado vieram perdendo força com o passar dos séculos, bons e justos tempos foram aqueles em que por uma simples e casual desobediência aos ditames divinos umas quantas cidades bíblicas eram fulminadas e arrasadas com todos os habitantes dentro. Aqui está uma cidade que votou em branco contra o senhor e não houve um raio que lhe caísse em cima e a reduzisse a cinzas como, por culpa de vícios muito menos exemplares, aconteceu a Sodoma e a Gomorra, e também a Adnia e a Seboyim, queimadas até aos alicerces, se bem que destas duas cidades não se fala tanto como das primeiras, cujos nomes, talvez pela sua irresistível musicalidade, ficaram para sempre no ouvido das pessoas. Hoje, tendo deixado de obedecer cegamente às ordens do senhor, os raios só caem onde lhes apetece, e já se tornou evidente e manifesto que não será

possível contar com eles para reconduzir ao bom caminho a pecadora cidade do voto em branco. Para fazer-lhes as vezes enviou o ministério do interior três dos seus arcanjos... (Saramago 2004: 212)

É indubitável a problemática que envolve a consciência humana manifestada em algumas personagens do romance. No contexto do mundo actual, só um espírito pouco esclarecido, ou sem vontade de reconhecer o óbvio, é que não conclui que “usamos perversamente a razão, quando humilhamos a vida, que a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos do nosso mundo, que a mentira universal tomou o lugar das verdades plurais, que o homem deixou de respeitar-se a si mesmo, quando perdeu o respeito que devia ao seu semelhante”.¹ Quando José Saramago fala da mentira universal que tomou o lugar das verdades plurais está certamente também a referir-se à intolerância que paira sobre a diferença, sobre as opiniões e posições que não estejam em conformidade com uma determinada norma. A elevada percentagem de votos em branco provocou o pânico e o desnorteio no governo retratado no romance, que resolve interrogar algumas pessoas, com vista a retirar ilações sobre o que as teria motivado a tomar semelhante posição. A decisão não surtiu o efeito desejado. Saramago escreveu, então, em determinado momento:

...os humanos são universalmente conhecidos como os únicos animais capazes de mentir, sendo certo que às vezes o fazem por medo, e às vezes por interesse, também às vezes o fazem porque perceberam a tempo que essa era a única maneira ao seu alcance de defenderem a verdade. (Saramago 2004: 50)

A consciência humana consegue de facto atingir estados de espírito que a leva a transcender-se. Mesmo o teste do polígrafo, o denominado detector de mentiras, não atingiu o objectivo de encontrar culpados, tendo mesmo havido uma mulher das interrogadas que conseguiu inverter as posições; ou seja, recusou a veracidade do resultado do polígrafo, desafiou um agente a efectuar o teste e o resultado foi catastrófico para o mesmo, que se recusou a admitir o que a máquina acabara de ditar: que mentira! Esta é uma análise fiel da ironia da condição humana, sempre sujeita à mais inesperada das provações.

A personagem do Comissário desempenha, a partir de um dado momento, um papel fulcral no desenrolar da narrativa. Por detrás da capa profissional que cada um de nós enverga está um homem com consciência humana. O Comissário não foge à regra:

Corre por aí a ideia de que a consciência de um comissário de polícia é no geral, por profissão e princípio, bastante acomodaticia, para não dizer resignada com o facto incontroverso, teórica e praticamente comprovado, de que o que tem de ser, tem de ser, e, além disso, tem toda a força de que necessita. Pode no entanto acontecer, embora, para falar verdade, não seja do que mais se vê, que um desses prestimosos funcionários públicos, por azares da vida e quando nada o faria esperar, se encontre entalado entre a cruz e a caldeirinha, isto é, entre aquilo que deveria ser

¹ (Saramago, Discurso na Academia Sueca, em 10.12.1998, na atribuição do Prémio Nobel).

e aquilo que não quereria ser. Para o comissário da providencial, s. a., seguros & resseguros, esse dia chegou. (Saramago 2004: 255)

Esta passagem é determinante, uma vez que podemos perceber aqui o início de um dilema na consciência do Comissário. Este começa a debater-se com um conflito interior, que o divide entre o dever moral e o profissional.

Saramago prossegue, explorando a riqueza narrativa que esta personagem pode emprestar ao romance. E escreve a propósito da notícia saída nos jornais sobre a mulher do médico – aquela que é acusada de conspirar contra o governo – e sobre a consciência do Comissário:

O comissário sentia-se tentado a perguntar ao motorista qual era a sua opinião sobre a sensacional notícia publicada nos jornais de hoje, mas desistiu da ideia com medo de que um tom demasiado inquisitivo da voz lhe denunciase o ofício. A isto se chama, pensou, sofrer de uma excessiva consciência da sua própria deformação profissional. (Saramago 2004: 299)

Correlacionando factos e ideias, há razões que só a própria consciência conhece.

Sem dúvida, a velhice é sinónimo de sabedoria e de liberdade. Ora, “a razão é um produto da velhice, como as brancas e o reumatismo” (Soares 1999: 242). Pelo que, o racionalismo levanta ainda uma magna questão que é não raras vezes desvalorizada. Esta prende-se com a «surdez» que afecta muita gente, quando se trata de ouvir o que os velhos têm para dizer. Isto mesmo é referido, à guisa de uma achega, quando Saramago relata um diálogo entre o comissário e o inspector, a propósito de uma visita que este último efectuara a casa da mulher do médico:

Continue, Receberam-me correctamente, mas não me ofereceram café, Estão casados, Pelo menos, aliança no dedo tinham-na, E o velho, que tal lhe pareceu, É velho e está tudo dito, Aí é que você se engana, dos velhos está tudo por dizer, o que acontece é que não se lhes pergunta nada, e então calam-se, Pois este não se calou, [...]. (Saramago 2004: 243)

Ainda com os mesmos intervenientes, podemos ler o seguinte, em forma de diálogo:

[...] Estará lá com certeza o velho da venda preta, e os velhos, segundo tenho ouvido de gente bem informada, são terríveis, disse o inspector. O comissário sorriu, A mim, a velhice já me vem tocando, vamos a ver se ela me dará também tempo de me tornar terrível. (Saramago 2004: 228)

Ora, a nossa sensibilidade às citações supracitadas, assim como a outras linhas de raciocínio presentes neste(nos) romance(s) de Saramago, induzem-nos a crer que, embora sub-repticiamente, o autor se refere a si próprio, ao seu percurso

de vida e ao que obteve com a velhice. E o que obteve foi mais liberdade: “Quanto mais velho, mais livre me sinto”¹. O que traduz fielmente as suas intenção e vontade em participar como cidadão nos destinos do mundo e do seu país de origem.

Estabelecendo um paralelo com o *Ensaio sobre a Cegueira*, desejamos referir uma ideia que reflecte um pouco do percurso de vida do autor. Esta assenta na questão do destino, que Saramago explora da seguinte forma: o grupo de cegos vagueava pelas ruas, perdido, até que a mulher do médico encontra um mapa: “Já devíamos ter aprendido, e de uma vez para sempre, que o destino tem de fazer muitos rodeios para chegar a qualquer parte, só ele sabe o que lhe terá custado trazer aqui este mapa para dizer a esta mulher onde está” (Saramago 9.ª ed. 2004: 226).

Em relação com o Ensaio sobre a Cegueira, tendo em conta que Saramago pensa que quanto mais velho está mais livre se sente, que os velhos devem ser respeitados – também pelo mapa invisível que o seu interior possui – a valorização da velhice, como fonte de riqueza interior, e dos ditos aforismos está presente quando o autor adapta os ditados para que estes sirvam os seus intentos e transmitam a mensagem que pretende. Este diálogo entre a mulher do médico e o velho da venda preta regista estes aspectos:

Conheces o ditado, Qual ditado, O trabalho do velho é pouco, mas quem o despreza é louco, Esse ditado não é assim, Bem sei, onde eu disse velho, é menino, onde eu disse despreza, é desdenha, mas os ditados, se quiserem ir dizendo o mesmo por ser preciso continuar a dizê-lo, têm de adaptar-se aos tempos, És um filósofo, Que ideia, só sou um velho (Saramago 9.ª ed. 2004: 269).

Sobre a velhice e a participação cívica: “Like Jorge Luis Borges, Saramago is a free man, and his books exalt freedom, generally by depicting its dreadful alternatives” (Bloom 2002: 10).

É indubitável que a velhice nos pode proporcionar uma experiência de vida tal e uma margem intelectual de manobra que nos permite opinar livremente e «passear» essa mesma opinião pelos campos que desejarmos.

Concluindo, em *Ensaio sobre a Lucidez* Saramago, com o teor moralista que lhe é inato, pretende contribuir para uma mudança de atitude do português individual e, posteriormente, de uma consciência colectiva. Na medida em que a postura nacional tem sido pautada por um espírito acomodaticio, é necessário um neo-manguito em jeito de Zé Povinho, como sendo a única linguagem entendível pelas hostes governativas.

Nesta fábula dos tempos modernos – que transporta consigo um certo *Zeitgeist* – e sendo Saramago, segundo Eduardo Lourenço, o último moralista,

ocorre um périplo por campos que dizem respeito à natureza humana. As situações relatadas são bastante caricatas, e nenhum pormenor é descuidado: o pânico e desnorte que a elevada votação em branco provocou no governo, em contraste com

¹ Saramago, José, “Magazine Literaturas”, Antena 2, Abril de 2004.

a serenidade transmitida pela população da cidade; as relações estabelecidas entre os membros do governo, bastante esmiuçadas; o papel de personagens do *Ensaio sobre a Cegueira*, que surgem novamente neste *ensaio*, nomeadamente, a mulher do médico e o cão das lágrimas (Borges 2004: 556).

Se este romance pudesse ser resumido numa só frase, então essa seria: “Nascemos, e nesse momento é como se tivéssemos firmado um pacto para toda a vida, mas o dia pode chegar em que nos perguntemos Quem assinou isto por mim” (Saramago 2004: 289).

Aceder à lucidez para encarar este terrível mundo de todos, julgamos ser o objectivo íntimo, pessoal, de José Saramago. E, ao apelar a uma intervenção cívica, a uma implicação nos problemas do mundo da política, e outros, por parte dos seus leitores e cidadãos, o autor sensibiliza-nos lucidamente.

Desejamos levantar aqui algumas questões que têm remexido o nosso íntimo.

A sociologia dedica-se àquilo que toda a gente vê e não liga ou não quer saber. Não será, então, José Saramago um sociólogo?

Para Plutarco, a arte é a perfeição da imitação. Para Saramago talvez seja, no caso da literatura, ver as coisas com outros olhos.

A questão que nos suscita algum interesse prende-se com o final desta tragédia, porque também o é. Dar-se-á um retorno à cegueira, ou deixarão perpassar os momentos finais algum optimismo?

Ao autor e às suas obras, nomeadamente os seus romances, que têm tanto de impossível ou improvável, como o próprio percurso de vida de Saramago, “devemos-lhes quase tanto ou talvez mais do que ele ficou devendo ao avô Jerónimo, o incansável rumor de memórias, que não menos nos acalentam como nos mantêm despertos para a vida em que sempre começam e acabam os livros de José Saramago...”¹

Acreditamos que, tal como o *Memorial do Convento* é um romance que marcou o reconhecimento da obra do autor, assim também o *Ensaio sobre a Lucidez* poderá constituir um ponto de chegada, por todas as particularidades que o envolvem e que começaram com o *Ensaio sobre a Cegueira*. Também os romances *Levantado do Chão* e *Evangelho Segundo Jesus Cristo* são romances que marcam fases decisivas, de mudança, na sua obra.

Qualquer obra do Fantástico é um reflexo do tempo, da história, cultura em que o autor vive, e ilustra a falibilidade dos sistemas. O Fantástico deseja provocar questionamento e pôr em causa os valores estabelecidos, sendo, deste modo, um meio de implicação pessoal no mundo de todos. Saramago procura, dissimuladamente, aludir à visão afunilada do presente: “«l’étroit horizon du présent» (der enge Horizont des Gegenwärtiges)” (Nuttin 1980: 13), constituindo esta obra, deste modo, um estudo psicológico do comportamento do homem e da sociedade.

Ensaio sobre a Lucidez é um romance cruel, pela forma como as tramas

¹ “José Saramago emocionado com homenagem de Coimbra”, *Diário de Coimbra*, 12 de Julho de 2004, p. 7.

narrativas são relatadas e pelo seu final trágico. Satiricamente, porque o autor parece divertir-se com as situações que descreve, José Saramago aborda um tema sério, pertinente e actual.

Sendo um romance de cariz marcadamente político, transporta no seu seio uma visão profunda e preocupada das vivências do homem. E, porque a política se faz de homens, este é um romance *ad hominem*.

Referências bibliográficas

- Arnaut, Ana Paula, “Todos os Nomes: O Memorial de José”, *Artes & Artes – Jornal de Estudos, Artes e Letras*, N.º 9, Abril de 1998.
- Berrini, Beatriz, *Ler Saramago: O Romance*, 2.ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 1998.
- Borges, António José, “O Humanismo no *Ensaio sobre a Lucidez*”, *Humanitas*, 2004.
- Cassirer, Ernst, *Ensaio sobre o Homem*, Lisboa, Guimarães Editora, 1995.
- Cutileiro, José, “In memoriam – Paul Ricoeur, 1913-2005”, in *Expresso*, 4 de Junho de 2005.
- Cutileiro, José, “Memoriam – Claude Simon, 1913 – 2005”, in *Expresso*, 16 de Julho de 2005.
- Figueiredo, Mónica, “Pela recusa do destino das pedras, Saramago reinscreve Camões” *Camoniana*, São Paulo, EDUSC, 2001.
- “José Saramago emocionado com homenagem de Coimbra”, *Diário de Coimbra*, 12 de Julho de 2004.
- Lopes, Domingos, SÁ, Luís, *Com Alá ou com Satã – o Fundamentalismo em questão*, Porto, Campo das Letras, 1997.
- Nuttin, Joseph, Louvain, *Motivation et Perspectives d’Avenir*, Presses Universitaires de Louvain, 1980.
- Reis, Carlos, *Diálogos com José Saramago*, Lisboa, Editorial Caminho, 1998.
- Saramago, José, *O Homem Duplicado*, Lisboa, Editorial Caminho, 2002.
- Saramago, José, *Ensaio sobre a Cegueira*, 9.ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, 2004.
- Saramago, José, *Ensaio sobre a Lucidez*, Lisboa, Editorial Caminho, 2004.
- Saramago, José, “Magazine Literaturas”, Antena 2, Abril de 2004. Apresentação: Graça Vasconcelos.
- Schlegel, Frederico, *Lucinda*, S/l, Guimarães & C.ª Editores, 1979.
- Soares, Maria Luísa de Castro, *Camões e Pascoaes – Dimensão Profética e Idealismo Humano de dois Poetas da Espiritualidade Portuguesa*, Vila Real, UTAD, [Tese de Doutoramento], 1999.
- Veiga, Miguel, “Comentários a *Ensaio sobre a Lucidez* de José Saramago”, in *Os meus livros*, n.º 20, 2 de Maio de 2004.

Trás-os-Montes e Alto Douro em contos/memórias de Donzília Martins

Maria da Assunção Morais Monteiro
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
assuncao.monteiro@yahoo.com

Resumo

Donzília Martins é uma autora cujas obras são de publicação muito recente. O seu primeiro livro é de poesia e foi publicado em 1991, seguido de outros.

Em 2007 publicou uma obra diferente das anteriores, escrita em prosa, com o título *Um país na Janela do meu Nome*, na qual apresenta ao leitor vivências da sua infância passada na área geográfica de Murça, nos anos cinquenta e sessenta, recriando usos e costumes de Trás-os-Montes e Alto Douro.

O livro é constituído por lembranças desses tempos passados, evocando pessoas, hábitos, terras, sabores, cheiros, todo um conjunto de recordações que estão intimamente ligadas a esse tempo e a esse espaço do qual se afastou e que, saudosamente, recria nos seus contos/memórias.

Com esta comunicação pretendemos dar a conhecer uma obra que é fruto de uma memória que se vai construindo, onde o leitor encontra vivências que a Autora pretende fazer crer “sem utopias nem ficção”, considerando-a “um livro de memórias, de vivências”, “um livro branco onde abriu e estendeu a alma”.

Donzília Martins é uma autora cujas obras são de publicação muito recente. O seu primeiro livro, intitulado *Lágrimas e Sorrisos em Sonhos de Vida*, é de poesia e foi publicado em 1991. Os dois seguintes, *Lírios Do Campo* e *Quando o teu Olhar*, também em poesia, são respectivamente de 2004 e de 2006.

Em 2007 publicou uma obra em prosa, à qual deu o título *Um país na Janela do meu Nome*, onde apresenta ao leitor vivências da sua infância passada na área geográfica de Murça, nos anos cinquenta e sessenta, e que deixaram marcas profundas no seu espírito. São lembranças de pessoas, de hábitos, terras, sabores, cheiros, todo um conjunto de recordações que estão intimamente ligadas a esse tempo e a esse espaço do qual se afastou, residindo presentemente em Paredes.

O seu último livro é de Literatura infanto-juvenil e tem por título *História do Zé Luís, o menino petiz*.

- Donzília Martins, com alguma poesia, em *Um país na Janela do meu Nome* diz que renasce nos seus contos, que “são retornos ao passado através de caminhos de encantamentos” que deixou “pendurados na janela” dos seus sonhos (Martins

2007: 13). Neles se recorda e se deleita saudosamente. Revive, aliás, diz que sente “cada pedra, cada socalco da montanha, o perfume de cada rosa vermelha do Cachão, as faíscas riscando o céu de S. Domingos, as manhãs geladas da apanha da azeitona, os mostos doces das vindimas” (Martins 2007: 13). E ainda as alvoradas, os ribeiros solitários, o chilreio dos pássaros, os frutos silvestres, os aromas dos pêssegos e das cerejas, o cheiro da terra molhada ao cair das primeiras chuvas e tantas outras recordações. Tudo aparece nesta obra. É Trás-os-Montes e tudo o que lhe dizia respeito em meados do séc. XX. Como afirma a Autora na Nota de Abertura, “somos fruto do sítio onde nascemos e fomos criados”, daí a magia que a impele para os lugares onde nasceu e viveu a infância, uma infância de vida difícil no campo. Esse campo, como se lê no conto «A caixinha mágica», “era o seu mar que nunca vira, mas imaginava-o como um campo de papoilas, ou o largo horizonte onde espriava o olhar” (Martins 2007: 24).

Em *Um país na Janela do meu Nome*, fruto de uma memória que se vai construindo, o leitor encontra vivências que a Autora pretende fazer crer “sem utopias nem ficção”, considerando a sua obra “um livro de memórias, de vivências”, “um livro branco onde abriu e estendeu a alma” (Martins 2007: 14). Estamos, portanto, perante textos de fundo autobiográfico, alguns dos quais transportam o leitor a um passado distante, ao paraíso da infância em ambiente aldeão. E quem tem a experiência de ter vivido na aldeia ou passado férias lá (como é o nosso caso) sente-se recuar no tempo e acaba por reviver sensações há muito esquecidas que a obra desperta.

No livro encontramos histórias passadas de ambiência aldeã, coloridas pela saudade de um tempo feliz e distante. Nelas nos aparecem as castanhas, o tradicional caldo de cebola matutino, o mata-bicho, a aguardente, a jeropiga, os figos secos, a linguiça, o salpicão, o presunto, o queijo, enfim, as iguarias tradicionalmente existentes numa casa de lavradores. Aparece-nos ainda a colcha e os lençóis de linho, o forno comunitário, alguns trabalhos campestres como as malhadas, as cegadas, as vindimas, a apanha da azeitona. É todo um conjunto de aspectos que fazem parte da memória cultural dos trasmontanos e que a obra contribui para preservar, já que hoje uma grande parte deles se encontra em vias de extinção. Através da memória pessoal, recria-se uma memória cultural colectiva de hábitos e tradições trasmontanas.

A primeira história intitulada «Com que saudade» é um monólogo saudoso, escrito em prosa poética, de uma infância feliz na companhia da avó-madrinha, onde encontramos a asserção “só damos conta dos grandes tesouros quando os perdemos” (Martins 2007: 20). Esse tesouro perdido é a avó-madrinha, que se mantém viva no coração da narradora.

Na história seguinte, «A caixinha mágica», temos novamente uma relação de cumplicidade entre duas figuras femininas, avó e neta, que viviam na aldeia. Como a vida do campo era dura, a menina sonhadora desejava uma vida melhor. Conhecia a existência de novos mundos através dos “livros que quinzenalmente lhe chegavam pela biblioteca ambulante da Gulbenkian, parada na praça, e que ela devorava, escondidos debaixo dos lençóis, nos dias de chuva em que não ia

para o campo” (Martins 2007: 24). Era um tempo de dificuldades económicas e de difícil acesso à cultura, factos que eram atenuados pelas Bibliotecas Itinerantes da Gulbenkian, que levavam ao interior do País os livros a que de outra forma as pessoas não teriam acesso. É um relato que documenta uma situação histórica da qual os que viveram nessa altura nunca se esqueceram, sobretudo os que usufruíram do prazer de ler os livros e estavam à espera de nova ida da Biblioteca Itinerante para os devolver e ler outros que entretanto chegassem.

O conto «A caixinha mágica» é uma lição para todos os que vêem no dinheiro a possibilidade de uma vida melhor no futuro. A lição é dada por uma menina, para quem estudar era mais importante do que as moedas, porque “o dinheiro gasta-se e a sabedoria fica” (Martins 2007: 25). Ao preferir a sabedoria ao dinheiro, a adolescente dá-nos uma lição de vida. Assim, o dinheiro que a avó lhe pretendia deixar quando morresse começou por ser utilizado para pagar a um explicador para a ajudar a prosseguir os estudos e realizar o seu sonho, um sonho que na história da menina se tornou realidade, mas que nem sempre assim acontecia, como o demonstrou Soeiro Pereira Gomes na sua obra *Esteiros*, na qual está bem patente a exploração do trabalho infantil e a falta de condições de igualdade de oportunidades.

A história intitulada «Um dia na infância...» é um quadro impressionista cheio de cores, cheiros e sabores que despertam a sensibilidade dos leitores, sobretudo daqueles que tiveram vivências semelhantes. É uma manhã que começa com a avó a acordar a menina e esta a ouvir o “som musical dos garfos de ferro” (que hoje já não se usam) a “tocar na tigela”, e o cheiro do caldo de cebola, tão característico das manhãs na aldeia (Martins 2007: 27). É nesta manhã fria de Novembro que os homens estão a “tomar o mata-bicho com um copo de aguardente, figos secos, castanhas assadas ou cozidas da véspera, (que restaram da ceia), um pedaço de linguiça, salpicão ou presunto e queijo feito em casa. O pão era uma “grande boroa de dois quilos com a côdea a estalar”, cozida no forno comunitário (Martins 2007: 28). Este simples quadro deixa aos vindouros traços de uma memória cultural tradicional de Trás-os-Montes que já se perdeu na quase totalidade das aldeias do interior nortenho. Era assim no tempo da apanha das castanhas, da azeitona, na sementeira do trigo e do centeio, na apanha das amêndoas, dos figos para secar, dos frutos para recolher e das vindimas. E há também outros trabalhos como a debulha e o descasque. A vida no campo nunca pára e o “pobre camponês”, como escreve a Autora, “não tem férias, nem sono, nem dias livres! Só quando chega à velhice tem todo o tempo do mundo para a saudade...” (Martins 2007: 28).

No conto «A Bilha de Barro» encontramos a loiça preta de Bisalhães. A bilha de barro que dá título ao conto, “era preta, de Bisalhães, com umas formas tão perfeitas que mais pareciam o colo fresco duma fonte cristalina. [...] Preta, sim, mas com riscos em baixo relevo, bordados e traçados à sua volta, em flores, quadrados e rectângulos.” (Martins 2007: 34).

Neste conto, encontramos um outro aspecto importante e diferente dos dias de hoje. É que nesse tempo não havia jardins-de-infância. Para quem tinha condições económicas que o permitissem, havia as “Mestras, para onde iam os filhos das pessoas mais abastadas ou remediadas” (Martins 2007: 34). “Nesse tempo, [...]

as meninas raramente iam estudar. Os estudos eram reservados aos homens. Se algumas iam, era mais para aprenderem a ser mulheres prendadas, terem mais cultura, e obterem conhecimentos gerais: de música, bordados, labores, culinária, pintura, etc. A mulher formava-se para ser essencialmente boa mãe, esposa, dona de casa, e para orientar os criados.” (Martins 2007: 34).

A memória cultural desse tempo está presente em quase todas as histórias do livro. Assim, em «A Roseira do Cachão», temos um outro facto que hoje os mais jovens desconhecem. Falamos da roupa, que era lavada, corada e seca fora de casa, pois as pessoas não tinham as máquinas de lavar roupa que hoje estão tão generalizadas. Assim, neste texto, encontramos a roupa, que era lavada “na pedra lisa do lavadouro” e posta a corar ao sol, num tempo em que não havia lixívias e outros produtos branqueadores. E eram os carrascos, as giestas, as cepas das urzes, as carquejas floridas que serviam de estendal. Era em cima deles, estendida, que a roupa secava ao sol.

Também não havia prendas para a maioria das crianças, a não ser em condições excepcionais. Através da história «O Anel», vemos a alegria da criança por receber o primeiro anel, um sonho tornado realidade para aquela menina da aldeia, num tempo difícil, em que não havia brinquedos nem prendas, a não ser em ocasiões muito especiais. Era um tempo de grandes dificuldades económicas, em que o que hoje é banal para quase todos era, naquele tempo, um sonho para muitos. Assim, por exemplo, “nessa época comprar tremoços era um luxo a que poucas mães, com um rebanho enorme de filhos, tinham acesso, pois todos os tostões faziam jeito para pão.” (Martins 2007: 48). Por isso ter uma peça de ouro era um sonho para a grande parte das pessoas, que acabavam por se limitar a contemplar a banca do ourives da feira, num tempo em que os ourives frequentavam as feiras e não tinham medo de assaltos.

Como as condições de vida eram difíceis, tirava-se partido de todas as situações que pudessem levar ao máximo proveito com o mínimo de gasto. Assim, como se lê em «Cucu... Cucu...», nas aldeias as ruas mais escondidas e secundárias eram cobertas de mato, para depois de pisado e apodrecido ser utilizado para estrumar as terras. Era uma forma económica de fertilizar os terrenos com produtos naturais e autóctones, sem recorrer a adubos ou outros produtos químicos.

Também não havia as pastas ou as mochilas para os meninos levarem para a escola. Eram as sacolas de serapilheira, que encontramos no conto «Um País na janela do meu nome», e que Torga também refere na autobiografia romanceada *A Criação do Mundo*. Escreve Torga que, quando a sineta da escola tocava “*Tem lêndas... Tem lêndas... Tem lêndas...*”, a criança “largava tudo, punha a velha saca de lona a tiracolo, [...] procurava a boina e saía” de casa (Torga 1969: 11).

Também as relações Professor/Aluno, de que se fala em «A Senhora Marquinhas» eram muito diferentes das actuais. A situação era semelhante à que, em finais do séc. XIX, Trindade Coelho deixou muito bem documentada em *Os meus Amores*, no conto «Para a Escola». Neste texto, para além de vermos a importância de se aprender (“Aprender é tão preciso como mamar” (Coelho s/d: 116), vemos a relação tradicional do professor com os alunos, uma relação que hoje

está ultrapassada. Escrevia então Trindade Coelho: “Um mestre sem palmatória é um artista sem ferramenta, não faz nada” (Coelho s/d: 112), para logo a seguir acrescentar: “Aqui onde a vê tem feito muitos doutores.”

No texto de Donzília Martins diz-se em «A Senhora Marquinhas»: “As professoras eram muito rigorosas e infligiam castigos em vez de mimos! Era tudo à reguada” (Martins 2007: 110).

Nas festas de família também havia hábitos que hoje, com a televisão e as saídas à noite, se têm vindo a perder. No conto «A guardadora de figos», encontramos o jogo do rapa nas noites de Natal, tal como nos aparecem os cantadores de Janeiras. Este conto é importante ainda pela lição que nos dá sobre como secar figos e os conservar para o Inverno. Aparecem-nos igualmente outros hábitos, como o de ir ao rebusco, isto é, procurar frutos (uvas, castanhas, azeitonas, etc) que ficaram esquecidos depois da apanha, e ainda as designações das refeições: o nosso pequeno almoço de hoje era o almoço daquele tempo, mas com comida de garfo; o que hoje chamamos almoço era chamado jantar e este a ceia.

E encontramos muitos mais aspectos que eram uso no tempo e que hoje se perderam, permitindo o livro preservá-los na memória dos vindouros. Assim, nas aldeias, não eram usadas vassouras de piassaba e muito menos de plástico, como as que existem actualmente. Eram “vassouras de giesta ou matapulga” (Martins 2007: 78) com as quais se varria a rua, como se lê em «Velhinhas da minha rua». E como também não havia água canalizada, era necessário ir buscá-la à fonte, com o cântaro ou o caneco cabeça. Assim, como vemos em «A fonte da Rainha», as raparigas iam à fonte e levavam uma rodilha para transportarem à cabeça, em cima do cabelo apertado em duas tranças, os cântaros de lata, de folha de zinco, ou o caneco de aduelas feito pelo tanoeiro.

E já que falamos desta profissão, fundamental naquele tempo para poder ser feito o armazenamento do vinho, vale a pena salientar as castas existentes nessa altura e que são referidas no texto «As Amoras de Braços». Assim, havia “a moscatel, a mourisca, a praça, o quilhão de galo” (Martins 2007: 97).

A nível de divertimentos, também as diferenças em relação à actualidade são muitas. Nos anos cinquenta e sessenta do séc. XX, havia os Saltimbancos, o teatro dos Robertos, os Gigantones, os Carnavais, com a divulgação pública de namoros reais ou supostamente reais, e tantas outras formas de divertimento em vias de extinção. Nos anos trinta do século passado, apareciam os pantomineiros, “era assim que se chamava, e não circo” (Martins 2007: 114), como é dito em «Saltimbancos, Robertos, Gigantones, Carnavais e outros que tais».

Donzília Martins, em *Um país na Janela do meu Nome*, refere também as formas de tratamento: por tia, depois por Marquinhas (por ser Maria) e por distinção de classe média alta. “Sim, porque a seguir vinha a “dona” (Martins 2007: 107), como podemos ler na história «A Senhora Marquinhas».

O conto «A pedra de aguçar as agulhas» remete-nos para uma outra realidade do tempo: as saídas profissionais para as raparigas, após o exame da 4ª classe. Neste conto, Donzília Martins retoma a história da Dori, que dormia com a Avó nos gélidos lençóis de linho e que trabalhava no campo depois de fazer a 4ª classe, como

vimos em «A caixinha mágica». Em «A pedra de aguçar as agulhas» encontramos os trabalhos agrícolas que a menina fazia nesse tempo e é ainda focada, a propósito das poucas alternativas que restavam a quem concluiu a 4ª classe, a ida para aprender costura e a praxe que era habitual as mais velhas fazerem às meninas que começavam a trabalhar nesta actividade. Essa praxe consistia em mandar a “novata” a vários alfaiates pedir a “pedra de aguçar as agulhas”, divertindo-se as outras com a situação.

No final do dia havia lugar ao divertimento. Na história «Entre dois bailes» vemos que ao fim do dia as mães acendiam as lareiras para fazerem a ceia, enquanto as raparigas “pujantes de viço e vida davam asas à alegria” (Martins 2007: 100), formavam uma roda, cantando e dançando.

Este quadro campesino lembra-nos as cantigas de amigo da lírica trovadoresca. Nas cantigas de romaria as donzelas dançavam enquanto as suas mães se dedicavam a rezar e a cumprir as suas promessas, queimando velas: “Pois nossa madres vão a San Simon...”.

Nas bailias ou bailadas, encontramos, por vezes um convite ao baile debaixo das aveleiras em flor: “Bailemos nós já todas três, ai amigas...”.

Donzília Martins recria um quadro da sua infância a fazer-nos lembrar essa poesia tão distante, um quadro que era ainda muito habitual num tempo em que não havia televisão e as raparigas e rapazes se ocupavam com cantares e danças populares. A narradora, num tempo passado mas mais próximo da instância narrativa, recorda como “há pouco tempo”, no auditório da sua vila [Murça], teve “o prazer de ouvir o rancho folclórico, que “desencaixou as cantigas e as trouxe ao conhecimento das gentes novas”, dizendo que quase chorou de alegria e saudade ao ouvir algumas delas (Martins 2007: 102).

- A nível de estruturação, a obra apresenta uma sequência de histórias, todas tituladas, a grande maioria contadas em 1ª pessoa, que constituem o nível diegético, havendo no entanto momentos em que nos aparece um segundo nível narrativo, em que temos uma história dentro de outra. Assim, em «A Senhora Marquinhos», a narradora autodiegética do 2º nível narrativo é a Senhora Marquinhos, que conta a sua própria história à narradora do 1º nível. Esta, no final, acaba por esclarecer o leitor: “A senhora Marquinhos, essa preciosidade que viveu para além do tempo, que achava que a cultura era a maior riqueza que se pode deixar a alguém, era a minha avó!” (Martins 2007: 112).

No meio de narrativas de raiz autobiográfica encontramos dois pequenos textos fragmentários que são apontamentos diarísticos. Assim, a seguir ao conto «A caixinha mágica» temos uma entrada de diário sobre a morte da avó, há 35 anos, ainda que não seja feita a devida identificação. Diz-se apenas que fez 35 anos “que a mulher que fez nascer os sonhos subiu ao céu” (Martins 2007: 26). Na sequência dessa anotação pessoal, com referencialidade espacial de Paredes e temporal de 31 de Janeiro de 2007, características da escrita diarística, temos uma outra, situada e datada de Murça, 11/02/07 em que se refere à “menina dos sonhos” que “encontrou a caixinha cheia, não de moedas de dez escudos, mas de flores de luz (lamparina),

que lhe fez descer uma lágrima de saudade.” (Martins 2007: 26).

Do conjunto de textos em 1ª pessoa, destaca-se «História de um beijo», em que o leitor é surpreendido quando encontra a personificação do beijo que se apresenta ao leitor e faz a sua autocaracterização: “Eu sou um beijo. Nasci do amor. [...] Sou a luz de todos os sentidos. [...] Sou velhinho como a terra” etc. etc. (Martins 2007: 59) e a surpresa é ainda maior quando encontramos histórias trágicas em que se realça o valor do beijo.

Grande parte das narrativas remete-nos para um passado saudoso, distante, excepto «Velhinhas da minha rua», em que a narradora se coloca num tempo muito recente, “hoje, dois mil e sete” (Martins 2007: 78). Através da analepse, a narradora recua até à sua infância, quando a Maria Pedreira lhe pedia para “tirar a febre” e se sentava em frente à sua casa. Fala também de outras velhinhas da sua rua, a rua dos Fornos, uma das quais era a Emília Parteira, a “parteira oficial da terra”, num tempo em que ainda não havia maternidades ou em que não havia bombeiros a ajudarem as crianças a nascer nas ambulâncias, a caminho de hospitais ou de maternidades. No cimo da rua morava a Teresa bem feita, a que “erguia a espinhela” às crianças. Era uma “mezinha” que a mãe da narradora herdou.

● Em conclusão, resta-nos dizer que nesta obra encontramos Trás-os-Montes com os seus rios (os que estão próximos do espaço dos contos), Tinhela e Corgo, as suas gentes, os modos de trajar e calçar, os hábitos alimentares, as formas de ganhar a vida, os usos e costumes, certos pontos de referência geográfica, como a Serra do Marão, aspectos do clima etc. Encontramos o reviver de um passado distante, ligado à infância da Autora passada em Murça, Trás-os-Montes. Era uma vida muito diferente da que se vive actualmente, fruto da desertificação do interior e do conseqüente abandono do cultivo dos campos e da vida comunitária das aldeias, muito diversa da vida numa sociedade fruto da globalização.

Um país na Janela do meu Nome é um conjunto de textos nos quais nos aparece uma criança sonhadora, escritos pela mulher-criança que conseguiu realizar os sonhos da sua infância e adolescência e que hoje se revê na Avó-madrinha que tanto amor deu à neta e afilhada. Por vezes são histórias quase sem enredo, apenas evocações, como por exemplo, quando recorda o teatro dos Robertos.

O livro é sobre o amor, beijos, beijos que são todos diferentes. Por isso é também sobre “beijos no olhar” e não são só das pessoas, mas também da própria natureza. “O beijo multiplica a amizade, dá vida, galvaniza o amor numa dádiva total” (Martins 2007: 72). E o que nós temos nesta obra é essa dádiva total de quem se entrega ao leitor e lhe dá a conhecer um passado distante, saudoso, onde também havia muitos sacrifícios, e que hoje já só é possível encontrar na memória de quem viveu situações idênticas às que a Autora nos dá a conhecer. É o passado a vir ao presente de todos nós, trazido pela pena de Donzília Martins.

Este pequeno livro, escrito sem pretensões, como diz a Autora aos amigos, é como uma caixinha de música que, ao abrir-se nos delicia com sons da nossa infância, só que esta caixinha é mágica e, em vez de nos dar apenas sons, dá-nos também imagens, cheiros, sabores de um tempo e de um espaço trasmontano

ligado ao passado da Autora e de muitos portugueses oriundos do interior norte de Portugal.

Um País na Janela do meu Nome de Donzília Martins é um livro que muito contribui para a preservação da memória cultural de Trás-os-Montes nos anos cinquenta e sessenta do século XX.

Referências bibliográficas

Coelho, Trindade (s/d): *Os Meus Amores*, 4ª edição. Lisboa: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses.

Martins, Donzília (2007): *Um País na Janela do meu Nome*. Guimarães: Editora Cidade Berço (ISBN: 978-972-8598-88-4).

Torga, Miguel (1969): *A Criação do Mundo*, Vol. I, 4ª edição refundida. Coimbra: Edição do Autor.

Camões e a dialéctica do feminino e do masculino

Maria Luísa de Castro Soares
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
lsoares@utad.pt

Resumo

Quase sempre, na diacronia da história, a mulher vê relegada sua condição para segundo plano em relação ao homem, sendo reduzida a objecto. A filosofia grega não só favorece este pensar como institui a sua permanência e a sua racionalização. As próprias noções de pessoa e de liberdade de consciência, que nos parecem hoje uma evidência, são desconhecidas da Antiguidade Clássica cosmocêntrica, que identifica o indivíduo com o cidadão, célula do corpo social, sem a noção da autonomia das almas.

Com a Idade Média teocêntrica, dissolvem-se as dialécticas e esta noção quantitativa do homem - absorvido nos quadros da cidade e do clã - dá lugar a uma noção qualitativa: descobre-se em todo o ser humano, homem ou mulher, um carácter sagrado e uma alma imortal. De facto, a *criatura* medieval é absorvida no *Criador* e a *razão* humana é sempre sintetizada em *fé*.

Com a filosofia do Renascimento, de teor antropocêntrico, com a expansão do mundo e do próprio homem, dissolvem-se as sínteses acolhedoras medievais. Na verdade, não apenas a lição da Antiguidade, mas também o avanço da ciência e da técnica abrem espaço à dialéctica da grandeza e pequenez humana. Assistimos, assim, ao retorno de oposições (como fé e razão, fé e ciência, cidade e campo, justiça e injustiça, alma e corpo) de que nos dá conta a obra de Camões e que marcam, além de um sistema de pensamento dialéctico, uma quebra na eudemonia renascentista. A dialéctica do feminino e do masculino tem de ser vista, na sociedade Ocidental, como a súpula de pressupostos com fundamento na Antiguidade Clássica e na *Bíblia* - modelos recuperados no Renascimento por um dos seus maiores vultos: Camões.

“A cordeira gentil
 Que enterneceu Camões
 foi decerto a mulher
 única que o amou
 e que amoravelmente remendou
 suas roupas de pobre vagabundo
 repartido em pedaços pelo mundo”.
 (Vieira 1977:25)

Quase sempre, na diacronia da história, a mulher vê relegada sua condição para segundo plano em relação ao homem, que sempre dominou. A reivindicação da igualdade de direitos, a possibilidade de decidir livremente as suas orientações essenciais é ainda em muitos países considerada escandalosa (Sousa 1985: 193-212.).

Dos tempos remotos da era cristã até ao século XVI - que nos cumpre tratar – aceita-se bem o facto de reconhecer à mulher, tal como ao homem, uma alma, redimida pelo sangue de Cristo. Isto trata-se de uma verdade da fé, mas não lhe é reconhecida ainda uma igualdade em relação à natureza.

Na Antiguidade Clássica greco-romana, a situação da mulher é de completa subordinação ao homem, a ponto de este ter sobre ela o direito de vida e de morte. Uma tal posição, que aproxima a sua situação da dos escravos¹, obsta-lhe o acesso a cargos e exclui-lhe a possibilidade de participação na vida pública e civil. As próprias noções de pessoa e de liberdade de consciência são desconhecidas da Antiguidade Clássica, que identifica o indivíduo com o cidadão, célula do corpo social, sem a noção da autonomia das almas. Na Idade Média, atenuam-se as dialécticas, porque a *criatura* é sintetizada no *Criador*. A noção quantitativa do homem absorvido nos quadros da cidade e do clã do mundo Antigo, dá lugar na mundividência medieval a uma noção qualitativa: descobre-se em todo o ser humano, homem ou mulher, um carácter sagrado e uma alma imortal.

Com a filosofia do Renascimento (Fiorenza 1986: 358), que se traduz num enaltecimento da vida activa e seus valores essenciais, com a expansão do mundo e do próprio homem (Huizinga 1948: 78-90; Fraga 1976; Curtius 1981: 260; Burke 1987:196-198; Soares 2007b: 20-43) dissolvem-se as sínteses acolhedoras medievais. Não apenas a lição da Antiguidade, mas também o avanço da ciência e da técnica abrem espaço à dialéctica da grandeza e pequenez do homem².

¹ No dizer de Schussler Fiorenza (*En mémoire d'elle*, Paris, Cerf, 1986: 358), no início da era cristã, no tempo do Império romano, a *matrona* auferia de grande prestígio: orientava a casa, a educação dos filhos nos primeiros anos da infância e influenciava os maridos na conduta da política. Esta melhoria da condição feminina cinge-se apenas à alta aristocracia e trata-se de um costume, uma prática que contradiz a lei.

² Pelo alargamento de horizontes, assistimos, por um lado, à confiança nas potencialidades do homem em conhecer sempre mais e dominar o universo em que se inscreve, por outro, gera-se no indivíduo o sentimento da sua insignificância. Esta dialéctica abre campo ao regresso de oposições como fé e razão, fé e ciência, cidade e campo, alma e corpo, política de expansão e política de fixação, de que nos dão conta os vários autores quinhentistas, de entre os quais salientamos Camões (Soares 2002: 601- 619).

Assistimos, assim, ao retorno de verdadeiras antíteses, de que nos dá conta a obra de Camões e que marcam, além de um sistema de pensamento dialéctico, uma “crise de racionalidade no poeta” (Silva 1980: 42) ou a existência de uma “razão oscilante” (Lourenço 1994: 41; André 1993: 217-256; Soares 2002: 283-298).

No caso da antinomia mulher/ homem, esta tem de ser vista como a súpula de pressupostos com fundamento na Antiguidade Clássica e na *Bíblia*, modelos que estão na base do pensamento ocidental, recuperados no Renascimento pelos vultos da época, de que salientamos Camões.

* * *

No mundo Antigo pagão, a antinomia mulher/ homem e a supremacia masculina são verdades indesmentíveis, sendo a mulher é praticamente reduzida a um objecto (Aubert 1975:14)¹. A filosofia grega não só favorece este pensar como institui as suas permanência e racionalização. Pitágoras considera haver dois princípios; um bom e outro mau. O primeiro teria criado a ordem, a luz e o homem, o segundo teria criado o caos, as trevas e a mulher.

Os dois bastiões filosóficos recuperados no Renascimento não são mais animadores. Platão, ao agradecer aos deuses as benesses concedidas, não esquece o facto de ter nascido livre e, seguidamente, o de ter sido criado homem. Aristóteles amplia e teoriza o pensamento, ao considerar a mulher como um homem incompleto, um ser secundário ou um “homem falhado” (*vir occasionatus*²). No seu tratado sobre a *Política*, alude à mulher como ser inferior *por natureza*, razão pela qual deve subordinar-se ao homem:

É natural e útil ao corpo ser governado pela alma, e a sensibilidade pelo intelecto – a parte de nós próprios que possui a razão – como seria nefasto em qualquer caso que estas duas partes estivessem no mesmo plano ou em posição inversa [...]. O mesmo se passa entre os sexos: o macho é por natureza superior e a fêmea, inferior; o macho é o soberano e a fêmea, o súbdito. Assim deve ser em relação à humanidade em geral (Aristóteles *Política* I, 1254 b).³

¹ Na sociedade ateniense, por exemplo, o papel da mulher limitava-se ao espaço do lar, sendo portanto alheia à vida política e social, ainda que a cortesã exercesse um papel importante na vida cultural. Em Esparta, o âmbito de afirmação da mulher era mais amplo, mas só o humanismo estóico nos dá uma concepção elevada da mulher (que todavia não se compara à posição do homem que gozava de uma liberdade ilimitada). (Aubert 1975: 14-29)

² Esta expressão *vir occasionatus*, extraída do livro sobre os animais e traduzida e interpretada na Idade Média por “homem falhado”, parece não corresponder rigorosamente ao pensamento aristotélico. Todavia, uma tal concepção marcou indubitavelmente o pensamento ocidental (Winandy. 1977: 865- 870).

³ Na sua obra (*Política* I, 1254 b), Aristóteles acrescenta: “Há, consequentemente, por natureza, diversas classes de governantes e governados: o que é livre governa o escravo; o macho, a fêmea; o homem adulto, a criança. Isto de formas diferentes. Todos possuem os diversos atributos da alma, mas possuem-nos de forma diferente. Assim, o escravo não possui a mínima parte deliberativa; a mulher possui uma parte, mas sem autoridade completa; enquanto que a criança a possui, mas de forma ainda não desenvolvida”.

Na Idade Média – e animado por este pressuposto filosófico – S. Tomás de Aquino define ainda a mulher como criatura “deficiente”: “*Mulier est aliquid deficiens*” (S. Tomás, *Summa Theologica*, II. II, 9.149, a. 4), mas o Cristianismo promulga, em geral e em termos inequívocos, uma dignificação feminina¹. Do ponto de vista literário, salientamos o culto mariano e a valorização dada à mulher, nas *Cantigas de Santa Maria* de Afonso X. Ou as cantigas de amor, onde a suserania poética da dama é inversamente proporcional à vassalagem amorosa do trovador. Ou a imagem da *donna angelicata* - de Dante e dos praticantes do *dolce stil nuovo* – que, sendo reverbera e impalpável, é objecto de culto, motivo de auto-revelação e ascese para o poeta. Ou, na voz do primeiro humanista – Petrarca –, o retrato de *Laura*. Possuidora de um nome e com contornos físicos mais evidentes, a amada de Petrarca é uma figura de mulher distante, superior, idealizada, cuja beleza física é mero reflexo de uma superior beleza moral.

Na fonte destas correntes de idealização feminina, bebeu o espírito eclético de Camões que não rejeita aquilo que considera susceptível de ser recriado, sendo que a sua obra se pauta entre o paragramatismo e a originalidade. É de facto usual, na lírica de Camões, a plasmação de outros textos e a conciliação instrumental de termos filosóficos e de temas literários com origem heterogénea para exprimir a seu *mito pessoal* (Mendes 1986:18-20). As suas *Rimas* surgem como um resultado final dos debates internos do poeta, dos “seus esquemas prevalentes de visão e sentimento” (Idem,19), sempre inerentes a uma cultura, a uma sociedade, a uma época e a um credo.

As várias vertentes ideológicas divulgadas nos poemas tradutoras da complexidade do real, essa dialéctica essencial² fazem da lírica camoniana canto problematizante entre a euforia e a disforia amorosa, entre a mundividência neoplatónica e a sua questionação, antinomias necessárias a todo o progresso humano. (Lopes 1980:10).

A própria mulher é visionada no quadro de uma “dialéctica do desejo” (Cunha 1989:30) que a opõe ao homem e simultaneamente é, enquanto mulher, encarada de forma antitética como criatura dual. Esta, para Camões, “tanto pode

¹ A mensagem de Cristo e o anúncio do Seu reino tinha como destinatários privilegiados os mais desfavorecidos, em que se incluíam os doentes, os pobres, as crianças e as mulheres. A unidade e a afirmação da identidade *por natureza* entre homem e mulher são expressas, de modo lapidar, na Bíblia: “Por isso, o homem deixará pai e mãe para se unir à sua mulher e os dois passarão a ser uma só carne. Portanto já não são dois mas uma só carne” (Mc 10, 6-12). E, neste passo, é também estabelecida a igualdade no casamento: “Quem repudiar a mulher e casar com outra comete adultério. E se a mulher repudiar o marido e casar com outro comete adultério” (Ibidem). Muitas e controversas são, entretanto, as opiniões em torno da atitude de São Paulo face à condição da mulher, na sua Primeira Epístola aos Coríntios (11, 3-16) e na Carta aos Efésios (5, 21-33; 6 1-9) e no conjunto total da sua escrita (Huby 1946: 247; Aubert 1975: 33; Anjos 1990; Dubarle 1976: 262-280).

² A complexidade do real é expressa em Camões por uma dualidade tradutora das várias faces da cultura. Além da lírica, *Os Lusíadas* combinam binómios como, por exemplo, a ambição como motora da acção *versus* a recusa da ambição, motivo de injustiças e traições; o elogio do monarca *vs* a crítica e denúncia da sua conduta; a exaltação pelo canto do “peito ilustre lusitano” *vs* a constatação de que a pátria está povoada de “gente surda e endurecida”; o espírito de aventura *vs* a política de fixação; o herói Gama *vs* o Velho do Restelo, etc. (Soares 2002: 281-298).

revestir a aparência de Laura como as roupagens de Vénus” (Saraiva s.d: 59) e esta dupla possibilidade - que o distingue de Petrarca – encontramos-na na lírica como n’*Os Lusíadas*. Assim, na epopeia, nos episódios relativos à “Formosíssima Maria” (Camões 1572: 3.102-106) e a Inês de Castro (Idem, 3. 118 – 135), a mulher que aí se desenha é *Laura*, criatura angelical, idealizada, “formosíssima” (Idem, 3.120), de postura recatada e graciosa, sossegada, delicada (Idem, 3.123). É inspiradora de admiração e de culto do sujeito poético:

Estava a formosíssima Maria
pelos paternais paços sublimados,
lindo o gesto, mas fora de alegria,
e os seus olhos em lágrimas banhados.
Os cabelos angélicos trazia
pelos ebúrneos ombros espalhados (Idem, 3.102)

Nestas figuras da “formosíssima Maria” e da “linda Inês” (Idem, 3.120), de “colo de alabastro” (Idem, 3.132)¹, as notações físicas - que evidenciam a beleza do rosto, os “cabelos angélicos”, a brancura da pele – estão ao serviço de um retrato moral.

E se o amor não é a voz prevalecente na epopeia, desenha-se porém com rara felicidade na lírica de Camões, onde o fulcro polarizador do prazer e da dor é a mulher. Ela tanto é objecto de culto como motivo de desejo ou de culpa. Inspiradora de amor espiritual ou sensual, a mulher é o ponto de partida e o ponto de chegada de todo o discurso poético, seja ela um ser carnal ou ideal.

A reelaboração camonianiana do amor edificante pela *donna angelicata* e o optimismo espiritual, que encontramos - por exemplo- em alguns sonetos, têm matriz stilnuovística, pelas isotopias do retrato físico e moral, pela ênfase por acumulação e pelo efeito de suspensão contemplativa:

Um mover d’olhos brando e piedoso,
sem ver de quê; um riso brando e honesto,
quási forçado; um doce e humilde gesto,
de qualquer alegria duvidoso

um despejo quieto e vergonhoso;
um repouso gravíssimo e modesto;
ua pura bondade, manifesto
indício da alma, limpo e gracioso (Camões 1973:161).

Este retrato - que quase prescinde das convencionais metáforas petrarquistas – constrói uma figura puramente moral de mulher. Com contornos físicos mais

¹ É claro que estes dois episódios, no contexto da epopeia, não são simples retratos mas “verdades históricas” embelezadas pelo lirismo. No primeiro episódio, D. Maria, filha de Afonso IV de Portugal e rainha de Castela por casamento, vem pedir auxílio ao pai na luta contra os mouros. O segundo episódio é a “história”, que é mito, dos amores de D. Pedro por Inês e do trágico assassinato desta que “Aquele depois de morta [...] fez rainha” (Idem, 3.132)

evidentes, mas ainda e sempre idealizada, a amada é enaltecida num soneto, onde a alquimia petrarquista é respeitada:

Ondados fios de ouro reluzente
 que agora da mão bela recolhidos,
 agora sobre as rosas estendidos,
 fazeis que sua beleza se acrescente
 [...]
 Honesto riso, que entre a mor fineza
 de perlas e corais nasce e parece,
 se n'alma em doces ecos não o ouviu (Idem, 164)

Esta exaltação da beleza da amada pela imaginação culmina, em chave de ouro, com o desejo de a ver, aqui associado a um certo êxtase contemplativo:

S'imaginando só tanta beleza
 de si, em nova glória, a alma s' esquece,
 que fará quando a vir? Ah! Quem a visse! (Idem, ibidem)

A figura de mulher idealizada e o amor a ela dedicado são ainda causadores de desejo carnal, de dor ou de insatisfação amorosa, ideário camoniano que remonta a Petrarca, com derivações¹ até à corrosão (labilidade, desengano) deste paradigma.

O esquema dual de representação feminina ou amorosa camoniano não dissolve a dialéctica. O amor e o desejo são o eixo em torno do qual gravitam os demais binómios.² E porque a dualidade sistemática nunca se encaminha para uma solução, dessa questão permanentemente inconclusa, nasce a dramática reflexão entre o real e o ideal. Daqui resulta a insatisfação, a angústia, o *pathos* amoroso e existencial próximo do dos poetas modernos, ainda que vinculado ao ideário quinhentista.

Ao lado da figura idealizada de Laura, Camões retrata, na epopeia e nas *Rimas*, a mulher sensual com contornos físicos evidentes, que atrai o olhar e enlouquece de desejo quem dela se enamora. N' *Os Lusíadas*, surge representada na figura de diversas ninfas, no episódio da "Ilha dos Amores", quer ainda no retrato de Vénus:

Os crespos fios de ouro se esparziam
 pelo colo que a neve escurecia;
 andando as lácteas tetas lhe tremiam,

¹ Por prolongamento, o amor correlaciona-se com o tema da saudade, da insatisfação, com o arquitema da separação física dos amantes como motivo de dor ("Aquela triste e leda madrugada", p 157) ou da separação irreversível pela morte da amada, que a memória e o canto perpetuam e em relação a quem o eu lírico veicula o desejo de realização transcendente: ("Alma minha gentil, que te partiste", p 156; "Ah! Minha Dinamene! Assi deixaste", p 167; "Quando de minhas mágoas a comprida", p 166).

² As dialécticas camonianas decorrentes da temática da Amor são: "razão e sentidos, o material e o metafísico, o vivo e puro amor e a baixeza" (Cunha 1989:30).

com quem Amor brincava, e não se via;
da alva petrina flamas lhe saíam,
onde o *minino* as alma acendia.
Polas lisa columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

Cum delgado cendal as partes cobre
de quem vergonha é natural reparo;
porém nem tudo esconde nem descobre
o véu, de roxos lírios pouco avaro;
mas *pera* que o desejo acenda e dobre
lhe põe diante aquele objecto raro” (Camões 1572:2.36-37).

A erótica hedonista, a pansensualidade radiosa e a euforia naturalista presentes neste retrato feminino também encontra eco na lírica camoniana, na ode XI “Naquele tempo brando” (Camões 1973:279) e em sonetos como “Se as penas com que Amor tão mal me trata” (Idem,124) e “Está-se a Primavera trasladando” (Idem,128).

Na ode XI, o erotismo é levado ao paroxismo, num passo que vai até à sugestão da fisiologia do desejo masculino, sendo praticamente uma figuração (Idem, 281). O *locus amoenus* conjuga-se nesta ode com o canto do desejo. O amor de Peleu por Tétis é encarado como força poderosa, lei natural da vida, que contribui para a realização do homem. Este, quando dominado por um tal sentimento, fica

cego e mudo
contra as forças do Amor, que tudo pode (Idem, 281).

Nos sonetos, a euforia naturalista e o apelo à fruição sensual correlacionam-se com o tema da brevidade da vida:

Está-se a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa e honesta;
Nas lindas faces, olhos, boca e testa,
Boninas, lírios, rosas debuxando (Idem,128)

Cumulada de todas as bênçãos da natureza, a mulher- identificada à Primavera e espécie de sobrevivência daquela linha pictural de Boticelli- é um conjunto de flores e deve dar o fruto ao poeta, no presente, enquanto é bela e jovem, pois a vida é breve e garantida a velhice. Daí a ameaça do conquistador ou a “mentira” de amor, o *carpe diem*, em aliança com o *colligo, virgo, rosas*:

Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colher o fruto destas flores,
Perderão toda a graça vossos olhos (Idem,128)

Ao invés de tomar uma atitude infinitamente reverente em relação à amada, o poeta neste soneto tenta dialogar com ela. Se a mulher é natural, *in natura* se deve fruir dela, pois se é flor que não dá fruto, produzirá espinhos:

Porque pouco aproveita, linda Dama,
que semeasse Amor em vós amores,
se vossa condição produz abrolhos (Idem, *ibidem*)

A comunhão da mulher com a natureza da qual participa e onde o seu vulto se espalha é, por vezes, envoltura para se exprimir um poeta modelado em noções filosóficas como a problemática do desejo, a dialéctica do relativo e do absoluto, do real e do ideal. O achado poético camoniano em “Transforma-se o amador na cousa amada” de que até “o vivo e puro amor” (Idem, 126) ideal e neoplatónico procura realizar-se, objectivar-se em “forma” (Idem, *ibidem*) é uma tentativa malograda do sujeito conglomerar em si as duas faces antagónicas duma mulher:

Mas esta linda e pura semi deia
Que como o acidente em seu sujeito
Assi c’oa minha alma se conforma (Idem, *ibidem*)

A mulher é alma, porque é *pura* e *deusa*, mas é também corpo, porque é *linda* e *semi*. A tese admite a *antítese*. A mulher é, na sua própria definição, a comunhão dos dois termos: *Vénus* e *Laura*. Erigida em tal base definitiva, a sua funcionalidade na relação com o homem é a de envolvê-lo igualmente numa contradição fundamental. E o paradoxo consiste precisamente em retomar a teoria do “estado incerto” petrarquista ajustada à sua experiência pessoal povoada de irrealização, engano, tormento, enfim, *desconcerto*:

Tanto de meu estado me acho incerto,
que em vivo ardor tremendo estou de frio;
sem causa, juntamente choro e rio,
o mundo todo abarco e nada aperto.

É tudo quanto sinto, um desconcerto;
da alma um fogo me sai, da vista um rio (Idem, 118)

E, a fechar, surge a causa de tais efeitos:

só porque vos vi, minha Senhora (Idem, *ibidem*)

O desconcerto individual ou psicológico resulta não só da visão de uma figura de mulher como ainda do entendimento do amor como campo de contradição, tal como é definido em “Amor é um fogo que arde sem se ver” (Idem, 119)¹. Essa

¹ A própria construção do soneto, com base nas figuras da oposição, busca inspiração no referido modelo de Petrarca.

abordagem do enamoramento e suas derivações na análise subjectiva, na visão paradoxal do amor e na mundividência do eu lírico revelam, sem dúvida, um progressivo afastamento da vivência do amor como modelo ideal, da expressão dialéctica do mundo que se sonha e do mundo que se tem¹. Na verdade, as concepções optimistas nas *Rimas* são o resultado de uma confiança no homem² em harmonia com o amor, com a mulher e com a natureza (Cidade 1957: 89-90), que é vector minoritário da lírica camoniana. Além disso, traduzem uma concepção da relação homem - mulher em Camões, sendo que o homem é sempre o *agente* e o (in)feliz *beneficiário*.

Para um poeta que “em várias flamas variamente ardia” (Camões 1973:166), pouco importam as mulheres, que foram muitas; importa a *firmeza* do mesmo Amor, na diversidade das mulheres amadas:

Que estas foram várias é - no dizer de António Sérgio- coisa evidente; e também evidente, supomos nós que da maior diversidade no sensível (desde a Dama loira que ficou em Lisboa até à pretidão da Bárbara escrava); e que a todas elas atribui o poeta o mesmo carácter psicológico – o mesmo tom moral- parece-nos também incontestável (Sérgio 1972: 20).

A mulher é um mero *objecto*, ou “quase mais não é do que um pretexto. O que importa é “sofrer” o amor – a sua insatisfação, o seu desejo” (Matos 1974:16). O amor não depende da mulher amada, mas revela-se antes como um estado inerente ao sujeito: permanece em questão o homem. Este, enquanto *eu* lírico, assume a hipertrofia do *eu* pela singularidade do seu sofrimento, ao conceber-se como o “mais desgraçado que jamais se viu” (Camões 1973:182)³. Do divórcio entre o sujeito lírico e a vida marcada pela Fatalidade irremediável, resta-lhe afirmar a sua superioridade na dor, a sua nobreza perante o sofrimento infligido:

O [tormento] que para ninguém se consentiu,
Para mim só mandou que se inventasse (Idem, 163)

¹ A condição agónica do Homem, a reflexão inquieta sobre a responsabilização pela desventura existencial e a exasperação emocional como única resposta começam, de facto, já a desenhar-se em sonetos de feição petrarquista, em que é perceptível um debate íntimo sobre o erotismo, isto é, um encaminhamento maneirista. Disso são exemplos, o soneto “Pede o desejo, Dama, que vos veja” (Idem, 120) e a canção “Fermosa e gentil Dama, quando vejo” (Idem, 203).

² No caso português, basta lembrar os Descobrimentos e uma euforia nacional quase generalizada deles resultante, que se exprime nos textos dos mais diversos géneros. A confiança de domínio do mundo é vivida por literatos, pelo povo português em geral e mesmo pelos monarcas. Este ideário é revelador de um optimismo antropológico e duma euforia naturalista, próprios da mundividência renascentista (Soares 2003 553-564; Soares 2007 80-82).

³ Este verso, que é a chave de ouro do soneto “O dia em que eu nasci moura e pereça», surge como uma dupla justificação dada à “gente temerosa»: a da razão de recusa do dia do seu nascimento e a do cenário de violência e apocalipse desejado pelo poeta. Existem relações paragramáticas intertextuais do soneto, (de feição apocalíptica) com a *Bíblia*, cap. III do Livro de Job (Soares 2007: 49-51).

Na epopeia, a humildade do *eu* empírico, que o enquadramento no estrato social da pequena nobreza não favorece (“Mas eu que falo, humilde, baixo e rudo, / De vós não conhecido nem sonhado?”, *Lus.* 10.154), conjuga-se com a superioridade e a missão do homem culto:

Nem me falta na vida honesto estudo,
com longa experiência misturado,
nem engenho, que aqui vereis presente,
cousas que juntas se acham raramente (Idem, 10.154)¹

Sob o fingimento poético, está velada uma “falsa” humildade ou o orgulho do *vate* que merece ser “prezado” pelo próprio rei:

Só me falece ser a vós aceito,
de quem virtude deve ser prezada (Idem, 10.155)

Ao propósito camoniano de exaltação e eternização dos feitos portugueses na epopeia subjaz, na verdade, o sentimento de grandeza nacional, mas também a confiança na dignidade cívica do poeta. É que, com o Renascimento, o conceito de lirismo sofre uma mudança relativamente à Idade Média, em que se retomam os princípios da Antiguidade. À consciência da superioridade do *vate* – ser egrégio que transcende o homem comum e a pequenez de si próprio – alia-se o reconhecimento do valor da poesia, tradutora de uma visão do homem ideal, que cumpre ao poeta immortalizar pela escrita. Essa ambição de moldar um canto glorificador dos heróis que seja motivo de orgulho e estímulo para os vindouros é geradora de uma concepção do homem português, que é modelo e exemplo do homem universal.

N’ *Os Lusíadas*, o homem - sob as facetas do poeta, do herói / povo português ou do monarca- é o agente, o “assinalado” e a meta do discurso. Da viagem ou evolução na epopeia camoniana sobressai, assim, uma imagem do homem que tende para a perfeição. O poeta não se dispõe apenas a desenvolver nele as qualidades nos limites da sua natureza, esforça-se por igualá-lo a Deus. Consciente das doutrinas do evemerismo, transmutar o herói em Deus constituiria uma verdadeira apoteose, no sentido etimológico do termo.

É claro que esta elevação do homem na epopeia é exaltação da moral heróica e tudo se passa no plano mitológico; é Baco² quem teme a divinização dos “humanos ...atrevidos” (Idem, 6.28).

¹ Note-se, nestes versos, a tríade educativa clássica (*natura, ars, studium*, – natureza (engenho), instrução (honesto estudo) e exercício (experiência) – que surge, no século XVI, nos diferentes autores. Esta tríade remonta aos pré-socráticos e conhece grande divulgação entre os sofistas e, sobretudo, a partir deles.

² Este deus – a um tempo, representante das forças da Natureza e dos próprios interesses de Venezianos e Mouros, que os portugueses vão eclipsar – é um oponente à audácia dos heróis e temeroso da sua divinização.

Vistes que, com grandíssima ousadia,
foram já cometer o Céu supremo;
Vistes aquela insana fantasia
de tentarem o mar com vela e remo;
vistes e ainda vemos cada dia
soberbas e insolências tais, que temo
que do Mar e do Céu, em poucos anos,
venham Deuses a ser, e nós humanos (Idem, 6.29)

O próprio poeta se defende de uma tal heterodoxia, quando destrói a máquina mitológica do poema, ao afirmar que os deuses apenas serviram ficcionalmente para “fazer versos deleitosos” (Idem, 10.82)¹ e ao dar-lhes um significado cristão. Júpiter, adaptado à sua crença de entusiasta católico, é a “santa Providência”² e o homem bom, homem eleito e herói português, é instrumento de Deus. O alargamento da fé e do Império, ideal missionário e messiânico cumpre-se, sob a força do Espírito de Deus no homem:

Ensina-o a profética ciência
em muitos dos exemplos que apresenta:
os que são bons, guiando, favorecem;
os maus, em quanto podem, nos empecem” (Idem, 10.83)

Todavia, “o Sumo Deus, que por segundas / causas obra no mundo, tudo manda” (Idem, 10.85) é inacessível ao homem “vista cega e mente vil” (Idem, 10.81). Apenas a capacidade infinita de Deus pode abranger o Infinito que é Deus. É, porém, surpreendente verificar o paradoxo camoniano ou o mistério da incompreensão de Deus a par da Sua percepção, pois que a Providência a tudo assiste e “tudo manda” (Idem, 10.85); tudo são “Obras da mão divina veneranda” (Idem, 10.85).

Transcendência divina, de modo algum significa exterioridade em relação à história e ao homem português. O herói camoniano não é avassalado pelo espírito de Deus, mas também não é abandonado unicamente aos seus recursos. Deus solicita o homem sem o forçar e respeitando a sua liberdade. A expansão da “Fé e do Império” (Idem, 1.2) é o dever e a Vontade divina, espécie de obrigação que se apodera do homem interior, mas sem o coagir ou violentar. Com isto, o espírito

¹ “Aqui, só verdadeiros, gloriosos/Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,/ Júpiter e Juno, *fomos fabulosos/ fingidos de mortal e algo engano./ Só para fazer versos deleitosos/Servimos [...]*” (Itálicos nossos). Note-se, porém, que o mito não é um simples jogo, mas uma figuração transcendente do real. António José Saraiva afirma mesmo que “Camões não via na mitologia uma mera alegoria, mas a manifestação de uma verdade profunda”. E ao interrogar-se “sobre o grau e a qualidade da crença que Camões conferia” ao espírito cavaleiresco que glorifica no seu poema, conclui: “O espírito cavaleiresco é, pois, para Camões, a *ideologia oca*, a ideologia crida como crença, mas não como verdade” (Saraiva 1972: 178 e 183, respectivamente).

² Júpiter representa o próprio Deus de católicos: “Por espíritos mil que têm prudência,/governa o mundo todo que sustenta” (Camões 1572: 10. 83).

de Deus é distinto do homem, que pelo seu corpo está vinculado à matéria e pela sua alma se ergue ao Divino, procurando transcender a sua zoologia, conforme o enunciado pelo credo religioso camoniano e no manifesto do humanismo, *Oratio de hominis dignitate*, de Pico della Mirandola:

Se temos liberdade de fazer a nossa própria escolha, só há um objectivo digno de nós. Desprezemos o que é mundano, como muitos nos disseram que fizéssemos. Procuremos o que é celestial e transcende o mundo e em nada sejamos inferiores aos anjos. Matando tudo o que é físico, alcançaremos a pura espiritualidade e encontraremos o repouso e a paz celestiais, talvez até enquanto continuamos a viver aqui na terra (Mirandola, apud Dresden s/d:15).

Eco da palavra de S. Paulo, o homem camoniano é igualmente o âmago da criação e o seu senhor; tudo lhe foi confiado: “tudo é vosso: o mundo, a vida, a morte, o presente e o futuro, tudo é vosso e vós de Cristo” (I *Ep. aos Coríntios*, III, 22). Do ponto de vista material, plantas, animais o domínio dos elementos, tudo a ele está sujeito. Do ponto de vista espiritual, é igualmente senhor da sua pessoa, da sua vida, dos seus erros e das suas virtudes:

As obras, que são boas, e o desvio,
está nas mãos dos homens cometê-las
Mas nas de Deus está o sucesso delas (Camões 1973:294)

Em plena liberdade de acção, dotado de livre arbítrio, tudo aponta no sentido do optimismo antropológico, quando nos referimos à epopeia. Porém, na lírica, o homem que se desenha encontra-se na insegurança do universo vulnerável maneirista, em busca de porto seguro, que só Deus pode oferecer. A autonomia sem reservas do homem em todas as suas acções, condu-lo à vivência do drama de uma consciência pessoal, porque o Espírito de Deus a tudo assiste, mas nem sempre intervém¹. Daí a necessidade da crença no Ser Necessário:

mas o melhor de tudo é crer em Cristo (Idem, 199)

O homem camoniano é antitético: por um lado, desenha-se na epopeia segundo a linha da Antiguidade pagã ou mitológica da divinização do herói; por outro, figura na lírica segundo a linha cristã como *homo viator*, cuja evolução se exprime na tendência do corpo para a alma e no almejo da felicidade que se visiona na posse mística de Deus². Ainda e sempre, é bem perceptível, na épica e na lírica,

¹ O tema do *Deus absconditus* é perceptível em poemas como “Correm turvas as águas deste rio: “Tem o tempo sua ordem, já sabida;/ O mundo, não; mas ainda tão confuso,/ que parece que dele Deus se esquece” (Camões 1973: 168).

² Na linha de Santo Agostinho (que retoma a “teoria das Ideias” platónica, ajustando-a à filosofia cristã), Camões retoma a doutrina da iluminação agostianiana. Para Santo Agostinho, as ideias existem em Deus, de onde o homem as colhe por uma espécie de iluminação, a que Camões chamou “graça” divina (“Sóbolos Rios”). O que importa salientar é que a via do ascetismo platónico se orientou para a

uma imagem do homem como um ser perpetuamente visitado por um desejo de plenitude. A equação equilibrada entre o corpo e a alma que é o homem delineado pelo Renascimento, conforme à epopeia, tende na lírica camonianiana a reduzir-se ao segundo termo. O equilíbrio estático *corpo-alma* tende ao desequilíbrio ou movimento¹ do corpo para a alma. Sonho acalentado em “Sôbolos rios que vão”, amplia-se até à ideia de realização definitiva na posse do céu, novo equilíbrio, além do tempo e do espaço.

No poema considerado como suma da lírica camonianiana², o eu lírico renuncia ao canto profano do passado. Inicia, assim, um processo de superação metafísico-religiosa que passa pela dissociação de valores, pela palinódia, pelo combate cristão e auxílio da Graça até à exaltação do canto ao divino e à antevisão da plenitude escatológica celestial:

Ó tu, divino aposento,
Minha pátria singular!
Se só com te imaginar
Tanto sobe o entendimento,
Que fará se em ti se achar?

Ditoso quem se partir
Para ti, terra excelente,
Tão justo e tão penitente
Que, depois de a ti subir
Lá descansa eternamente (Camões 1973:114)

A ideia homem como ser superior que abarca o mundo e constrói a história, defendida por Camões épico, transmuta, no lírico, para a noção de homem como o ser que dialecticamente se faz e se revela apenas no *além-de-si* ou totalidade realizada, sob a forma de Transcendência.

Na epopeia, congrega-se no homem o progresso contínuo e a sua realização definitiva. Na dinâmica da narrativa, o homem transforma-se, em virtude das vicissitudes que enfrenta; progride através de uma gesta de realização universal de valores sobre-humanos. A epopeia de Camões, cujo propósito é o de cantar “o peito ilustre lusitano” vem defender a ideia de que os Portugueses foram feitos para

via da corrente mística agostiniana. Segundo esta, o crente pode entrar em comunhão com Deus, pela vida contemplativa e pelo êxtase.

¹ A quebra do equilíbrio, a expressão do movimento encontra-se, aliás, em outras formas de arte, nomeadamente, a escultórica.

² Da importância do poema nos dão conta as considerações da crítica, de que é exemplo o modelo de tripartição das redondilhas “Sôbolos rios que vão”, proposto por A. Salgado Júnior (1935: 1-68), bem como as interpretações posteriores do poema; as limitações das leituras temporais e políticas da simbologia de “Sôbolos rios”; os modelos de bipartição e a versão do poema no *Cancioneiro de Cristóvão Borges* e, por fim, a nova tripartição das redondilhas, no quadro de uma “estética arquitectónica” (Matos 1980:81-95).

dominar. Mais do que um povo feito de homens reais, é do Ser ideal que o poeta fala: é daquilo que o poeta gostaria que o homem fosse¹.

A saudade de Deus que caracteriza o sujeito de “Babel e Sião”, nas *Rimas*, tem como contra-pólo o herói activo e empreendedor d’ *Os Lusíadas*. Este define-se pelo dinamismo, pela consciência de que tudo está sujeito a uma evolução, a uma força propulsiva cujo clímax é, a nível textual, o episódio da *Ilha dos Amores*, prémio para os nautas, estímulo para os heróis, promessa de eternização e espaço de humanidade futurante, porquanto constitui profecia de advento de um homem português ideal (Soares 2007)

Tentar conciliar o providencialismo histórico com o evemerismo do homem divinizado: eis o ideal camoniano do homem, na epopeia. Um tal paradoxo é porém, resolvido no teísmo – através dos conceitos de ficção e realidade, ou melhor, de falsidade dos deuses mitológicos ao serviço de uma Verdade: a fé.

No que à mulher diz respeito, a dualidade alma/ corpo perpetua-se sempre, uma vez que o poeta preconiza o seu existir simultaneamente e de modo duplo. Trata-se, afinal, de duas faces duma mesma e complexa realidade humana.

Uma vez abordadas as antinomias inerentes à mulher e ao homem encarados individualmente, retomamos no nosso discurso a questão de saber o grau de oposição e de identidade entre ambos os sexos que já começa a ficar delineada. Existe uma diferença efectiva entre a mulher e o homem na obra de Camões. Encarada dentro dos moldes da mística feminina ancestral, a primeira é sempre visionada, de acordo com a sua relação com o homem, a quem cabe a responsabilidade e a acção. Porém, o homem não é apenas o principal foco de interesse do nosso autor, mas de todo o pensamento desde *Bíblia*. No livro por excelência do profetismo, como nas obras de Camões, é o homem na sua relação com o mundo, com a mulher e com Deus o centro da perspectiva. É unicamente em função do homem que se define a natureza, os valores e a sociedade.

O Evangelho de Cristo e o evangelho dos mares² são, no seu conjunto, um apelo à grandeza e ao heroísmo (Albuquerque 1988: 291)³, na repugnância pela mediocridade, seja ela de origem feminina ou masculina. Essa mesma ideia é

¹ Camões, como ninguém, soube ver os sinais iniludíveis da decadência na metrópole como na Índia, reconhecer os sintomas da desagregação do país causada pelas incompetência, ambição, adulação de funcionários, capitães e governadores capazes de negarem o rei, a pátria e o próprio Deus. Vários autores se debruçaram sobre as críticas tecidas por Camões às classes detentoras do poder n’ *Os Lusíadas*. E são unânimes em considerar que elas visam, além do rei, as classes privilegiadas, desde religiosos à alta nobreza ostentatória. As críticas tecidas por Camões aos Portugueses, nomeadamente, às classes privilegiadas detentoras do poder são múltiplas (Sérgio 1977: 31-46; Fernandes 1980: 375-399; Albuquerque 1988; etc)

² Assim considera Pascoaes a epopeia d’ *Os Lusíadas*, quando afirma acerca “do Poema, que é o próprio mar feito verbo” (Pascoaes 1987: 82).

³ Martim de Albuquerque refere-se à existência de uma “moral heróica” n’ *Os Lusíadas* e defende a tese do “antimaquiavelismo” peninsular, próprio de um povo que o crítico caracteriza pelo “proceder fidalgo” contrastante com o “actuar maquiavélico”: “À moral utilitária – diz-nos – [...] contrapõe-se a acção fidalga, baseada na virtude e na acção esforçada, não no resultado e no êxito” (Albuquerque 1988: 269).

defendida em “Carta de Luiz (de) Camões a um seu amigo” (Camões 1904: 23), quando, ao referir-se à falsidade do ambiente citadino, declara que os homens

Na paz mostram coração,
na guerra mostram as costas,
porque aqui torce a porca o rabo” (Idem, 27)

E dá um exemplo de mulher oportunista,

“em comparação [da qual] [...] creou Nosso Senhor o camaleão na arte de qualquer lugar onde o põem” (Idem,24).

Com uma nota nacionalista inegável, o homem camoniano, sendo português, é também mulher ou um modelo que comunga do homem total, com os seus temores e esperanças, angústias e alegrias, hesitações e certezas.

*Homo sum; Humani nihil a me alienum puto*¹, dizia Terêncio no seu programa de desenvolvimento integral do homem, num tempo de visão geocêntrica.

Ideal retomado por Camões é, porém, do ponto de vista do homem, isto é, de modo mais profundamente humano que encara aquela divisa. Assim, na demanda de uma mesma finalidade, são múltiplas as formas e os meios de a alcançar.

Aquele optimismo antropológico da Antiguidade Clássica – retomado pelo Renascimento – em Camões, dá provas de menor segurança. É nele um humanismo que confere ao homem dignidade superior e superior miséria. É um humanismo mais verdadeiramente humano. É a defesa do homem que, explorando a natureza e aumentando o seu valor, sabe ultrapassar o interesse imediato, na atracção profunda pela heroicidade. Trata-se do homem em acção; agente e actor, vivendo os conflitos da sua situação epocal, a fim de encontrar a supra-humana harmonia.

O optimismo da epopeia, onde se afirma a evidência do real, a sabedoria do experimentado, a apologia do “peito ilustre lusitano” não se alheia de uma oposição genérica de Camões à ambição e à vileza que se reconhecem. Permanece, porém no épico, a elevada estima pela natureza humana, aliada à ambição de realizá-la no tipo ideal. É esse o sentido da viagem para a “Ilha dos Amores” camoniana; é essa a ultrapassagem do inseguro e “fraco humano”, do “bicho da terra tão pequeno” (Camões 1572:1.105-106). É ainda a fé no homem a radicação da ideia de “supra-humanidade”, contida na profecia da “progénie forte e bela”, resultante da união dos nautas com as ninfas na ilha deleitosa.

A tradição profética nacional e lusocêntrica já anterior a Camões², com ele, na “Ilha dos Amores”, angaria o estatuto de profecia humanista: é o homem português que, na serena posse e usufruto da sua natureza, na perfeita exploração das suas

¹ Verso de Terêncio, *O homem que se puniu a si mesmo*, I, 1, 25.
(Trad.: “Sou homem e penso que nada do que é humano me é estranho”).

² Veja-se, respectivamente, a lição profética e nacionalista de Bandarra e do cronista Fernão Lopes, cuja escrita, pretensamente histórica, é tendenciosamente nacional e lusocêntrica (Lopes 1971: 31-33).

qualidades, devassa o mistério e alcança a felicidade suprema, não exterior a si, mas em si próprio como deo-humanidade. Este sonho do homem, que se equaciona em termos de peregrinação vital, é a arte de cumprir a vida. Esta culmina – chegado o herói português ao termo da viagem – na elevação a uma condição superior, em obediência a si próprio, à vontade divina e unido amorosamente à mulher. A “Ilha dos Amores” constitui, de facto, o prémio do herói, a perfeita comunhão entre os marinheiros e as divindades (Camões 1572: 10.2-5), a ascese dos portugueses ao plano dos deuses. Nela, Vasco da Gama, pela mão de Tétis, poderá colocar-se no lugar de Deus e contemplar a sua obra (Idem, 10.76-141)¹.

Entre o homem na lírica e na epopeia, além da diversidade, há uma verdadeira identidade. Ambos partem da realidade para a Transcendência, ambos devassam o mistério da vida, ambos ultrapassam os “vedados términos” (Idem, 5-41) do mundo material, sejam eles o Adamastor da epopeia ou o *desconcerto* de psicológico, social ou ontológico muito além do confessionalismo lírico.

A mulher (ou o Amor) é complemento do homem; motivo de culpa, objecto de culto. Ponto de partida para as congeminções do poeta, pouco importa que seja a amada loura que deixou em Lisboa, a mulher chinesa, Bárbara escrava ou as figuras ficcionais das ninfas e de Vénus. O que importa é que a mulher é o ser em torno do qual se engendra todo o sentir do eu poético: a saudade, a insatisfação, a dor pela separação física e irreversível pela morte da amada ou ainda, na epopeia, a paixão infeliz ou triunfante². Além disso – e na época de Camões estamos muito longe da igualdade de direitos e de oportunidades – a dignificação feminina radicada em Cristo e o culto Mariano cristãos introduzem uma nota positiva na imagem da mulher que se reflecte em Camões e que faltava aos seus longínquos modelos de imitação da Antiguidade. Do culto feminino nos falam muitos dos versos camonianos, sobretudo aqueles de teor neo-platónico, em que o amor é iniciação e ascese. Disso é exemplo a ode “Pode um desejo imenso” (Camões 1973: 269-271), em que a mulher surge como imagem ou reflexo da “divina formosura”:

vêm logo a graça pura
a luz alta e serena
que é raio da divina formosura (Idem, 270)

Ou as redondilhas “Sôbolos rios”, onde o neo-platonismo amoroso se conjuga com o cristianismo, na linha de Santo Agostinho. A mulher é ideal, inteligível e meio de ascese para o sujeito que dela se enamora:

E aquela humana figura,
que cá me pôde alterar,
não é quem se há-de buscar:

¹ A subida ao monte que Tétis convida Gama a fazer pode relacionar-se com o percurso ascético, fundamental para se atingir o estado de heroicidade. Recorde-se que a montanha goza do simbolismo da transcendência.

² Referimo-nos aos episódios de Inês de Castro e da Ilha dos Amores, respectivamente.

é raio de Ferosura,
que só se deve de amar (Idem, 110)

À mulher, em literatura (Duby 1994), especificamente na obra de Camões, não lhe carece nada de ser deusa, mas no plano legal e social a marcha é lenta. Se é verdade que, em Portugal, a promoção da cultura, a sua laicização e o acesso dela à mulher se vem anunciando¹, ainda estamos longe da igualdade de direitos e de oportunidades. O ensino - outrora dependente do clero - com D. João III passa a ser laico e administrado por um funcionário do rei, o que introduz modificações sociais profundas, no que respeita ao seu acesso e aos seus destinatários (Soares 2007b:16-17)². Quanto à mulher, deixa de ser simples objecto de vassalagem e passa a ser agente de cultura. Lembramos, a corte de D. Maria e suas aias, de que é exemplo a poliglota, humanista e escritora Luísa Sigeia³ ou a figura de Paula Vicente... Mas são excepções, que confirmam a regra. Na verdade, há ainda um fosso entre as elites e o povo, entre a mulher e o seu companheiro masculino (Sarde 1989: 318-346). Este, sedento e apaixonado pelas ciências e pelo conhecimento, instruído, viajante ou mareante até aos confins de um mundo – cujos limites se ampliam a cada momento – é peregrino da Antiguidade Clássica redescoberta e exegeta de uma cultura universal que valoriza a *humanitas*, cada vez mais dependente de do saber adquirido pelo “honesto estudo” (Garin 1968: 89), de que nos fala Camões. Esta *dignitas hominis* - inspirada em Cícero, e que pode entender-se como aquilo que *define* o homem e o liga *solidariamente* aos seus semelhantes e pela busca de retorno à *paideia* helenística – imprime o culto do individualismo, o qual chega a suplantiar a própria paixão intersexual (Sarde 1989: 318).

Excluída das viagens das descobertas e das explorações, a mulher é também genericamente excluída da escolarização. A educação não é só privilégio social, mas masculino, uma vez que a maioria da população feminina a ela não tem acesso, mesmo nas classes dominantes. Desprovida de todos os direitos face à própria lei, resta à mulher a beleza, eternizada pela pena dos poetas.

De Itália, chegam-nos as artes plásticas, a pintura, a escultura, a arquitectura, a literatura e, através delas, o culto da beleza feminina. Numa imitação clara de

¹ Estes factores são notórios desde os reinados de D. João II, de D. Manuel e ampliam-se com D. João III.

² D. João III é notável como mecenas e grande patrocinador da cultura humanista em Portugal. Com ele, foi muito intenso o movimento de escolares portugueses no estrangeiro, que frequentavam como bolsiros do rei as Universidades de Florença, Salamanca, Oxford, Lovaina e Paris. A esta convivência internacional veio juntar-se o convite à leccionação, em Portugal, de mestres estrangeiros e medidas culturais como a reforma das Universidades e a fundação do Colégio das Artes.

³ Salientamos a obra da escritora, em latim, Luísa Sigeia, *Colloquium habitum apud Villam inter Flaminiam Romanam, et Blesillam Senesem*. O discurso ocorre em três dias e consiste num diálogo entre duas personagens femininas, sendo que uma delas defende a vida rústica e a outra a vida de corte. No seu debate, muito é dito sobre as qualidades e defeitos que caracterizam os príncipes, os cortesãos, as mulheres na corte, em particular, e a mundividência do séc. XVI português, em geral. (Trad. francesa de Sauvage 1970: 82- sqq).

ideais que floresciam em Itália, havia já dois séculos (Petrarca terá sido o primeiro humanista – século XIV), em Portugal, expandem-se na tela, na pedra e, sobretudo, pela escrita rostos e corpos femininos. Sob a forma de ninfa no banho, de “Vénus” ou de “Laura” - conforme os retratos são mais ou menos idolatria do corpo feminino - apresentada sob a forma de divindade mitológica ou como imagem da *donna angelicata* virginal, criatura delineada física e moralmente, a mulher perde o carácter humano. Pela perfeição dos seus traços, o ser retratado revela também da parte do artista uma certa intransigência estética, um elitismo na adoração. Codificada nos poemas de todos os autores do século XVI, é ainda uma mulher sem infância, sem velhice, sem defeitos, sem inteligência, sem consciência: o eterno feminino. Para superar todas estas carências não faltam, porém, as palavras elogiosas a defini-la: a graça, a doçura, “aquele não sei quê/ que espira não sei como” (Camões 1973: 271) e toda uma terminologia epocal que Camões segue, mas não servilmente. De infrações aos cânones vigentes nos dão conta as endechas a Bárbara escrava, onde são elogiados não os cabelos louros, nem os olhos claros, nem a tez nívea, mas o rosto exótico e os olhos negros:

Rosto singular,
olhos sossegados,
pretos e cansados,
mas não de matar.

Uma graça viva,
Que neles lhe mora
Para ser senhora
De quem é cativa (Idem, 89)

Ao retrato convencional em moldes petrarquistas, o poeta sobrepe, hipervalorizando-a, a beleza invulgar:

Pretidão de Amor,
tão doce a figura,
que a neve lhe jura
que trocara a cor (Idem, ibidem)

O eu lírico sabe, porém, que o privilégio da beleza – o único, na época, concedido à mulher – se revela bem frágil e condenado a desaparecer:

E se o tempo, que tudo desbarata,
secar as frescas rosas sem colhê-las,
mostrando a linda cor das tranças belas
mudada de ouro fino em bela prata;

vereis, Senhora, então também mudado
o pensamento e a aspereza vossa,
quando não sirva já sua mudança (Idem, 124)

Do privilégio que é a beleza, a mulher jovem nutre a sua aspiração à felicidade e à harmonia. Quando toma consciência da efemeridade desse privilégio, é demasiado tarde, pois a sua velhice é associada à degradação. A vingança pela não correspondência, o poeta encontrá-la-á no terror da amada em declinar:

Suspirareis então pelo passado,
em tempo quando executar-se possa
em vosso arrepende minha vingança (Idem, ibidem)

O Renascimento, que leva ao apogeu o culto da juventude e da beleza feminina, igualmente se revela intolerante com o seu contra-pólo (a velhice, a degradação) excluído de todas as formas de arte clássica.

E porque a beleza é fugaz, pois o tempo a faz naufragar, o século XVI não é um século de ouro para a mulher, mas de derrota: derrota face à beleza das deusas petrificadas ou eternizadas em verso, derrota face ao homem, porque a ciência, a medicina, enfim, o conhecimento lhe escapa.

Dominada pela autoridade parental em solteira e pela autoridade marital no casamento, depois de passada a beleza, deverá declinar no *não ser*. Com o envelhecimento, terá que passar da adoração frágil ao desprezo total, restando-lhe apenas o amor, essa força poderosa e lei natural da vida humana, dissolução de todas as dialécticas, que contribui para a realização e unificação de homem e mulher,

Que a tudo Amor obriga, e vence tudo (Idem, 280)

Referências bibliográficas

Albuquerque, Martim de (1988): *A expressão do poder em Luís de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

André, Carlos Ascenso (1993): “Luz e penumbra na literatura humanista dos Descobrimentos”, in *Humanismo português na época dos Descobrimentos. Congresso Internacional*, (Actas). Coimbra: 217-256.

Anjos, Amador dos (1990): *S. Paulo e a condição da mulher*. Porto: ed. Salesianas.

Aristóteles, *Política* I, 1254 b (Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury). Brasília: UNB.

Aubert, Jean-Marie (1975): *La femme – antiféminisme et christianisme*. Paris: Cerf.

Burke, Peter (1987): *The Italian Renaissance culture and society in Italy*. Cambridge

Calmon, Pedro (1945): *O Estado e o Direito n’Os Lusíadas*. Lisboa-Rio de Janeiro: Dois Mundos.

Camões, Luís de (1904): *Uma Carta inédita de Camões*, (Comentada e publicada por Xavier da Cunha) Coimbra: S.E

Camões, Luís de (1973): *Rimas*, (Texto estabelecido e prefaciado por A. J. Costa Pimpão). Coimbra: Atlântida.

Camões, Luís de, *Os Lusíadas*, 3. 102-106. (Edição de Hernâni Cidade, em 2vols.).

Lisboa: Clássicos Sá da Costa.

Castro, Armando (1980): *Camões e a sociedade do seu tempo*. Lisboa: Ed. Caminho.

Cidade, Hernâni (1957): *O conceito de poesia como expressão da cultura. Sua evolução através das literaturas portuguesa e brasileira*. Coimbra: Coimbra editora

Cunha, Maria Helena Ribeiro da (1989): *A dialéctica do desejo em Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Curtius, E. R. (1981): *Literatura europea y Edad Media latina*, 2 vols, México. S.E.

Dresden, Sem (s/d): *O Humanismo no Renascimento*. Porto: ed. Inova.

Dubarle, A. M. (1976): “Paul et l’antiféminisme” in *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, nº 2. Paris: 262-280.

Duby, Georges; Perrot, Michelle (sob a direcção de) (1994): *História das Mulheres* (6 vols.) Lisboa: ed. Afrontamento. *Maxime*, vol. 3, *Do Renascimento à Idade Moderna* (dir. Por Davis, Natalie Zemon; Farge, Arlette).

Fernandes, Rogério (1980): “Os Lusíadas e a educação do príncipe”. In *Vértice* 436-439: 375-399

Fiorenza, E. Schussler (1986): *En mémoire d’elle*. Paris: Cerf.

Fraga, Maria Tereza de (1976): *Humanismo e experimentalismo na cultura do século XVI*. Coimbra: Almedina.

Garin, Eugenio (1968): *L’Éducation de l’homme moderne, 1400 –1600*. Paris: S.E.

Huby, J. (1946): *Saint Paul. Première Épître aux Corinthiens*. Paris : Cerf.

Huizinga, J. (1948): *Le déclin du Moyen Âge* (trad. fr. de J. Bastin). Paris: S.E.

Júnior, A. Salgado (1935): “Camões e Sôbolos rios. Ensaio de interpretação destas redondilhas”, in *Labor*, Sep. do vol. X, Aveiro: 1-68

Lopes, Fernão (1971): *Crónica de D. João I (Textos Escolhidos)*. Lisboa: Editorial Verbo.

Lopes, Óscar (1980): “Camões como poeta das antinomias do progresso”. In *Camões*, 1. Lisboa: Caminho.

Lourenço, Eduardo; Moura, Vasco Graça (1994): *Camões 1525-1580. Le temps de Camões par Vasco Graça Moura; Camões et le temps par Eduardo Lourenço*. Bordeaux: L’Escampette

Matos, Maria Vitalina Leal de (1980): *Introdução à poesia de Luís de Camões*. Lisboa: ICALP.

Matos, Maria Vitalina Leal de (1974): “Auto-retrato de Camões: a hipertrofia do eu”, in *Colóquio-Letras*, 20. Lisboa: p16 - sqq.

Mendes, João (1986): *Teoria Literária*. Lisboa: ed. Verbo.

Pascoaes, Teixeira de (1987): *Os Poetas Lusíadas*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Ribeiro, José Silvestre (1853): *Estudo moral e político sobre Os Lusíadas*. Lisboa: Imprensa Nacional

S. Tomás, *Summa Theologica*, II. II, 9.149, a. 4. (Trad. de Alexandre Correia). In <http://sumateologica.permanencia.org.br/suma.htm>. Consultado em 20 de Abril de 2009.

Saraiva, António José (1972): *Para a História da Cultura em Portugal*, vol. II. Porto: Publicações Europa-América.

Saraiva, António José (s.d.): *Luís de Camões. Estudo e Antologia*. Lisboa: Bertrand.

Sarde, Michelle (1989): “Le temps de la chair: Renaissance... pour les hommes seulement”. In *Regard sur les Françaises*. Paris: S.E.: 318-346.

Sérgio, António (1972): *Ensaio, IV*. Lisboa: Sá da Costa.

Sérgio, António (1977): *Em torno das ideias políticas de Camões. Seguido de Camões panfletário [Camões e Dom Sebastião]*, Lisboa: S.E.

Sigeia, Luísa (1552): *Colloquium habitum apud Villam inter Flaminiam Roamanam, et Blesillam Senesem, [...] Ulissiponae*, ano Salutis MDLII (trad. francesa de Sauvage, Odette (1970): *Dialogue de Deux jeunes filles. Sur la vie de Cour et la vie de retraite*. Paris: Presses Universitaires de France, Fondation Calouste Gulbenkian).

Silva, Vítor Manuel de Aguiar e (1980): *Colóquio Letras*, nº 55. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian: 42.

Soares, Maria Luísa de Castro (2002): “A ideologia bipolar d’*Os Lusíadas*: o Velho do Restelo e o Herói Gama”, in *Revista Portuguesa de Humanidades*, 6. Braga: Faculdade de Filosofia da U.C.P: 283-298.

Soares, Maria Luísa de Castro (2002): “Debate ideológico e ficção poética em Sá de Miranda e no *epos* camoniano”, in *Estudos em Homenagem a Salvador Dias Arnaut*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: 601- 619.

Soares, Maria Luísa de Castro (2003): “Vida áulica e ideal do cortesão no Renascimento e em Damião de Góis”, in *Damião de Góis na Europa do Renascimento*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP: 553-564.

Soares, Maria Luísa de Castro (2007): *Profetismo e Espiritualidade em Camões e Pascoaes*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Soares, Maria Luísa de Castro (2007b) *Do Renascimento à sua Questionação I. Sá de Miranda*. Vila Real: UTAD.

Sousa, António Francisco de (1985): *A posição jurídica da mulher na sociedade islâmica*. Sep. do Boletim do Ministério da justiça, *Documentação e Direito Comparado*, nº 24:193-212.

Vieira, Afonso Lopes (1977): “Diname”. “Para um recital camoneano”, in *Resistência, Revista de Cultura e Crítica*. Lisboa: 25.

Winandy, J. (1977): “La femme un homme manqué?”. In *Nouvelle Revue Théologique*. Paris: 865- 870.

Wolff, Francis (1999): *Aristóteles e a política*. São Paulo: Discurso Editorial.



L'Avare de Molière, une panoplie du comique

Maria Natália Sousa Pinheiro Amarante
Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro
 namarant@utad.pt

Résumé

«L'Avare de Molière, une panoplie comique inépuisable». Nous situons l'*Avare* de Molière dans son contexte historique et social, dévoilant les sources et emprunts qu'il a utilisés. Puis nous verrons que le thème de l'argent et de l'avarice a une réelle importance dans l'intrigue. Enfin notre analyse consistera à examiner les différents procédés comiques, qui sont liés aux mots, à la situation, au geste et enfin au caractère, sans oublier la caractérisation du personnage principal : Harpagon.

I – L'Avare de Molière

1. Contextualisation historique et sociale

Harpagon n'est pas un personnage abstrait, il est un type social de l'époque de Molière. Pour mieux comprendre la pièce, il faut certains éclaircissements sur la vie en 1668.

La scène 5 de L'acte V évoque une révolte à Naples qui eut lieu en 1647 (Molière 1983: 1397). Par conséquent, la cascade d'événements de l'acte V trouve, donc en partie, son origine dans l'Histoire.

Les relations Parents-enfants étaient assez austères, en effet, le père, ici, Harpagon exerce encore ses droits paternels, tout puissants et sans limites dans le temps. Les enfants après la majorité (25 ans), restaient à l'entière merci de leur père. Celui-ci disposait de moyens de pressions exorbitants: il pouvait faire enfermer sa fille dans un couvent (par exemple acte V scène 4): «Quatre bonnes murailles me répondront de ta conduite» (Molière1998:p.162), faire emprisonner son fils, déshériter ses enfants et les maudire. La cellule familiale au XVIIe siècle avait une grande puissance et tout enfant qui s'en séparait se mettait hors la loi.

Pour ce qui est des mariages, seuls les parents avaient le pouvoir de décider, souvent en fonction de leur propre intérêt, d'où par la suite de fortes oppositions entre parents et enfants qui, eux, désiraient suivre leur «inclination».

La femme ne se définissait qu'en tant que fille, épouse et mère. Privée de l'appui d'un homme, elle n'a pratiquement pas d'existence sociale, exemple Mariane et sa mère.

L'étude des sources suivantes montre que Molière s'est soucié de son époque,

mais il oubliait vite ses modèles pour obéir à ses propres impératifs: faire rire encore plus, mieux dessiner les caractères, plaire au public, critiquer la société: *Castigat, ridendo more*. Cette critique sociale a finalement une valeur morale.

2. Les sources et les emprunts

Au XVII^e siècle, l'originalité est à l'ordre du jour. Ce n'est pas véritablement le sujet qui intéresse, mais la façon comme il est traité. C'est alors qu'un bon nombre d'écrivains se sont inspirés librement d'œuvres antérieures – dramatiques ou romanesques et l'un d'entre eux fut Molière.

Molière s'est inspiré d'une comédie de Plaute *L'Aulularia* (Comédie de la petite marmite) (Lazard1980: 22), mais il la dépasse singulièrement. Les similitudes entre *L'Aulularia* et *l'Avare* sont plus profondes ; leurs intrigues se ressemblent beaucoup (Bayet 1977: 40). Son inspiration vient tout droit du théâtre classique latin. Il emprunte également de nombreux traits à la farce du Moyen-Âge, on suppose qu'il pouvait avoir connaissance de la traduction de J. Cahaignes (Lazard 1980: 160), *L'Avaricieux*, mais là où il puise sans restriction, c'est à la comédie italienne, La Commedia dell'Arte, dite Comédie de fantaisie, dans laquelle les acteurs improvisent à partir du scénario¹. Les personnages traditionnels comme le valet agile, l'entremetteuse (Lazard1980: 170-171), etc., certaines attitudes comme les coups de bâton, les bouffonneries font partie également de cette comédie. Molière, pour bien des scènes, disposait de plusieurs sources, comme par exemple, l'existence d'un modèle d'Harpagon: Jean Tardieu, avare réputé dans les années 1630-660. Par ailleurs, la propre expérience humaine de Molière lui fournit vraisemblablement bien des éléments: les procès sans fin qu'on lui avait intentés, ses dettes lui avaient fait côtoyer de près les usuriers et les gens de la justice (Molière1998: scènes 1 et 2).

L'Avare, à bien des égards, peut constituer un «miroir» (Lazard1980: 199) bien que déformant, par le comique utilisé. Il inaugure, ainsi, avec *l'Avare*, un genre nouveau, la comédie de caractère en prose², comédie par sa forme et drame par sa matière. Les emprunts sont plus fréquents dans les premiers actes. Molière aurait, en quelque sorte, eu besoin d'un petit «coup de pouce», d'un démarrage, mais ces emprunts n'ont en aucune façon influencé la construction même de *l'Avare*. En fait, celui-ci n'a demandé à ses prédécesseurs qu'un certain nombre de situations comiques, et encore certaines d'entre elles sont tellement traditionnelles qu'on ne peut pas parler d'imitation. Il lui restait à intégrer ces situations dans l'action de sa comédie et à les adapter au caractère de ses personnages, et il y a, ici, parfaitement réussi.

¹ Dans la Commedia dell'Arte (en italien comédie de fantaisie), les acteurs improvisaient, sur un canevas, une ébauche de scénario, à grand renfort de gesticulations et de mimiques comiques in Molière, *L'Avare*, op. cit. p.13-23 et Lazard, Madeleine, *Le théâtre en France au XVII^e siècle*, op. cit., p.163-165.

² Ce choix fut peut-être imposé à l'auteur par les délais de création de la pièce, in *L'Avare*, op. cit. p. 13 et 93.

3. Caractérisation du personnage principal: Harpagon

L'avare est le type littéraire du personnage complexe. En effet, on retrouve chez Harpagon, la passion de l'argent sous ses aspects les plus ridicules et les plus maladifs. Il est obsédé par l'argent et cette obsession, le rend souvent violent.

Il assume les fonctions d'avare, d'amoureux, de père et de maître. La fonction d'amoureux va, en fait, être à l'origine des différentes péripéties qui s'effectuent tout au long de l'intrigue.

En fait, Harpagon est le moteur comique de la pièce. Toute la satire et la farce vont s'alimenter de son caractère, de ses attitudes et de son langage.

4. Les autres personnages

Cléante, le fils, est impulsif et c'est ce trait de caractère qui va déclencher bons nombres de situations dans la pièce. L'opposition Père/fils va alimenter le suspense et assurera le dénouement.

Valère, l'amoureux conventionnel de l'époque, c'est le type même de l'homme galant. Il est un élément important pour l'évolution de l'intrigue. Il n'apparaît qu'au début, puis par la suite, il ne réapparaîtra que dans deux scènes clés: lors du dîner et lors du quiproquo.

Elise et Mariane, ce sont les figures stéréotypées de la femme. Seul l'amour leur donne de la personnalité. Ici, on pourrait déduire que Molière voulait faire réfléchir sur l'éducation des jeunes filles de l'époque, dont le mariage était imposé par les parents.

Frosine, celle-ci répond au type de l'entremetteuse qui utilise la flatterie pour arriver à ses fins. Elle joue un double jeu entre Harpagon et Valère. Elle exploite les deux camps de manière à en tirer profit.

Les deux valets, Maître Jacques et La Flèche.

Ils appartiennent à la tradition de la comédie. La relation maître/valet est très clairement démontrée, elle a une importance capitale, en effet, ces personnages fournissent à Molière des supports de comique de farce importants. Ils déclenchent facilement le rire. Les duos qu'ils forment avec Harpagon permettent tous les degrés du rire. Dans ce cas, La Flèche a un rôle prédominant dans le dénouement. C'est, lui, l'agent direct du principal événement: le vol de la cassette car c'est lui qui en est l'auteur. Il l'a remis à Cléante pour faire chantage avec son père.

5. Le thème de l'argent et de l'avarice

L'argent est un des thèmes essentiels de la pièce. Il est abordé sous sa forme la plus concrète. Les louis d'or d'Harpagon enfermés dans la fameuse cassette évoquent l'argent sous une forme tout à fait matérielle (Molière 1998: 186).

Quant à l'avarice, thème très ancien, il n'est plus traité de nos jours, selon l'opinion de Gérard Wajcman que nous citons: «Si pour parodier Molière, qui en savait un rayon sur le sujet, on peut donc dire de l'Avarice qu'elle n'est pas un

vice à la mode, cela n'entame évidemment rien quant à l'existence tenace de la chose, qui se porte à merveille, comme chacun aisément s'en persuade chaque jour. L'Avarice semble à la fois prospère et cependant une Figure du passé et dépassée. L'Avarice souffre d'un déficit d'image, elle n'a pas d'image moderne et n'est en rien une Figure de la modernité – de toute façon, elle n'a pas une bonne image du tout. Voilà le fait» (Wajcman 1999). En effet, l'avarice, telle qu'on la voyait dans le passé, nous présente la figure de l'homme qui aimait la couleur de l'argent et qui parfois le mettait sous son matelas. Aujourd'hui, à cause des banques, de la société de consommation et des cartes de crédit, l'image-type de l'avare n'existe plus.

6. La structure de la pièce

Au XVIIe siècle, les auteurs de théâtre devaient respecter certaines règles, la plus fameuse celle des trois unités, conformément à la tradition grecque. Celle-ci exigeait que l'intérêt soit centré sur une seule intrigue (unité d'action), que cette action se déroule en un seul jour (unité de temps), et que les personnages apparaissent toujours dans le même lieu (unité de lieu).

Ceci se vérifiait principalement dans les tragédies. Or Molière prétendait élever la comédie au même rang de la tragédie. Mais néanmoins, il s'efforçait, dans l'*Avare*, de suivre les règles classiques tout en les accommodant à son tempérament et à son temps.

Dans la pièce, l'unité de lieu semble respectée. L'action se passe dans une salle où derrière se situe un jardin. En effet, c'est là où est enterrée la cassette des louis d'or.

Harpagon est constamment en va et vient entre le jardin et la pièce où se déroule les événements.

Pour ce qui est de l'unité de temps, Molière semble y parvenir. Certes, il mène l'action tambour battant et les péripéties se succèdent, sans que le spectateur trouve invraisemblable une journée aussi remplie.

Dès la première scène de l'acte I, nous nous apercevons que la situation de Valère est pressante. Puis celle de Cléante, fils d'Harpagon, (Sc.2) est également agonisante. Cléante endetté, pense s'enfuir avec Mariane. Harpagon, son père, déclenche la crise. En effet, en secret il préparait son propre mariage, ainsi que celui de ses enfants. (A. I, Sc.4). Mais par malheur, la cassette disparaît et bouleverse toute la situation.

A la fin de la journée tous savourent le bonheur retrouvé.

Tout au long de la pièce, les intrigues se multiplient, elles progressent parfois séparément mais se rejoignent parfois, un mot, une allusion dans le cours de la scène permettent au spectateur de faire le point sur l'une ou l'autre d'entre elles, qui ultérieurement passera au premier plan. Prenons l'exemple: La question d'Harpagon à la Flèche qui introduit directement l'intrigue de la cassette.

«Ne serais-tu point homme à aller faire courir le bruit que j'ai chez moi de l'argent caché?» (Molière 1998: I, 3).

Puis Harpagon, dans un bref monologue (idem: (I, 4) justifie sa méfiance car

effectivement, il y a une cassette enterrée dans le jardin. Et pour que le spectateur n'oublie pas cet élément de la pièce envoie Harpagon dans le jardin sous n'importe quel prétexte (idem: (I, 5), (II, 3), (II, 5).

Pour ce qui est du dénouement, l'*Avare* présente la reconnaissance des différents personnages, c'est à dire toute une famille séparée depuis des années qui se retrouve lors de l'annonce des différents mariages et le chantage de la cassette. Car les mariages n'ont lieu que lorsque la cassette réapparaît.

La pièce bascule, alors, définitivement dans la comédie.

II – Le comique

Le comique dans l'*Avare* est inséparable de l'humour, celui-ci étant défini par Kierkegaard comme répondant toujours à l'absurde en permettant, grâce à une plaisanterie, de vaincre les émotions et de transformer ainsi la souffrance en un comportement distant et dominateur.

Une fois la plaisanterie prise pour norme, et la fiction pour réalité, conditions essentielles à la gaieté et au rire, l'auteur, n'écouterait que son imagination débordante, nous promène à travers cette comédie moralisante.

La comédie est, ici, perçue comme un genre populaire auquel on reproche traditionnellement sa vulgarité. Il a fallu attendre Molière pour qu'elle change de nature et de statut: avec lui, elle devient un art noble à vocation morale.

Comme, il a été dit l'*Avare* correspond à une comédie de mœurs et de caractères. Fondée sur la satire, elle fait référence à l'actualité contemporaine de Molière et met sur scène des types empruntés de la société de l'époque. L'*Avare* verse également un nouvel élément, celui de la valeur morale de la comédie. Il est vrai que le public adore la variété comique de la pièce car tous les degrés du rire y sont représentés: la bouffonnerie, la cocasserie, la parodie, la satire se nourrissent tour à tour du vice d'Harpagon et des relations difficiles que l'avare entretient avec son entourage. L'âpreté au gain d'Harpagon et de Cléante, la haine entre le père et le fils, l'immoralité à des degrés divers des principaux personnages de la pièce, enlèvent à la comédie sa légèreté de principe, et les moments de détente ne rachètent pas les moments de tension: question de dosage peut-être ou tout simplement de perspective.

Si elle démontre le rire, la gravité de certaines conduites ou de certaines idées, elle ne conduit pas le spectateur vers un monde meilleur. Dans la pièce, l'évolution des personnages est quasi-nulle et le dénouement laisse les problèmes entiers. On peut remarquer que ces situations appartenant au XVIIe siècle ont encore une perspective actuelle.

1. Le comique de mots

Le comique de mots¹ est fondé sur des procédés linguistiques ou rhétoriques comme la répétition, le calembour, l'antithèse, la personnification, la déformation,

¹ A priori, on pourrait se dire que ce type de comique n'a pas lieu d'être analysé, car le texte de Molière ne change pas. Mais, il est néanmoins essentiel car le langage mêlé avec la situation et le geste donne de l'ampleur au comique de la scène.

la rupture de construction, le patois etc. Il atteste chez Molière un sens exceptionnel de la langue. Molière est un vrai professionnel du rire. Il dispose d'une palette extrêmement riche de procédés comiques qu'il sélectionne et amalgame au gré des scènes. L'inventaire de ces procédés fait, bien entendu, apparaître que le comique de mots est prédominant mais celui-ci fait souvent partie d'un autre procédé qu'il soit de geste ou autre. Chaque procédé, pris isolément, a une valeur comique mais un même procédé présenté dans un réseau de procédés, produit un effet comique décuplé.

Acte III, Scène 1

Harpagon (en le battant): «Vous êtes un sot, un maraud, un coquin et un impudent» (Molière1998: lignes 243-244).

Ici, le comique de gestes (Harpagon frappe maître Jacques) est associé au comique de mots (énumération). Chacun des deux procédés produit un effet comique mais les deux procédés conjugués forment une unité qui fonctionne comme un nouvel effet comique.

Acte I, Scène 3 (L. 4.6)

La Flèche: «Je n'ai jamais rien vu de si méchant que ce maudit vieillard, et je pense, sauf correction, qu'il a le diable au corps.»

Ici, nous sommes en présence d'un aparté.

Acte I, Scène 4 (L.160-165)

Elise (faisant la révérence): « Je ne veux point me marier, mon père s'il vous plaît.»

Harpagon (contrefaisant sa révérence): « Et moi, ma petite fille, ma mie, je veux que vous vous mariiez, s'il vous plaît.

Elise: « Je vous demande pardon, mon père.»

Harpagon: «Je vous demande pardon, ma fille.»

La symétrie des dialogues provoque sans contestation le rire.

Acte II, Scène (L. 31-35)

Harpagon: «Comment! Pendar, c'est toi qui t'abandonnes à ces coupables extrémités!»

Cléante: «Comment! Mon père, c'est vous qui vous portez à ces honteuses actions.»

La reprise des mêmes termes par le père et le fils provoque un effet de comique de mots.

Acte II, Scène 4 (L.23-25)

La Flèche: «Le seigneur Harpagon est de tous les humains, l'humain le moins humain.»

La comparaison est effectuée de telle sorte que le comique est bien démontré.

Acte II, Scène 4 (L. 29-32)

La Flèche: «Il n'est rien de plus sec et de plus aride que ses bonnes grâces et ses caresses, et donner est un mot pour qui il a tant d'aversion qu'il ne dit jamais: Je vous donne, mais je vous prête bonjour.»

Il y a, ici, déformation du discours.

Acte III, Scène 1(L.5.6)

Harpagon: «Surtout prenez garde de ne point frotter les meubles trop fort, de peur de les user.»

Caricature même de l'avare.

Acte III, Scène 5 (L.1-7)

Harpagon: «Ne vous offensez pas, ma belle, si je viens à vous avec des lunettes. Je sais que vos appas frappent assez les yeux, sont assez visibles d'eux-mêmes, et qu'il n'est pas besoin de lunettes pour les apercevoir ; mais enfin c'est des lunettes qu'on observe les astres.

Comique dû à la parodie du discours amoureux d'Harpagon envers Mariane.

Acte III, Scène 9

Harpagon à la Merluche: Que viens –tu faire ici, bourreau ?

Exagération du discours d'Harpagon.

Acte IV, Scène 3 (L.70-75)

Cléante: «Si j'en dois croire les apparences, je me persuade, mon père, qu'elle a quelque bonté pour moi.»

Harpagon à part: «Je suis bien aise d'avoir appris un tel secret, et voilà justement ce que je demandais. (Haut) Oh! sus, mon fils, savez-vous ce qu'il y a ? C'est qu'il faut songer, s'il vous plaît, à vous défaire de votre amour.»

Le comique s'effectue par la rupture de ton dans le discours d'Harpagon.

Acte IV, Scène 4 (1-10)

Maître Jacques: Eh! eh! eh! [...] Ah! [...] Ah! [...] Hé quoi! [...] Hé quoi.

Les interjections montrent bien l'effet comique, en effet Maître Jacques s'oppose à son maître en faveur de Cléante.

Acte V, Scène 1

Satire de la justice. (L.1.4)

Le commissaire: Laissez-moi faire, je sais mon métier, Dieu, merci. Ce n'est pas d'aujourd'hui que je me mêle de découvrir des vols, et je voudrais avoir autant de sacs de mille francs que j'ai fait pendre de personnes.»

Acte V, Scène 2 (L.2-8)

Maître Jacques: [...] Qu'on me l'égorge tout à l'heure, qu'on me lui fasse griller les pieds, qu'on me le mette dans l'eau bouillante, et qu'on me le pendre au plancher.

Harpagon: Qui ? Celui qui m'a dérobé ?

Maître Jacques: « Je parle d'un cochon de lait que votre intendant me vient d'envoyer, et je veux vous l'accommoder à ma fantaisie.

Le contresens du dialogue, l'un parle d'un cochon, l'autre d'un voleur, provoque le comique.

Acte V, Scène 2 (L.77-79)

Maître Jacques: Eh oui! Elle est petite, si on le veut prendre par là ; mais je l'appelle grande pour ce qu'elle contient.

L'antithèse annonce l'effet du comique.

2. Le comique de situation

Les faits dont on rit sont souvent ceux que l'on appelle communément réels: des événements et des situations concrètes. Un fait devient comique dès l'instant où il ne correspond pas à ce que l'on a l'habitude de voir, où il sort de l'ordinaire, où il est contraire aux normes de la vie.

Acte II, Scène 2 (L. 15 -17)

Harpagon: La charité, maître Simon, nous oblige à faire plaisir aux personnes lorsque nous le pouvons.

Le comique de situation est, ici, dévoilé par l'imposture d'Harpagon envers Maître Simon. En effet, Harpagon essaie de montrer un caractère généreux et d'entraide envers ceux qui sont dans le besoin, alors son «bon cœur» lui dicte de prêter de l'argent. L'usurier prétend faire œuvre de «charité» (Molière1998: 74).

Acte II, Scène 5 (L. 198 –205)

Frosine: Je vous prie, monsieur, de me donner le petit secours que je vous demande (il reprend un air sérieux). Cela me remettra sur pied, et je vous en serai éternellement obligée.

Harpagon: Adieu, je vais achever mes dépêches.

Frosine: Je vous assure, monsieur, que vous ne sauriez jamais me soulager dans un plus grand besoin.

Harpagon: Je mettrai ordre que mon carrosse soit prêt pour vous mener à la foire.

Le comique de situation est montré par le dialogue de sourds qui s'effectue entre les deux personnages.

Acte III, Scène 7 (L. 53 –57)

Cléante: Hé bien, puisque vous voulez que je parle d'autre façon, souffrez, madame, que je me mette ici à la place de mon père, et que je vous avoue que je n'ai rien vu dans le monde de si charmant que vous ; que je ne conçois rien d'égal au bonheur de vous plaire.

Ici le langage à double sens fonctionne comme comique de situation, en effet, l'impertinence de Cléante en prenant la place de son père pour faire une déclaration d'amour à sa bien-aimée provoque un effet de surprise complet.

Acte V, Scène 3

Harpagon: Hé! dit-moi donc un peu: tu n'y as point touché ?

Valère: Moi, y toucher! Ah! Vous lui faites tout, aussi bien qu'à moi ; et c'est d'une ardeur toute pure et respectueuse que j'ai brûlé pour elle.

Harpagon (à part): Brûlé pour ma cassette!

Valère: J'aimerais mieux mourir que lui avoir fait paraître aucune pensée offensante: elle est trop sage et trop honnête pour cela.

Harpagon (à part): Ma cassette trop honnête!

3. Le comique de geste

Selon Bergson, ce qui distingue la comédie du drame, elle empêche de prendre au sérieux l'action sérieuse, pour nous préparer enfin à rire, elle use d'un moyen dont la formule serait: «au lieu de concentrer notre attention sur les actes, elle la dirige plutôt sur les gestes.» Il entend par «gestes», les attitudes, les mouvements et même les discours par lesquels un état d'âme se manifeste sans but, sans profit, par le seul effet d'une espèce de démangeaison intérieure. Le geste ainsi définit diffère de l'action (Bergson:1963).

Acte I, Scène 3 (L. 37-39)

Harpagon: Tu fais le raisonneur! Je te bailleraï de ce raisonnement-ci par les oreilles. (Il lève la main pour lui donner un soufflet) Sors d'ici, encore une fois.

[...]

La Flèche: Je dis que vous fouillez bien partout pour voir si je vous ai volé.

Harpagon: C'est ce que je veux faire (il fouille dans les poches de la flèche).

Dans cette scène, aussi bien le «soufflet» que la «fouille» sont des caractéristiques du comique de geste.

Acte II, scène 5 (L.177-199)

Quand Frosine lui parle d'un procès, «Il reprend son visage sévère, [...] il reprend un air gai, [...] il reprend un air sérieux.

Dans cette scène, le comique de situation est relayé par le comique de geste, en effet, les jeux de physionomie sont très importants pour l'évolution du dialogue. Celui-ci étant un véritable duel dont l'avare sort vainqueur.

Acte III, Scène 1 (L. 224-225)

Harpagon (en le battant): vous êtes un sot, un maraud, en coquin et un impudent.

Acte III, Scène 2 (L.21-23) ; (L. 33 – 37)

Valère: Vous me rosserez, dites-vous ?

Maître Jacques: Je le disais en raillant.

Valère: Et moi, je ne prends point...

Dans ces scènes, nous sommes en présence du comique de geste par excellence, si l'on peut dire, les coups de bâton, caractéristique empruntée à La Commedia dell'arte.

Acte III, Scène 9 (L.1-2)

La Merluce (il vient en courant et fait tomber Harpagon): Monsieur...

La chute provoquée par le valet est hilarante, car le maître est ridiculisé.

4. Le comique de caractère

Ce genre de comique tente à montrer les défauts de la société. Molière, comme tout dramaturge, a su créer des personnages vivants et vraisemblables.

Les hommes et les femmes que nous rencontrons ne sont ni des fantômes ni des pantins. Ils ont des traits bien à eux, reflet de ceux des hommes de l'époque où ils ont vu le jour. Dans ce cas, plus particulier, Harpagon est le bourgeois le plus avare, ayant tous les défauts possibles et imaginables. Il suffit de parcourir le théâtre de Molière pour se rendre compte que le bourgeois y est presque toujours médiocre et ridicule¹.

Acte I, Scène 4 (L.36-38-40-42)

Harpagon: Plût à Dieu que je les eusse, dix mille écus [...] ce serait une bonne affaire pour moi [...] J'en aurais bon besoin [...] Cela m'accommoderait fort.

L'avare manipule la vérité en utilisant le conditionnel, pour faire croire à ses enfants qu'il n'a pas d'argent. Par conséquent, il fausse les arguments donnés.

Acte II, Scène 5 (L. 137-140)

Harpagon: cela est admirable! Voilà ce que je n'aurais jamais pensé, et je suis bien aise d'apprendre qu'elle est de cette humeur. En effet, si j'avais été femme, je n'aurais point aimé les jeunes hommes.

Cette réplique montre bien le caractère crédule du personnage d'Harpagon.

¹ Benichou, Paul, *Morales du grand siècle*, La représentation caricaturale du bourgeois était de tradition dans la littérature comique. Le bourgeois fournissait à la comédie un type nettement délimité, avec ses défauts et ses ridicules: avarice, faiblesse de courage, jalousie, penchant le plus souvent bafoué, à la tyrannie domestique, suffisance réjouissante, égoïsme et naïveté. p. 285.

Acte V, Scène 1

Harpagon [...] Et je veux que vous arrêtez prisonniers la ville et les faubourgs.

La démesure est, ici, flagrante par les propos tenus par Harpagon.

Conclusion

Derrière la farce, derrière le rire, derrière toutes les manifestations les plus saugrenues d'une imagination débordante, derrière une apparence générale d'inconscience et de légèreté, il y a, à des degrés divers, subtils et voilés, le reflet de la pensée. Il y a dans cette comédie, du sérieux mais du sérieux qui ne se veut pas prendre pour tel, qui se déguise et s'échappe par toutes sortes de ruses.

Le comique n'est pas une attitude ou un ensemble de moyens techniques que l'auteur mettrait en œuvre pour obtenir un effet quelconque. Sa forme se prête, certes à l'analyse, mais sa matière reste indéfinissable.

Le comique est en définitive un art d'exister et de moraliser: *Ridendo, castigat, mores*. Molière lève toutes les barrières, il ne connaît aucun principe, son non conformisme le libère de toutes les contraintes, il n'a de loi que sa fantaisie. Et c'est à travers le jeu de cette fantaisie qu'il nous soumet sa vision du monde.

Références bibliographiques

- Bayet, J. (1977): *Littérature Latine*. Paris: Ed° Armand Colin.
Benichou, Paul (1990): *Le Morales du Grand siècle*. Paris: Gallimard.
Bergson (1963): *Le rire, essai sur la signification comique*. Paris: PUF.
Encyclopédie Universalis, article Humour.
Molière (1983): *Œuvres Complètes*. (org.) G. Couton, T. II, Paris: Gallimard.
Lazard, Madeleine (1980): *Le théâtre en France au XVIIe siècle*. Paris: PUF.
Molière (1998): *L'Avare*. Paris: Larousse.
Wajcman, Gérard (1999): *l'Avare*, Extrait de *collection*. Paris: Éd. Nous.



LITERATURA INFANTIL



Tempo de crescer... com a leitura infantil

Armindo Mesquita
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
armesqui@utad.pt

Resumo

Nas sociedades actuais, a capacidade para usar material escrito é indispensável ao acesso a todo tipo de informação, tornando o uso da leitura cada vez mais necessário à participação real do cidadão em actividades produtivas e colectivas, porque ajuda a formar seres pensantes.

O contacto com os livros deve ser iniciado o mais cedo possível, não só pelo manuseio, como também pela história contada ou pelos jogos rítmicos.

Os livros, para além de auxiliares na aprendizagem do mundo, formam o leitor no gosto. Formar o gosto e possibilitar escolhas são coisas fundamentais na vida adulta.

Introdução

A precoce imersão da criança no mundo dos livros e o convívio assíduo com a sua realidade são formas de despertar a curiosidade e o interesse pela leitura. Se, desde cedo, a criança estiver rodeada de livros e neles encontrar um objecto do seu afecto, rapidamente descobrirá que a leitura se pode revelar como uma das actividades mais excitantes da sua vida e como janela aberta sobre o mundo e sobre os outros.

Com efeito, na idade da infância toda a energia do indivíduo é dirigida para a construção da sua identidade. As primeiras leituras entram, portanto, no período da formação e da fundação, isto é, consignamos à leitura uma grande força de desenvolvimento pessoal.

Actualmente, segundo conclusões de muitas investigações, lê-se pouco. Lê-se pouco sobre qualquer assunto. Daí, a preocupação acerca dos baixos níveis de leitura ser uma questão que aflige desde países com tradição literária, como a França, até países que valorizam a biblioteca, como os Estados Unidos, passando por países, como Portugal, onde há cerca de dois anos foi criado o Plano Nacional de Leitura.

1. A leitura: porta aberta para o saber

Numa sociedade pautada pelo constante desenvolvimento, a criança vive absorvida pelas novas tecnologias. Os filmes, os jogos de computador, a descoberta do mundo da Internet lideram as suas preferências na ocupação dos tempos livres,

colocando de parte o hábito pela leitura. O livro deixou de ser um elemento fundamental na vida de muitas pessoas. No entanto, tem-se demonstrado que a criança que não lê carece de um valioso complemento nos seus estudos, para além de privar-se do gozo que causa a leitura de um bom livro.

Quem lê enriquece o seu vocabulário, melhora a sua ortografia, aperfeiçoa a sua capacidade de redacção e amplia permanentemente os seus horizontes culturais. É uma afeição que cultiva o mais específico do ser humano: o seu entendimento, a sua vontade, a sua imaginação e criatividade, os seus ideais e valores.

Claramente a leitura proporciona um grande bem à criança, mas há que conseguir que se converta em algo que goste de fazer e não numa penosa obrigação imposta. Deve ser uma actividade desejada e livremente elegida e para isto necessita da colaboração da família, da escola e da sociedade.

É nesta necessidade de facultar, à criança, a sua descoberta pessoal que a leitura infantil assume especial destaque. Com ela, a criança apercebe-se do mundo que a rodeia, desenvolve a sua imaginação e a capacidade de sonhar. É também um modo de promover, desde a infância, a cultura literária, uma vez que esta é tão imprescindível ao longo da vida.

Logo, a leitura tem uma grande importância no processo de desenvolvimento da criança, porque a ajuda a crescer, a amadurecer e a superar obstáculos e dificuldades da vida. Quem lê vive uma experiência que o absorve por inteiro, levando-o a imaginar, a pensar, a criticar e a conhecer. Um livro enriquece e transforma, porque faz gozar e sofrer. Falar dos livros suscita a vontade de os abrir, despertar uma curiosidade activa na criança. A leitura funda-se numa ambiciosa vontade de construir um edifício cultural para este leitor, contribuindo, com efeito, para a formação de cidadãos responsáveis. Através dos livros, a criança pode construir um mundo organizado no qual encontrará o seu lugar e sobre o qual edificará a sua cidadania.

2. A aquisição da leitura

Sendo uma forma de linguagem que o ser humano tem à sua disposição e que pode e deve utilizar, a leitura é uma actividade extremamente importante no mundo civilizado. Contudo, não basta saber ler, é essencial adquirir hábitos de leitura e, sobretudo, gostar de ler.

O prazer e o desejo de ler não nascem com o indivíduo, vão sendo conquistados à medida que se contacta com os livros. Só lendo é que o leitor cria a necessidade de leitura. A aprendizagem da leitura é uma «construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação» (Souza 2004: contra-capá). Ler é uma actividade de conquista, porque exige esforço, dedicação e empenho.

Quando ainda não sabe ler, a melhor maneira de estimular o interesse da criança pela leitura é ler-lhe histórias em voz alta, tendo um adulto (ou uma criança mais velha) como mediador. A figura do mediador é importante e necessária, porque faz a ponte entre os livros e os primeiros leitores e facilita o diálogo entre ambos. Desta forma, a criança não só se diverte, como também se informa. Em

pouco tempo, a criança gostará das histórias e dos livros e, certamente, quererá ler sozinha. A partir daqui, a criança terá acesso a uma quantidade de informações e de conhecimentos.

Ao dedicar tempo a jogos de vocabulário, a histórias, a poemas, em suma aos livros, a leitura pode constituir-se uma actividade familiar (simultaneamente importante e divertida) que ajudará a criança a crescer interiormente, isto é, a leitura contribui para desenvolver as potencialidades da criança, estimular a sua imaginação, ampliar os seus horizontes e progredir.

Gastar tempo a ler é gastar tempo a fazer descobertas, a voar, porque «o livro alarga a percepção do mundo, educa a sensibilidade, abre as portas do imaginário, enriquece-nos e enriquece o nosso diálogo com os outros» (Traça 1998:75). Pois, o universo da leitura e dos livros é tão rico que cada pessoa poderá encontrar nele alguma coisa a seu gosto.

Fazer descobrir o prazer de ler a uma criança é, sem dúvida, um dos melhores presentes que se lhe pode dar. Com efeito, oferece-se-lhe aventura, descoberta, encontros fascinantes, viagens sem fronteiras e sem constrangimentos. Demos-lhe acesso a todo universo de ideias e do imaginário.

3. A importância da leitura precoce

O contacto com os livros deve iniciar-se desde a mais tenra idade. Mesmo antes de aprender a ler, a criança deve ter acesso aos livros para que possa manuseá-los livremente, abri-los, fechá-los, mordê-los, cheirá-los, isto é, brincar com eles. O primeiro contacto com este objecto lúdico (chamado livro) deverá estar ao alcance da criança, assim como se encontram os seus primeiros brinquedos.

É com o auxílio do livro, particularmente do livro infantil, que poderemos influir na vida afectiva e estética da criança, já que o livro «é um lugar privilegiado de trocas intelectuais e afectivas» (Traça 1998:77), é o ponto de encontro entre duas artes, a da palavra (texto) e a da ilustração, de modo a aumentar a compreensão e a eficácia do livro.

Muitos de nós fomos influenciados por um livro quando crianças. O livro traz o conhecimento do mundo, do homem, das coisas, da natureza, etc., pois, para além de auxiliares na aprendizagem do mundo, forma o leitor no gosto. Formar o gosto e possibilitar escolhas são coisas fundamentais na vida adulta.

No âmbito da literatura, a autonomia alcançada pelas histórias infantis faz com que estas se destaquem pela sua utilidade em todas as situações. Uma vez que são histórias adequadas à infância, têm a facilidade de despertar o interesse e motivação na criança. Permitem-lhe viajar até ao mundo da fantasia e deixam-na sonhar.

A fantasia, característica da literatura infantil, fornece a possibilidade de derrubar as fronteiras entre o real e o imaginário. O estímulo à imaginação é «uma verdadeira pedagogia da criatividade» (Quadros 1972:30), porque contribui para o processo de maturação e de desenvolvimento intelectual da criança.

Se esta estiver motivada para ouvir histórias, certamente quando chegar

o momento de aprender a ler, a criança sentir-se-á igualmente empenhada. Isto porque, sentirá vontade de descodificar os textos, saber o que está escrito nos livros. Estes só ganham vida a partir do momento em que o leitor os lê, por isso «torna-se fundamental aprender a conversar com os livros» (Azevedo 2006:61), ou seja, o leitor precisa de abrir o livro e ler.

4. O papel da literatura infantil

Pertencemos a uma sociedade de pessoas que necessita de ler, precisamos frequentemente de comunicar e de entender aquilo que se encontra escrito. Perante esta exigência da sociedade, não se pode negligenciar, de forma alguma, a formação de jovens leitores, já que “é desde pequenino que se torce o pepino”.

Os livros têm a função fundamental de formar o imaginário da criança, dar-lhe oportunidade de viajar por mundos mal conhecidos ou mesmo desconhecidos.

A leitura não só desperta, na criança, o gosto pelos bons livros e pelo hábito de ler, como também contribui para despertar a valorização exacta das coisas, para desenvolver as suas potencialidades, para estimular a sua curiosidade, para se inquietar por tudo que é novo, para ampliar os seus horizontes e para crescer, isto é, para se tornar um verdadeiro cidadão. «A leitura é sempre o esforço conjugado de compreender e de incorporar» (Scholes 1991:25).

Se a leitura é o poderoso instrumento que nos abre as portas do conhecimento, a literatura é a chave mágica que nos abre a porta da entrada principal que dá acesso ao mundo da leitura e a tudo que esta pode proporcionar. E isto é tanto mais verdadeiro quanto mais jovem for o nosso leitor.

Tendo a criança como principal destinatário, a literatura infantil está vocacionada por responder às necessidades de ordem intelectual e afectiva que dominam e afectam a criança. Pois, os livros são objectos de formação e de informação para a criança, porque esta se experiencia, através do que lê e do que aprende; forma-se e transforma-se. O mundo da literatura infantil é mágico. As palavras têm o poder de envolver e de transportar o leitor para um lugar não só imaginário, como também real. Trabalhar com a literatura infantil é, portanto, abrir, de par em par, as portas do mundo a seres que buscam a formação humana e cultural como utentes de uma sociedade. Os livros são companheiros indispensáveis e insubstituíveis que a criança pode levar para qualquer lugar. Logo, a criança deve poder usufruir do “capital” cultural contido no universo dos livros.

Assim, a literatura infantil transmite algo sobre o mundo e a vida, podendo, também, agir sobre o adulto, já que não exclui a possibilidade deste desfrutar do seu conteúdo na sua plenitude, pois as componentes estética, mágica e outras tocam qualquer receptor. Logo a literatura infantil é para todos aqueles que queiram desfrutar do prazer da leitura independentemente da idade e do sexo.

A literatura infantil, pelo seu carácter lúdico-mágico, fala a linguagem que a criança entende. Aliás, todos sabemos que as histórias alimentam o imaginário infantil, ajudando a criança a entender a vida e a vivê-la melhor. Desse modo, podemos delimitar a primeira função da literatura infantil a experimentar acções,

reações e emoções através da ficção. O ficcional prepara para o real. Este é um dos motivos pelos quais se deve cultivar a leitura para e pelas crianças, seja em contexto escolar, seja para fruição. A boa literatura encanta e enriquece o espírito infantil, levando-o a deliciar-se com as narrativas, envolvendo-o na efabulação.

Neste sentido, a literatura é muito importante na vida da criança, porque faz com que esta possa aprender e crescer intelectualmente. A criança, para fazer uma leitura que lhe permita interpretar e compreender aquilo que lê, deve ler correctamente. Portanto, é fundamental oferecer-lhe oportunidades de leitura que, de uma forma convidativa, façam com que a criança desfrute e obtenha prazer na leitura. Nesta perspectiva, a literatura infantil desempenha um papel marcante no sentido de conduzir a criança não só à aprendizagem, mas também à apreensão gozosa daquilo que está a ler. Pois, «nenhuma outra forma de ler o mundo é tão eficaz e rica quanto a que a literatura infantil permite» (Coelho 1991:15).

Quando se conta uma história, é imperioso estar-se ciente dos benefícios ou dos prejuízos que esta pode causar na criança/ouvinte. Importa entender que, o acto de contar uma história não é uma actividade sem propósito, mas um acto mágico, uma atmosfera que se cria, porque faz com que a criança aprenda a lidar com diferentes situações e limites de modo a poder entender também o outro: «Não é por acaso que muitos de nós conservam ainda bem vivas as recordações das histórias que nos contavam, às vezes esquecendo o conteúdo, mas mantendo ainda a imagem do contador» (Velo 1994:46).

Como primeiro desígnio, devemos ter um outro olhar para com o livro de literatura infantil, sendo certo que o alcance da sua mensagem está no limite do imaginário. É seguramente com este pressuposto que a literatura infantil

vem sendo criada, sempre atenta ao nível do leitor a que se destina... e consciente de que uma das fecundas fontes para a formação dos imaturos é a imaginação – espaço ideal da literatura. É pelo imaginário que o “eu” pode conquistar o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo (Coelho 2000:141).

Deve, por isso, perceber-se a literatura infantil como uma ponte entre dois mundos, o real e o irreal, nos quais a criança vai descodificando e vivendo emoções em que nem sempre podem ser integralmente vividas na realidade. Neste sentido, a literatura infantil proporciona momentos de descobertas, quer do mundo objectivo, quer do mundo subjectivo.

Assim, a literatura infantil é, «antes de tudo, literatura, ou melhor é arte: fenómeno de criatividade que representa o mundo, o Homem e a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real» (Coelho 2000:27).

Podemos, então, afirmar que a literatura infantil «tem desempenhado uma função relevantíssima, atendendo aos seus destinatários, na modelização do mundo, na construção de universos simbólicos, na convalidação de crenças e valores» (Silva 1981:14).

Conclusão

Em suma, a leitura é um investimento permanente e a longo prazo. Aliás, como dizia Goethe, quando tinha 81 anos de idade: «A gente não sabe o tempo e o esforço que são necessários para aprender a ler. Eu tento-o há oitenta anos, e não posso afirmar que o tenha conseguido» (Manguel, 2007:25).

Ao terminar a nossa reflexão, apraz-nos dizer que é necessário ler, ler muito. Ler desenvolve a capacidade existente em cada um de nós de imaginar e «ter imaginação é ver o mundo na sua totalidade» (Eliade 1991:16).

Referências bibliográficas

- AAVV (2001): *La Educación Lectora*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
- Abramovich, Fanny (2004): *Literatura Infantil. Gostosuras e bobices*. São Paulo: Editora Scipione.
- Aguiar, Vera Teixeira de (Coord.) (2001): *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato.
- Albuquerque, Fátima (2000): *A Hora do Conto*. Lisboa: Teorema.
- Amarilha, Marly (Org.) (2003): *Educação e leitura*. João Pessoa: Editora da UFPB.
- Azevedo, Fernando (2006): *Literatura Infantil e Leitores – Da teoria à prática*. Braga: Universidade do Minho.
- Azevedo, Fernando (Coord.) (2007): *Formar Leitores: das teorias às práticas*. Lisboa-Porto: Lidel.
- Bloom, Harold (2001): *Como ler e porquê*. Lisboa: Caminho.
- Cerrillo, Pedro et al. (2002): *Libros, lectores y mediadores. La formación de hábitos lectores como proceso de aprendizaje*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- Cerrillo, Pedro e Yubero, Santiago (Coord.) (2003): *La formación de mediadores para la promoción de la lectura*. Cuenca: CEPLI de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- Coelho, Nelly Novaes (1991): *Panorâmico Histórico da Literatura Infantil*. São Paulo: Ática.
- Coelho, Nelly Novaes (2000). *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna.
- Colomer, Teresa (1998): *La formación del lector literario. Narrativa infantil y juvenil actual*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
- Eliade, Mircea (1991): *Imagens e símbolos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freire, Paulo (2003): *A importância do acto de ler*. São Paulo: Cortez.
- Jolibert, Josette (2003): *Formar crianças leitoras*. Porto: ASA.
- Manguel, Alberto (2007): «Como Pinóquio aprendeu a ler». In *Noesis*, nº 68, pp. 24-27.
- Mesquita, Armindo (1999): *A estética da recepção infantil*. Vila Real: UTAD.
- Mesquita, Armindo (Coord.) (2002): *Pedagogias do Imaginário – Olhares sobre a literatura infantil*. Porto: Asa.
- Mesquita (2002): «A poética da recepção na literatura infantil». In *Noesis* nº 63/64. Lisboa: Ministério da Educação.

Mesquita, Armindo (2006): «Como formar jovens leitores?». In: *Nuances: Estudos sobre Educação*. São Paulo: UNESP, pp. 15-30.

Mesquita, Armindo (Coord.) (2006): *Mitologia, Tradição e Inovação – (Re)leituras para uma nova literatura infantil*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.

Mesquita, Armindo (2007): «Para uma poética da leitura». In Azevedo, Fernando (Coord.): *Imaginário, Identidades e Margens – Estudos em torno da Literatura Infanto-Juvenil*. Vila Nova de Gaia: Gailivro, pp. 142-147.

OCNOS – Revista de Estudios Sobre Lectura. Cuenca: CEPLI – Universidad de Castilla-La Mancha. Outubro de 2006.

Poslaniec, Christian (2006): *Incentivar o prazer de ler*. Porto: ASA.

Quadros, António (1972) : *O sentido educativo do maravilhoso*. Lisboa : MEN.

Scholes, R (1991): *Protocolos de leitura*. Lisboa: Edições 70, 1991.

Silva, Vítor Manuel Aguiar e (1981): «Nótula sobre o conceito de literatura infantil». In Sá, Domingos Guimarães de: *A literatura infantil em Portugal*. Braga: Editorial Franciscana.

Sim-Sim, Inês *et al.* (2006): *Ler, Ensinar a Ler*. Porto: ASA.

Sousa, Marcelo Rebelo de (2006): «Prefácio». In Mesquita, Armindo (Coord.): *Mitologia, Tradição e Inovação – (Re)leituras para uma nova literatura infantil*. Vila Nova de Gaia: Gailivro, pp. 11-14.

Souza, Renata Junqueira de (Org.) (2004): *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL.

Traça, Maria Emília (1998): *O fio da memória – do conto popular ao conto para crianças*. Porto: Poro Editora.

Veloso, Rui Marques (1994): *A obra de Aquilino Ribeiro para crianças*. Porto: Porto Editora.



Caleidoscópio de histórias de encantamentos e encantados em narrativas de crianças da Amazônia: uma memorial para a Literatura Infantil

Laura Maria Silva Araújo Alves
Universidade Federal do Pará (Brasil)
laura_alves@uol.com.br

1. A cultura do caboclo amazônico

A Amazônia é reconhecida mundialmente através de pesquisas de encantaria, que nada mais é senão a projeção cultural do caboclo amazônico que acredita no poder do encanto que diviniza os elementos da natureza: chuva, sol, águas doces e salgadas, flora e fauna, enfim, a grande mãe Terra. É graças a isto que herdamos uma mitologia tão rica e interessante. A tradição oral paraense é colorida pelas mais variadas matrizes culturais e nitidamente marcada por uma forte articulação com os saberes oralizado. Sobre os seres encantados Tocantins (1999:240) diz que

os encantados são vistos como seres humanos que morreram, mas passaram para um outro plano, o do encanto. São seres que vivem na mata, no fundo dos rios, nos manguezais e nas praias. Os encantados da mata, menos claramente humanos, são a Curupira e a Anhangá. Os encantados-do-fundo desempenham, porém um papel fundamental, numa área onde a pesca é a atividade econômica por excelência. Eles são conhecidos como bichos do fundo, por se manifestarem sob a forma de diferentes animais aquáticos, como Botos, peixes, cobras, jacarés etc.

Mesmo sob o impacto de outros valores culturais que hoje se manifestam na cidade, conseqüência da aproximação no espaço geográfico e no tempo social com povos e instituições, contato efetuado pelos meios de comunicação (rádio, televisão e jornal) ainda persistem as histórias sobrenaturais na mente do povo amazônico. Era muito comum ouvir à *boca da noite* alguém contar intermináveis histórias existentes nas cidades interioranas amazônicas. Em muitos bairros de Belém era costume em noites de lua cheia as famílias se reunirem à frente das casas sob a luz de candeeiros ou do luar, temperados com café e bolinhos de mandioca, a contar intermináveis histórias de visagens e assombrações que causavam em seus ouvintes ora arrepios, ora risos. A criança adorava esse momento lúdico.

Mesmo com progresso tecnológico e de uma parafernália eletrônica que circunda hoje as grandes cidades brasileiras, felizmente, na Amazônia ainda é possível encontrar lugares na imensa floresta que preservam suas raízes culturais praticamente intactas, quase inalteradas através dos séculos. Portanto, há na

Amazônia regiões onde mal se ouve um rádio, onde milhares de moradores não têm acesso a um aparelho de televisão.

É possível lá, dentro das matas, à beira dos inúmeros lagos, rio, igarapés, furos etc, existir aqueles que acreditam nos deuses e demônios, nas histórias que falam de estranhas e incríveis metamorfoses de gente em bicho ou vice-versa, histórias que falam, sobretudo de pessoas que possuem o poder de invocar os “caruanas” (entidades protetoras e auxiliadoras dos pajés e feiticeiros amazônicos). Enfim, há nesses recantos esquecidos pelo consumismo, aqueles que acreditam no sobrenatural e naquilo que a imaginação pode criar.

Diante de uma natureza magnífica, de proporções monumentais, o caboclo na Amazônia, além de criar e desenvolver processos altamente criativos e eficazes de relação com ela constituiu um sistema cultural singular. Uma cultura viva, integrada e formadora de identidade. Rica de magia, a natureza amazônica se revela através da mata, dos rios, das aves, dos peixes, dos animais e principalmente do imaginário do homem simples que faz dessa maravilha a sua forma de vida, de linguagem, de saber.

Vale à pena lembrar o pensamento de Loureiro (1995:104) que retrata muito bem a cultura singular amazônica:

Na vida amazônica a mitologia reaparece como a linguagem própria da fábula que flui como produto de uma faculdade natural, levada pelos sentidos, pela imaginação e pela descoberta das coisas. Nesse procedimento de uma verdadeira **metafísica poética** o impossível torna-se possível, o incrível apresenta-se crível. O sobrenatural resulta em natural. Quer dizer, um estado poético que evolua do devaneio, da livre expansão do imaginário. Um estado envolvente, espécie de devaneio cósmico [...]. Sob esse estado é que o homem da Amazônia vai criando e habitando seu mundo, construindo uma realidade condizente com seu desejo, como se vivesse no processo de uma poética em ação. Uma poética operada pelo sentido imaginal, que confere à cultura uma leveza.

Referindo-se ao imaginário do amazônida, Loureiro (1995:63) diz também que a cultura amazônica talvez represente neste século, uma das mais raras permanências dessa atmosfera espiritual em que o estético, resultante de uma singular relação entre o homem e a natureza, reflete e ilumina a cultura. E diz mais:

Há no mundo amazônico, a produção de uma verdadeira teogonia cotidiana. Revelando uma afetividade cósmica, o homem promove a conversão estetizante da realidade em signos, através dos labores do dia-a-dia, do diálogo com as marés, do companheirismo com as estrelas, da solidariedade dos ventos que impulsionam as velas, da paciente amizade dos rios. É como se aquele mundo fosse uma só cosmogonia, uma imensa e verde cosmo-alegoria. Um mundo único real-imaginário. Foi-se constituindo nele uma poética do imaginário, cujo alcance intervém na complexidade das relações sociais. Veja-se dois exemplos ilustrativos: o da mãe solteira e o da mulher casada que têm um filho sem o concurso do marido. São

situações que a moral reguladora logo reprime, exige punição ou vingança. No entanto, se num caso ou noutro, for aceita a explicação de ser um “filho de Boto”, o interdito desaparece, e o anormal repõe a normalidade.

A cultura amazônica vem incorporada na sua subjetividade, e fundamentalmente, do coletivo do povo da região. A formação étnica amazônica, como no resto do Brasil, fez-se pela miscigenação de brancos portugueses, negros africanos e indígenas nativos¹. Nesse contexto multicultural, percebe-se uma verdadeira teia, entrecruzando-se histórias encantadas, lendas e mitos amazônicos de origem europeia trazidas pela colonizar português, das crenças africanas trazidas pelos negros-escravos e, por fim, das lendas encantatórias cultuadas pelos indígenas, de modo que a cultura do amazônida paraense é uma cultura multifacetada, decalcada nos três grupos étnicos. Hoje, é possível, na Amazônia ouvir histórias de príncipes e princesas que vivem numa ilha que dormem em redes à beira do rio, demonstrando que a paisagem amazônica é forte e determinante para o imaginário de seu povo, conjugando o homem à natureza.

No que se refere à transmissão oral cultural, entende-se que a cultura é, nesse sentido, definida como um patrimônio de conhecimentos e de competências, valores e símbolos constituídos ao longo de gerações e característicos de uma comunidade humana particular. Em todos os países existe uma grande tradição oral. Trata-se de povos, na sua maioria, acostumados a ouvir e a contar histórias, como em toda as regiões rurais do mundo em que a cultura oral predomina sobre a escrita.

Sabe-se que o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulado de conhecimentos e experiências adquiridas pelas gerações que o antecederam. Assim, a manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural fez com que ao longo da história do povo amazônico, os seres encantados fossem se constituindo numa espécie de porta para o irreal, ou seja, um vetor mitológico que se destaca esteticamente e que brota no universo imaginário do amazônida, algo que ao mesmo tempo encobre e explica a realidade. As lendas e mitos do estado do Pará dão a idéia perfeita do caleidoscópio de magia e de histórias de encantamentos e de encantados na narrativa das crianças paraenses: é a força vibrante das raízes culturais do homem da região.

2. A criança e a poética do imaginário da Amazônia

O imaginário da criança é um mundo repleto de fantasias, invenções, idéias e devaneios. Nele está a capacidade de produzir percepção não só de conteúdos sensíveis de seu meio social como também de conteúdos imagináveis. Isso significa

¹ O negro foi trazido para a Amazônia como escravo de procedência da Guiné, de Cabo Verde e de Angola. O índio nativo compõe o maior contingente da nossa formação étnica. A população indígena foi a mais numerosa e caracteriza a feição humana da região nos usos, nos costumes, na linguagem, na alimentação, nos mais variados aspectos da manifestação cultural, espalha-se por todos os cantos da Bacia Amazônica. Embora com extinção de algumas tribos indígenas nestes últimos anos, ainda há nos confins da Amazônia populações indígenas vivendo harmoniosamente com a natureza exuberante.

que as relações que a criança desenvolve com o meio social são, muitas vezes, internalizadas através do discurso narrativo. Além disso, por meio do discurso narrativo, a criança mergulha no seu imaginário, no vaivém entre mundo real e mundo imaginado.

Ao falar sobre a especificidade da infância quanto ao predomínio da imaginação, Lobato (*apud* Lopes, 1999:21) diz que a criança é um ser especialíssimo “[...] em consequência, o seu alimento moral há de ser algo especial. Na criança a imaginação predomina em absoluto. Ela vive num mundinho irreal e dele só sai para ir penetrando nas duras e cruas realidades, quando o natural desenvolvimento do cérebro, a intensidade imaginativa vai-se apagando”.

As crianças da Amazônia vivem em um meio social carregado de significações, ideologias, histórias e cultura muito singular. Elas têm um repertório narrativo constituído de elementos típicos do imaginário mitopoético do amazônida. No espaço amazônico, a cultura busca a segurança na natureza, numa floresta de símbolos a serem decifrados. Como diz Loureiro (1995:103), sobre o homem amazônida constata-se a existência de uma evanescência lógica poética, de um povo ainda guiado pela memória, pela palavra oralizada, pelo maravilhamento diante da realidade cotidiana [...]. A vida social ainda permanece impregnada do espírito da infância, no sentido de encontrar-se com a explicação poetizada e alegórica das coisas.

Viajando pelas histórias das crianças-narradores da Amazônia encontram-se figuras lendárias da cultura amazônica São histórias de encantamentos/encantados que circulam pelo imaginário do povo desta região. Na crença dos moradores da Amazônia, o mundo sobrenatural é povoado por entidades que moram na mata (encantados das matas) ou nas águas dos rios e igarapés (encantados das águas).

Estas entidades protegem os animais da floresta e das águas e também os homens, misturando a crença do caboclo e do indígena. Aos encantados no mundo amazônico, foi reservado um “locus” muito particular: os encantados cultuados pelas regiões populares são entidades do mundo sobrenatural da religiosidade popular amazônica, que habitam a floresta e fundo dos rios e que protegem, não somente os homens, como também as comunidades em que os mesmos vivem. As encantarias, para os indígenas, é o lugar onde moram os encantados, estariam localizadas acima das nuvens e abaixo do céu, como também nas florestas e nos fundos dos rios.

O escritor paraense Larêdo (1998), no livro *Ouvindo Histórias do Imaginário Amazônico*, comenta que na sua infância, no interior do Estado do Pará, ouvia à boca da noite muitas histórias de reis e rainhas, de fadas, contadas por sua mãe e seu pai. Ouvia ainda de toda parte em todos os lugares que freqüentava, até mesmo na escola com a professora Maria as histórias sobre as estripulias do Boto, as lendas do Uirapuru, as diabruras da Cobra-Grande, enfim, tudo sobre o imaginário da região amazônica. Seu avó, recorda ele, extasiava a todos narrado caçadas e as interferências do dono da floresta, dos sacis, mãe d’água, Curupiras, onças, anhangás, lobisomens e tantos outros. E diz mais (1998:31-34): “mamãe contava muitas histórias. Creio mesmo que ela as inventava, porque pareciam sem fim, intermináveis. [...] A

matintaperera nos assustava e muitas vezes senti que ela estava próxima na forma de cada mulher de idade [...]. Colegas e amigos de brincadeiras comentavam o que ouviam em suas casas: visagens, odisséia de caçadores, sumiços, assombrações”.

Assim como Larêdo (1998:38), muitas crianças interioranas eram enfeitadas à boca da noite com histórias que misturavam os elementos visíveis e os invisíveis do mundo amazônico. Consta-se pelas palavras desse escritor o cenário que ficou guardado em sua memória:

as noites surgiam agradabilíssimas. As famílias se reuniam á frente das casas sob a luz de candeeiros ou do luar tecido de pratas e sons de músicas de cantigas de roda em que todos nós, crianças, jovens e adultos participávamos, entremeando versões de fábulas e estórias que se esticavam em casos nos serões temperados com café e farinha de tapioca, entre águas, risos, chocolates caseiros, e cremes de ovos, delicias ansiadas. Nessas tertúlias, verdadeiro jornal oral era montado.

Sobre a prática de contar histórias na região amazônica, Tocantins (1963), referindo-se a cidade de Belém do Pará, diz que não há menino que deixe de ouvir histórias fantásticas, transmitidas pelas amas, empregadas domésticas, geralmente pessoas vindas do interior do Estado, onde sobrevive, intensa, a tradição oral dessas lendas¹.

Lembro-me dos dias passados por entre as mangueiras e as chuvas que constantemente caíam (e ainda caem) aos arredores da Baía de Guajará (grande baía que circunda a parte histórica da cidade de Belém do Pará). Fui uma criança de quintal. Brincava com minhas irmãs e outras crianças, mas o que mais gostava era de brincar de “ouvir histórias”. Ficávamos horas e horas ouvindo mirabolantes histórias típicas do contexto cultural amazônico. Não eram histórias de fadas madrinhas, de príncipes encantados, de bruxas malvadas, mas sim histórias de Curupiras, de cobras, de Botos, de sacis, de matintas e muitas outras histórias que rodeiam o universo imaginário do homem da Amazônia.

Ainda na infância, tive oportunidade de incorporar melhor o universo imaginário povo amazônico por meio de uma grande figura de minha infância: Dona Maria. Senhora de traço acaboclado, nascida no interior do Estado do Pará, que cuidava de mim e de meus irmãos, era nossa grande narradora. Embora não sabendo ler e nem escrever, Vó Maria, como meus irmãos a chamavam, era de extrema sabedoria, sendo portadora de uma valiosa memória oral. Escutei dela muitas histórias de lendárias de encantamentos e de seres encantados lá dos confins da floresta Amazônia que seduzem o povo ribeirinho. Com ela, pude ouvir que os rios, os igarapés e as ilhas que circundam a floresta Amazônia têm seus encantamentos e estão repletas de seres com poder de encantar.

Ficaram registradas em minha memória duas histórias que Vó Maria contava.

¹ O autor refere-se à vinda para cidade de Belém de interioranos para se empregar, para estudar ou como é costumeiro até hoje na cidade se adotar mocinhas do interior que se tornam “crias” da casa. E como assumem o papel de amas transmitem as crianças que cuidam as crenças de seus lugares de origem.

Dizia que nas vilas ribeirinhas da Amazônia, em noites de lua cheia, o Boto¹ sai das águas e transforma-se em um belo e atraente rapaz. Trajando um paletó branco e usando um chapéu para encobrir o orifício que tem sobre a cabeça, ele se introduz furtivamente nas festas dos lugares para seduzir as jovens caboclas. Após possuí-las, as moças, ainda encantadas, lamentam sua ausência afogando com lágrimas o próprio ventre, já dilatado pela presença de um ser que está sendo gerado. E a linda moça acreditava estar gerando o filho do Boto.

Outra lenda fantástica contada pela Vó Maria que marcou significativamente a minha infância, era do (a) Curupira. Dizia ela que as populações interioranas na Amazônia acreditam que um ser estranho habita a floresta². É um ser com jeito de gente, mas tendo ambos os pés com os calcanhares virados para frente. Sua cara nunca alguém chegou a vê-la. Também nunca se ouviu sua voz. Contava a minha narradora que o(a) Curupira não quer matar as suas presas. Seu desejo é apenas o de deixá-las perdidas no mato, pois o Curupira considera-se um defensor da mata e dos animais. Assim é que o caboclo ribeirinho da Amazônia pode caçar livremente a semana inteira, mas o(a) Curupira se reserva o direito de não deixá-lo às sextas-feiras. Quem desafia o poder do(a) Curupira, saindo a procura de alguma presa numa sexta-feira, arrisca-se a ficar perdido. Este ser que protege a mata gosta é de brincar de juju³ e, não tendo com quem, trata de esconder os que vão caçar. Ele tem poder mesmo à distância. Basta que ele concentre sua atenção na vítima, para que esta fique perturbada, com o pensamento embaralhado, sem saber o que está fazendo. É por isso que não pode acertar com o caminho tantas vezes percorrido.

Só mais tarde fui perceber nessa conversa com minhas lembranças que as histórias ouvidas na infância fizeram (e ainda hoje fazem) parte da memória de infância de muitas crianças da região Amazônica. Posso dizer que a minha narradora não era a famosa Scherazade de *As Mil e uma Noites*, que com a palavra mágica tece a rede de suas histórias, mas assim como essa jovem que por meio de suas narrativas mantém o príncipe preso ao fio de suas palavras, Vó Maria contava-me histórias, que por meio da labiríntica trama de suas narrativas, seduzia-me lentamente. O meu imaginário se construiu nas várias viagens que fiz pelo mar de histórias contadas por essa envolvente narradora. Como ela aprendi ainda o poder das plantas da Amazônia para curar “mal olhado” e para “amansar” criança traquina e malcriada: um simples banho de cravo de defunto às sextas-feiras era “tiro e queda”. Vó Maria era verdadeiramente a representação típica da singularidade do caboclo Amazônico

¹ O Boto, segundo a lenda, habita os rios da Amazônia, tem poderes sobrenaturais, podendo transformar-se em homem. Tem o poder de seduzir virgens ou mulheres casadas. Tal é as forças sedutoras do Boto, que até hoje nas feiras de Belém, são vendidas para fabricação artesanal de perfumes partes dos órgãos genitais do animal. Além disso, toda à parte de seu corpo soa aproveitadas para amuletos, defumações, perfumes com fins mágicos.

² O Curupira ou a Curupira, segundo a lenda, é conhecido como a “Mãe do Mato”, embora se apresente na forma masculina, feminina ou ainda assexuada. É considerado protetor da selva e da caça. Os Curupiras habitam muito dentro da mata, porque não gostam de locais muito habitados.

³ Juju é uma brincadeira muito apreciada pelas crianças da região amazônica. Também conhecida como *esconde-esconde*.

repleto de superstições, costumes, crenças e simpatias. Assim como eu, certamente, muitas crianças da região tiveram (e ainda hoje têm) o privilégio de contar com uma Scherazade que acalante no seu imaginário o espaço amazônico.

No caso das crianças da Amazônia, é possível dizer que no seu discurso narrativo há a presença de todo o universo cultural da sua região porque está cercada de narradores que transmitem toda a poética imaginária da Amazônia. É possível observar também que estas crianças estabelecem relações definidas segundo seu contexto de origem, interagindo com uma pluralidade de linguagens fazendo uso das relações sociais e culturais, como bem ressalta Bakhtin. Além disso, também estabelecem a relação entre sentido e significado, formando sistemas simbólicos que constitui o seu discurso narrativo.

A criança da Amazônia, em contato com o contexto cultural da região, desenvolve uma teia de significações simbólicas de sua cultura, e, ao se apropriar desse universo cultural, elabora um imaginário imbuído de representações míticas que determina a poética da narrativa. Parafraseando Bakhtin, o narrador se identifica com a voz de toda sociedade (a voz do social). Além disso, a narrativa nasce ao longo do encontro de vozes diferenciadas que se somam, se contradizem, se homologam e se afirmam uma com as outras. Como tantas outras peculiaridades da região, os mitos e lendas que compõem a mitologia amazônica que povoam o imaginário do caboclo amazônico, ainda não foram suficientemente pesquisados e estudados, principalmente quanto à sua pertença no discurso narrativo da criança.

À guisa da conclusão

Como nos diz ainda Bakhtin, a intertextualidade é o processo em que se incorporam percursos temáticos e/ou figurativos, além de temas e/ou figuras de um discurso em outro, de um texto em outro, ou seja, a intersecção dos dois textos – *a voz do texto base (escrito ou oralizado) na voz do texto narrado*. Os textos narrados pelas crianças da Amazônia paraense se constroem como um mosaico de citação e é absorção e transformação dum outro texto cristalizado pela memória de seu autor-criador, pois, no texto narrado, há diversos discursos, diversas vozes do texto escrito e/ou oralizado; sob um determinado texto ressoa o diálogo de outro texto ou outros discursos sob voz de um enunciador (narrador), isto é, há outro texto ou outra voz.

Aos olhos de Bakhtin, percebe-se que as crianças-narradores da Amazônia paraense penetram na cultura pela linguagem, internalizando um universo de significações. É através da cultura que elas criam idéias e consciências ao produzir e reproduzir a realidade social. Assim, o dialogismo se refere às possibilidades abertas e infinitas geradas por todas as práticas discursivas de uma cultura, toda a matriz de enunciados comunicativos. Sabe-se é que na Amazônia paraense a sobrenaturalidade é naturalidade, pois a cultura ancora-se na natureza exuberante que fazem as histórias, sobretudo as lendas, a não desaparecerem porque nunca deixaram de existir.

O espaço amazônico nos oferece uma floresta de símbolos que evoca elementos que dão expressões à comunidade. A cultura para as crianças da Amazônia representa a memória comum de seu povo e se constitui num processo de acumulação contínua, porém ela se revela na existência dos acontecimentos da vida cotidiana. Para essas crianças a cultura nasce da percepção entre duas vozes, duas consciências, dois discursos existentes dentro e fora das pessoas de uma mesma coletividade.

Referências bibliográficas

- Bakhtin, Mikhail (1992^a): *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- (1992b): *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Hucitec.
- (1996): *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec.
- Barthes, Roland (1976): *Análise Estrutural da Narrativa*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Benjamin, Walter (1994): O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Calvino, Ítalo (1992): *Sobre Contos de Fadas*. Lisboa: Teorema.
- Cascudo, Luis da Câmara (2000): *Contos Tradicionais do Brasil*. São Paulo: Global.
- (1984): *Literatura Oral no Brasil*. São Paulo: Ediouro.
- Coelho, Adolfo (1999): *Contos Populares Portugueses*. Lisboa. Publicações Dom Quixote.
- Corrêa, Viriato. *Cazuza*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1960.
- Fares, Josebel Akel (1997): *Imagens da Mitopoética Amazônica: um memorial das Matintas pereras*. Dissertação de Mestrado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária. Universidade Federal do Pará, Belém.
- Freyre, Gilberto (1950): *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- Loureiro, João de Jesus Paes (1995): *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém-Pará: Cejup.
- Monteiro, Walcyr (2000): *Visagens e Assombrações de Belém*. Belém: Banco da Amazônia S.A. Basa.
- Pedroso, Consiglieri (2000): *Contos Populares Portugueses*. Lisboa: Ulmeiro.

O mundo real do contexto educativo finlandês: Factores de sucesso em literacia da leitura

Armindo Mesquita e Virgínia Coutinho
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
armesqui@utad.pt e virginiacoutinho@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objectivo reflectir sobre alguns contextos históricos, culturais e educativos Finlandeses que emolduram os altos índices em literacia da leitura atingidos por este país, nos estudos Internacionais PISA, levados a cabo, em 2000, 2003 e 2006 pela OCDE.

Os valores nacionais, a economia, a rede de bibliotecas públicas e sobretudo o sistema educativo, enquadram esta reflexão, tendo como ponto de partida a História, enquanto pano de fundo do que é hoje o país mais desenvolvido do mundo.

Sendo a Finlândia, à semelhança de Portugal, um país pouco povoado, com cerca de 5,5 milhões de habitantes (metade da população portuguesa) e relativamente periférico no quadro da União Europeia, o estudo das razões do *milagre educacional* finlandês parece-nos ser de extrema importância para a educação em Portugal e para a educação em geral tendo, no entanto, em atenção que “*International comparisons can be easily simplified* (Topping, 2006:588).

Os resultados próximos dos 100% em literacia da leitura sugerem que a escola finlandesa conseguiu construir competências, não só de alta qualidade mas também de grande equidade entre todos os estudantes e entre todas as escolas do país.

Esta comunicação tem como objectivo reflectir sobre alguns contextos históricos, culturais e educativos finlandeses que emolduram os altos índices em literacia da leitura atingidos por este país, nos estudos Internacionais PISA, levados a cabo, em 2000, 2003 e 2006 pela OCDE.

Os valores nacionais, a economia, a rede de bibliotecas públicas e sobretudo o sistema educativo enquadram esta reflexão, tendo como ponto de partida a História, enquanto pano de fundo do que é hoje um dos países mais desenvolvidos do mundo.

Em primeiro lugar gostaríamos de fazer um breve enquadramento ao que é *Programme for International Students Assessment*, aqui descrito como PISA, lançado pela OCDE (Organização para o Desenvolvimento e Cooperação Económica), em 1997 com a finalidade de monitorizar, de uma forma regular, os sistemas educativos em termos do desempenho dos alunos.

O PISA procura medir a capacidade dos jovens de 15 anos em porem em

prática os conhecimentos que têm, de forma a enfrentarem os desafios da vida real, em vez de simplesmente avaliar o domínio que detêm sobre o conteúdo do seu currículo escolar, não só em literacia da leitura e matemática, como também em ciências.

A primeira recolha de informação ocorreu em 2000 e teve como principal domínio de avaliação a literacia em contexto de leitura. O estudo envolveu, então, cerca de 265 000 alunos de 15 anos, de 32 países, 28 dos quais membros da OCDE.

O PISA 2003 contou com 41 países, incluindo a totalidade dos membros da OCDE (30), envolvendo mais de 250 000 alunos de 15 anos. O estudo deu um maior enfoque à literacia matemática e teve como domínios secundários as literacias de leitura e científica, bem como a resolução de problemas.

No estudo PISA, que decorreu em 2006, houve preponderância da literacia científica, sem deixar de ser testada a literacia da leitura e da matemática e contou com a participação de cerca de 60 países, envolvendo mais de 200 000 alunos de 7 000 escolas.

O envolvimento desta grande quantidade de países, de alunos e de escolas atesta, por si só, a importância que os estudos PISA e a temática da leitura e da literacia têm, no âmbito da OCDE.

Esta importância baseia-se também no reconhecimento que os diversos governos dos países da OCDE e respectivos ministérios da educação têm dado ao combate ao insucesso educativo, através da promoção da literacia, sendo a literacia da leitura, como elemento central no currículo, uma das literacias que conferem competências consideráveis para o desenvolvimento dos indivíduos e das sociedades (Neves, Lima & Borges, 2007; Duru-Bellat 2004; Willows, 2002).

Quando comparados com os alunos dos outros países, os portugueses, no último ciclo, apresentam um desempenho em literacia de leitura, semelhante a outros países mediterrânicos, como a Itália, a Grécia e a Espanha.

Pelo contrário, da quase meia centena de países que voluntariamente se têm submetido a estes testes internacionais, a Finlândia tem-se posicionado sistematicamente no lugar cimeiro pelo que pensamos ser de extrema importância fazer-se um estudo das razões que sustentam a excelência destes alunos, nesta área.

Em segundo lugar, gostaríamos de referir o que é a literacia e a literacia da leitura, em particular, posicionando o conceito num quadro internacional e referir também as relações que alguns recentes estudos estabelecem entre literacia, cultura e desenvolvimento.

Para a Unesco, a literacia é

the ability to identify, understand, interpret, create, communicate and compute, using printed and written materials associated with varying contexts. Literacy involves a continuum of learning in enabling individuals to achieve their goals, to develop their knowledge and potential and to participate fully in their community and wider society.

Para a Unesco, literacia não se limita simplesmente ao acto de ler e escrever, similar a uma alfabetização, mas é um conceito muito mais alargado que tem por base competências de identificação, compreensão e comunicação que permitam a participação dos indivíduos nas suas comunidades, quer locais, quer mais alargadas.

A OCDE corrobora a definição de literacia da Unesco e acrescenta que a literacia da leitura é “...a capacidade de cada indivíduo compreender, usar textos escritos e reflectir sobre eles, de modo a atingir os seus objectivos, a desenvolver os seus próprios conhecimentos e potencialidades e a participar activamente na sociedade.” (PISA-OECD, 2001).

Decorrente desta definição de literacia, as relações entre literacia, cultura e desenvolvimento têm toda a pertinência. Saber ou não saber usar um texto escrito condiciona a participação na sociedade e quando esse conhecimento não é crítico (De Voogd, 2004:52) essa participação não poderá ser activa de forma a potenciar mudanças económicas, sociais e políticas.

O ambiente natural e as especificidades culturais e económicas são, segundo (Street 2001:54) e (Olson e Torrance, 2001:150), elementos constitutivos e factores condicionantes da literacia e estabelecem paralelos não deterministas, mas condicionadores de aprendizagens e de mudanças paradigmáticas pelo que os contextos históricos, culturais e educativos finlandeses têm que estar na base de qualquer estudo que tenha como objectivo a descoberta das razões endógenas e exógenas deste sucesso.

País pouco povoado, com cerca de 5,5 milhões de habitantes (metade da população portuguesa) e relativamente periférico no quadro da União Europeia é assim que a Finlândia se apresenta aos nossos olhos.

A organização formal do sistema educativo, muito similar à portuguesa, tem contudo inúmeros pontos divergentes que passam sobretudo pelo nível dos resultados alcançados: 56% da população acima dos 15 anos completa o ensino secundário e o nível de literacia da população ascende, virtualmente, aos 100%.

Esta eficácia actual da sociedade finlandesa, em termos literácitos, que lhes permite ter resultados próximo dos 100%, pode ser genealógicamente encontrada muito tempo atrás, na altura em que a igreja desempenhava um papel muito importante a todos os níveis.

Apesar de, como diz Steiner, (2004:14), a igreja católica ter tido grande influência na Finlândia, levando a cultura europeia das artes e das letras para o seu seio, foi com a Reforma de Lutero, no século XVI, que a leitura se disseminou, sem necessidade de qualquer sistema escolar, uma vez que a doutrina protestante exigia que todos soubessem ler a Bíblia. (Kaariainen, 2007:22).

A obrigatoriedade de saber ler para conhecer a Bíblia, aliada à tradução da mesma, foram o alfobre da criação de um modelo de educação familiar, que não só conseguiu formar uma população inteira, na língua vernácula, como também conferiu ênfase especial à aprendizagem das mulheres.

Em termos legislativos, a lei de 1866, que criou o Sistema Escolar Público e a Lei do Ensino Obrigatório de 1921 que anteciparam a produção legislativa, nesta área, na maioria dos países da OCDE, não alteraram as práticas da reforma

protestante, nomeadamente na indispensabilidade absoluta de se saber ler e escrever antes da entrada na escola.

Do estudo que temos vindo a realizar da educação finlandesa, por um lado através de documentos oficiais do Ministério da Educação finlandês e de estudos produzidos por investigadores de diversas universidades finlandesas e por outro lado através de diversa bibliografia que à volta do mundo se foi produzindo em torno dos diferentes PISA, ressaltam três grandes ordens de razões para o tão falado milagre finlandês, que são mais insistentemente usadas:

1. Os professores altamente qualificados, com formação base de mestrado, com um comprometimento ético acentuado com o seu trabalho (Valijarvi *et al*, 2002:13) e que são reconhecidos pelo público em geral, bem como pelas elites políticas e económicas (Simola, 2005:459). São especialmente acarinhados os professores do 1º ciclo e grande quantidade de recursos são consignados para as suas escolas.

2. Um apoio de intervenção precoce a todas as crianças com dificuldades de aprendizagem; (Valijarvi, 2003:2) uma vez que o alinhamento, ou inclusão, é a estratégia geral adoptada na escola abrangente.

3. O próprio sistema educativo que se apresenta unificado até aos 16 anos de idade, com planeamento centralizado mas de implementação local e regional e que “moved from the parallel, selective education system to the comprehensive, totally non selective system in basic education” (Halinen, 2005:2) possibilitando uma real igualdade de oportunidades, dentro da escola.

Estas três razões em conjunto parecem sugerir que a escola finlandesa conseguiu construir competências de literacia não só de alta qualidade, mas também de grande equidade entre todos os estudantes e entre todas as escolas do país:

Efforts have been made to provide all population groups and regions of the country with equal educational opportunities. These are the basic tenets of the educational reforms carried out over the last few decades. Special attention has been paid to the content of education and the methods of instruction, as well as to educational standards and equality. Increasing overall flexibility and opportunities for individual choice have also been considered important, and internationalization has emerged as a key objective. (Malin, 2005:15)

De facto, a mudança iniciada na década de 70 e completada na década de 90 e que consistiu em formalizar a *escola abrangente*, onde todas as crianças e jovens têm lugar não só de corpo presente, mas com reais oportunidades iguais para aprender no contexto escolar (Valijarvi, 2006:65) e onde são enfatizadas as ideias de pluralismo, pragmatismo e equidade, começaram a dar resultados concretos a nível das capacidades avaliadas pelos diferentes PISA.

Em 7 de Dezembro de 2004, uma nota na página oficial do Ministério da Educação da Finlândia apresentava, no contexto do sucesso obtido no PISA, outras razões gerais que passamos a enumerar:

– Igualdade de oportunidades, independente da área de residência, do sexo, da situação económica ou da língua materna,

- Acessibilidade regional à educação,
- Educação totalmente livre de encargos,
- Educação básica não selectiva,
- Administração flexível e de apoio com direcção centralizada no Ministério da Educação mas com aplicação local contextualizada,
- Modo de trabalho interactivo e cooperativo a todos os níveis,
- Avaliação orientada para o desenvolvimento, sem *notas* para os alunos e sem listas de graduação de escolas,
- Professores altamente qualificados e autónomos,
- Concepção sócio-construtivista do ensino e da aprendizagem.

Como vemos, as razões que enquadram a excelência dos alunos finlandeses são bastantes. O mesmo se passa com no que diz respeito à literacia da leitura onde não há um só factor explicativo por detrás dos altos resultados dos estudantes finlandeses, mas sim um conjunto de factores inter-relacionados, que funcionando em rede, colocam em jogo, ao mesmo tempo, os interesses próprios dos alunos, a sua motivação para a leitura, as suas estratégias de aprendizagem, as actividades de lazer proporcionadas pelas escolas e famílias, as expectativas dos pais para com o desempenho dos estudantes e dos professores para consigo próprios, bem como os valores culturais da sociedade. (Linakyl, Malin, Taube, 2004:233)

Estes factores já tinham sido indicados em numerosos estudos (Thorndike, 1973; Calfee, 1983; OCDE, 1995, 2000, 2001), onde se relacionam e associam consistentemente com resultados positivos, em literacia da leitura, bem como com o uso de recursos educacionais existentes em casa (dicionários, um lugar sossegado para estudar, livros de texto e calculadoras bem assim como literatura clássica livros de poesia e obras de arte). (OCDE, 2004:35)

Contudo, desta rede de factores referidos, as análises dos dados do PISA 2000, 2003 e 2006 mostram que três são a chave dos altos resultados em literacia da leitura: em primeiro lugar os interesses gerais dos próprios estudantes, as suas atitudes e actividades de lazer e a sua motivação e interesse pela leitura.

Estes parecem ser os impulsionadores da literacia e no que respeita à leitura em particular, 41% dos estudantes referiram que era uma das suas actividades favoritas, chegando as raparigas a considerarem-na em 60% da sua actividade de lazer. De referir também que 84% dos estudantes lêem obras literárias semanalmente.

Mas a actividade dirigida à leitura não se restringe à leitura de lazer. O elevado número de obras que os jovens finlandeses têm de ler todos os anos para a escola (sete obras por ano) e o facto da escolha dos livros ser bastante flexível também é considerado factor de sucesso. É de salientar também que o nome da disciplina para o ensino da língua materna, do 1º ao 9º ano é “*Lingua Materna e Literatura*” o que vai permitir, no final do 9º ano, um perfil de saída empático com a literatura:

At the end of compulsory education students must:

- have achieved a reading proficiency adequate for reading entire books
- can find factual and fictional literature and other texts that interest them and

are able to justify their choices

– have read both finish and foreign poems from kalevala and other elements of the folk traditions

– are able to discuss their experiences of reading and viewing texts with others [...] (National Core Curriculum, 2004:44)

Paralelamente, os documentos orientadores da língua materna salientam a aprendizagem estratégica da leitura, da escrita e da literatura como uma tarefa fundamental “...of instruction in mother tongue and literature... to spark the pupil’s interest in language, literature and interaction.” (National Core Curriculum, 2004:44)

Estas competências básicas são muito desenvolvidas nos anos iniciais, onde há obrigatoriedade de leccionação de um grande número de horas lectivas e vai diminuindo à medida que a escolaridade avança. O enfoque do ensino muda, passando a considerar-se, de extrema importância, o desenvolvimento de estratégias de ensino de comunicação e de literatura para além de a língua materna ser central e fortemente integrada em todo o currículo: “Mother tongue and literature is an informational, artistic and skill subject that acquires its content from linguistics, the study of literature, and the communication sciences” (National Core Curriculum, 2004:44).

Passando para os factores exógenos ao sistema educativo diremos que o empréstimo de livros é altamente procurado e apreciado nas bibliotecas públicas, sendo estas um pilar importante no ambiente cultural e educacional finlandês. Há 936 bibliotecas no total, além de 200 bibliotecas móveis que servem áreas rurais remotas. Os finlandeses são leitores ávidos e frequentadores das bibliotecas – mais de 20 empréstimos anuais por habitante num total de 102 milhões por ano.

Há 64 milhões de visitas registadas a bibliotecas anualmente, o que significa 12 visitas por habitante. A biblioteca pública é, sem sombra de dúvida o serviço cultural mais usado na Finlândia, aproximadamente 80 por cento da população. (Kekki, 2001:23)

A importância da leitura perpassa, como vemos, por toda a sociedade finlandesa através da sua rede pública de leitura mas também através dos *media* (televisão, rádio, imprensa escrita) que jogam um papel importante na difusão de mensagens apelativas.

A assumpção da literacia como base de toda a aprendizagem futura também se verifica em família, sendo esta situação suportada pelo alto nível instrucional das mães finlandesas (Bernice, 2000:58).

Contrariamente à maioria dos estudos que tendem a ignorar a importância dos factores culturais nos processos de desenvolvimento, defendemos aqui que determinadas circunstâncias da história e da cultura da Finlândia levaram ao enraizamento de certos valores e atitudes no seio da sua população e sociedade, favoráveis quer ao desenvolvimento económico, quer ao desenvolvimento educativo (Olson, Torrance, 2001:33).

Assim, as sociedades que valorizam fortemente atributos como o trabalho,

poupança, honestidade, paciência e persistência tendem a ser bem sucedidas, enquanto sociedades com valores e hábitos menos disciplinados podem não prosperar, mesmo que disponham de boas condições naturais. Devido à sua história estas características têm-se tornado inquestionavelmente finlandesas.

A Finlândia tem sido habitada por imigrantes vindos de vários destinos e com diferentes linhas genéticas: não apenas do Leste, mas também do ocidente e do sul. Deste modo, em termos genéticos os finlandeses não diferem muito dos restantes europeus ocidentais. Assim, a diferença entre os finlandeses e países da Europa ocidental é cultural e não genética. A localização geográfica da Finlândia, bem a norte, e as austeras condições físicas nas quais os finlandeses foram forçados a viver exigiram-lhes disciplina e empenho para conseguirem sobreviver em tais condições. Por outro lado, tornaram-nos muito mais solidários entre si (Brady, 2002:88).

Talvez este facto de os finlandeses terem, desde sempre, sido forçados a ser solidários e a cooperar entre si explique aspectos da sociedade finlandesa como o apoio da população a um sistema de *welfare* generoso e a sua capacidade para se concertarem e chegarem a consensos em matérias determinantes da vida nacional. Por outro lado, para além da apetência para cooperarem, levou ao desenvolvimento de elevados níveis de confiança entre os vários actores sociais, gerando um importante capital social que constitui uma importante mais-valia para o funcionamento de toda a sociedade.

Um outro traço cultural importante prende-se com o carácter igualitário da sociedade finlandesa, que poderá ter facilitado o desenvolvimento e adopção de novas formas de comunicação baseadas em contactos directos entre as pessoas, independentemente da idade, género, estatuto ou posição hierárquica.

Esta capacidade estratégica de solidariedade, cooperação e adaptação foi muito importante quando a Finlândia, após a grave crise de início dos anos 1990s, deliberadamente se decidiu transformar numa sociedade da informação avançada. Por outro lado, uma história marcada por sucessivos ataques à soberania nacional (Cojan and Korpel 2007) desenvolveu um poderoso sentimento de patriotismo que viu na afirmação económica um meio de fortalecer a autonomia e independência nacional. Este aspecto poderá explicar a notável capacidade que a sociedade finlandesa teve de se mobilizar em torno de uma estratégia/desígnio nacional, como foram as TICs.

O propósito deste breve estudo foi colocar o sucesso finlandês num contexto mais amplo da história, da cultura e dos valores. Através dele pensamos que seria mais fácil compreender os factores interdependentes que têm contribuído para a glória finlandesa neste caso particular da literacia da leitura.

Assim sendo, e para terminar, permitimo-nos referir que os 10 factores sociais, culturais e educativos que mais contribuíram para a capacidade dos alunos finlandeses, (Vuorinen, Partinen, Pärnänen, Saarinen, 2000) em alcançar bons resultados em literacia da leitura se prendem maioritariamente com:

– Uma sociedade que tem um sentido de equidade extremamente aguçado e que lhes permite não ter grandes desníveis no rendimento socioeconómico das

famílias;

– Uma visão nacional e partilhada de como construir um país, facilitada pela homogeneidade da população que a coesão social permite – a coesão social permite a emergência da coesão para obter consensos;

– Uma sociedade com muito pouca corrupção, onde o trabalho, a poupança, a honestidade, a paciência e a persistência são valorizados;

– Uma capacidade estratégica de cooperação e adaptação a novas tecnologias;

– Infra-estruturas de base sólida, constituídas pelos serviços do *welfarestate* bem como um eficiente e justo quadro legislativo judicial;

– Um sistema educativo de elevada qualidade, para onde foram canalizados grandes investimentos na década de 80 e 90 e que agora está a dar os seus frutos;

– A participação de toda a sociedade no esforço da promoção da literacia da leitura e da literatura, nomeadamente a Associação de Jornais Finlandeses, a Associação de Editores, A Associação de Professores, a Associação de Bibliotecas e a Fundação do Livro, entre outros;

– Professores altamente qualificados, todos com grau de mestrado e que são tidos em alta conta e acarinhados por toda a sociedade, inclusive dos sectores económico, empresarial e financeiro;

– Uma política de inovação a longo prazo baseada na prospecção, auxiliadora da definição estratégica para o país e que não anda ao sabor de interesses partidários.

Finalmente:

– Uma pedagogia de ensino moderna que privilegia métodos de ensino-aprendizagem activos e construtivistas mas ao mesmo tempo tradicional, no sentido de que é preciso ter em conta a necessidade de organização, silêncio e trabalho efectivo, na escola;

– A assumpção e a prática da necessidade de a língua materna ser considerada transversal a todo o currículo bem como o desenvolvimento de uma literacia crítica baseada no conhecimento da literatura nacional e estrangeira e na leitura de jornais;

Simola (2005:466) refere que, ao analisarmos desta forma a sociedade finlandesa, o milagre finlandês já não é mais um milagre:

To put it simply, it is possible to teach in the traditional way in Finland because teachers believe in their traditional role and pupils accept their traditional position. Teacher's beliefs are supported by social trust and their professional academic status, while pupil's approval is supported by the mentality of obedience.

It is tempting to think that at least some of the authority of the finish teachers is based on their relatively strong professional identity, which enables them to season their traditional teaching with the spice of progress.

It is also tempting to think that at least some of the obedience of Finish students stems from the natural acceptance of authority, and the ethos of respect for teachers.

Simola acrescenta ainda que existem conclusões paradoxais para a história de sucesso finlandesa: por um lado, distingue claramente que estes resultados se baseiam exclusivamente em políticas e modelos do passado “on the agrarian and pré-industrialized society, on the ethos of obedience “e questiona-se sobre o que acontecerá ao ensino e aprendizagem na Finlândia quando “the pupils no longer accept their position as pupils, but rather climb the walls”.

Referências bibliográficas

- Braddy, J (2002): *Finnish teenagers excel in OECD literacy survey*
- Cojan, S. and Kopel, S (2007): *90 years of independent Finland*, Virtual Finland, <http://virtual.finland.fi/netcomm/news/showarticle.asp>
- Cullinan, Bernice E. (2000) *Independent Reading and School Achievement*, in Duru-Bellat, Marie (2004): “Les causes des inégalités à lécole. Comprendre”.
- EAG (2001): *Education at a glance – OECD Indicators*. Paris: OECD.
- EAG (2002): *Education at a glance – OECD Indicators*. Paris: OECD.
- Education in Finland/Statistics Finland (2000): <http://www.sat.fi>.
<http://dx.doi.org/>
<http://virtual.finland.fi/netcomm/news/showarticle.asp>
- Leppanen, U. (2006): *Development of Literacy in Kindergarten and Primary School*. Jyväskylän Yliopisto.
- Lie, S. & Linnakylä, P. & Roe A.(2003): *Northern Lights on PISA. Unity and diversity in the Nordic Countries in PISA 2002*, Koulutuksen tutkimuslaitos / Jyväskylän Yliopisto.
- Linnakyl, Pirjo, Malin, Antero and Taube, Karin (2004): *Factors behind reading literacy achievement*, Scandinavian Journal of Educational Research, 48:3, 231-249,
- Malin, A. (2005): *School Differences and Inequities in Educational Outcomes: PISA Results of Reading Literacy in Finland*, Institute for Educational Research, University of Jyväskylä.
- Ministry of Education Strategy 2015*, (2003)
- Ministry of Education (2004): *National Core Curriculum for Basic Education*. Finnish National Board of Education.
- OECD – Economic Surveys – Finland, vol 2003/3. March.
- OECD (2001): *Knowledge and skills for life. First results from PISA 2000*. Paris: OECD.
- OECD (2002): *Reading for change. Performance and engagement across countries. Results from PISA 2000*. Paris: OECD.
- OECD (2004): *Learning for Tomorrow’s World– First results of PISA 2003*,
- Olson, D. R., Torrance, N. (2001): *The Making of Literate Societies*, Blackwell Publishers.
- Simola, H. (2005): *The Finish miracle of PISA: historical and sociological remarks on Teaching and Teacher Education*, Comparative Education, 41:4, 455-470. <http://dx.doi.org/10.1080/03050060500317810>.
- Statistics Finland: Education in Finland (2004): <http://www.stat.fi>.
- Street, B. (2001): *Literacy and Motivation: reading engagement in individuals and groups*, eds L. Verhoeven & C. Snow Lawrence Erlbaum Associates: LA.
- Valijarvi, J. (2004): *Finlândia Inovações e democracia*, in *A experiência dos que*

avançaram, Unesco.

Valjarvi, J., Linnakyla, P., Kupari, P., Reinikeinen, P., Arffman, I. (2002): *The Finish success in PISA – and some reasons behind it*. Institute for Educational Research. <http://www.jyu.fi/ktl/pisa/publication1.pdf>.

Vuorinen, S. Partinen, K. Pärnänen, T, Saarinen, M (2000): *A Glance at Education in Finland*, Centre for International Mobility.

www.ala.org/ala/aasl/aaslpubsandjournals/slmrb/slmrcontents/volume32000

www.inegalites.fr

www.minedu.fi/minedu/publications/online.html.

www.oecd.org

Professora, não gosto de ler! **O conto na sala de aula como motivação para a leitura**

Maria da Graça Sardinha
Universidade da Beira Interior
mggds@ubi.pt
Susana Quesado
Universidade do Minho
suzequesado@hotmail.com

1. A importância da Literatura Infantil

Levar a literatura infantil à sala de aula no primeiro ciclo do ensino básico é, sem dúvida, o “lançamento” das bases de uma primeira cultura literária, a par do desenvolvimento de valores e atitudes, e, concomitantemente, do espírito crítico.

Durante muito tempo, a existência de um sistema literário infantil foi relegado para segundo plano e considerado por alguns como uma forma literária menor.

Sousa (1998:61), a propósito deste *non sense*, vem dizer-nos o seguinte:

“por ver sobreposto ao nome “literatura” o atributo “infantil”, com as inevitáveis implicações negativas daí decorrentes, a amplitude semântica do atributo permitiria, na perspectiva de alguns, considerar “infantil” uma instância descodificadora extratextual [...] de qualidade literária e [...] um esquema actancial e diegético simplista e redutor”.

Sem alimentarmos querelas, apoiamo-nos em Vítor Aguiar e Silva (1981), citado por Mergulhão (2006), para quem estes textos apresentam uma grande originalidade e singularidade manifestada de forma lúdica e/ou poética preenchidos por aspectos vários como as rimas, os efeitos rítmicos, os fónicos, entre outros, cujas matrizes semânticas das palavras e força comunicativa e expressiva das metáforas contribuem, como diz Azevedo (2006), para o desenvolvimento da sua competência literária e literácita.

A obra seleccionada para o presente estudo é o *Segredo do Rio* de Miguel Sousa Tavares. Deste modo, impõe-se tecer alguns comentários acerca da narrativa, bem como dos benefícios que esta pode fornecer à compreensão na leitura.

2. A narrativa, o desenvolvimento da compreensão e a leitura

A narrativa, pela estrutura que a compõe (estrutura narrativa), tem servido o contexto pedagógico, através quer do seu próprio esquema, quer através das noções

de gramática da narrativa. O modelo de Kintsch e Van Dijk (1978) considera a compreensão de um texto como um processo que se divide em várias etapas: a análise perceptiva do discurso; a identificação das palavras; a análise sintáctica do discurso; a análise semântica do discurso; a identificação da macroestrutura; a análise funcional do discurso. Para além disso, assenta em três conceitos fundamentais: a microestrutura; a macroestrutura e a superestrutura. Ao nível da superestrutura, este modelo identifica-se com a gramática da narrativa de Denhière (1984) cit. por Giasson (1993) entre outros, porque embora as partes essenciais da narrativa possam variar entre as gramáticas, os elementos comuns são em número bastante significativo, o que nos permite poder agrupá-los através do seguinte figurino:

1. Exposição – situação inicial;
2. Acontecimento desencadeador;
3. Complicação;
4. Resolução;
5. Fim;
6. Moral.

Este conhecimento da narrativa é intuitivo, na maior parte dos leitores. Começa a aparecer no jardim-escola e vai-se desenvolvendo com a idade, pois, desde sempre, se contaram contos às crianças.

Quanto ao encadeamento, este pressupõe, portanto, uma hierarquização considerada fundamental no âmbito da compreensão. Ora, as narrativas, quando bem estruturadas, desenvolvem mecanismos de “adivinhação” que, como defendia *Goodman* (1984, cit. por Sardinha, 2006) são muito importantes ao nível da estrutura cognitiva geral no espírito do leitor. Tendo em conta os benefícios da narrativa ao nível da motivação para a leitura, bem como no âmbito do desenvolvimento da compreensão, sem a qual a primeira não pode ter lugar, esta estrutura textual, quando seleccionada com rigor, pode constituir a emancipação do imaginário da criança, a par do encontro lúdico, pessoal e criativo da linguagem. Assim, os objectivos que nos propomos atingir com a leccionação da referida obra são os seguintes:

- Motivar para a leitura,
- Desenvolver mecanismos de compreensão;
- Mostrar as possibilidades de um trabalho transdisciplinar a partir da narrativa;
- Desenvolver o espírito crítico e de cidadania;
- Formar leitores;

3. Descrição da experiência pedagógica (Proposta de actividades):

A experiência pedagógica foi realizada num Colégio, em Rio Tinto, com alunos do 4º ano do Ensino Básico. Nesta perspectiva, levámos para a sala a obra *O Segredo do Rio* de Miguel Sousa Tavares e, como praticamos a monodocência,

aproveitámos o seu estudo, para, em simultâneo, atribuímos à língua materna a transversalidade que cremos desejável.

Nesse âmbito, foram desenvolvidas as actividades numa atitude interdisciplinar, cujo enquadramento passamos a apresentar:

1. Os alunos estão sentados no chão, com almofadas e mantas;
2. A professora informa os alunos de que vão ouvir uma história e mostra, usando o retroprojector, a capa do livro;
3. Entrega-se uma folha com um resumo da biografia do autor, tentando o diálogo sobre o mesmo;
4. Explora-se o título: “Será que o rio tem segredos?”, “Alguém conhece algum segredo que um rio possa ter?”;
5. Explora-se a imagem, as cores, a lombada, a contracapa, a grossura, o nº de páginas, etc.;
6. Audição do conto, em CD, dividido em duas partes (retirado do site: recursosebl.com);
7. Depois de ouvirem a história, pergunta-se se alguém é capaz de fazer um reconto do que ouviram contar;
8. Faz-se, seguidamente, a leitura em voz alta, por parte da professora, e os alunos acompanham-na através de imagens do livro, que vão sendo projectadas na parede;
9. Após esta leitura, tenta-se, agora, dar resposta ao objectivo principal: diálogo e interpretação do texto:
 - “Onde vivia o menino?;
 - De quem se tornou amigo?;
 - Esta carpa falava a “língua dos homens”. Achas isso possível?;
 - O que aconteceu para esta família não ter o que comer?;
 - Quem foi o animal que ajudou a carpa a trazer comida à família do menino?” ...
10. Professora e alunos falam sobre a importância da imaginação;
11. Os alunos elaboram uma Banda Desenhada (aproveita-se para relembrar esta matéria), em papel A3, com o intuito de resumir a história (Esses trabalhos serão, futuramente, expostos no placar do Colégio);
12. À medida que elaboram a Banda Desenhada ouvem a música de Susana Félix: “Logo após a curva do rio”(Walt Disney Records Soundtrack, Pocahontas, 2001) – Expressão Musical (exibição da letra, com a ajuda do retroprojector);
13. Com a ajuda da professora, fazem-se fantoches para pôr em prática na próxima actividade a desenvolver: um teatro – Expressão Plástica;
14. Com os adereços elaborados, e sob a orientação da professora, procede-se à apresentação de um teatrinho de fantoches – Expressão Dramática;
15. Para terminar, a professora entrega uma ficha com exercícios, em que as questões estão interligadas com o conto apresentado – Matemática:

“1 – A casa do menino media de largura 5 m e de comprimento 12 m. Calcula o perímetro da casa onde o menino vivia;

2 – Calcula a área da casa;

3 – A carpa nadava, por dia, 17 horas. Quantas horas nadava ela numa semana?;

4 – O pomar da casa do menino tinha 4 laranjeiras e cada uma dava 220 laranjas. Quantas laranjas davam ao todo, as laranjeiras do pomar?...

16. No final, a professora corrige os testes, entrega-os aos alunos e faz a correcção, em conjunto, no quadro, para esclarecer dúvidas que possam ter surgido.

4. Conclusão

A explicação dos principais acontecimentos da realidade social, numa linguagem acessível às crianças, que contextualize sem infantilizar, para ajudar a compreender o mundo, reveste-se de particular importância para a construção da cidadania dos mais jovens, devendo assumir, a nosso ver, uma das principais funções do professor.

Esta dimensão – educação para a cidadania – constitui um dos objectivos da educação que visa desenvolver nas crianças o sentido da participação no mundo em que vivem, de forma livre e responsável, proporcionando-lhes uma melhor compreensão desse mundo e da sua condição de cidadãos.

Ora, ao activarmos essa dimensão através da narrativa, estamos, como já afirmámos, a educar para a cidadania e, em simultâneo, a despertar para a leitura e ainda, sem sombra de dúvida, a despoletar os mecanismos de compreensão que aquela nunca poderá dispensar.

O modo como foram leccionadas as actividades permitiu, ainda, o desenvolvimento de competências da língua materna em todas as áreas do saber.

Utilizando a estrutura da narrativa, as crianças aprendem como se organizam as ideias e, em consequência, compreendem melhor, permitindo-lhes reter com maior eficácia a informação que o texto transporta.

Referências bibliográficas

Azevedo, F. (2006). *Literatura Infantil e Leitores. Da teoria às práticas*, IEC, Universidade do Minho, Braga;

Denhière, G. (1984). *Il éfait une fois... Compréhension et souvenir de récits*, Lille, Presses, Universitaires de Lille;

Giasson, J. (1993). *A compreensão na Leitura*, Lisboa, Edições Asa;

Kintsch e V. Dijk (1978). *Vers un modèle de la compréhension et de la production de textes. Il éfait une fois... Compréhension et souvenirs de récifs*, Lille, Presses Universitaires: Lille;

Mergulhão, T. (2007) Literatura para crianças: contributos para uma redefinição in F. Azevedo, J. M. Araújo, C. S. Pereira, A. F. Araújo(eds) *Imaginário, Identidades e Margens. Estudos em torno da literatura Infanto-Juvenil*: Gailivro;

Sardinha, M. G. (2006). Leitura, Identidade e Cidadania, *Actas do 9º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentarista*, UBI: Covilhã;

Sousa, S. G. (1998). Literatura Infantil: uma literatura na literatura: *Palavras* n.º. 13, Lisboa, APP;

Tavares, M. S. (2004). *O Segredo do Rio*, Oficina do Livro.



COMUNICAÇÃO



Retórica – usos marginais do termo e do conceito na comunicação pública e política

J. Esteves Rei

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

jrei@utad.pt

A raposa e o corvo

Uma raposa viu um corvo empoleirado numa árvore, com um naco de carne no bico, e cresceu-lhe água na boca. A manhosa da raposa, que queria roubar a carne ao corvo, começou a lisonjear a ave. “Que lindo que tu és!”, disse a raposa. “Que penas deliciosas! Nunca vi outras mais belas do que as tuas! Que esbelto e gracioso que és e que voz deliciosa!”

O corvo ficou muito satisfeito ao ouvir estas belas palavras e começou a saltitar no ramo. Então, para provar a si mesmo que tinha uma voz maravilhosa, abriu a boca para cantar. Imediatamente, o naco de carne caiu-lhe da boca, mesmo na direcção da raposa, que o engoliu, toda contente com a sua brilhante ideia.

(Esopo, s/d.: 27)

I – Elementos teóricos

Num primeiro momento, pretendemos recolher uma série de conceitos que permitam àqueles que estão menos familiarizados com o estado actual da disciplina da Retórica aperceberem-se do seu percurso recente.

1. Da noção de retórica

O campo da retórica surpreende pela indefinição das realidades para que remetem muitas das expressões nele usadas. Vejamos.

Por um lado, que haverá de comum ou de diferente entre as expressões “retórica antiga” (Roland Barthes 1987b: 19) e “retórica literária” (Heinrich Lausberg 1990)? E entre “nova retórica” (Chaïm Perelman 1988) e “retórica geral” (Grupo de Liège, Dubois 1970)? E, ainda, entre o sintagma, “Retórica da Poesia” (Jean Dubois 1977) e “Retóricas da Modernidade” (Manuel Maria Carrilho 1992)?

Por outro, registemos as sete definições / configurações de *retórica*, avançadas por Michel Meyer (s/d), em *Questions de Rhétorique*: 1) persuadir e convencer; 2) agradar e seduzir; 3) fazer passar o verosímil ou uma opinião; 4) sugerir o implícito pelo explícito; 5) instituir um sentido figurado, a inferir do literal; 6) usar uma linguagem figurada estilizada, isto é, literária; 7) descobrir as intenções daquele

que fala ou escreve.

Quanto a nós, ao referirmos o termo “retórica” temos presente, com Yvon Belaval (1988: 53), “uma busca ponderada e [...] experimental sobre os meios da expressão, com vista a um fim prático.”

2. Desenvolvimento da disciplina, nos últimos tempos

A retórica é uma disciplina tradicional cujo objectivo é persuadir através de uma hábil utilização da língua¹. Teria recebido um rude golpe, do século XVI ao século XIX, na expressão de Aguiar e Silva (1991: 9), vindo da “*modernidade* racionalista e iluminista que remonta a Galileu e a Descartes e que tem em Kant a sua formulação filosófica mais rigorosa e coerente”, e da “*modernidade* romântica e pós-romântica, anti-racionalista e anti-iluminista”. Por detrás da decadência da retórica estariam os cultos da evidência e da naturalidade, da ciência e da espontaneidade, da verdade e o da poesia. Perante este facto, interroga-se Marc Fumaroli (1988: 16 e Silva, 1991: 9), credenciado especialista da história da retórica: “o vasto campo da literatura e dos discursos de uso (político, judiciário, encomiástico, jornalístico) [poderíamos acrescentar: institucional ou funcional e publicitário] deverá ser rejeitado para o domínio da pura conversa fiada ou abandonado a uma improvisação cega?”

A Partir dos anos 30 do século XX, começa a divulgar-se a ideia de que essa velha disciplina – pedagogia dos discursos e escola milenar de formação dos oficiais clássicos da palavra, no tribunal, no fórum e nos locais religiosos, isto é, o juiz, o político e o sacerdote – estaria de volta. “A retórica renasce das cinzas”, proclamava em 1938, Jean Paulhan, na *Nouvelle Revue Française*, explicando que era “menos necessário descobrir uma nova retórica do que uma atitude nova perante uma retórica que nunca cessou completamente de existir.” (Belaval, 1988: 34) Todavia, é nos anos 50-70 que tomará contornos este regresso da retórica, na Europa, com Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (1988), através do seu *Traité de L’Argumentation. La nouvelle rhétorique*, e com o Grupo M, da Universidade de Liège, tendo J. Dubois (1970) à frente, através da *Rhétorique Générale*, e nos Estados Unidos, com Lloyd Bitzer e a sua teoria da situação retórica, apresentada em 1968 e refundida em 1980 (Halliday, 1987: 121-131).

Que regresso é este? Para Olivier Reboul (1991: 3): “No início dos anos sessenta, os universitários reencontraram a retórica e devolveram à palavra a sua nobreza e a sua fé, prestigiada e perigosa, sem, no entanto, se porem de acordo sobre o seu sentido.”

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca ela é “a arte de argumentar”² e para o

¹ Utilizadores da retórica por excelência são os embaixadores. Deles dizia Demóstenes: “[...] não dispõem nem de navios de guerra, nem de territórios, nem de soldados, nem de fortalezas (ninguém lhes confia tais coisas), mas somente de palavras e de tempo”, in José Calvet de Magalhães, *A Diplomacia Pura*, Venda Nova, Bertrand Editora, 1995, p. 41.

² Chaïm Perelman, ao destacar a direcção argumentativa na abordagem da retórica, constituindo o campo do saber que chama de “nova retórica”, coloca o seu ponto de mira, não na perspectiva de um mestre de eloquência, mas na de um lógico, desejoso de compreender os mecanismos do pensamento:

grupo de Liège ela é a chave de entrada na obra de arte literária, isto é, no estudo do estilo, particularmente, das figuras. Para os primeiros a retórica visa convencer, para os segundos, compreender o texto literário.

Sobre o que se interroga O. Reboul (1991: 3): a) “[...] e vê-se mal o que é que as duas posições têm em comum”; b) “e, apesar disso, era este elemento comum que poderia ser o mais importante, a saber, a articulação dos argumentos e dos estilos numa mesma função”.

Para outros autores, a verdade é que a retórica nunca abandonou a cena social, disseminando-se por espaços velhos e novos, sem ela, incompreensíveis: “Ela continuou, porém, a ser praticada, de maneira inconsciente, nos editoriais dos jornais, na publicidade, nos discursos políticos, etc.” (Durand, 1981: 67) Essas perspectivas recentes chegam mesmo a ser apelidadas, por alguns, de novas retóricas ou de retóricas específicas como é o caso da obra de Francisco Ayala (1985), *La Retórica del Periodismo y otras Retóricas*.

Perante todos estes empregos, que entender pelo termo “retórica”? Para Roland Barthes (1987^a: 105 e 107) “retórico é o que faz de uma mensagem verbal uma obra de arte”, isto é, literatura, “um sistema de informação custoso”, o que faz da economia da literatura uma realidade “luxuosa”, e perante o qual as máquinas de tradução automática não encontram solução. Também António José Saraiva (1993: 31) olha a retórica como objecto linguístico luxuoso, ao afirmar: “A linguagem que só pretende transportar uma comunicação (uma mensagem ou um recado) dispensa o luxo. Na linguagem, são luxo as chamadas figuras de retórica [...]. A arte literária, nomeadamente nas épocas chamadas barrocas, é principalmente feita com estes luxos. Mas sem eles a comunicação tende a reduzir-se a símbolos puros como na matemática.” Relativamente à necessidade da retórica, escreve ainda este autor: “A escrita que usamos correntemente no Ocidente traduz a linguagem natural, não especializada, mas é altamente abstracta, isto é, afastada das coisas referidas no discurso falado. Para traduzir estas expressivamente, é necessário reforçá-lo com os recursos da retórica: onomatopeias, ritmos, metáforas, comparações, etc.” (ibidem: 17-18).

Para Yvon Belaval (1988: 47), a retórica não ensina apenas a falar bem, “a retórica contém uma arte de pensar” e como a matéria da expressão se modifica, não se modificará também a própria expressão? Então, as “retóricas envelhecem [...]”. Assim, a toda a retórica corresponde, deveria corresponder, um modo de pensar ligado às suas condições sociais: também por este lado vejo envelhecer as retóricas que se ensinavam outrora e compreendo o descrédito em que elas caíram” (ibidem: 50). Que permanece dessa disciplina em devir constante, acompanhando a evolução das sociedades? Precisamente aquilo a que Yvon Belaval se refere nos

não apenas no discurso escrito, mas também nos discursos falados; não na retórica tradicional, mas em toda a situação retórica, independentemente do lugar em que se encontrem as três instâncias argumentativas, discurso, orador e auditório; não no acto de falar em público com o objectivo de formar uma opinião, jogando frequentemente com a ignorância, a sugestão, a pressão ou o interesse do mesmo público, mas na adaptação ao auditório, seja a família, à mesa, seja o grémio dos mais reputados especialistas, num encontro científico. Este alargamento do campo retórico, por parte deste ilustre investigador belga, decorre do seu objecto de estudo: “os meios discursivos de obter a adesão dos espíritos” (op.cit: 10), ou seja, a técnica de persuadir e convencer através da linguagem.

termos seguintes: “Designemo-la [a retórica] – não ousou dizer definir – como uma busca ponderada e [...] experimental sobre os meios da expressão, com vista a um fim prático” (ibidem: 53). A retórica tem assim algo de permanente que é a função comunicativa e algo de mutável que é a forma que essa comunicação toma no tempo e nos espaços, guiada pela ponderação, pela experiência e, sobretudo, pela finalidade que persegue, o mesmo é dizer, aquilo que, desde Aristóteles, a define metonimicamente: a intenção retórica.

II – Elementos práticos

Trazemos aqui, neste segundo momento do nosso trabalho, uma série de empregos surpreendentes do termo “retórica”, em geral, conotados pejorativamente. Interessa confrontá-los uns com os outros, observar o contexto frásico em que eles surgem, os autores desses usos e o significado, a um nível mais profundo da estrutura frásica. Após este breve percurso, a surpresa parece aumentar, ainda, ao acedermos a alguns pressupostos a que conduz a interpretação do contexto em que esse termo surge e ao nos fixarmos na informação mínima que tais pressupostos veiculam. Registaremos ainda o suporte e a categorização do género textual em que a referência surge.

3. Caracterização do *corpus*: Meio de comunicação, autor e profissão, género textual

<i>O Primeiro de Janeiro</i> , Agustina Bessa Luís, Directora, editorial	1 ¹
<i>Público</i> , William Clinton, <i>Presidente, USA</i> , artigo opinião	2
<i>Público</i> , Sérgio C Andrade, <i>Jornalista</i> , artigo assinado	3
<i>Sábado</i> , Maria Filomena Mónica, <i>Colunista</i> , artigo de opinião	4
<i>Público</i> , Ana Cristina S. Martins, <i>Leitora, Professora de Português</i> , carta aberta	5
<i>Público</i> , Vasco Pulido Valente, <i>Colunista</i> , artigo de opinião	6
<i>Público</i> , José Manuel Fernandes, <i>Director</i> , editorial	7
<i>Público</i> , Reis Borges, <i>Jornalista</i> , artigo de opinião	8
<i>Público</i> , José Manuel Fernandes, <i>Director / Jornal</i> , nota da redacção	9
<i>Visão</i> , Jornalista e Francisco Seixas da Costa, <i>Embaixador</i> , entrevista	10
<i>Público, on line</i> , <i>Agências, Jornalista</i> , peça divulgada	11
<i>Público</i> , Vasco Pulido Valente, <i>Colunista</i> , artigo de opinião	12
<i>Público</i> , João Cândido da Silva, <i>Colunista</i> , artigo de opinião	13

¹ Esta numeração corresponde nas quadrículas seguintes, em termos do conteúdo, às linhas correspondentes.

<i>Público</i> , Vital Moreira, <i>Colunista</i> , artigo de opinião	14
<i>Público</i> , Carlos Pacheco, <i>Colunista</i> , artigo de opinião	15
<i>Público</i> , Paulo Frederico F. Gonçalves, <i>Leitor</i> . cartas ao director	16
<i>Público</i> , António Barreto, <i>Colunista</i> , artigo de opinião	17
<i>Público</i> , Eduardo Cintra Torres, <i>Colunista</i> , crítica de TV	18
<i>Público</i> , António Barreto, <i>Colunista</i> , artigo de opinião	19
SNESup – Sindicato Nacional do Ensino Superior, e-mail , <i>comunicação interna</i> – Sindicato, n/ assinado.	20
<i>Público</i> , Mário Soares, Ex-Presidente, entrevista	21
<i>Público</i> , Rui Moreira, <i>Colunista</i> , artigo de opinião	22
<i>Público</i> , jornalista e Fernando Henrique Cardoso, Ex-Presidente, <i>Brasil</i> , entrevista	23
<i>Público</i> , Catarina Gomes, <i>Leitora</i> , carta aberta	24
<i>Cuidar dos Vivos</i> (1963), Fernando Assis Pacheco, <i>Escritor</i> , poema	25
<i>Diário</i> , Miguel Torga, <i>Escritor</i> , entrada , [20 de Abril de 1981]	26
<i>Actas de Congresso</i> , António de Almeida Santos, <i>Parlamentar</i> , comunicação	27
<i>Portugal Século XX. Crónicas em imagens 1900 – 1910</i> , Joaquim Vieira, <i>Cronista</i> . crónica	28
Joaquim Vieira, <i>Cronista</i> , <i>Portugal Século XX. Crónicas em imagens 1900 – 1910</i> , legenda	29

Síntese:

– **Meios** – oito publicações: *Público* (19), *O Primeiro de Janeiro* (1), *Visão* (1), *Sábado* (1), *Obras Literárias: Diário* (1) e *Poemas* (1), *Crónicas* (1), *Actas de Congresso* (1);

Profissões por intervenções: *presidentes* de Estados (3); *embaixador* (1); *parlamentar* (1), *director* de jornal (2 com 3 presenças); *colunistas* (8 com 10 intervenções); *jornalistas* (1); *leitores* (3); *escritores* (3); *cronista* (1 com 2 intervenções);

Autores: 23, muito qualificados para a comunicação – retórica.

<i>Directores</i>	Agustina Bessa Luís José Manuel Fernandes (2 vezes)
<i>Presidentes</i>	William Clinton Fernando Henrique Cardoso Mário Soares
<i>Embaixador</i>	Francisco Seixas da Costa
<i>Parlamentar</i>	António de Almeida Santos

<i>Colunistas</i>	Maria Filomena Mónica Vasco Pulido Valente João Cândido da Silva Vital Moreira Carlos Pacheco António Barreto Eduardo Cintra Torres Rui Moreira
<i>Jornalistas</i>	Sérgio C. Andrade Reis Borges
<i>Leitores</i>	Catarina Gomes Ana Cristina S. Martins
<i>Escritores</i>	Fernando Assis Pacheco Miguel Torga
<i>Cronista</i>	Joaquim Vieira (2 vezes)

4. Frase de inserção do termo retórica

Qualquer herança da retórica e da filosófica da República é mal usada e dispersa do seu pólo verdadeiro.	1
A retórica e a realidade são por vezes coisas diferentes e é melhor quando o não são.	2
António Barreto, [...] afirma apenas ter recorrido a instrumentos de que a retórica política se serve tradicionalmente.	3
Não pretendo enjoar o leitor, pelo que salto por cima da retórica analfabeta , concentrando-me na disciplina intitulada Estudo do Meio: [...]”.	4
Como, obviamente, nenhum exame faz isso, os exames não servem para nada – conclui o autor em pergunta retórica .	5
A Itália era, no papel e na retórica , imperial e expansionista [...].	6
Apesar de boa parte da linguagem e da retórica serem <i>semelhantes</i> , a verdade é que muitos dos votos que convergiram em <i>Alegre</i> [...] são votos de uma esquerda que nunca se reconheceu em qualquer dos governos que tivemos depois da normalização democrática.	7
[...] a retórica deverá ter <i>correspondência na acção prática</i> .	8
O primeiro passo a dar para <i>condensar uma entrevista</i> é cortar as repetições; o segundo é [...]; o terceiro é, sendo fiel ao pensamento do entrevistado, retirar a retórica verbal conservando o essencial das respostas.	9
- Ainda há muita retórica nas relações Lisboa-Brasília? - Alguma da retórica que subsiste [...] tem a ver com a dimensão de afectividade. A retórica faz parte dessa afectividade.”	10
Sócrates [...] contenta-se com um ou outro exercício de retórica de propaganda.	11
Na ânsia de criarem, através de meros truques de retórica , um ambiente favorável [...]	12
Mas a Rússia não se deixou ficar apenas pela retórica . Um novo míssil balístico intercontinental [...].	13
Mais impressionante, porém, foi a complacência e a retórica justificativa dos apoiantes de Israel nesta guerra.	14
Estranhos ao exercício da democracia, salvo na retórica , o desprezo pela moral e pelo direito está-lhes gravado na alma.	15

Para a sociedade hodierna, a leitura é uma questão de retórica e não de princípio. = <i>Não convém ao poder estabelecido haver leitores críticos, capazes de exercitarem o seu poder reivindicativo perante as prepotências dos interesses estabelecidos.</i> [...] – Não sendo assim, todas as medidas são meramente figuras de retórica ou então ingénuas.	16
Pensar que o ministério presta contas ao conselho de ministros e este ao Parlamento é, como se sabe, uma figura de retórica .	17
Na sua infame deliberação a respeito do meu artigo de 20 de Agosto, a ERC esprou em 230 páginas, por processos pseudo-académicos e pseudo-jurídicos e retórica pesporrente , a sua total falta de pudor e vergonha na avaliação de artigos de opinião e em defesa do governo e da informação pró-governamental da RTP.	18
A isenção da Administração Pública é figura de retórica .	19
[Há] desfasamento entre a retórica do investimento estatal na investigação científica e a situação real que enfrentam neste momento as unidades de investigação e os investigadores.	20
Os nossos modelos, no plano retórico , são excelentes;	21
Ana Paula Vitorino tem o mérito de ser uma pessoa competente e disponível, que não se esconde nas figuras de retórica .	22
Parceria estratégica EU / Brasil <i>pode ficar pela retórica</i> . - [...] parceria estratégica [...] <i>corre o risco de se tornar apenas retórica</i> .	23
O novo regime jurídico da administração e gestão das escolas, [...] continua a falar da autonomia, mas [...] “mais do que repetir a retórica do discurso da autonomia ”, é preciso libertar as escolas “de circulares, despachos e normativos.	24
“E é preciso (é importante) lutar contra / A retórica , quem sabe até <i>se implícita / Neste modo</i> tão pouco definitivo / <i>De dizer</i> que é preciso ser homem.”	25
E às tantas, esquecido da minha condição de letrado, dou comigo a ter saudades da concisa linguagem dum sino aldeão, que em meia dúzia de badaladas festivas ou plangentes anuncia do campanário um nascimento ou uma morte. A comunicação reduzida a sinais inequívocos, sem retórica possível , sem perversão possível, sem confusão possível.	26
[...] a retórica política e parlamentar é o instrumento de que me sirvo há mais de duas décadas para fazer pela vida [...].	27
Os apoios vêm sobretudo de elites desiludidas com a retórica pouco eficaz do sistema político.	28
As expectativas públicas [...] cedo se esboroaram no regresso à retórica parlamentar.	29

5. Informação mínima – na passagem retida

A República tem uma retórica.	1
A retórica é diferente da realidade, por vezes.	2
Há uma retórica política.	3
Há uma retórica analfabeta.	4
O termo “retórica” caracteriza uma pergunta.	5
Na retórica, a Itália era imperial.	6
A retórica é semelhante à linguagem, em boa parte.	7
A retórica e a acção prática deverão corresponder.	8

Há uma retórica verbal (que se pode retirar de uma entrevista).	9
As relações Lisboa – Brasília têm (muita) retórica. A afectividade inclui a retórica.	10
Há uma retórica da propaganda.	11
A retórica tem truques.	12
A retórica é uma das vias (da Rússia).	13
Há uma justificação pela retórica.	14
Na retórica há exercício da democracia.	15
A retórica é uma das questões da leitura. Há figuras de retórica (que são: todas as) medidas.	16
Uma figura de retórica (é): o ministério prestar contas...	17
Há uma retórica pesporrente.	18
Uma figura de retórica (é): a isenção da administração Pública.	19
Há uma retórica do investimento estatal (:) A retórica é diferente da situação real.	20
Há um plano retórico dos (para os) modelos.	21
As figuras de retórica não escondem Ana Paula Vitorino.	22
A retórica pode receber (esgotar) toda a parceria EU/Brasil. A retórica arrisca-se a ser toda a parceria EU/Brasil.	23
O discurso da autonomia tem (uma) retórica.	24
A retórica é combatida.	25
Há comunicação sem retórica possível.	26
A política e o parlamento têm uma retórica	27
O sistema político tem uma retórica (pouco eficaz)	28
O parlamento tem uma retórica.	29

6. Para concluir

A Retórica foi a disciplina milenar de formação do homem político, da Grécia a Roma, ao século XVI, com a criação do Estado, e à vitória do liberalismo, da revolução francesa aos parlamentos da nossa modernidade. Todavia, a Retórica foi também a Escola de acesso à interpretação do segundo sentido, enquanto preparação para a leitura e análise custosas, na expressão de Barthes. É assim que as mensagens de Deus e dos Homens, quando atingem um certo grau de condensação de significado no significante, apelam aos caminhos mais ou menos secretos ou iniciáticos da aprendizagem do acesso aos textos, sem o que, a mais simples exegese pode levar o exegeta pelas vias da desregulação da leitura, mais ou menos canónica.

Vistas as coisas desta forma, talvez se entenda a desorientação, quase desvario,

nestes usos, que, desde o título, denominámos marginais do termo “retórica”. No final deste percurso analítico, talvez neles possamos entrever algo mais do que marginalidade. Talvez eles correspondam, antes, a uma nova centralidade da própria retórica num momento de massificação cultural a que alguns teimam em chamar *democratização da cultura*. A sê-lo estas duas palavras significarão para esses interpretantes algo bem diferente da significância grega, que era o acesso generalizado a determinadas práticas da *polis*, em relação às quais os cidadãos livres se encontravam equidistantes e daí a rotatividade do seu exercício ao longo da vida de qualquer um deles.

Poderia, assim, acontecer que o uso, a expressão, o conteúdo e o referente do termo “retórica” correspondesse a uma nova cultura, manifestando-a metonimicamente. Deste modo, tudo nela caberia, conforme a intenção e o conhecimento, o local donde se fala e o alvo ou ponto de mira do discurso, a sua intenção. O termo retórica situar-se-ia mais do lado do afecto do que da razão, do lado da mensagem “religiosa” do que da política, isto é, da “igreja” de cada um do que da “polis” de todos ou, ainda, do lado da estilística do que do lado da argumentação.

Referências bibliográficas

- Ayala, Francisco (1985): *La Retórica del Periodismo y otras Retóricas*. Madrid: Espasa-Calpe.
- Barthes, Roland (1987^a): “A análise retórica”, in *O Rumor da Língua*. Lisboa: Edições 70.
- Barthes, Roland (1987^b): *A Aventura Semiológica*. Lisboa: Edições 70.
- Belaval, Yvon (1988): *Digressions sur la rhétorique*. Paris: Ramsay.
- Bergez, Daniel (1990): “La rhétorique au service de l’enseignement”, in *Mesure. La rhétorique aujourd’hui*. Paris: Librairie José Corti, nº 3.
- Cahné, Pierre Alain (1990): “Les médias ont ‘leur rhétorique’”, in *Mesure. La rhétorique aujourd’hui*. Paris: Librairie José Corti, nº 3.
- Carrilho, Manuel Maria (1992): *Rhétoriques de la Modernité*. Paris : Puf.
- Dubois, Jean (1980): *Retórica da Poesia*. São Paulo: Cultrix, USP (ed. fr. 1977).
- Dubois, Jean et alii (1970) : (Groupe μ), *Rhétorique Générale*. Paris: Larousse.
- Durand, Jacques (1981): *Les Formes de la Communication*. Paris: Dunod, Bordas.
- Esopo (s/d): *Fábulas. As cem mais Famosas Fábulas de Esopo*. Mem Martins: Livros de Bolso.
- Fumaroli, Marc (1988): “Préface” in *Digressions sur la Rhétorique*, Yvon Belaval. Paris: Éditions Ramsay.
- Halliday, Tereza Lúcia (1987): (org.), *Atos Retóricos. Mensagens estratégicas de políticos e igrejas*. São Paulo: Summus Editorial.
- Lausberg, Heinrich (1990): *Manual de Retórica Literária. Fundamentos de uma Ciência de la Literatura*. Madrid: Gredos.
- Magalhães, José Calvet de (1995): *A Diplomacia Pura*. Venda Nova: Bertrand Editora.
- Meyer, Michel (s/d) : *Questions de Rhétorique*. Paris: Livre de Poche.

- Perelman, Chaïm e Olbrechts-Tyteca, Lucie (1988): *Traité de L'Argumentation. La nouvelle rhétorique*. Bruxelles: Éditions de l'Université.
- Reboul, Olivier (1991): *Introduction à la rhétorique*. Paris: Puf.
- Saraiva, António José (1993): *Cultura*. Lisboa: Difusão Cultural.
- Silva, Vitor Aguiar e (1991): “A vocação da retórica”, in *Dedalus, Revista Portuguesa de Literatura Comparada*. Braga: nº1, Dez.
- Spang, Kurt (1979): *Fundamentos de Retórica*. Pamplona: Eunsa.
- Yvancos, José Maria Pozuelo (1988): *Del Formalismo à la Neorretórica*. Madrid: Tauros Ediciones.

Comunicación política y política de la comunicación

A. López Eire
Universidad de Salamanca

1. Propósito de este trabajo

El propósito de las páginas que siguen¹ es, en primer lugar, el de mostrar que toda comunicación es política porque el lenguaje está íntimamente ligado a la politicidad del ser humano, que es un animal político-social provisto de lenguaje sin que estas dos cualidades, la politicidad o naturaleza político-social y la capacidad lingüística, sean fácilmente separables la una de la otra.

Y en segundo lugar, una vez estudiados los rasgos políticos de la comunicación, es asimismo nuestro propósito penetrar en los condicionamientos de la comunicación política óptima, es decir, del discurso político, del discurso de la llamada por Aristóteles “Oratoria Deliberativa”, la que se desarrolla en las Asambleas de las comunidades políticas, respondiendo a la pregunta “¿cómo debe ser o en qué debe consistir la mejor práctica de la comunicación política?”

2. ¿Qué es comunicar?

Toda comunicación es, como el lenguaje mismo que facilita y procura su realización, política, y precisamente por serlo debe ser asimismo (es decir, también como el lenguaje mismo) ética, ético-política, dialógica, polifónica, teatral, pragmática y pragmático-política. Éstas son las excelencias o virtudes del lenguaje y, en consecuencia, de la comunicación.

Pero antes de abordar la primera parte de nuestro trabajo, expongamos previamente qué es comunicar.

Comunicar es “comulgar”, es fundirse, conjuntarse y compartir con un interlocutor las mismas ideas (“comulgo con tus ideas”, se dice en español) que configuran esos “marcos cognitivos” (*cognitive frames*) comunes que se instalan en el inconsciente colectivo de los miembros pertenecientes a la misma comunidad político-social a la que pertenecen tanto el político orador como los oyentes de su discurso político (discurso de la Oratoria Deliberativa) o comunicación política.

La voz “comulgar” se emplea en contextos religiosos para señalar la mágica acción de un sacramento en el que, a través de un ritual teofágico, el fiel practicante se une íntimamente con la divinidad.

¹ Agradecemos a la DGICYT su apoyo para la realización de este trabajo con la ayuda económica (referencia: HUM 2006-08794) que generosamente nos concedió.

3. Comunicación y cognición

Pues bien, en la comunicación se produce asimismo una fusión entre el que habla y su interlocutor a través de “marcos cognitivos” (*cognitive frames*) comunes que, a fuerza de la repetición de “actos de habla” comunicativos se han ido forjando e instalando poco a poco, previamente, en el inconsciente colectivo de los miembros pertenecientes a la misma comunidad político-social y así van permitiendo esa acción de comulgar unos con otros al hablar, que es lo que justamente entendemos por comunicación. Sin previos “marcos cognitivos” (*cognitive frames*) comunes, no habría comunicación, no podríamos comulgar con las ideas de nuestros interlocutores.

En la configuración de “marcos cognitivos” (*cognitive frames*) comunes es imprescindible el empleo de un lenguaje común. Las palabras que a través de los repetidos “actos de habla” devienen comunes y de uso intercambiable van iluminando las huellas de las sensaciones grabadas en el córtex cerebral de los miembros de una misma comunidad político-social y van configurando así “marcos cognitivos” (*cognitive frames*) comunes a los hablantes de la misma lengua.

Resulta así que, al compartir el lenguaje, los miembros de una misma comunidad político-social comparten también sus “marcos cognitivos” (*cognitive frames*), sus maneras de ver las cosas y entender la realidad.

El “marco cognitivo” de la “familia”, por ejemplo, incluye hasta ahora a la pareja heterosexual del hombre y la mujer y a niños que son la descendencia de la pareja, pero tal vez pronto en España, dentro del “marco cognitivo” (*cognitive frame*) de la “familia”, o sea, en el conjunto de representaciones evocadas por la palabra “familia”, sea lícito ubicar padres y madres del mismo sexo. Todo depende de la repetición incesante de “actos de habla” orientados en este nuevo sentido.

4. El lenguaje según la Lingüística Cognitiva

El concepto de “marco cognitivo” (*cognitive frame*) procede del campo de la Lingüística Cognitiva (LC) o Ciencia Cognitiva (CC), que entienden el lenguaje como creación, aprendizaje, uso y resultado del proceso humano denominado “cognición” (*cognition*).

Esta modalidad de doctrina lingüística niega que el lenguaje sea una facultad independiente y autónoma del cerebro humano, concibe el lenguaje en términos de conceptualización, y afirma que el conocimiento del lenguaje y de lo que las palabras significan surge única y exclusivamente del uso del lenguaje.

En contraposición clara a la Lingüística Generativa (LG), la Lingüística Cognitiva (LC) o Ciencia Cognitiva (CC)¹ niega que exista en el cerebro humano

¹ W. Croft-D. A. Cruse, *Cognitive Linguistics*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004. V. Evans-G. Melanie, *Cognitive Linguistic: An Introduction*, Edimburgo, Edingburg University Press, 2006. V. Evans, *A Glossary of Cognitive Linguistics*, Edimburgo, Edingburg University Press, 2007. V. Evans-B. K. Bergen-J. Zinken, *The Cognitive Linguistics Reader*, Londres, Equinox, 2007.

un solo y único módulo, que además (por si lo anterior fuera poco) sea autónomo, para la adquisición del lenguaje.

Eso no existe. Muy al contrario, la adquisición del lenguaje, según esta modalidad de ciencia, es inseparable de la adquisición del resto de la cognición.

El mismo conocimiento de los fenómenos lingüísticos (de los monemas, morfemas, sintagmas, semantemas y todos los posibles conceptos designados con términos acabados en -emas) es puramente conceptual, tan conceptual como el de instituciones político-sociales como los de la familia, el municipio y el sindicato.

Por ello la acumulación, el acopio, la recuperación, la modificación de datos lingüísticos son en el área del lenguaje idénticos a los que se verifican en otras áreas del conocimiento y el uso que hacemos del lenguaje para entender, para comprender a nuestro prójimo, es esencial y básicamente el mismo que realizamos para comprender otros procesos no lingüísticos.

Es decir, utilizamos las mismas habilidades cognitivas para desenvolvemos con éxito en las tareas lingüísticas y en las no lingüísticas.

En el desenvolvimiento de las unas y de las otras nada hay de objetivo o copia de la realidad, y por tanto, tampoco la hay en el lenguaje, sino que todos nuestros “marcos cognitivos” (*cognitive frames*) se generan a través de la comunicación interactiva entre miembros de una misma comunidad.

5. Comunicación frente a descripción objetiva

Frente a la tradición objetivista que cree que la Semántica es puramente referencial y que las estructuras sintácticas se resuelven a la postre mediante unas cuantas reglas de las relaciones lógicas, y asimismo frente a la creencia en el mundo de las ideas universales de Platón y Frege, no tenemos más que echar un vistazo a la forma en que un niño pequeño aprende a comunicarse con su padre (“¡Aj, nene, caca!”) para darnos cuenta de que el lenguaje no tiene en principio nada que ver con la descripción objetiva del mundo sino con el propósito de comunicar, de comulgar y compartir experiencias.

La Psicología Cognitiva nos enseña que en el área de los significados nos movemos por categorías en términos de prototipos y no en términos de condiciones necesarias, suficientes y perfectamente definidas.

La Neurociencia Cognitiva nos enseña cómo nuestras diferentes experiencias se procesan formando todas ellas una estructura radial de grupos o “racimos” (*clusters*) de prototipos dispuestos en forma de categorías radialmente ordenadas.

En estos “racimos” (*clusters*) y en los “marcos cognitivos” (*cognitive frames*) que los forman, lo objetivo y lo subjetivo se entrecruzan sin que sea fácil decir dónde empieza lo uno y dónde lo otro¹.

Pues bien, a fuerza de realizar “actos de habla” llevados a cabo sin interrupción desde que empezamos a enseñar a hablar a nuestros hijos vamos corporizando, dando

¹ R. Langacker, *Concept, image and symbol: The cognitive basis of grammar*, Berlín, Mouton De Gruyter, 1990.

entidad corpórea (*embodiment*) a nuestros sistemas conceptuales y lingüísticos¹. Vamos generando estos “racimos” (*clusters*), en los que se integran los comunes “marcos cognitivos” (*cognitive frames*).

6. Cognición y metáfora

En los últimos años del pasado siglo Lakoff y Johnson descubrieron que gran parte del lenguaje corriente que usamos todos los días para caracterizar un sinnúmero de experiencias está regulado por un pequeño número de metáforas, “metáforas muertas” (*dead metaphors*), que no son las vivas y creativas metáforas de la literatura, por lo que ya a veces nosotros no las percibimos como tales metáforas, pero que son auténticas “metáforas conceptuales” (*conceptual metaphors*) que, si bien son muy distintas de las literarias, nos sirven, empero, para pasar de dominios mejor corporeizados y entendidos de nuestro cerebro a otros que no están aún en tan buenas condiciones².

Es importante este hecho porque, por poner un ejemplo, locuciones como “te has dejado meter un gol” proceden del área del fútbol y nos transportan a otras áreas bien diferentes cuyos elementos cognitivos son menos perceptibles por estar no tan bien corporeizados. Y es así como hablamos y como vamos logrando nuevos conocimientos o realizando “cogniciones”.

7. Metáfora y Etimología

Las evoluciones de los significados por las que se interesan las etimologías, también podrían explicarse por traslaciones metafóricas de unos “marcos cognitivos” (*cognitive frames*) a otros.

Por ejemplo: Al hacer etimologías, en las lenguas indoeuropeas se observa cómo se pasa del “marco cognitivo” (*cognitive frame*) de “ver” al de “saber”, de manera que en inglés moderno, por ejemplo, voces como *wit* y *witness*, “ingenio” y “testigo” respectivamente, que implican la idea de “saber” proceden de otras palabras más antiguas que, derivadas de la raíz indoeuropea **weid-* significaban “ver”, como en latín el verbo *videre* o en griego el aoristo *éidon*, “yo vi”³.

Hay otras metáforas que aparecen subyaciendo en diferentes tipos de lenguas, como, por ejemplo, la de la cólera entendida como el desbordamiento de un líquido hirviendo contenido en el vaso o recipiente que vendría a ser el cuerpo humano⁴,

¹ T. C. Rohrer, “Embodiment and Experimentalism”, en D. Geeraerts-H. Cuyckens, *The Handbook of Cognitive Linguistics*, Oxford, Oxford University Press, 2005.

² G. Lakoff-M. Johnson, *Metaphors we live by*, Chicago, The University of Chicago Press, 1980.

³ E. Sweester, *From etymology to pragmatics: Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

⁴ Z. Kövecses, *Metaphors of anger, pride and love: A lexical approach to the study of concepts*, Amsterdam, John Benjamins, 1986. “Anger: Its language, conceptualization, and physiology in the Light of cross-cultural evidence”, J. R. Taylor-R. E. MacLauri (eds.), *Language and the cognitive construal*

que indican hasta qué punto, antes de la aparición del pensamiento conceptual a base de lenguaje, se forman en nuestro cerebro preconceptuales “esquemas de imágenes” (*images schemas*) debido a las interacciones físicas con el entorno físico y del político-social¹.

Los humanos enseñan a sus hijos “esquemas de imágenes” (*images schemas*) que se acumulan en el córtex cerebral y se actualizan con el lenguaje, que es esencial y básicamente político-social.

8. De la imagen a la idea

La Lingüística Cognitiva, con el apoyo de otras ciencias (especialmente, las Neurociencias a partir de los trabajos de Shepard y Metzler)², nos permite entender de una vez por todas que los mismos mecanismos neurales que explican la percepción dan cuenta también de la conceptualización, del razonamiento y de las habilidades cognitivas a partir del funcionamiento del cerebro en la interacción surgida en las relaciones interpersonales dentro del ámbito del mundo físico³.

En suma: “las propiedades de los conceptos aparecen creadas como el resultado de la manera en que el cerebro y el cuerpo están estructurados y de la forma en que funcionan en las relaciones interpersonales y en el mundo físico”⁴.

Es decir, estamos situados, con nuestro cuerpo, nuestra cognición y nuestro lenguaje, en un contexto socio-político y cultural en el que existen incluso artefactos culturales que pueden ser considerados como extensiones del cuerpo humano⁵.

El lenguaje, por tanto, y asimismo la comunicación, que es una actualización del lenguaje – la más importante – comprenden una buena carga de “marcos cognitivos” (*cognitive frame*) comunes a los interlocutores que son miembros de la misma comunidad político-social, unos “marcos cognitivos” agrupados radialmente en forma de “racimos” (*clusters*) e intercomunicados por medio de las metáforas.

9. El político ante los “marcos cognitivos”

El político tiene que tener bien presente lo que precede: Los miembros de una misma comunidad empleamos genéricamente idénticos “marcos cognitivos” (*cognitive frame*), generados con el lenguaje, que nos permiten la comunicación, que es esencialmente política, o sea, interciudadana. Pero justamente en ese conjunto de “marcos cognitivos” agrupados en “racimos” (*clusters*) se detectan algunos que

of the World, Berlin, Mouton De Gruyter, 1995, 181-196.

¹ G. Lakoff, *Women, fire and dangerous things*, Chicago, The University of Chicago Press, 1987.

² R. N. Shepard-J. Metzler, “mental rotation of three-dimensional objects”, *Science* 171 (1971), 701-703.

³ G. Lakoff-M. Johnson, *Philosophy in the flash*, N. Cork, Basic Books, 1998.

⁴ G. Lakoff-M. Johnson, 1998, 37.

⁵ G. Fauconnier-M. Turner, *The way we think*, N. Cork, Basic Books, 2002.

configuran sutiles diferencias respecto de otros aun dentro de una misma comunidad político-social.

En efecto, las diferencias económicas, culturales, de edad y aun temperamentales de los miembros de una misma sociedad político-social generan “marcos cognitivos” diferentes los unos de los otros, lo que se traduce en la adopción de distintas posturas y actitudes en el desenvolvimiento de la vida política.

Ahora bien, el poder político se conquista y se ejerce o por la fuerza física o por la económica o por la de la elocuencia – éste es nuestro caso, el caso del orador político –, que consiste en saber trasladar a los oyentes los determinados y concretos “marcos cognitivos” que los identifiquen masivamente con el hablante.

En un estado civilizado y democrático de nuestros tiempos, además del interés económico ligado al estado del bienestar – que es la primera causa de orientación del voto político en nuestros días –, es la tercera vía, la de la “elocuencia mostrativa de la identidad de “marcos cognitivos” compartidos por el orador y sus oyentes”, demostrada con gestos y discursos la que procura la conquista y el ejercicio del poder democrático.

Pero, justamente a partir de ese convencimiento, el político debe saber que su comunicación o discurso, por ser en el máximo grado político-social, debe poseer en la más alta medida todas las características que acompañan al lenguaje (y por tabto a toda comunicación) por ser esencialmente político-social y persuasivo.

Debe tener bien presente el hecho de que toda comunicación que se precie aspira a ser persuasiva, aspira a influir sobre los oyentes (nadie habla por hablar o comunica por pasar el rato), por lo que de inmediato, al tratar de la comunicación y descubrir su connatural carácter político-social, nos topamos con la Política (que es la ciencia del hombre en cuanto animal político-social), con la Retórica (que es la ciencia de la comunicación persuasiva), y con la Ética (que es la ciencia del bien vivir del hombre, que se convierte en Ética Política – o sea, ciencia del bien vivir del hombre, que es un animal político-social).

Por esa razón, el político moderno debe conocer bien la *Política*, la *Retórica* y la *Ética a Nicómaco* de Aristóteles, el filósofo griego del siglo IV a. J. C. que puso las bases de la vocación esencialmente política de la comunicación retórica (y recordemos que toda comunicación lo es pues nadie habla para no influir de alguna manra sobre sus oyentes).

A partir de ese momento, el orador político aprende tiene que cumplir no sólo los “deberes” u “oficios del orador” en general –, los *officia oratoris*, como diría Cicerón –, a saber: “probar, deleitar y doblegar los ánimos”¹, sino además los “deberes” u “oficios del orador político”, que son los siguientes: estar convencido de que su comunicación, su discurso, por ser política como toda comunicación y en máximo grado político por tratarse de un discurso a la ciudadanía, ha de ser en el más alto grado ética en el sentido de ético-política. Se entera de que debe además aceptar que por la misma razón, por el alto grado de politicidad o cualidad política

¹ Cicerón, *Sobre el orador* III, 55, 212; cf. *Orat.* 21, 69 *sed quot officia oratoris, tot sunt genera dicendi: subtile in probando, modicum in delectando, vehemens in flectendo.*

de su comunicación, debe ser dialógica y polifónica también en sumo grado, pues el lenguaje mismo es dialógico y polifónico y en un discurso deliberativo a la ciudadanía – como es el caso en el discurso político – estas dos cualidades deben destacar sobremanera. Por último, debe plantearse en términos de Ciencia Cognitiva, cuáles son los “marcos cognitivos” con los que mejor puede conectar con sus oyentes a base de mostrar la identidad de los suyos propios con los de sus futuros votantes.

10. El político ante la Retórica y la Ética Política

El lenguaje es – como decía ya Aristóteles en la *Política*¹ conectando íntimamente lenguaje y política – político-social, por lo que la Naturaleza (el Estagirita era un filósofo teleológico, partidario de la teleología, doctrina que ve las cosas del mundo como si tendieran siempre y en cada momento al fin de su propia perfección) dotó al hombre de lenguaje racional o *lógos*, para que con él, a través de la comunicación, perfeccionara su característica y propia politicidad o naturaleza político-social.

Así – continúa explicando el Estagirita – mientras que los demás animales, que son – todo lo más – gregarios pero no político-sociales, son capaces de expresar sentimientos de placer o dolor, el hombre puede hacer algo más, a saber: puede hacer ver (en griego *deloûn*) a sus conciudadanos lo beneficioso y lo nocivo, lo justo y lo injusto.

Donde el lenguaje se mueve, allí hay interlocutores que son conciudadanos e intentan influir unos sobre otros y allí hay caracteres que persuaden y se dejan persuadir.

La Retórica que enseña la forma de lograr la comunicación persuasiva, el discurso persuasivo, tiene sentido precisamente porque ayuda a la realización del hombre como animal político-social a través del lenguaje.

Por esa precisa razón, porque la comunicación es fundamentalmente política, tiene sentido que la ciencia de la comunicación persuasiva, o sea la Retórica, se subordine a la Ética y especialmente a la Ética sometida a la Política o Ética Política.

A través de su concepción pragmática del lenguaje, el Estagirita integra la Retórica en el área de la ciencia de los caracteres o Ética y en la de las relaciones interciudadanas propias del hombre en cuanto animal socio-político, o sea, en la Ética Política o sencillamente en la Política.

El sentido común y el realismo del filósofo fundador del Liceo le llevaron a integrar el arte de la Retórica dentro del arte de la Ética que, a su vez, se integra dentro del arte de la Política. La Retórica – dice – es una ramificación de la Dialéctica y de la Ética integrada en la Política².

En efecto, como por la *Ética a Nicómaco* sabemos que la Política es la

¹ Aristóteles, *Política* 1253 a 14.

² Aristóteles, *Retórica* 1356^a 25.

«*arkhitekhnē*» o el «arte maestra» por ocuparse del Bien Supremo¹ para el hombre, que es el buen vivir en sociedad, y por consiguiente todas las demás artes – Retórica y Ética incluidas – le están sometidas, resulta claro que a la actividad retórica o elocuencia la considera el Estagirita actividad ética y a la postre política², es decir, una actividad propia del ciudadano que la ejerce sobre sus conciudadanos, y que debe ser ética y que, por ello mismo, dado que la ciudad es anterior al individuo³ – lo que subordina la Ética a la Política, que sería el “arte arquitectónica” que incluiría a todas las demás artes –, ha de ser ético-política.

Toda muestra de oratoria, todo discurso, vendría a ser, pues, comunicación política, y debería estar regulada por la Ética, ya que el Bien, la Verdad, la Justicia, etc. son argumentos o técnicas persuasivas más fuertes⁴ y más fáciles de someter a silogismo⁵ que sus contrarias. La Ética en el “carácter” (*ēthos*) del orador, que es la estrategia de más peso en un discurso según el Estagirita⁶, y en el oportuno empleo del *páthos*, que debe ceñirse al discurso mismo⁷ y no modificar la actitud del juez exacerbando sus pasiones pues eso equivaldría a torcer la regala de medir⁸, garantizan también buenos resultados al orador político.

11. La inseparable unión de la Retórica y la Ética Política

Y así, aunque Aristóteles es el inventor de la clasificación de la Oratoria en tres géneros, judicial, deliberativo y epidíctico o de aparato⁹, lo que parecería indicar que hay actividades oratorias no políticas, justamente, sin embargo, él no sólo declara sin ambages que la Oratoria Deliberativa (o sea, política) es su favorita y la más noble de todas¹⁰, sino que además esa división tripartita de la Oratoria que propone se basa en la concepción del oyente ora como juez, ora como espectador¹¹, lo que implica un necesario sometimiento de la actividad oratoria, del discurso comunicativo y persuasivo, al juicio de los conciudadanos del orador (hay tantos géneros de Oratoria cuantos géneros de oyentes conciudadanos)¹², sumisión que subraya el carácter esencialmente político de la Retórica.

¹ Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1094^a.

² Aristóteles, *Ética a Nicómaco* 1094b 3-4.

³ Aristóteles, *Política* 1253^a.

⁴ Aristóteles, *Retórica* 1355^a 19.

⁵ Aristóteles, *Retórica* 1355^a 36.

⁶ Aristóteles, *Retórica* 1356^a 13.

⁷ Aristóteles, *Retórica* 1356^a 14.

⁸ Aristóteles, *Retórica* 1354^a 24.

⁹ Aristóteles, *Retórica* 1358^a 36.

¹⁰ Aristóteles, *Retórica* 1358b 22.

¹¹ Aristóteles, *Retórica* 1358b 23.

¹² Aristóteles, *Retórica* 1358^a 36.

Ahora bien, si el oyente es un juez, debe entrar de lleno en la acción que ante él se está realizando con palabras cuando se pronuncian los discursos que juzga.

Debe por ello preguntarse: «¿Realizó el acusado el acto que se le imputa?», en cuyo caso estamos ante la oratoria judicial, o bien «¿Habrá que poner en práctica la política propuesta?», en cuyo caso estamos ante la oratoria deliberativa.

En ambos casos ocurre que una serie de ciudadanos de un estado, que son conciudadanos del orador, tratan de dilucidar escuchando determinados discursos qué es justo y qué es injusto, qué es beneficioso y qué es nocivo.

Luego, al menos en estos dos casos, lo retórico (la comunicación retórica y persuasiva) aparece inextricablemente unido y sometido a lo político.

Y cuando, por la otra parte, el oyente no es juez sino espectador, cosa que acontece en la Oratoria epidíctica o demostrativa, entonces los conciudadanos de una comunidad política escuchan el elogio o vituperio de alguien o de algo mediante un discurso que pone en juego el código de valores aceptado por la audiencia, lo que es honroso u oprobioso en un determinado momento¹, en el momento presente en el que se pronuncia el discurso².

Luego también en este caso, la actividad oratoria que explica y mejora la Retórica es inconcebible sin un trasfondo político.

Nos enseña, además, el Estagirita que los oyentes de los discursos de esta especie de Oratoria, lejos de ser meros espectadores, son también jueces por cuanto que juzgan la capacidad oratoria, la *rhetorikè dynamis*, de su conciudadano orador³.

No tiene, pues, sentido estudiar la comunicación (o sea, la comunicación retórica) sin encuadrarla en la amplia confluencia de estas tres disciplinas: la Retórica Política, Ética y Ética Política. No lo tuvo en tiempos de Aristóteles ni lo tiene hoy día.

12. La Retórica y la Ética Política en la actualidad

La palabra «comunicación», que, según hemos comprobado al tratar de los “marcos cognitivos” (*cognitive frames*), no prejuzga para nada el carácter más o menos objetivo de la información, sin embargo, denota el procedimiento esencial por el que esta nuestra sociedad de masas ejerce, como señala Jürgen Habermas⁴, tan gran influencia sobre el comportamiento de los individuos de que se compone.

Aunque la Retórica, que estudia la comunicación, que – como vemos – es esencialmente política, tiene muchos años de antigüedad (remonta a la Grecia del siglo V a. J.C.), aparece hoy día actualizada y modernizada en cuanto que configura un capítulo importante de la Teoría de la Comunicación, que a su vez se ha convertido en la teoría fundamental de las ciencias sociales y políticas, y por ello está en estrecho contacto con la Sociología, la Ética y la Política.

Ello es así porque, según, Luhmann, la comunicación es el proceso básico

¹ Aristóteles, *Retórica* 1358b 28.

² Aristóteles, *Retórica* 1358b 16.

³ Aristóteles, *Retórica* 1358 b 6.

⁴ J. Habermas, *L'espace public*, trad. fr., París, Payot, 1978 1978.

o la forma operacional del sistema social, como la conciencia lo es para el mundo psíquico¹, y porque – por decirlo ahora con palabras de Habermas – la Retórica es «el arte de la convicción y de la persuasión en situaciones en las que se trata de resolver cuestiones prácticas», el arte que, contemplado desde la Hermenéutica, se encuentra ubicado en estricto paralelo con el «arte del entender y del hacer entender»², y esto, naturalmente, en el muy importante y aun decisivo marco de la sociedad y de sus relaciones de poder.

La moderna Retórica es una teoría y práctica de la comunicación retórica persuasiva, o sea, de aquella comunicación que intenta alterar, mediante la persuasión, una determinada situación socio-política de forma más o menos duradera, a base de producir cambios de opinión, de mentalidad y de puntos de vista en los oyentes³, actuando siempre dentro de la Ética Política.

Luego la Retórica moderna es evidentemente ciencia de la comunicación político-social, puesto que especula sobre las posibilidades de alterar las relaciones de poder y consenso mediante esa importantísima forma de praxis social que es el persuasivo discurso retórico. Y aspira a seguir los principios de la Ética Política como guía racional, fiel y segura, al igual que proponía la Retórica aristotélica.

Asimismo cabe sostener que la Retórica, tal y como hoy se la concibe, forma parte del estudio de las ciencias sociales y políticas porque – por decirlo esta vez con Gadamer – «todas las configuraciones volitivas de orden social o político dependen de la construcción de convicciones comunes generadas a través de la Retórica»⁴.

Es más, según Habermas, que hace de la comunicación la prueba decisiva de una teoría de la sociedad en la que se muestre cómo los sujetos son capaces de coordinar sus acciones y construir interacciones, el proceso necesario para imaginar el consenso logrado por la libre determinación de todos los que intervienen en una discusión, es el de presuponer un “acto de habla” previo, aunque no retórico – piensa él, pero en esto discrepamos nosotros, pues todos los “actos de habla” son retóricos –, que se produce en una situación de habla ideal («ideale Sprechsituation») ⁵.

Y más aún: la acción social y política se hace realidad gracias al valor intencional del lenguaje – fundamento del discurso retórico y del arte de la elocuencia – que convierte a la Retórica en un arte o ciencia que reflexiona sobre la teoría de la acción social⁶ con vistas a alumbrar eficaces discursos persuasivos.

¹ N. Luhmann, *Soziale Systeme. Grundriss einer allgemeinen Theorie*, Frankfurt 1984, 192 y 142.

² J. Habermas, “Vorbereitende Bemerkungen zu einer Theorie der kommunikativen Kompetenz”, en J. Habermas- N. Luhmann, *Theorie der Gesellschaft oder Sozialtechnologie?*, Frankfurt a. Main 1971, 120.

³ H. Geissner, “Mündliche und schriftliche Berichte (Rhetorische Analyse)”, en *Kongressbericht GAL*, Heidelberg 1974, 249-55

⁴ H. G. Gadamer, “Replik” en K.-O. Apel e. a., *Hermeneutik und Ideologiekritik*, Frankfurt a. Main 1971, 283-317. 1971, 316.

⁵ J. Habermas, “Vorbereitende Bemerkungen zu einer Theorie der kommunikativen Kompetenz”, en J. Habermas- N. Luhmann, *Theorie der Gesellschaft oder Sozialtechnologie?*, Frankfurt a. Main 1971, 101-41.

⁶ J. Habermas, *Zur Logik der Sozialwissenschaften*, Frankfurt a. M. 1970, 163.

Entendida la Retórica así, como una disciplina orientada dialécticamente, no cabe duda alguna de que se encuentra en relación íntima con la Sociología y la Política, ya que estas dos ciencias se interesan por las relaciones de poder y consenso en el sistema social dominante y por las posibilidades de reorientar una situación socio-política preexistente mediante la persuasión del discurso razonable (die «vernünftige Rede»)¹, lo que resulta ser y es, ni más ni menos, el objeto de la Retórica.

La Retórica moderna es, pues, la disciplina que, dentro de la Teoría General de la Comunicación, nos enseña a operar con esa forma de praxis social e instrumento de comunicación práctica entre agentes sociales y políticos que es el discurso retórico, por lo que, si la sociedad en la que la Retórica opera es una sociedad ideal, se convierte en una especie de «gramática de la acción social y política razonable»²; y si, por el contrario, desciende del plano de lo teórico e ideal al ordinario y real, nos topamos con una Retórica pragmática aplicable a las concretas actividades de índole política y social. He aquí, pues, ya a la Retórica convertida en instrumento para alcanzar una forma de vida socio-política real en una determinada sociedad³.

La forma de vida ideal (die «ideale Lebensform»)⁴, objetivo de clara raigambre ético-política, es aquella que se da en el seno de una sociedad libre en la que se produce un verdadero consenso ligado a una comunicación no amenazada por la imposición de la fuerza, una situación ideal que implicaría la íntima conexión de la Retórica y el orden social propio de una sociedad en libertad.

Seguimos, pues, operando dentro del esquema, propio de la Sociofenomenología, según el cual la comunicación es el medio por el que el ser humano, que vive inmerso en un ambiente social, en una realidad formada intersubjetivamente, lleva a cabo la construcción de esta realidad⁵.

13. Comunicación dialógica, poliacroásica, polifónica, y teatral

El lenguaje y la comunicación son políticos y el discurso político lo es en sumo grado. Por eso ha de ser asimismo – como lo es el lenguaje – dialógica, polifónica y teatral. El dialogismo del lenguaje es un descubrimiento de Bajtín⁶.

¹ J. Kopperschmidt, *Das Prinzip der vernünftige Rede. Sprache und Vernunft*, Teil I, Stuttgart 1978. *Argumentation, Sprache und Vernunft*, Teil II, Stuttgart 1980. A. López Eire, *Actualidad de la Retórica*, Salamanca, Hespérides, 1995, 30.

² J. Kopperschmidt, *Allgemeine Rhetorik. Einführung in die Theorie der Persuasiven Kommunikation*, Stuttgart 1973.

³ H. Geissner *Rede in der Öffentlichkeit. Eine Einführung in die Rhetorik*, Stuttgart 1969. *Rhetorik und politische Bildung*, Kronberg/Ts. 1975.

⁴ J. Habermas, “Vorbereitende Bemerkungen zu einer Theorie der kommunikativen Kompetenz”, en J. Habermas- N. Luhmann, *Theorie der Gesellschaft oder Sozialtechnologie?*, Frankfurt a. Main 1971, 101.

⁵ “La comunicazione politica tra partiti e mass media”, en G. Grossi (ed.) *Comunicazione politica*, Agnelli, Milán 1983.

⁶ M. Bajtín, M.= M. Bakhtine, (V. N. Voloshinov), *Marxism and the Philosophy of Language*, Seminar

El lenguaje tiene clara estructura dialógica (pronombres personales *yo/ tú*, pues la tercera persona es la “no persona”¹, pronombres demostrativos y adverbios deícticos, hipocorísticos, vocativos, segundas personas de imperativo, etc.), por lo que el político no debe olvidar nunca que se dirige al oyente en comunicación sin respuesta por un hecho de convención político-social, pero no impresa en la naturaleza misma del lenguaje, que siempre es por su misma naturaleza dialógico, es decir, que está programado para la respuesta inmediata de un interlocutor.

El político no puede olvidar nunca el carácter dialógico del lenguaje y por tanto de su comunicación o discurso político. No debe olvidar que su discurso es procesado por los oyentes en cada momento aunque éstos no intervengan.

Recuerdo que en una ocasión, en el sermón de misa el oficiante dijo a los fieles oyentes: “Estamos en Cuaresma. La carne no se puede comer, el pescado está por las nubes de caro. Pues ¿qué haremos?. Nos agarraremos a los huevos”. Nadie contestó, pero la carcajada que produjo llegó a lo más alto de la cúpula del templo.

Pero además, como ha demostrado brillantemente mi sabio amigo Tomás Albaladejo, la comunicación política, el discurso político, es poliacroásico, es decir, está expuesto a distintas audiciones y procesamientos.

Sabemos, en efecto, que tras los millones de receptores de un discurso político televisado hay diferentes tipos de oyentes, una audiencia formada por individuos de muy diversa índole² o, por decirlo con la palabra y el concepto novedosos forjados por Albaladejo, se da en la audiencia del discurso político «poliacroasis» o «escucha múltiple»³, por lo cual es posible e incluso conveniente que el orador escoja un sector de su público al que dirigir preferentemente su discurso persuasivo (esto es lo que Fill denomina «divided illocution»)⁴.

Press, Nueva York 1973. Este libro se atribuye ahora a M. Bajtín. *Le Marxisme et la Philosophie du langage*, trad. fr., Éditions de Minuit, París 1977 (1ª ed. Leningrado 1929). *El marxismo y la filosofía del lenguaje*, trad. esp., Alianza, Madrid 1992. *Dostoevskij. Poética e stilistica*, trad. it., Einaudi, Turín 1968. *Problems of Dostoyevsky's Poetics*, trad. ingl., University of Minnesota Press, 1984. Original ruso, 1965. *Rabelais and his World*, trad. ingl., MIT Press, Cambridge, Mass. 1968. (Original ruso, 1965). *The Dialogic Imagination: Four Essays*, trad. ingl., University of Texas Press, Austin 1981. Original ruso: *Voprosy Literaturny I: Estetiki*, 1975. *Esthétique de la critique verbale*, préface de T. Todorov, trad. fr., Gallimard, París 1979. *Estética de la creación verbal*, trad. esp., Siglo XXI, México 1982. *Speech Genres & Other Late Essays*, eds. C. Emerson-M. Holquist, University of Texas Press, Austin 1986. *Teoría y estética de la novela*, trad. esp., Taurus, Madrid 1989.

¹ E. Benveniste, “La nature des pronoms”, en *Problèmes de linguistique générale*, Gallimard, París 1966, 252-7.

² H. Gruber, “Political language and textual vagueness”, *Pragmatics* 3 (1993) 1-28; 3.

³ T. Albaladejo, “Polifonía y poliacroasis en la oratoria política. Propuestas para una retórica bajtiniana”, en F. Cortés Gabaudan-Gregorio Hinojo Andrés-A. López Eire, *Retórica, política e Ideología. Desde la Antigüedad hasta nuestros días*, Actas del II Congreso Internacional (Salamanca, 1997), Logo, 11-21.

⁴ A. F. Fill, “«Divided illocution» in conversational and other situations- and some of its implications”, *IRAL* XXIV (1986), 27-34; 30. Un ejemplo de este procedimiento localizado en un discurso político pronunciado en la España de nuestros días aparece excelentemente expuesto en D. Pujante y

Oswald Ducrot ha tratado también de la polifonía del discurso como rasgo inherente del lenguaje con el que toda comunicación y todo discurso se realiza¹. Y Graciela Reyes se ha detenido en la polifonía del discurso literario².

En el lenguaje usado, en la enunciación, en la comunicación, en el discurso, en el discurso político, hay siempre varias voces, porque el lenguaje, pragmático como es, es fundamentalmente lenguaje dialogado, teatral

Así, por ejemplo, se produce la figura de la “ironía”: “El Padre. (*Al hijo*).- Eres un fenómeno, hijo mío. De seis asignaturas que tenías has suspendido seis. ¡Qué fenómeno eres!”

Otro ejemplo: Si yo digo “Juan no es tan alto como Antonio”, no estoy diciendo que no son de la misma altura Juan y Antonio, sino que lo que de verdad digo – en respuesta a quien dijera lo contrario – es que Antonio es más alto que Juan.

Las frases que utilizamos son tomadas del lenguaje polifónico, del lenguaje de muchas voces, del lenguaje que se hace realidad mediante la intervención de enunciadores y locutores, del lenguaje teatralmente representado, no del lenguaje artificial de las ramificaciones arbóreas chomskianas.

El lenguaje es teatral y, en tal caso, la comunicación y el discurso político también lo son.

Le preguntaron a Demóstenes en cierta ocasión qué era lo más importante de un discurso y él respondió que la *hypókrisis*, o sea, la teatralización, lo que en la *Rhetorica recepta* se llama la *pronuntiatio* y la *actio*.

Volvió a preguntarle que cuál era el elemento segundo en importancia para pronunciar bien un discurso y él volvió a repetir que la *hypókrisis*, o sea, la teatralización.

Y, una vez más, le preguntaron qué operación ocupaba el tercer rango en importancia a la hora de llevar a cabo con dignidad la profesión de orador pronunciando hermosos y persuasivos discursos y el de Peania respondió sin inmutarse ni alterar un ápice el tono empleado en sus anteriores respuestas, otra vez lo mismo: la *hypókrisis*, o sea, la teatralización, es decir, el ejecutar bien una pieza oratoria a través de la pronunciación conveniente en cada uno de sus tramos y ayudándose el orador de una gesticulación apropiada que vaya acompañando acertadamente a las palabras pronunciadas.

Y tenía toda la razón, pues incluso el orador político está obligado a sentirse en el teatro al actuar y poner en práctica ese estupendo consejo de Aristóteles en el compara el discurso deliberativo o político a la escenografía de una obra teatral y que reza así:

E. Morales, “Discurso político en la actual democracia española”, *Discurso* (1997) 39-75.

¹ O. Ducrot, *El decir y lo dicho. Polifonía de la enunciación*, trad. esp., Barcelona, Paidós, 1986. G. Reyes, *Polifonía textual. La citación en el relato literario*, Madrid, Gredos, 1984. “Esbozo de una teoría polifónica de la enunciación”, en O. Ducrot, *El decir y lo dicho. Polifonía de la enunciación*, trad. esp., Barcelona 1986, 175-239.

² G. Reyes, *Polifonía textual. La citación en el relato literario*, Madrid, Gredos, 1984.

En el discurso político, en la comunicación política, no es tan importante la dicción como la interpretación. Pasa lo mismo que con las escenografías: como se van a ver desde muy lejos, lo que cuenta no es la minucia o el detalle, sino el trazo grueso y bien marcado y destacado, que se vea desde lejos, hasta desde la última fila de los espectadores.

14. Volviendo a la búsqueda de la identidad de los oyentes

El discurso político, es un uso del lenguaje, un empleo político-social y pragmático (no puede ser de otra manera, siendo, como es, el lenguaje pragmático y político-social) que busca el poder a través del voto favorable de los oyentes¹.

El lenguaje, por su versatilidad, es un instrumento de poder de enorme eficacia a la hora de sintonizar con los oyentes, a los que, empleando el lenguaje, se puede conquistar con eufemismos (“los encontré haciéndolo en el ascensor”), con “actos de habla” indirectos que no son sino órdenes disimuladas (“habría que cerrar la ventana”), con fórmulas de cortesía (“¿tendría Usted la bondad de decirme qué hora es?”) y distintos procedimientos de *captatio benevolentiae* (como, por ejemplo, contando un chiste o historia graciosa al empezar un discurso) que son auténticas manipulaciones de la mente de los oyentes, o distanciando o acercando según nos convenga (Julio César se refería a sí mismo en tercera persona al contar sus hazañas en la Guerra de las Galias) o bien se puede implicar con deixis a los oyentes a cada paso al narrar los éxitos de una determinada política (“Ustedes y yo somos los artífices”, o aumentando o rebajando lingüísticamente los hechos reales (“gravísimo delito”, “insignificante flaqueza”), etc.

Pero lo más importante para ganar el favor de las masas es mostrar una identidad con ellas a base de revelar los “marcos cognitivos” o *cognitive frames* en los que se basa un discurso.

Por eso un político, antes de hablar tiene que estar convencido de todo lo que va a decir, y, si es un demócrata de los EEUU, cuyo símbolo es un potrillo asno, “no pensar en un elefante”², es decir no emplear los “marcos cognitivos” o *cognitive frames* propios del partido republicano, cuyo símbolo es un elefante.

Pues sigue siendo cierto lo que decía Aristóteles³ a propósito del discurso retórico, a saber: que el “carácter” (*êthos*) del orador es la estrategia de más peso y mayor solidez en un discurso retórico y muy especialmente en el discurso político.

¹ R. T. Lakoff, *Talking Power, The Politics of Language*, USA, BasicBooks 1990.

² G. Lakoff, *No pienses en un elefante*, trad. esp., Madrid, Editorial Complutense, 2007.

³ Aristóteles, *Retórica* 1356^a 13.

La empresa, un lugar de comunicación pública: la Retórica empresarial

María del Mar Gómez Cervantes
Universidade de Málaga, Espanha

Introducción

The classical rhetorical tradition rarefied speech and fixed it within a gridwork of limitations: it was a rule-governed domain whose procedures themselves were delimited by the institutions that organized interaction and domination in traditional European society. Rhetorically, by contrast, is bound to no specific set of institutions. It manifests the groundless, infinitely ramifying character of discourse in the modern world. For this reason, it allows for no explanatory metadiscourse that is not already itself rhetorical. Rhetoric is no longer the title of a doctrine and a practice, nor a form of cultural memory; it becomes instead something like the condition of our existence. (J. Bender y E. Wellbery 1990: 25)

De este modo es como Bender y Wellbery dan muestras de la recuperación y la nueva dimensión aplicada de la Retórica, en la actualidad. En realidad, el cambio experimentado por esta disciplina desde, aproximadamente, mediados del siglo XX ha hecho que, hoy día, se la conciba como una ciencia en plena vigencia, caracterizada, sobre todo, por su finalidad aplicada y su dominio inter y multidisciplinar, frente a las restricciones y malinterpretaciones sufridas durante un período histórico anterior, demasiado extenso, por otro lado, y con desafortunadas consecuencias para ella.

Así, hoy día, la Retórica está volviendo a sus orígenes, de manera que nuestra disciplina está, nuevamente, adquiriendo el rol y la finalidad social para la que había nacido. Asimismo, y en paralelo a esta reanudación de caracteres perdidos y finalidades prácticas nuevamente adquiridas por la Retórica, hay que matizar que esta ciencia vuelve a poner en activo su función íntegramente pedagógica. Tengamos en cuenta que la Retórica es una ciencia que parte del principio de capacitar, de habilitar comunicativamente, según las necesidades sociales que se dan en un determinado período histórico.

De esta forma, nos encontramos ante un panorama retórico actual que destaca por su aplicación a ciertos espacios comunicativos que, primando en ellos la práctica persuasiva, se prestan a la intervención de este arte de hablar en público. En consecuencia, el discurso político, eclesiástico, judicial, publicitario, propagandístico, empresarial, etc. se convierten en caldo de cultivo de primera mano para la teoría retórica.

Nosotros, en este estudio, nos vamos a centrar en el último de los sectores

profesionales citados, en tanto en cuanto, lo concebimos como lugar de plena actividad comunicativa y, en consecuencia, de óptima referencia para la aplicación de la formación retórica. Nos referimos a la empresa como lugar de comunicación pública y, por ende, a la retórica empresarial.

Así, no resultan extraños testimonios como el que recogemos a continuación, aparecido en Internet con fecha 18/03/2005, bajo el título “La comunicación empresarial es considerada cada vez más relevante”. En el desarrollo de esta noticia se ponen de manifiesto una serie de cifras y datos que nos parece que atestiguan muy bien nuestra posición sobre el incremento y la importancia de la comunicación en el espacio empresarial:

“La Asociación de Directivos de Comunicación (Dircom) ha presentado su segundo estudio de las empresas sobre “El estado de la Comunicación en España”. Entre las conclusiones, destaca que el 73% de las empresas consultadas considera que la importancia de la comunicación empresarial es mucho mayor actualmente que hace unos años y un 87% cree que se incrementará en el futuro” (www.barcelonactiva.com).

A esta misma conclusión es a la que llegan los autores y creadores de esa gran cantidad de manuales y de cursos, publicados y promovidos, respectivamente, por órganos de formación de diferente índole y procedencia, que aprovechan sus presentaciones para poner en evidencia las necesidades que surgen en la empresa con respecto a la actividad comunicativa y a las que pretenden dar alguna solución. De hecho, tan sólo un breve vistazo sobre el mapa numérico que describe el incremento cuantitativo de la publicación de este tipo de manuales, constata nuestra idea de que esta cuestión de la comunicación empresarial está adquiriendo una importancia cada vez más patente. Tengamos en cuenta, que el éxito de muchas de las actividades que integran el ejercicio empresarial dependen, en gran medida, de las habilidades comunicativas del propio empresario y, en consecuencia, de su capacidad para mostrarse competente, comunicativamente, ante las situaciones más diversas e imprevistas y en las que está llamado a conseguir la persuasión de su auditorio.

Por nuestra parte, y dadas las cuestiones adelantadas hasta el momento sobre la recuperación del papel social, y en consecuencia pedagógico, de la Retórica y, por otro lado, las patentes muestras de atención sobre las necesidades comunicativas que se conciben en relación con la actividad empresarial, en lo que sigue, vamos a proceder a la reconciliación de estos dos puntos, con el fin más inmediato de esbozar nuestro propio modo de plantear esta modalidad de la Retórica, concretada en la Retórica empresarial y, en consecuencia, trazar una propuesta formativa que pretendemos orientada a sus dominios.

De esta forma, en una primera parte de este estudio, nos plantearemos ¿Qué se puede hacer ante esta situación de evidentes necesidades comunicativas en la empresa?. Habiéndole dado una respuesta concreta a este interrogante, siempre teniendo en cuenta nuestra formación como lingüistas y nuestra concepción de

la Retórica como ciencia más adaptable a este tipo de situaciones, pasaremos a formular las diversas posibilidades de aplicación que una propuesta como la nuestra podría tener. Entre todas las posibilidades planteadas, nosotros escogeremos la que nos parezca más oportuna. Éste será, por consiguiente, el segundo punto en el que quedará dividida nuestra presentación.

En un tercer apartado de este estudio, y antes de concretar las conclusiones, nos detendremos en definir cuáles han de ser los principales objetivos o finalidades que ha de satisfacer dicha propuesta de formación, considerando que el planteamiento de esta cuestión ha de tomarse como paso previo e imprescindible para la elaboración de cualquier formulación instructiva como, en este caso, la orientada a la habilitación comunicativa de unos profesionales en concreto como son los pertenecientes a la empresa.

1. ¿Qué hacer ante las carencias comunicativas del entorno empresarial?

Con la formulación de este interrogante lo que pretendemos es trazar un programa de actuación ante las evidentes necesidades comunicativas que se dan en el entorno empresarial, actualmente.

Para ello, lo primero que nos planteamos es delimitar todo lo relativo a quién ha de ser el profesional capacitado para desarrollar esta actividad formativa, es decir, qué formación se le habría de exigir a la persona encargada de instaurar y llevar a cabo un programa de formación comunicativa como el que nos proponemos.

De esta forma, y dada nuestra formación académica, no cabe duda de que pensemos, en primer lugar, en el lingüista como profesional más adecuado para la actividad formativa que estamos tratando. Con esta propuesta de intervención lo que queremos hacer notar, además, es la necesidad de que se le reconozca en el seno de ámbitos que requieren de su implicación profesional como es, en este caso, el empresarial en su acepción pedagógica o de formación en habilidades comunicativas.

En realidad, la desvinculación que el lingüista viene sufriendo de sectores tan activos y pragmáticos como son los relativos a la práctica comunicativa corre en paralelo con una concepción de la Lingüística restringida a aspectos propiamente gramaticales, herencia inexorable de planteamientos teóricos de raigambre, fundamentalmente, estructuralistas. No obstante, la nueva trayectoria que está recibiendo esta disciplina en los últimos años, que, de alguna manera, la está situando más cercana al tratamiento de la realidad comunicativa, tal y como ocurre, por ejemplo, con la teoría desarrollada en torno a la Lingüística Textual o la Pragmática, pretende que la presencia del lingüista no quede sepultada por la marabunta procedente de otros profesionales que, más avisados que los lingüistas, han sido los que han ocupado ciertas posiciones que reconocemos del dominio de éstos¹.

¹ López García en su artículo “Sobre las zozobras de la lingüística en España” pone en evidencia la escasa presencia de los lingüistas en entornos pragmáticos en los que ésta es requerida. Esta situación queda descrita y, de algún modo, justificada por el autor de la siguiente manera:

De hecho, en un trabajo de campo que estamos desarrollando en la Universidad de Murcia, en concreto en el Departamento de Lengua Española, Lingüística General y Traducción e Interpretación, sobre el modo de asumir y presentar la comunicación empresarial en ciertas empresas próximas a nosotros, cuando se les plantea a sus directivos quién cree que habría de ser el profesional encargado para llevar a cabo un plan de formación comunicativa, descubrimos una gran vacilación en sus respuestas, valorando sobre todo sectores como son, por un lado, los profesionales del mundo de la política, periodistas, publicitarios, etc. que se servirían de su propia experiencia profesional para realizar un programa de formación comunicativa; asimismo, así como otros empresarios que siguen en activo en el sector y que trazarían su propuesta formativa a partir de sus propias estrategias comunicativas. Por último, aparecen como mayoritariamente reconocidos, los psicólogos.

Al hilo de estas respuestas, hemos de advertir que, aunque desde nuestro punto de vista, es clara la participación del lingüista en el momento de instruir en habilidades comunicativas a, en este caso, los profesionales de la empresa, admitimos que este profesional no puede prescindir de otros aportes disciplinarios como pueden ser los procedentes, fundamentalmente, del ámbito de la Psicología. Así, y en relación con este último apunte que hemos realizado, consideramos que la Retórica, advertida su actualización hoy día como ciencia inter y multidisciplinar y, por ende, flexible y abierta a la aportación de cualquier otra ciencia, se formula como la disciplina más apropiada para una propuesta de formación en habilidades comunicativas especialmente dirigida a los profesionales de la empresa, de manera que sus principios teóricos podrían quedar cumplimentados y enriquecidos por ciertas aportaciones procedentes de la Psicología. De hecho, la persuasión, finalidad fundamental de todo discurso retórico, implica, como sabemos, la atención hacia cuestiones de tipo irracional y, en consecuencia, pertenecientes a este último ámbito citado.

Finalizamos, por lo tanto, este apartado, llegando a las conclusiones siguientes. En primer lugar, con el reconocimiento del lingüista como plenamente capacitado para instruir en habilidades comunicativas a los profesionales del entorno empresarial. Asimismo, hemos comprobado que la Retórica se traza como la disciplina más apropiada para dicha instrucción de forma que su recurso por parte del lingüista le permitirá remitirse a planteamientos de otras ciencias como la Psicología.

2. Posibilidades de aplicación de nuestra propuesta de formación

Para proceder a la puesta en práctica de la que consideramos como una metodología eficaz para habilitar comunicativamente a los profesionales de la empresa, se nos presentan múltiples y variadas posibilidades.

“...hemos renunciado a nuestras tribunas públicas (o las hemos perdido, tanto da) y nos vamos conformando poco a poco con la enseñanza, cuanto más pedagógica mejor [...]. La gente espera de nosotros aplicaciones prácticas, y, mal que nos pese, tan apenas hemos logrado ofrecerles alguna. Esto no tendría importancia si nos hubiéramos conformado con ser filólogos y con contribuir a la comprensión histórica y cultural de los textos” (A. LÓPEZ 2007: 164).

No obstante, y con la finalidad de su definición hay que tener en cuenta una serie de cuestiones previas como son, en primer lugar, cuál habría de ser el órgano promotor de este tipo de formación, es decir, si, por ejemplo, se ha de tratar de una oferta formativa que proceda de la universidad, de empresas de consultoría, de Cámaras de Comercio, o bien puede ser promovida por parte de la propia empresa con la ayuda de los profesionales que se estimen oportunos.

Dependiendo de este primer criterio, la propuesta de formación podrá adquirir forma de asignatura, taller, curso, módulo integrado en un master, manual, etc.

Desde nuestro punto de vista, la instrucción orientada a la habilitación comunicativa de los profesionales de la empresa habría de ser integrada en la formación universitaria del futuro empresario. De este modo, el discente en cuestión se instruye en habilidades comunicativas al tiempo que adquiere, o bien refuerza, ciertos conocimientos de tipo matemático o propiamente económico, formando parte ineludible, ambos dominios, de la realidad profesional hacia la que se orienta. Según esto, nuestra propuesta de formación se dispone para ser formulada, bien en forma de una asignatura completa, bien en forma de módulo de master. De hecho, como resultado de nuestra labor empírica materializada en la consulta a diversas empresas de nuestro entorno geográfico, hemos podido constatar una mayoría de partidarios de que dicha formación venga promovida por las universidades, dedicándole, como mínimo, a esta cuestión, una asignatura completa.

Asimismo, concretando más nuestra propuesta de formación, una vez que hemos establecido quién habría de ser su órgano promotor y, en consecuencia, qué forma habría de adquirir ésta, consideramos necesario que en su planteamiento se dé cabida, tanto al contenido teórico como a la correspondiente parte práctica.

Como sabemos, los citados elementos integrantes de esta propuesta pedagógica serían tenidos en cuenta por toda la tradición retórica, de manera que un rétor y orador¹ como Quintiliano los presentaría de la siguiente manera:

“la Retórica tiene su fundamento en la *práctica*, pues *realiza* en plenitud lo que es propio de su tarea [...]. Porque la Retórica existirá aun cuando el orador esté en silencio, y si éste renunciara a su actividad, bien por propia decisión, bien impedido por el azar cualquiera, no dejará de ser tan orador como médico quien pusiese fin a su práctica de curar. Pues hay un fruto – y no sé si hasta el más grande –, que brota de los estudios hechos en apartada soledad, y luego el placer puro de las ciencias, cuando tomaron distancia de la praxis, es decir, del trabajo y gozan de la contemplación de sí mismas” (M. F. Quintiliano, edición bilingüe de 1996: II, XVII, 2, 293).

¹ Desde nuestro punto de vista, la definición de rétor y su distinción del concepto de orador, sería la que haría notar Laborda de la siguiente manera:

Sabemos del aprecio grande de muchos pueblos por las palabras. De entre ellos sobresale el griego, cuna en que se halla el orador, *argoretés*, criatura de la plaza pública, y el rétor o maestro en el arte retórico de «descubrir los medios de persuadir que hay para cada cosa particular» escribe Aristóteles. El orador persuade, el rétor enseña retórica y la retórica trata de los medios de argumentación y persuasión. (X. LABORDA 1996: 31).

Y esto es así porque, en realidad, la teoría desarrollada por la Retórica surge, desde nuestro punto de vista, de un doble proceso de ejecución. De este modo, si bien en primer lugar se procede a la abstracción de la realidad comunicativa que se asume como representativa y modélica por su modo de seleccionar los contenidos, de presentarlos, de expresarlos, de memorizarlos y de acompañarlos de todos los recursos no lingüísticos considerados como apropiados a la hora de su exposición, esto se complementa con un segundo apartado que se materializa en el planteamiento de una serie de sugerencias y consejos cuya finalidad es la, futura, práctica comunicativa de aquel al que se orienta esta formación.

Teoría y práctica, pasado y futuro, por lo tanto, toman parte de una formulación pedagógica que, en este caso, nosotros proponemos con finalidad en la instrucción del profesional del ámbito empresarial.

Asimismo, y teniendo en cuenta la implicación de determinados aspectos psicológicos en el proceso comunicativo, nuestra propuesta de instrucción también se orienta a la capacitación del comunicador empresarial para emplear estrategias psicológico-comunicativas que permitan, prioritariamente, conseguir la finalidad persuasiva, al tiempo que se evitan desafortunadas consecuencias provocadas por ciertos estados internos como pueden ser el nerviosismo, la ansiedad, el estrés, etc.

3. Finalidades prioritarias de esta propuesta de formación

Una vez que hemos concretado cuestiones como: quién ha de ser el profesional encargado en la instrucción en habilidades comunicativas de los integrantes de la empresa, qué disciplina se presta como la más apropiada para tal finalidad, por quién habría de ser promovida dicha formación, adquiriendo qué forma, y cuáles son sus contenidos fundamentales, pasaremos a definir en este apartado las finalidades principales y los objetivos prioritarios que ha de perseguir dicha propuesta de formación.

Esta cuestión que, como más arriba explicábamos, habría de ser planteada de forma previa para el trazado o composición de cualquier plan instructivo-pedagógico, en este caso, y según nuestros propósitos, nos lleva a esbozar un esquema de objetivos ineludibles como el que presentamos a continuación:

- Capacitar al profesional empresarial para salir airoso y conseguir sus objetivos en cualquier situación comunicativa, prevista e imprevista, en la que pueda verse involucrado.

- Habilitar a dicho integrante de la empresa para tener la capacidad de persuadir, siendo ésta la finalidad más recurrida en la práctica comunicativa de la empresa.

- Dotar al empresario de capacidad para conseguir una exposición comunicativa que destaque por la coherencia, cohesión y fácil seguimiento de su contenido.

- Conseguir que, tanto el contenido verbal del discurso, como los recursos no verbales que lo acompañan (gestos, posturas, posiciones adoptadas por ciertas partes del cuerpo, etc), den muestras de ser naturales y no forzados o artificiales.

Los objetivos citados, considerados como los más importantes y necesarios, requieren de un planteamiento de la cuestión que supere el contenido de esos manuales de fáciles recetas y memorizables reglas que, con un planteamiento de la cuestión bastante general e indefinido, cada vez más colman las estanterías y bibliotecas de nuestro entorno más próximo. De hecho, hoy día, son muchas las críticas y repulsas que se levantan contra este tipo de prácticas bibliográficas como, por ejemplo, la que recogemos a continuación del profesor López Eire,

“La verdad es que los pseudocientíficos manuales que presuntamente enseñan a “hablar bien en público” son, salvo contadísimas excepciones, impresentables y se le caen a uno de las manos al intentar digerirlos [...]. Es una verdadera lástima que los eminentes especialistas de temas teóricos de Retórica no atiendan también con el mismo empeño a las cuestiones del lado práctico del *Arte*, de manera que, transfiriendo pedagógicamente a reglas prácticas las categorías y sistemas teóricos de la disciplina con los que ellos tan familiarizados están, consiguieran ayudar con útiles prescripciones y consejos derivados de principios científicos, a la adquisición de ese tan deseado y preciso bien que es la elocuencia” (A. López 1995: 66).

Así, para el cumplimiento de los objetivos propuestos, evitando caer en la simplicidad de una práctica comunicativa basada en este tipo de planteamientos tan rudimentarios y endebles como los que siguen los manuales definidos anteriormente, nosotros consideramos que la mejor alternativa es el recurso a la teoría retórica, teniendo en cuenta el presupuesto de garantía que se deriva de su tradición y, en consecuencia, el éxito por nosotros conocido que procede de su puesta en práctica.

4. Conclusión

En esta breve presentación que hemos realizado sobre nuestro modo de asumir y plantear la Retórica empresarial, hemos pretendido poner en evidencia algunos puntos concretos como los que vamos a enunciar a continuación.

Así, y en primer lugar, nos parece justo que atendamos al reclamo procedente de sectores empresariales con el que se pone en evidencia la necesidad de atender a las necesidades comunicativas que, hoy día, conforman una realidad en este ámbito empresarial.

De esta forma, y como plan de actuación que consideramos más apropiado ante tales llamadas de atención, nos parece que sería idónea la implicación del lingüista en tanto que profesional de la comunicación. Con esta propuesta de participación activa, pretendemos, asimismo, que comience a ser reconocida su labor y, de este modo, su importante aportación ante situaciones como la que describíamos con respecto a la empresa.

Con esta nueva misión del lingüista, que no hace sino obedecer a su propia formación, habría que tener en cuenta las posibilidades que ofrece la Retórica para conformar una propuesta de actuación que permita superar las carencias que se dan

entre los profesionales del sector empresarial. De este modo, verificaríamos que la Retórica ha reaparecido con una nueva imagen, actual, próxima y adaptable a las necesidades del momento, pero sin olvidar sus principios teóricos que la fundamentan y que hacen de ella una disciplina social, pedagógica e interdisciplinar.

De este modo, hemos querido esbozar, a partir de la experiencia recibida del contacto directo con las empresas y, por otro lado, aprovechando nuestros conocimientos sobre la teoría y tradición teórica de la Retórica, una propuesta de formación con finalidad concreta: ir orientada a la habilitación comunicativa de los profesionales de un sector de comunicación pública, la empresa.

Referencias bibliográficas

Bender, J. y Wellbery E. (1990): “Rhetoricality: On the Modernist return of Rhetoric” en *The Ends of Rhetoric. History, Theory and Practice*. Ed. John Bender y David E. Wellbery, Stanford University Press, Stanford.

Laborda, X. (1996): *Retórica interpersonal : discursos de presentación, dominio y efecto*, Octaedro, Barcelona.

López Eire, A. (1995): *Actualidad en la Retórica*, Hespérides, Salamanca.

López García, A. (2007): “Sobre las zozobras de la Lingüística en España” en *Hispanic Issues Online*, (ejemplar dedicado a Estudios Hispánicos: perspectivas internacionales), nº 2, pág: 161-168.

Quintiliano, M. F. (1996): *Obra completa. En el XIX centenario de su muerte*. Traducción y comentarios de Alfonso Ortega Carmona, ed. bilingüe latín-español. Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca. Caja de Salamanca y Soria. (tomos I-V).

Direcciones de Internet consultadas y citadas: www.barcelonactiva.com

Greimas, a Retórica e a manipulação da linguagem

Maria Luísa Malato Borralho
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
 mlmalato@gmail.com

Um dos problemas dos actuais estudiosos da Retórica é a dificuldade em encontrar interlocutores que reconheçam alguma especificidade a esta disciplina. Para muitos investigadores, a Retórica é uma referência histórica que se estende da Antiguidade ao século XIX, hoje morta ou moribunda. Para quase todos, a Retórica retomaria, sem grande vantagem epistemológica, áreas que hoje se redistribuem pela Antropologia, pela Estética, pela Estilística, pela Semiótica, pela Linguística, pelas técnicas de Marketing, pela Teoria da Comunicação ou pela Sociologia.

I. O País de Greimas: Semiótica vs. Retórica?

Não devemos por isso estranhar que Greimas, ao longo das suas variadas obras sobre o sentido do sentido, nunca refira a Retórica como fundamento teórico dos seus estudos. E, no entanto, tendo começado, nos anos 60, por delinear os fundamentos de uma nova Lexicologia, alargando progressivamente os seus interesses à Semântica e depois à Semiótica¹ –, acreditava legitimadas todas as incursões da Linguística nas áreas marginais da Antropologia, da Lógica simbólica, da Estilística e mesmo da Psicanálise². Greimas justificaria mesmo tal situação com a identidade das ciências humanas: todas teriam em comum o problema da significação do Homem e do Mundo, por oposição às ciências da natureza, debruçadas sobre o funcionamento do Homem e do Mundo. Caberia à Linguística o papel de “catalyseur méthodologique” nas questões partilhadas do significado³. Cremos que com igual vantagem se poderia usar a Retórica, também ela um tradicional “catalisador metodológico”. Mas tornou-se sobretudo evidente para nós que a Linguística greimasiana dialogava implicitamente com conceitos de persuasão retórica.

¹ Tal progressão científica reflecte-se no crescente alargamento dos seus conceitos operatórios. Da unidade-palavra e da figura lexicológica se passa ao campo semântico; do conjunto de campos semânticos ao percurso semémico, do conjunto de percursos semémicos ao percurso figurativo.

² Algirdas Julien Greimas, *Du Sens. Essais Sémiotiques*, Paris, Ed. du Seuil, 1970, p. 11.

³ Algirdas Julien Greimas, *Sémantique Structurale. Recherche de Méthode*, nouvelle édition, Paris, PUF, 1986, p. 6.

A. A Manipulação da Linguagem

Delinearemos então aqui uma possível leitura da Semântica de Greimas à luz da Retórica, e das mútuas vantagens da sua leitura em conjunto, cada uma catalizadora das potencialidades da outra. Com efeito, mais do que às questões de significado em geral, as várias obras de Greimas parecem enquadrar-se numa reflexão mais alargada sobre a manipulação da linguagem, levantando questões que sempre estiveram na definição da Retórica: a (im)possibilidade e a (i)legitimidade de ensinar a persuadir, a convencer, e vencer o outro, bem como as convergências e divergências possíveis entre persuadir, convencer e vencer. No primeiro volume de *Du Sens*, Greimas concebe até como cada vez menos utópico o advento de uma nova Semiótica Formal “qui en chercherait à rendre compte des articulations et des manipulations des contenus quelconques”¹. Sendo a Retórica tradicionalmente definida como uma ciência/ técnica de bem argumentar – como um emprego de procedimentos enfáticos visando a persuasão, ou seja, o domínio de um ponto de vista sobre os restantes -, não andaria longe dela tal Semiótica Formal.

B. A Dramatização da Linguagem

Até por causa destes “contenus quelconques”, se deveria perspectivar o uso das reflexões que a Retórica acumulou ao longo dos séculos. Na verdade, partindo inicialmente da Lexicologia e das unidades verbais, Greimas interessar-se-ia cada vez mais pelas formas não-verbais da linguagem, a dramatização do discurso, consideradas na Retórica pela Acção (*Actio* ou *Hipocrisis*). A palavra “função”, usada para os sistemas actanciais, remete desde logo para esse universo dramático, já estudado por Souriau². O facto de, para Greimas, os significantes visados poderem ser, não só auditivos e visuais (v.g., os que existem na linguagem verbal, ou na mímica ou na gesticulação), como até tácteis (os existentes na linguagem dos cegos, ou nas carícias), justificaria a progressiva aproximação de Greimas à Semiótica. Greimas concebe mesmo a possibilidade de tratar o gesto como uma linguagem articulada, onde fosse possível detectar uma Gramática e um desvio estilístico a essa Gramática.³

C. A desvalorização da intencionalidade

Outro factor de proximidade possível entre a Retórica e a Semiótica é a comum desvalorização da intencionalidade do produtor do acto linguístico. Recusando, neste aspecto, a perspectiva freudiana, Greimas sublinha que, do ponto de vista da Linguística, não deve ser pertinente a distinção entre mensagem consciente ou inconsciente. O que interessaria, e nisto se aproximaria a Semiótica da Retórica, é

¹ Algirdas Julien Greimas, *Du Sens. Essais Sémiotiques*, p. 17.

² Etienne Souriau, *Les deux cent mille situations dramatiques*, Paris, Flammarion, [1950].

³ Algirdas Julien Greimas, *Du Sens. Essais Sémiotiques*, p. 59-60.

o que se torna possível ler num acto linguístico. Interessa saber o que é que o texto significa para o leitor, de que é que o texto o persuade. Mas não, necessariamente, o que é que o autor e o texto nos querem dizer.

D. O hexâmetro do Desejo

Por último, parece-nos evidente a aproximação entre os elementos tópicos delineados por Quintiliano (*Quis/ Quem? Quid/ O quê? Ubi/ Onde? Cur/ Porquê? Quomodo/ De que modo? Quando/ Quando?*) e o sistema actancial de Greimas. Embora seja artificial uma correspondência comunicacional generalizada, não deixa de ser significativo que ambos os sistemas partam duma função apelativa, a da persuasão ou a do Desejo do Poder sobre algo ou alguém. Numa situação retórica, X (*Quis*) quer Y (*Quid*). Ou, na terminologia de Greimas: num Enunciado funcional (F) do Programa Narrativo (PN), o primeiro eixo potencial será o do Sujeito (S) que deseja e procura obter o Objecto (O):

PN: F (S) \Rightarrow [(S V O) (S \rightarrow O)]

Com efeito, neste micro-universo, seriam também reproduzíveis as relações entre a função apelativa da Retórica e a fase de Manipulação do esquema actancial:

- a) Motivando ou identificando o Porquê (*Cur*) do desejo está o eixo do Destinator (força persuasiva) e o Destinatário (força beneficiada).
- b) O Modo (*Quomodo*) responde ao eixo das Competências.
- c) O Onde (*Ubi*) e o Quando (*Quando*) estabelecem os parâmetros da acção transformadora do Sujeito, surgindo os Adjuvantes e os Oponentes como “atributos modais” do Sujeito, em determinado cruzamento de Espaço e Tempo, “tímicos”, no sentido de geradores de uma energia transformadora do Sujeito¹.

No fundo, o Génesis é a origem de todas as histórias da Humanidade, e de todos os intentos de persuasão, facto recordado por Greimas com uma canção de *Les Parapluies de Cherbourg*:

Un homme, une femme
*Une pomme, un drame.*²

¹ Sobre o conceito de “Thymus”, em Greimas, cf. Algirdas Julien Greimas – *Du Sens II. Essais Sémiotiques*, Paris, Ed. du Seuil, 1983, v.g., p. 91. Sob muitos sentidos, deve realçar-se aqui a ligação deste conceito ao de *Psyché*/ vulgarmente traduzido por Alma. A *Psyché*., sobretudo na visão de Aristóteles, une dois ângulos de definição: o movimento (*Kinesis*) e a percepção (*Aisthesis*). “A *psyché* homérica estava intimamente ligada ao movimento pelo facto de a sua partida transformar o agregado de membros animados que era o “corpo” do herói num *soma* ou cadáver sem movimento. O *thymos* também está ligado ao movimento, num sentido mais tarde explorado por Aristóteles; são os impulsos do *thymos* que impelem o herói à actividade” (F. E. PETERS, *Termos Filosóficos Gregos. Um léxico histórico*, pref. Miguel Baptista Pereira, Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1977, p. 199).

² Algirdas Julien Greimas – *Sémantique Structurale*, p. 177. De realçar a fixação de Greimas pelo número 6, comum ao hexâmetro de Quintiliano. A razão por ele avançada, porém, teria a ver com

E. *Humilitas*/ Humildade e *Credibilitas*/ Credibilidade

Neste começo de todas as histórias, é de toda a conveniência que o Sujeito esteja nu, despido do que não interessa, como no Paraíso, de alguma maneira. Também em todas as histórias existe um Paraíso perdido, em que o Sujeito, até então protegido pelos progenitores ou pela natureza, se dá conta da sua íntima fragilidade: de não ter roupas. Só então se encontra disponível para a transformação, por não conseguir (não poder ou não querer) permanecer na situação inicial. Por isso é que quase todos os heróis dos contos populares são filhos terceiros, filhos órfãos, ou filhos bastardos: não herdam o poder de uma forma tranquila. Não podem, não querem, ou não devem herdar, segundo a ordem vigente, não sendo aqui importante distinguir se podem, se querem, ou se devem herdar esse poder. Interessa somente que fiquem despidos, que pouco ou nada recebam, e que a sua demanda seja feita à sua custa, e não à custa do que podiam, queriam, ou deviam receber. Expulsos do Paraíso, para sobreviver, têm de aceitar a mudança, a transformação, saber o que valem por si, definir-se. Só então este Sujeito pode escutar o Destinador, se o primeiro Destinador não for, desde logo, quem lhe dá a ordem de partir.

Greimas sublinhará sempre a importância da Manipulação do Desejo ou do Poder. A Manipulação é a primeira das fases do PN. É a persuasão que acciona o PN, a Demanda: através de variantes como a ameaça, a ordem, a provocação, a sugestão, a sedução... É nesta fase da Manipulação que se situa, comumente, o contrato fiduciário inicial, o acordo explícito ou tácito sobre o valor do Objecto que o Sujeito deve visar¹.

À fase da Manipulação do Destinador, se seguiria a da (im)possibilidade de Competências do Sujeito, uma Imanência do Ser e do Saber. Por isso as Competências só se tornam verificáveis através da dimensão pragmática (Fazer). Ou seja, através das Provas/ *Performances*, a Imanência do Ser transforma-se em Manifestação do Parecer, enquanto a Imanência do Saber exige a Manifestação da Crença.

F. Euforia e Disforia

A questão da Manipulação do Sujeito não pode ser, como verificamos, uniformemente eufórica ou disfórica.

a) A fragilidade do Sujeito não é somente o começo de uma Aventura, mas

uma característica da mente humana, que só poderia inter-relacionar, memorizar e “vivenciar” um limitado número de elementos, seis, segundo Brøndal (*Ibidem*, p. 127 e p. 131). Seis ou Sete? Segundo George Armitage Miller (1956), citado por Beaugrande e Dressler (http://www.beaugrande.com/introduction_to_text_linguistics.htm), só se trabalhariam até sete itens ao mesmo tempo, naquele que é aqui chamado o nosso “workspace”. Para este texto nos chamou a atenção o artigo de Françoise Bacquellaine, *Em busca de coesão e coerência: “Vivaldi reencontrado”*, in “Actas do Colóquio ‘O Fascínio da Linguagem’”, em homenagem a Fernanda Irene Fonseca”, no prelo.

¹ Cf. Groupe d’Entrevernes, *Analyse Sémiotique des Textes. Introduction-Théorie-Pratique*, 5.ème ed., Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 1985, p. 63.

também de algumas Desventuras. Só depois da fragilidade o Sujeito se deixaria manipular. Mas de uma forma ambigualmente interesseira: para encontrar uma nova força, passou a ser do seu interesse ser manipulado.

b) O Destinator, força actante que se pode confundir com os Adjuvantes ou os Opositores, pode revelar-se ainda, durante as várias fases da demanda, um traidor. Amparando o Sujeito, amesquinha-o, opondo-se-lhe, criará o Herói.

c) o Sujeito descobre-se, é certo, mas quase sempre através da insuficiência (de competências, por exemplo) ou do sofrimento (nas provas de combate).

G. As sequências lógicas e universais

Manipulação do Sujeito, primeiro. Depois, a afirmação das suas Competências iminentes. A terceira fase reside na(s) Prova(s). Terminando a Demanda com a Sanção (prémio ou castigo).

No final, fecha-se o círculo lógico, argumentativo: todas as premissas da Manipulação seriam reapreciadas pelo mesmo ou por outro Destinator, e premiadas ou castigadas com a apropriação/dom ou privação/renúncia do Objecto, pressupondo a conclusão uma nova ordem legitimada. As 4 fases (Manipulação, Competência, Provas e Sanção) teriam assim, segundo Greimas, uma lógica sequencial, “universal” e “abstracta”, embora nem todas as fases tenham de estar obrigatoriamente presentes em cada PN. Por outro lado, o sistema actancial da Demanda desenvolver-se-ia em fases de expansão da primeira estrutura (Sujeito/ Objecto).

Sujeito (S) e a busca do Objecto (O)	eixo do Querer/ Desejo
Destinator de S define-lhe o Destinatário	eixo do Saber/ Conhecimento
Adjuvante/Opositor de S (a)condiciona-o	eixo do Poder/ Autoridade

H. O Desejo/ *Pathos*, o Saber/ *Logos* e a legitimidade do Poder/ *Ethos*

Poder-se-ia relacionar tal esquema com o que Aristóteles traça para o acto retórico. O primeiro eixo é do domínio do *Pathos*, do sentimento. O segundo do *Logos*, da Razão. O terceiro do *Ethos*, da credibilidade do carácter do orador. Não nos iludamos, porém, em ambos os casos, com quadros tão simples. Aristóteles multiplicará os factores de ponderação de cada um destes elementos¹. E Greimas será o primeiro a alertar-nos para a complexidade dos esquemas actanciais. Só a título de exemplo:

a) qualquer actante pode ser preenchido por várias personagens/ actores, e qualquer personagem/ actor, ainda quando Sujeito Operativo, pode acumular em si vários actantes, inclusive o de seu próprio manipulador ou Destinator;

b) o acordo que existe sobre o valor do Objecto desejado (o contrato fiduciário,

¹ Aristóteles, *Retórica*, 1359a (pref., co-trad. Manuel Alexandre Júnior, Lisboa, IN-CM, 2005, pp. 105-106).

entre o Sujeito, o Destinator e por vezes o Destinatário) pode a qualquer momento ser alterado ou contestado por qualquer parte em acordo ou em confronto, devendo então ser reconsiderado o sentido da Demanda.

c) todo o PN (Programa Narrativo) pressupõe a possibilidade de um anti-PN, em que o Objecto adquirido por um Sujeito pode ser Objecto perdido para outro Actante, igualmente Sujeito Operativo;

d) A narrativa raramente é formada por um PN, mas mais frequentemente por uma hierarquia de vários PN, com diferentes actantes, estruturada segundo o domínio hipotáxico (subordinação) ou a contraposição paratáxica (coordenação)...

I. Verosimilhança e Verdade

A Retórica só é, segundo Aristóteles, aplicada ao demonstrável, excluindo-se dos discursos de pura credulidade, de pura autoridade, ou de pura constatação. Não se poderia discutir a intenção dos deuses, o respeito pelos progenitores ou a brancura da neve. Daí a necessidade de distinguir entre o discurso da Verdade e o Discurso da Verosimilhança, o que nos é apresentado como verdadeiro sem necessariamente o ser. Neste contexto, a Retórica poderia ser utilizada em quase todas as situações de linguagem, já que são raras as situações de pura credulidade, de pura autoridade, ou de pura constatação. Greimas, a esse propósito, conceberia a prévia existência de um Contrato de Veracidade/ Veridicção (“un Contrat de Véridiction”), pressuposto em qualquer acto de linguagem¹. Ele seria o pacto inicial entre o emissor e o receptor, o autor e o leitor, onde estaria bem estabelecida a distinção entre o discurso verosímil e o discurso verídico. Tal distinção seria tão indispensável para possibilitar a Retórica como para sustentar qualquer comunicação de significados, ou seja, a colocação de significados em comum.

Ora tal contrato anima e vicia (simultaneamente) toda a comunicação do(s) sentido(s). E é, na prática, um contrato inválido, porque se baseia numa projecção da realidade, numa convenção, e nunca na realidade:

– O verosímil pode não ser o verdadeiro, mas somente aquilo que achamos normal ser verdadeiro e que, somente por isso, sancionamos como verídico (Manifestação da Verdade);

– O verosímil resulta de um relativismo cultural de que o próprio falante/ produtor de discurso não pode ter consciência. A não ser que consiga sair de si próprio e da sua comunidade falante. Contestar o que é apresentado como Verdade sendo unicamente Verosímil, exige distanciamento do Sujeito face a um grupo, muitas vezes não sem um certo ressentimento mútuo (o Sujeito que é tomado por Traidor ou o Grupo que é tomada por Opressor)². O conhecimento da História é uma forma de distanciamento no Tempo. A Viagem é uma forma de distanciamento no Espaço. Quer a História, quer a Viagem (e, por maioria de razão, as viagens no

¹ Algirdas Julien Greimas, *Du Sens II. Essais Sémiotiques*, Paris, Ed. du Seuil, 1983, p. 103 ss..

² Michel Meyer, *Questões de Retórica : linguagem, razão e sedução*, Lx.: Edições 70, 1998, p. 150.

tempo) são privilegiadas formas de aprendizagem.

– A declaração do verosímil é exclusivamente detida pelo mundo dos adultos. As crianças não só não têm capacidade para o declarar (a psicologia infantil comprova a sua incapacidade para distinguir, até certa idade, a realidade do jogo), como têm de ser sujeitas a um processo de aprendizagem, concebido pelos adultos.

Como Greimas afirma, toda a concepção de Verosimilhança resultaria, assim, de uma relação de poder sobre a linguagem, em que se encontrariam pré-estabelecidos os discursos discutíveis e os não discutíveis. E todas as sociedades lidariam com esse contrato, considerando o seu vício interno:

– excluirião, em geral, os discursos normativos e os abstractos/científicos da discussão de verosimilhança;

– permitiriam ao discurso figurativo (narrativo, em geral, ou literário, em particular) a exploração das suas arbitrariedades;

– baseariam grande parte dos seus discursos em ideias feitas e em redundâncias.

A obra de Aristóteles forneceria, com estas mesmas premissas, algumas reflexões interessantes, sobre os discursos políticos e literários:

– fazendo o elogio da Retórica e consolidando o papel da Lógica (tentame de distinguir os argumentos legítimos dos ilegítimos), toda a linguagem abusivamente autoritária, face a um receptor instruído sobre as suas armadilhas, terá mais dificuldade em disfarçar as suas armadilhas;

– autonomizando a Poesia e valorizando-a face à História, a Poesia surge, em Aristóteles, como um tipo de discurso alternativo, que faz das fraquezas da linguagem a sua força, que cria (*Poésis*), imitando (*Mimésis*). A Poesia/ a Literatura usa e manipula o mito como revelação de verdades mais universais que as verificadas na realidade (o particular da História).

– lançando as bases de uma Sociolinguística ou de uma Semiótica conotativa. É unicamente nesse sentido que a *Retórica*, de Aristóteles, demoradamente descreve os jovens como entusiasmados e insequentes, os velhos como ressentidos e sabedores, os ricos ou os pobres como, por razões opostas, ambiciosos e egotistas. Ou que a sua *Poética* termina com uma série de conselhos, aparentemente normativos, aos jovens dramaturgos. Aristóteles descreve, em ambos os casos, não a Verdade, mas o que mais facilmente se crê verdadeiro (o “Verosímil fantástico”, na expressão de Platão).

J. Fantasia e Mentira

É interessante que Greimas, passando aparentemente à margem da obra aristotélica, se ocupe da ligação entre o mito e a sociologia do senso comum¹. Ou que caracterize a Poesia (e o mito) como “a produção dos efeitos de sentidos de

¹ Algirdas Julien Greimas, *Du Sens. Essais Sémiotiques*, p. 102.

verdade, profunda e/ou sagrada”¹. Num caso como noutro, Greimas coloca como fundamentais para a Semiótica as questões que desde sempre moveram a Retórica (quer para os seus defensores, quer para os seus delatores). Ou seja:

– do ponto de vista do produtor: como mentimos? Como dissimulamos os nossos segredos?

– do ponto de vista do receptor: em que condições aceitamos como verdadeiros os discursos que nos dizem verdadeiros? Como decifrar a mentira ou a impostura? Ou (questão ainda mais complexa e própria do discurso modelizante secundário, na aceção de Lotman), como é que os aceitamos, lendo neles “verdades profundas” por nelas pressentirmos “les choses qui se cachent derrière les choses”²?

Certas sociedades (ditas primitivas), não teriam bem estabelecidas as regras deste pacto, tornando-se a sua interpretação mais complexa: alguns povos africanos classificariam como verdadeiras as histórias míticas e as histórias verídicas como anedóticas, “histoires pour rire”. Curiosamente, e nisso dele discordamos, Greimas identifica a modernidade ocidental com uma crise de veracidade/ veridicção, “véridiction”, em que uma geral descrença quanto aos sentidos transformaria todas as questões de veracidade em questões de crença (Meyer falaria de substituição da Credibilidade pela Credulidade³). O texto, não podendo ser acreditado como verdadeiro, procuraria somente ser eficaz. E o metatexto, qualquer discurso sobre os sentidos do texto, tornar-se-ia, nessa medida, ineficaz:

“la société d’incroyance se laisse submerger par des vagues d’incrédulité, se laisse prendre par des discours politiques, didactiques, publicitaires et le savoir acquis sur les pièges du savoir est un antidote absolument inefficace.”⁴

L. Retórica Negra / Semiótica Negra vs. Retórica Branca / Semiótica Branca

E, no entanto, excluindo-se a solução física do combate, só podemos combater com a linguagem a ineficácia da linguagem. O problema, para a Retórica, como sabemos, é bem antigo. O conhecimento do funcionamento da linguagem é uma arma. E, como todas as armas, pode ser empunhada pelo Herói. Tal como pode cair na mão dos bandidos. Existiria assim uma Retórica Branca e uma Retórica Negra, por paralelismo com a Alquimia: ambas usariam a mesma técnica. Greimas descobri-lo-á, enquanto “semiólogo”:

«Pour le sémioticien, tantôt inquiet de l’usage idéologique qu’on fait de l’objet de ses recherches, tantôt satisfait de constater qu’elles servent tout de même à quelque chose, mensonge et vérité c’est tout un. [...] Tout au plus peut-il ajouter

¹ *Ibidem*, p. 101.

² *Ibidem*, p. 105.

³ Michel Meyer, *Questões de Retórica : linguagem, razão e sedução*, Lx.: Edições 70, 1998, p. 147.

⁴ Algirdas Julien Greimas, *Du Sens II. Essais Sémiotiques*, p. 112.

– comme le sociologue publicitaire qui promet la vente des savonnettes – qu’en décrivant et en objectivant les processus de transcodage, il forge éventuellement une arme de l’avenir qui, comme toutes les armes, peut tomber entre les mains du traître aussi bien qu’entre celles du héros. Il retiendra, comme première, une autre constatation: parce que la langue naturelle n’est jamais dénotative mais multiplane, vivre sous la menace constante de la métaphore est un état normal, une condition de la «condition humaine»¹

A novel Semiótica e a ancestral Retórica confundem-se também neste simultâneo ponto de partida e chegada: como para o Uroborus dos alquimistas, todo o controlo da Manipulação passará necessariamente pelo Conhecimento e Reconhecimento dessa mesma Manipulação. Fatal destino, a que nenhum humano poderá escapar. Perceber o significado do Homem e do Mundo é, em último caso, somente um remédio paliativo:

“a retórica é útil porque a verdade e a justiça são por natureza mais fortes que os seus contrários. De sorte que, se os juízos se não fizerem como convém, a verdade e a justiça serão necessariamente vencidas pelos seus contrários, e isso é digno de censura. Além disso, nem mesmo que tivéssemos a ciência mais exacta nos seria fácil persuadir com ela certos auditórios. [...] É pois evidente que a retórica não pertence a nenhum género particular e definido, antes se assemelha à dialéctica. É também evidente que ela é útil e que a sua função não é persuadir mas discernir os meios de persuasão mais pertinentes a cada caso, tal como acontece em todas as outras artes; de facto, não é função da medicina dar saúde ao doente, mas avançar o mais possível na direcção da cura, pois também se pode cuidar bem dos que já não estão em condições de recuperar a saúde.”²

Reconheçamo-lo: por vezes, um remédio único e amargo para quem, parafraseando um verso de Pessoa, precisa “de verdade e de aspirina”.

¹ Algirdas Julien Greimas, *Du Sens. Essais Sémiotiques*, pp. 13-14.

² Aristóteles, *Retórica*, 1355a e b (introd., co-trad. Manuel Alexandre Júnior, Lisboa, IN-CM, 2005, pp. 93-94).



Títulos de primeira página: a informação como segunda premissa

Regina Gouveia
*Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico da Guarda*

A liberdade de falar e decidir, de escolher e consumir terá desencadeado o ressurgimento da retórica. É certo que o sistema democrático foi o contexto em que a arte da oratória encontrou condições para um efectivo renascer, mas ninguém poderá igualmente negar a relação particular entre uma nova retórica, argumentativa, e o marketing, incluindo o político, só possível em sociedades pluralistas.

Na retórica, como no marketing, o que está em causa não são raciocínios necessários nem tão pouco arbitrários, mas a adesão ao razoável, construído a partir do que já é aceite. Aspiram a persuadir, explorando as opiniões existentes, para o que lhes é imprescindível o conhecimento dos seus públicos. Centram-se não só em escolher bons argumentos, fundados em lugares comuns, mas também em os apresentar da melhor forma, organizando eficazmente as mensagens. A realidade de que tentam convencer é a sensível ao homem, logo, aparente, jogando habilmente com os pensamentos, sensações e sentimentos, ou seja, influenciando as percepções.

Os *media*, enquanto mediadores das elites políticas, constituem-se como agentes e instrumentos de um marketing que visa a conquista ou manutenção de poder político-social. Simultaneamente, ou não, têm os *media* que garantir a prossecução do seu próprio marketing, lutando por quotas de participação no mercado. Seja para o governar ou para vender mais, não se limitam a informar, porque a objectividade absoluta lhes é impossível, já se sabe, mas, sobretudo, por visarem obter a adesão dos seus públicos. «Moldam o modo como vemos o mundo, os aspectos da realidade sobre a qual informam e colocam nos argumentos»¹. A informação tem de «fazer saber», mas, também, «fazer crer», ou seja, persuadir os destinatários, em primeiro lugar, de que aquilo que se diz é verdadeiro. Se, em termos políticos, estes objectivos devem traduzir-se num «fazer dizer», em opinião favorável, já ao nível comercial é necessário que consiga «fazer agir», no sentido de levar à compra do jornal. Alvos de estratégias intencionais, os destinatários contam, de qualquer modo, como consumidores, de produtos e de mensagens.

Tal como a embalagem, também a 1.ª página de um periódico assume crucial importância na sua venda, tanto mais em livre serviço. Contribui para atrair o olhar dos potenciais clientes e para suscitar neles o desejo de compra, assegurando

¹ Philippe Breton, *A Argumentação na Comunicação*, p. 27.

igualmente a sua identificação ou reconhecimento enquanto produto (jornal X). Este papel de «ardina silencioso» reside em muito no «dizer», em elementos plásticos, mormente destaques ao nível das cores, formas, composição e dimensões, mas também no «dito», ou seja, nos argumentos adiantados. Conteúdo e forma cumprem objectivos fundamentais, como o de influenciar ou orientar pensamentos e modos de ver a realidade, o de apaziguar ou exaltar emoções e, mesmo, o de dirigir acções¹ (em que se inclui a compra, mas não só).

Os títulos de 1.ª página salientam-se pelo seu acrescido potencial persuasivo, logo porque devem vender o jornal, mas não só. Ainda que condensados em expressões mínimas, transcendem muitas vezes o enquadramento (títulos referenciais), a transcrição de frases ou a síntese dos artigos (títulos informacionais). Além de designarem (os primeiros) e significarem (os segundos), constituem já eles argumentos fundados e fundadores em/de consonância ou acordo social. Não revelam apenas informação sobre o jornal (meta-informação) e a realidade, mas veiculam argumentos que, baseados no real, no normal e no preferível, visam submeter o público a determinada interpretação, a certas conclusões sobre o acontecido, às relações deste com os seus autores, outros indivíduos e outras acções.

Sendo o tema deste Encontro *A Retórica e a Comunicação Pública e Política*, propomo-nos analisar títulos de 1.ª página, sobretudo informacionais, directa ou indirectamente relacionados com a nossa elite governamental. Sem preocupações de observação e análise sistemáticas, seleccionámos exemplos particularmente ilustrativos, porque mais evidentes, do *Correio da Manhã* e do *Público*², relativos ao mês de Agosto do ano transacto³. Basear-nos-emos em Chaim Perelman⁴ na nossa tentativa de convencer (não de demonstrar) do papel persuasivo de que os títulos de capa são protagonistas.

Consonância. Entre o real, o normal e o preferível

Como atrás adiantámos, os *media*, e as elites a eles ligadas, adaptam-se aos públicos (reais/potenciais) como qualquer orador em relação ao auditório, entendido como «conjunto daqueles que quer influenciar pela sua argumentação»⁵. Esta adaptação consiste essencialmente em «só poder[em]escolher como ponto de

¹ Cf. Chaïm Perelman, *O Império Retórico: Retórica e Argumentação*, p. 172.

² Seleccionámos estes diários por pretendermos contemplar títulos mais representativos da imprensa sensacionalista e referencial, se bem que estejam cada vez mais esbatidas as fronteiras entre uma e a outra. Estes registaram os níveis mais elevados de circulação nos anos 2000 e 2005 (em primeiro lugar o *Correio da Manhã* e em terceiro o *Público*). Cf. Marktteste – Bareme Imprensa, in Gustavo Cardoso (coord.), *Anuário da Comunicação 2005-2006*, Observatório da Imprensa, Lisboa, Abril de 2007, p. 131, acedido em <http://www.obercom.pt> (Janeiro/2008).

³ Não sendo para nós relevante o *timing*, aproveitámos material já recolhido para um outro estudo.

⁴ Autor de uma vasta e variada obra, a ele se deve a reabilitação da retórica. Cf. Perelman, *op. cit.*, p. 5 («Introdução à tradução portuguesa»).

⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 33.

partida do raciocínio teses admitidas por aqueles a quem se dirige[m]»¹. É a adesão a tais premissas, no mínimo suficiente², que intentam transferir, pela argumentação, para as conclusões a que visam submeter os destinatários. Ainda que os *media* privilegiem o excesso, a inversão e a falha³, a anormalidade focada assenta em acordos sobre o que é normal ou preferível acontecer.

A natureza contingente e histórica da política e dos políticos é camuflada pelos *media* mediante um processo de naturalização que consiste em os colocar como figuras num «xadrez» presidido por regras, posicionamentos e configurações socialmente estabelecidos (estrutura política). Os discursos e acções (formas políticas) que os governantes vão produzindo durante as «jogadas» são, pois, contingenciais e históricos, porque o essencial é a estrutura de sentido em que assentam, e diferenciais, porque cada fala ou acção, e, mesmo, o seu actor, significa isto ou aquilo consoante o lugar que ocupa no tabuleiro da política, mediante as suas relações, de semelhança e de dissociação, com as outras «peças».

Os *media* actuam em salvaguarda do poder político, numa modalidade disciplinar e policial que assegura uma estrutura comum de sentido em que a realidade tende cada vez mais a não se distinguir da sua representação⁴. Mas a aposta na consonância, ao basearem os discursos em objectos de acordo que incidem sobre o real ou o normal (factos, verdades e presunções) e sobre o preferível (valores, hierarquias e lugares) preserva igualmente a sua aceitação, mais fácil e certa, como fontes. Os receptores evitam, em princípio, a exposição a mensagens dissonantes e, se confrontados com elas, podem preferir reconsiderar o jornal que as veicula (considerando-o menos aceitável ou credível) a mudar de opinião ou atitude.

O acordo conseguido a partir de factos ou verdades, por constituir «apenas uma reacção subjectiva a algo que se impõe a todos»⁵, desde que não sejam questionados ou contestados, não se nos afigura como o mais interessante de analisar. Também porque, como veremos a seguir, a informação factual serve para ancorar ao real presente premissas comumente aceites, baseadas no real, registado ou presumido (no normal) ou no preferível, cuja adesão se intenta transpor para as conclusões sugeridas, implícita ou explicitamente.

Já o convencimento sustentado em presunções ligadas à experiência colectiva, ao senso comum, por não terem uma associação tão directa ao real, mas ao normal (real presumido), por isso, sem o mesmo tipo de garantia, suscitam o nosso interesse quanto ao modo como fundam convicções da ordem do razoável. Perelman, em colaboração com Lucie Olbrechts-Tyteca, especificou as seguintes presunções de ordem geral ou de uso corrente: «a presunção de que a qualidade de

¹ *Id.*, *ibid.*, p. 41.

² Para Perelman, «um discurso convincente é aquele cujas premissas e cujos argumentos são universalizáveis, isto é, aceitáveis, em princípio, por todos os membros do auditório universal». *Id.*, *ibid.*, p. 37.

³ Critérios subjacentes ao acontecimento noticiado, segundo Adriano Duarte Rodrigues.

⁴ Cf. Adriano Duarte Rodrigues, *Estratégias da Comunicação*, pp. 168-171.

⁵ Chaïm Perelman, *op. cit.*, p. 43.

um acto manifesta a da pessoa que o praticou; a presunção de credulidade natural, que faz com que o nosso primeiro movimento seja acolher como verdadeiro o que nos dizem e que é admitida enquanto e na medida em que não tivermos motivo para desconfiar; a presunção de interesse, segundo a qual concluímos que todo o enunciado levado ao nosso conhecimento supostamente nos interessa; a presunção referente ao carácter sensato de toda a acção humana»¹.

Muitos dos títulos informativos não explicitam as conclusões, nem sequer as premissas, mas surgem formulados de modo a presumirem (as premissas) e a sugerirem (as conclusões) tais elementos, fazendo apelo ao quadro de referência do auditório. É o que acontece num título como «Costa trava admissão de 466 pessoas»². Ora vejamos:

– Impedir a contratação de *mais de quatro centenas de pessoas* afigurarse-ia muito negativo, quase uma monstruosidade, mas tenderá a não ser assim interpretado, pelo facto de se poder à partida presumir a sensatez (humana) que baseou a decisão. Foi certamente porque as contas da autarquia o exigiam ou as necessidades internas de recursos não o justificavam afiguram-se como conclusões muito razoáveis.

– Há uma outra alternativa bastante plausível, sustentada não na presunção da sensatez do homem, mas na da relação entre a qualidade do acto e a do seu autor. A força ou determinação colocada no *travar* da admissão presume a força e determinação do autarca, à semelhança do seu líder (o primeiro-ministro). Costa está determinado a endireitar a autarquia, como José Sócrates está apostado em endireitar o País, evidencia-se como conclusão. Aliás, é o uso do próprio termo «travar», por não ser o mais habitual no contexto em questão, que indicia intenção argumentativa³, ou seja, coloca a expressão para além do mero constatar.

Enquanto que a sensatez humana e a correlação entre a acção e o seu agente relevam do normal, os valores, hierarquias e lugares são da ordem do preferível. Especificamente, o valor, exprimindo uma preferência, aplica-se «sempre que tenhamos de proceder a ‘uma ruptura da indiferença ou da igualdade entre as coisas, sempre que uma delas deva ser posta antes ou acima de outra, sempre que ela é julgada superior e lhe mereça ser preferida’»⁴. Valores como o «verdadeiro», o «bem», o «belo» e o «justo», enquanto indeterminados, ou seja, não aplicados a objectos concretos, constituem valores de acordo universal.

Mais uma vez, escolhemos como ilustração um título do *Correio da Manhã*: «INEM demorou uma hora para socorrer doente»⁵. Em primeiro lugar, por se basear num valor universal, o bem (ao/do doente) que se presume como premissa entre o facto apresentado e a conclusão de que nada pode justificar falhas deste tipo no

¹ Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, *Tratado da Argumentação. A Nova Retórica*, p. 79.

² *Correio da Manhã*, 11 de Agosto de 2007.

³ Cf. Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca, *op cit.*, p. 169.

⁴ Chaïm Perelman, *op. cit.*, p. 45, citando Louis Lavelle, *Traité des valeurs*, Paris, P.U.F., 1951, t.1, p. 13.

⁵ *Correio da Manhã*, 22 de Agosto de 2007.

sistema de cuidados de saúde, logo, as medidas que estiveram na origem das mesmas (o bem relativo ao doente deverá estar acima de qualquer coisa > o socorro a doentes demora ainda mais > nada pode justificar as medidas tomadas); ou, se considerarmos a premissa baseada no «justo», as medidas políticas no âmbito da saúde, penalizando os doentes, tornaram o sistema ainda mais injusto, logo, pior (um sistema de saúde injusto é mau > não é justo que sejam os doentes, os mais fracos, a «pagar a factura» dos problemas e medidas no sistema de saúde > os doentes esperam cada vez mais por socorro > o sistema está mais injusto > o sistema está pior).

O exemplo anterior pode também servir para ilustrar o uso das hierarquias, como facilmente se depreende da nossa análise, ao afirmarmos a precedência do «bem do doente» sobre qualquer outro «bem» (incluindo o dos condutores dos veículos de emergência, ou das suas famílias, posto em risco se arriscarem em velocidade excessiva para demorarem menos tempo, o dos demais condutores ou de outros elementos da via pública). Mas está-lhe também subjacente uma outra hierarquia, desta vez abstracta, da causa sobre o efeito: o determinante é a causa (as medidas governamentais para o sector), não o efeito (o atraso na prestação de socorro por parte do INEM), pelo que o governo é o culpado.

Mas qual é o papel político da imprensa ao intentar a adesão a teses conclusivas que salientam as falhas no sistema de saúde? Que objectivos prosseguem com discursos de crise como este e outros muito mais directos, tão frequentes na imprensa e nos *media* em geral? É que, como refere Adriano Duarte Rodrigues, «um dos simulacros mais eficazes e siderantes das sociedades actuais é o da crise»¹. A sua força dissuasora reside em tornar os destinatários impotentes perante realidades que se lhes afiguram de uma dimensão muito superior à sua capacidade de as discutir e combater, ou em naturalizar um estado de gravidade constante, fazendo acreditar que o reverso natural das crises são as soluções que vão surgindo sem ser necessária a sua intervenção, acabando estas por gerar outros problemas. Incapazes, também, por terem perdido a sua autonomia enquanto utilizadores da palavra crítica, de vigilância e resistência, ao terem sido convertidos em objectos da informação que, hábil e tacticamente, se sustenta em premissas de comum acordo e sugere conclusões passíveis de adesão, nomeadamente, por razões de conveniência política.

Os lugares do preferível desempenham um papel de orientação semelhante ao das presunções, na medida em que, ao invés de exprimirem uma preferência, indicam o que é preferível, como as presunções indicam o que é normal. Perelman e Olbrechts debruçaram-se apenas sobre os lugares mais gerais, que «intervêm para justificar a maior parte das nossas escolhas»², não acerca dos específicos, que «respeitam ao que é preferível em domínios particulares»³, tendo especificado: os lugares da quantidade, de que é exemplo a premissa «o que é proveitoso para a maioria é preferível ao que só aproveita uma minoria»; os lugares da qualidade, usados, nomeadamente, quando se dá «como razão para preferir algo o facto de ser

¹ Adriano Duarte Rodrigues, *op. cit.*, p. 169.

² Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca, *op. cit.*, p. 95.

³ Chaïm Perelman, *op. cit.*, p. 49.

único e raro»; os lugares de ordem, que se distinguem das hierarquias, por estas respeitarem a valores (por exemplo, a superioridade da causa sobre a consequência, como do anterior sobre o subsequente); lugares do existente, que afirmam «a superioridade do existente sobre o que é simplesmente possível»; lugares de essência, que «conferem uma superioridade aos indivíduos que melhor representam a essência do género»; e lugares da pessoa, que «implicam a superioridade do que está ligado à dignidade e à autonomia da pessoa»¹.

Analisemos, a propósito, o título do *Público* «Lucros do Euromilhões caem e afectam contas do Estado»². Uma vez que apenas uma parte dos lucros do jogo em questão entra nas contas públicas, sendo a restante destinada a projectos sociais da Santa Casa da Misericórdia, este título alimenta o «discurso siderante da crise» tendo por base um lugar da quantidade: é preferível preocuparmo-nos com um problema que atinge muitos (todos) do que poucos (alguns, os que podiam beneficiar da acção da Santa Casa). Ilustra também um lugar de ordem, da superioridade da causa sobre o efeito, já que a coordenação dos dois elementos obedece tão só a princípios de redacção. Pragmaticamente, o título expressa uma subordinação, já que deve ser entendido como «*Por causa* da queda dos lucros do Euromilhões, são afectadas as contas do Estado» ou «*Os lucros do Euromilhões caem, pelo que* são afectadas as contas do Estado»³.

Os lugares do existente são, certamente, os mais preponderantes na argumentação jornalística, particularmente do que dita a superioridade do existente, enquanto presente, em relação ao não existente, porque passado. Não encontramos na escrita da actualidade lugar do preferível mais forte do que este que sobrepõe o que existe ao que existiu, já que o presente, tempo do discurso jornalístico, «é o tempo da máxima, do adágio, ou seja, daquilo que é considerado sempre actual, jamais invalidado», o que tem «a propriedade de proporcionar mais facilmente o que chamamos ‘sentimento de presença’»⁴, logo, de existência. É ele que explica a preferência da imprensa, como da generalidade dos *media*, pelo que está a acontecer e pelo acabou de acontecer ou está prestes a acontecer, convertidos igualmente em presente, em (ainda ou já) existente. Constitui um dispositivo de argumentação que vende o jornal e os seus conteúdos, que trabalha a adesão a conclusões que servem simultaneamente o marketing comercial do meio e o marketing político das elites que exercem influência nele e através dele. Enforma destinatários sem memória e sem ambição crítica, atordoados pela quantidade de produtos e mensagens colocados à sua disposição para consumo e deleite imediatos (no presente).

Argumentação. Ligações ao real e ligações que fundam o real

Concebida como uma «nova retórica», a argumentação «cobre todo o campo do discurso que visa convencer ou persuadir, *seja qual for o auditório a que se*

¹ Chaïm Perelman, *op cit.*, p. 49.

² *Público*, 23 de Agosto de 2007.

³ Cf. Chaïm Perelman e Olbrechts-Tyteca, *op cit.*, p. 177.

⁴ *Id.*, *ibid.*, p. 181.

*dirige e a matéria a que se refere*¹. Ainda que se situe, por definição, «no lado do verosímil, da subjectividade, e a informação do lado da verdade, da objectividade»², é inevitável que os dois campos não se separem absolutamente. Convencer é sempre de algo que ou se baseia em acordos sobre um real actual, ou sobre o normal e o preferível, que derivam de um real passado. O presente como tempo verbal do jornalismo, mas também a forma afirmativa que privilegia, reforçam, pelo menos aparentemente, a sua ligação à realidade³.

Os títulos informacionais de imprensa centram-se, obviamente, na referência à actualidade, julgada genericamente como verdadeira ou factual. A clareza e a transparência socialmente associadas ao discurso informativo dos *media* não «são apenas um artifício de apresentação que nos prende à mensagem»⁴, constringendo-nos desse modo, mas asseguram também a sua leitura ingénua como discurso tão só, ou sobretudo, objectivo. Como refere Perelman, afinal, «não há verdade senão admitida – não há diferença de natureza, mas apenas de grau, entre verdade e opinião»; «uma afirmação e uma apresentação que, à primeira vista, parece objectiva e imparcial, manifesta o seu carácter, voluntária ou involuntariamente tendencioso, quando confrontada com outros testemunhos de sentido oposto»⁵. É o que intentaremos a seguir, tendo por objecto dois títulos distintos, de diferentes jornais, relativos ao mesmo facto:

Aplausos da oposição
Cavaco veta lei da GNR, Governo desdramatiza⁶
Cavaco
veta lei da GNR e castiga governo

Presidente não quer comandante da GNR equiparado a generais das Forças Armadas⁷

Ambos os exemplos se adequam muito bem à análise do uso de argumentos «fundados na estrutura do real», um dos tipos que Perelman inclui no universo dos «argumentos de ligação». Os outros são os «quase lógicos», que se «compreendem aproximando-os do pensamento formal, de natureza lógica ou matemática [...] [mas] pressupondo sempre uma adesão a teses de natureza não formal»⁸, quase impróprios para argumentações tão mutiladas como os títulos jornalísticos, destinados a leituras instantâneas; e os «argumentos que fundam a estrutura do real», que, «a partir de

¹ Chaïm Perelman, *op. cit.*, p. 24. Itálico do autor.

² Philippe Breton, *op. cit.*, p. 30.

³ Cf. Perelman e Olbrechts-Tyteca, *op. cit.*, p. 175.

⁴ Philippe Breton, *ibid.*, p. 38.

⁵ Chaïm Perelman, *op. cit.*, p. 10.

⁶ *Público*, 30 de Agosto de 2007.

⁷ *Correio da Manhã*, 30 de Agosto de 2007.

⁸ Chaïm Perelman, *op. cit.*, p. 69.

um caso conhecido, permitem estabelecer um precedente, um modelo ou uma regra geral, como os raciocínios pelo modelo ou pelo exemplo, por analogia/metáfora¹, algo raros no contexto em que nos situámos.

Os argumentos fundados no real «baseiam-se em ligações que existam entre elementos do real – relações de causalidade, de essências de que certos fenómenos não seriam senão a manifestação»². As ligações entre elementos de nível idêntico denominam-se «de sucessão ou de vínculo causal»; já as ligações entre termos de nível desigual foram designadas «de coexistência».

No primeiro título atrás citado, constatamos o uso de uma ligação entre uma causa (o veto de Cavaco) e duas consequências (aplausos da oposição e indiferença controlada do governo), passível de ser expressa da seguinte forma: «Cavaco veta lei da GNR, *pelo que* a oposição aplaude e o governo desdramatiza». Entre as duas consequências é ainda estabelecida uma sub-ligação de sucessão: é porque a oposição aplaude (causa) que o governo desdramatiza (consequência). O enfoque na rivalidade entre oposição e governo constitui, a nosso ver, mais um exemplo de simulacro dos *media*, de natureza especificamente política. Apoia-se, no fundo, num modelo binário, do mesmo tipo do binómio «esquerda-direita», que, como imagem sumária da realidade, simplificação drástica da sua complexidade, não representa o real, mas põe um seu atributo básico em primeiro plano³.

Já ao outro título, além de conter uma ligação de sucessão entre a mesma causa e um outro efeito (castigo ao governo), está-lhe subjacente uma ligação de coexistência, entre o autor (Cavaco) e as suas acções (veta a lei e castiga o governo). Atente-se no destaque conferido, em termos de composição e pelo uso da maiúscula, ao nome do autor, levando mais facilmente os destinatários a terem uma atenção especial à autoria, a fim de assegurar a compreensão dos seus actos baseada na relação deles com a ideia que a sociedade tem do presidente (alguém austero, intransigente...). Ao invés, no título anterior, Cavaco e Governo surgem a um mesmo nível.

Porque o acto causativo (o veto) do chefe de Estado é do tipo intencional, o segundo título contém ainda o motivo que o incitou ao mesmo, ilustrando uma outra ligação de sucessão. A sequência estabelecida é, pois, a seguinte: Presidente não quer comandante da GNR equiparado a generais das Forças Armadas (motivo) > pelo que vetou a lei (causa) > logo, castigou o governo (consequência). É um título particularmente pragmático, na medida em que fomenta a apreciação do facto (veto da lei) pelo seu efeito, ainda que este tenha sido presumido pelo próprio jornal.

Indo ainda mais longe na análise retórica do mesmo título, que, como Breton refere para a argumentação, «é uma ciência de análise» de como é que convencemos, mais do que «como havemos de convencer», como tal, uma «arte predicativa»⁴, podemos ousar ver nele a tentativa de fazer aderir à superioridade do acto causativo

¹ *Id.*, *ibid.*, p. 70.

² *Id.*, *ibid.*, p. 69.

³ Cf. Javier del Rey Morato, *La comunicación política*, p. 133.

⁴ Philippe Breton, *op. cit.*, p. 43.

como meio (o veto) usado por Cavaco para um fim tido certamente como superior pela sociedade (o castigo do governo). Trata-se, neste caso, de um outro tipo de argumento de ligação, especificamente, de «dupla hierarquia qualitativa». Potencia ainda uma interpretação que consiste em considerarmos como razoável a ligação (de autoridade) entre o prestígio de Cavaco e a tese do castigo sobre o governo. Na primeira hipótese, o presidente surge como o justiceiro de todos os revoltados perante as políticas e acções governamentais, capaz de infligir o castigo que a sociedade defende. E a segunda redundante em algo semelhante. Podemos, por isso, continuar a persistir na nossa quietude...

A imprensa aposta ainda em argumentos de ligação que fundam o real na construção dos seus títulos de capa. Neste âmbito, Perelman distinguiu a argumentação pelo caso particular (exemplo, ilustração ou modelo) e por analogia (ou por metáfora). Enquanto que os argumentos que visam criar ou ilustrar uma regra a partir de casos particulares não são característicos de títulos, as analogias surgem mais frequentemente. De tal é exemplo o título que se segue:

Assédio jornalístico
Casal McCann pediu protecção à polícia¹

A primeira parte, que serve de enquadramento à segunda, representa uma analogia condensada, graças à fusão do tema e do foro, considerada, como tal, por Perelman, uma metáfora². Desmontada, poderá ter resultado da seguinte ligação: O assédio (A) está para o sexo (B) como a perseguição (C) está para o jornalismo (D), logo, o assédio está para o jornalismo (A está para D = assédio jornalístico). Como fusão, a metáfora apresenta a analogia não como uma sugestão (possível), mas como um dado (conclusivo), ou seja, aumenta a sua razoabilidade³. De qualquer modo, ligações não condensadas afiguram-se pouco prováveis em títulos.

Perelman rejeitou as metáforas que não têm por base uma analogia, distanciando-se de Aristóteles, que considera «todo o tropo como uma metáfora»⁴. Limitando desta forma o conceito, excluiu as figuras que consistem em dar a um objecto um nome que convém a outro, nomeadamente, designar a espécie como o género, ou a amostra como a espécie, tão própria da titulação jornalística. Títulos como «*Médicos* estão contra / Ministro da Saúde convida *portugueses* à automedicação»⁵ ludibriam o público, na medida em que o levam a ver como sujeito todos e não alguns. O facto de não ser usado o artigo definido «os» (Os médicos) não invalida, pragmaticamente, tal associação. Quanto mais não seja, porque a sociedade presume caracterizar-se esta classe pela união, assim como é presunção que o afirmado no

¹ *Público*, 8 de Agosto de 2007.

² Perelman rejeitou considerar de forma tão ampla como Aristóteles a metáfora, tendo-se limitado à metáfora por analogia. Cf. Chaïm Perelman, *op. cit.*, p. 132.

³ Cf. Perelman e Olbrechts, *op. cit.*, p. 454.

⁴ Chaïm Perelman, *ibid.*, p. 132.

⁵ *Correio da Manhã*, 12 de Agosto de 2007.

jornal corresponde à realidade. Menos mal se a conclusão do jornal pelo todo se tiver baseado na expressão autorizada de um representante oficial, o que, nem sempre acontecendo, é muito provavelmente presumido pelo público.

A jeito de conclusão...

A informação colocada nos títulos constitui frequentemente uma segunda premissa, colocada entre uma primeira, quase sempre presumida, em relação à qual pré- -existe acordo social, e uma conclusão, sugerida ou explícita, cuja aceitação é obtida através da transposição da adesão à tese de partida. Intervém como prova actualizadora de consensos universais, constituintes do quadro de referência do auditório, reforçando- -os ou preservando-os como tal. Não só a novidade, como enunciado da verdade e do facto, surge como discurso do real, também as presunções e lugares comuns possuem igual estatuto, tanto mais ao surgirem associados à informação. Os títulos não ilustram apenas uma sintaxe muito própria, reduzida através de elipses, já elas significativas e originárias de argumentos, mas, também, a escolha de certos termos (metáforas) que servem melhor o presumir de teses já aceites e a aceitação das conclusões pretendidas: Cavaco *castiga* em vez de, por exemplo, *contraria*; ou Costa *trava* ao invés de *impede*.

A realidade política, como qualquer uma, é o resultado de uma construção social em que os *media* desempenham um papel assaz relevante. A edificação de visões comuns baseia-se já por si em acordos previamente conseguidos, logo determinantes na selecção que fazem dos factos e temas a abordar. Tudo releva do consenso. Trata-se de uma consonância que não é só ponto de partida da discursividade, mas a sua finalidade também. Se não se baseassem em acordos prévios sobre o real, traduzidos em premissas explícitas ou implícitas, os *media* não conseguiriam argumentar, nem sequer comunicar, sobre a actualidade.

Por outro lado, a argumentação, ou a nova retórica, não só é apenas possível em democracia, como lhe é necessária, ao produzir e preservar consensos político-sociais. Ela é o seu mais valioso instrumento, como o é das sociedades de livre consumo e do Marketing. Ninguém é obrigado a ver a política e a sociedade de determinada forma, a preferir esta ou aquela marca, ou produto, antes é persuadido ou convencido¹.

O acordo não é imposto através da violência, nem sequer simbólica, porque advém ele próprio de consenso prévio, além de que argumentar pressupõe à partida o reconhecimento da dignidade e da liberdade do «outro». Mas é óbvio que os *media* convencem fazendo uso de premissas universais, porque universal é o seu auditório, que eles próprios instituem e mantêm como tal, contando com a abstinência de um uso mais efectivo da razão crítica por parte daqueles que visam influenciar. Ao substituir a força, a persuasão tem de assegurar a ordem pública e política. E fá-lo (quase) sem resistência.

¹ Perelman propôs o uso distinto dos dois termos: «o discurso dirigido a um auditório particular visa persuadir, enquanto que o que se dirige ao auditório universal visa convencer». Perelman, *op. cit.*, p. 37.

Referências bibliográficas

Breton, Philippe, *A Argumentação na Comunicação*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1998.

Fajardo, J. C. Garcia, *Comunicación de Masas y Pensamiento Político*, Ediciones Pirâmide, Madrid, 1992.

Lasswell, Harold, *A Linguagem da Política*, Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1982.

Mesquita, Mário (org.), *Revista Comunicação e Linguagens («Comunicação e Política»)*, Edições Cosmos, Lisboa, 1995.

Monzón, Cândido, *Opinión Pública, Comunicación y Política: La formación del espacio público*, Editorial Tecnos, Madrid, 1996.

Morato, Javier del Rey, *La Comunicación Política*, EUEDEMA, Madrid, 1989.

Mouillaud, Maurice; Porto, Sérgio Dayrell (org.), *O Jornal: Da Forma ao Sentido*, Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2002.

Perelman, Chaïm, *O Império Retórico. Retórica e Argumentação*, Edições Asa, Porto, 1993.

Perelman, Chaïm; Olbrechts-Tyteca, Lucie, *Tratado da Argumentação. A Nova Retórica*, Martins Fontes, São Paulo, 2002.

Rebelo, José, *O Discurso do Jornal: O Como e o Porquê*, Editorial Notícias, Lisboa, 2002.

Rodrigues, Adriano Duarte, *Estratégias da Comunicação*, Editorial Presença, Lisboa, 1990.

Semama, Paolo, *Linguagem e Poder*, Editora Universidade de Brasília, Brasília, 1981.



Retórica para um país cor-de-rosa: análise semiótica do *cartoon* “Natureza Morta” de Gonçalo Viana

José Barbosa Machado
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
jleon@utad.pt

1. Introdução

Roland Barthes pensava o mecanismo de funcionamento da imagem em termos de retórica (Joly 2007: 95). No seu estudo «*Réthorique de l’image*» (1964), refere duas acepções de retórica no âmbito da imagem: na primeira a retórica é entendida como modo de persuasão e de argumentação (*inventio*); na segunda, como uso de figuras (*elocutio*). Na retórica enquanto *inventio*, «Barthes reconhece à imagem a especificidade da conotação: uma retórica da conotação, ou seja, a faculdade de provocar uma significação segunda a partir de uma significação primeira, de um signo pleno» (Joly 2007: 95).

Em *Elementos de Semiologia* (1964), considera que a conotação «compreende significantes, significados e o processo que os une uns aos outros» (2001: 76). Sendo que «qualquer sistema de significado comporta um plano de expressão e um plano de conteúdo e que a significação coincide com a relação dos dois planos» (*Ibidem*: 75), a denotação liga-se ao primeiro e a conotação ao segundo.

O processo de conotação para Barthes «é constitutivo de toda a imagem – mesmo das mais “naturalizantes”, como por exemplo a fotografia – pois que não existe uma imagem “primeira”» (Joly 2007: 95-96). Para o autor de *Câmara Clara*, «uma imagem quer sempre dizer outra coisa para lá daquilo que ela representa em primeiro grau, isto é, ao nível da denotação» (*Ibidem*: 96). A retórica da conotação revela não tanto «a qualidade de *imagem* da mensagem visual mas antes a sua qualidade de *signo*. Ela diz-nos que a imagem constitui um objecto em si e que participa realmente de uma linguagem diferente das próprias coisas» (*Ibidem*).

No entanto, não deverá pensar-se que a conotação é inerente à imagem. De facto, ela não se encontra lá. A conotação depende de quem observa e da sua competência de interpretação. Ela é constitutiva da significação pela imagem. Lembra Martine Joly que «as imagens não são as coisas que elas representam, mas que se servem delas para falar de outra coisa» (*Ibidem*: 97).

Pierre Francastel, na sua obra *A Imagem, a Visão e a Imaginação*, considera que uma imagem é constituída no plano material «por diversos planos figurativos, que não são completamente homogêneos e que são irredutíveis uns aos outros»

(1998: 52). Compara uma imagem a um texto verbal. «Ao contrário dos fonemas, que são um elemento isolado do conteúdo da cadeia falada, que exprime um julgamento sintético, qualquer percepção visual é uma percepção aberta e polivalente» (*Ibidem*: 52-53).

Abstraindo do facto de que a linguagem verbal é bem mais complexa do que Pierre Francastel possa conjecturar – basta lembrar as mil e uma facetas de um poema, de um extracto de prosa ou até de um simples rifão popular –, temos consciência de que a percepção de uma imagem é um mecanismo diferente, pois depende na sua origem do sentido da visão. Francastel diz «que é completamente impossível registar um acto de visão *pura* – qualquer visão ocular ou óptica é sempre uma visão diferencial, combinatória» (*Ibidem*: 53).

Para este autor, a imagem, ao contrário da linguagem verbal, está «muito mais no domínio do descontínuo do que no do contínuo. O lugar, o campo figurativo, é apenas o suporte da imagem; não se identifica com ela» (*Ibidem*). Daí resulta um conjunto de níveis: «o objecto real, o objecto figurativo e o objecto de civilização, que pertencem a possibilidades de compreensão intelectual completamente irreduzíveis entre si» (*Ibidem*). Os objectos figurativos e os objectos de civilização «têm uma realidade que só é material num sentido secundário» (*Ibidem*). Francastel dá o exemplo da lança e do Graal que surgem em determinada pintura. Estes objectos perfilam-se perante nós como «objectos de civilização que estão ligados a todo um conjunto de conhecimentos e de representações intelectuais, que nos vêm ao espírito com a mesma rapidez que os ensinamentos directamente retirados do nosso sentido óptico» (*Ibidem*: 55).

Uma imagem existe quando, «à volta de um signo relativamente sumário e simples, se reúne todo um conjunto de signos elementares, adventícios e livres, que significam pela sua proximidade e pelo seu agrupamento e que surgem progressivamente no nosso espírito, acompanhando a contemplação da obra» (*Ibidem*: 56). A percepção de uma imagem implica a existência de três níveis: «o nível da realidade sensível, que transmite os estímulos; o nível do percebido, isto é, daquilo que os nossos sentidos nos permitem captar; e o nível do imaginário, ou seja, da actividade mental de cada um de nós» (*Ibidem*: 59).

Cada observador inventa e reconstitui para si próprio a imagem que vê, e que é diferente para cada observador. Uma imagem «não é um ideograma nem um signo sensível que encarna uma sensação pura», mas «um testemunho no domínio do imaginário» (*Ibidem*: 59-60). Uma imagem «engendra episódios, suscita os signos e as formas que permitem agir, mais ou menos alusivamente, mais rapidamente, mais resumidamente» (*Ibidem*: 61); «é uma associação de elementos concretos em relações possíveis» (*Ibidem*: 62).

2. O cartoon jornalístico

O cartoon é um género jornalístico «opinativo ou analítico» (Sousa 2001: 506). Através do grafismo e do humor, expõe, critica, satiriza e põe a ridículo situações e pessoas visando acontecimentos relacionados com a actualidade.

Habitualmente veiculado por jornais e revistas, permite grande liberdade de opinião ao autor, que utiliza este meio para expor o seu ponto de vista permitindo, no entanto, liberdade de interpretação. O cartoon insere-se no género opinião, no qual «o autor exprime pontos de vista subjectivos» com a finalidade de manifestar determinadas posições pessoais e levar os outros a aderir a elas. Visa ainda lançar o debate e o esclarecimento do público (Gradim 2000: 95).

O cartoonismo é uma modalidade jornalística de grande utilidade e relevância informativa ou crítica. Num estado de direito democrático, pode servir, não apenas para «aportar informação», mas também «para dessacralizar os poderes, para alertar para os graves problemas ecológicos e sociais, para os problemas de representatividade política, para os problemas culturais de consumo, de produção de saúde, entre outros, que o mundo enfrenta» (Sousa 2001: 415).

O cartoon remete-nos para uma visão de determinado acontecimento, de determinada pessoa, ou facto, através de uma imagem caricaturada, que é difundida através da imprensa escrita ou pela Internet. É um género sincrético constituído por linguagem verbal e imagem, havendo no entanto casos em que a linguagem verbal se encontra ausente. A sua dimensão comunicativa exige do leitor um entendimento contemporâneo das pessoas e dos factos retratados para a sua compreensão, que «nasce da apreensão das informações do mundo ordinário e que gera inferências, possibilitando assim, um entendimento de ideias e comportamentos sociais» (Leal 2004: 7).

3. Análise de um cartoon de Gonçalo Viana

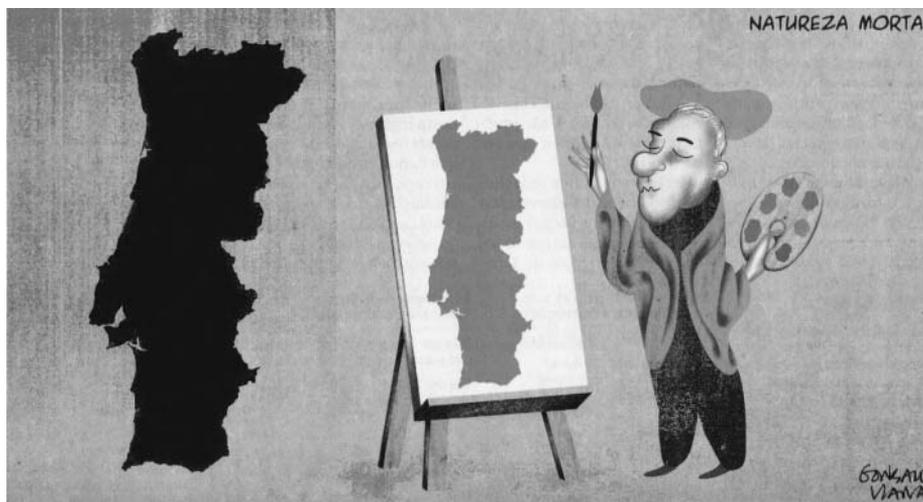
O cartoon que nos propomos analisar tem por título “Natureza Morta” e foi publicado na página 26 da revista *Visão* do dia 18 de Outubro de 2007. A autoria do cartoon é de Gonçalo Viana.

Gonçalo Viana nasceu em Lisboa. Licenciou-se em Arquitectura e estabeleceu-se em Londres, onde exerceu a profissão até 2001. No início de 2002, após retorno a Lisboa, deu início à sua actividade como cartoonista e ilustrador, dedicando-se a ela a tempo inteiro. Ao longo dos últimos anos tem mantido colaborações com diversos jornais e revistas nacionais e internacionais.

No anúncio de uma exposição de alguns dos seus trabalhos em Vila Nova de Paiva, em 2007, Gonçalo Viana afirmava: «O cartunista é um *sniper*. Dele esperam um único tiro certo, uma única imagem. Numa época em que o mundo político valoriza sobretudo a imagem em detrimento da substância, ele assume a tarefa oposta, a de ilustrar a substância camuflada por detrás da imagem. O feitiço vira-se assim contra o feiticeiro. De mira levantada ele perscruta as notícias, em busca do seu alvo.»¹

Um cartoonista pega numa ideia complexa e, através do desenho, torna-a simples, imediata. A função do investigador é complicá-la para pretensamente a tornar mais compreensível. Vou, como investigador, tentar complicar um pouco, fazendo a análise do cartoon.

¹ www.cm-vnpaiva.pt/portal.



Começarei com a descrição do plano da expressão (mensagem denotada), ou seja, aquilo que se vê.

O cartoon pode ser dividido em duas partes: a esquerda e a direita. Na parte esquerda está representado o mapa de Portugal de cor negra, com um fundo entre o verde e o vermelho que remete para as cores da bandeira nacional. Na parte direita temos um cavalete de pintura com uma tela onde se encontra pintado o mapa de Portugal a cor-de-rosa, com o artista ao lado, de olhos fechados ou semi-cerrados, devidamente equipado com as ferramentas e a indumentária do ofício: o pincel e a paleta nas mãos, a boina típica na cabeça, o fato-de-macaco e o casaco às cores. O mapa negro contrapõe-se ao mapa cor-de-rosa pintado pelo artista. A pose do artista é um tudo-nada efeminada, ou, para não entrarmos no politicamente incorrecto, *snob* ou requintada.

No plano do conteúdo, ou seja, a mensagem conotada, relacionamos o que vemos com a nossa própria experiência, numa tentativa de interpretação.

Começemos pelos mapas. O mapa negro representa o Portugal real, mergulhado numa crise económica e social de que não se vê o fim. O mapa cor-de-rosa da tela representa o Portugal ideal, aquele que todos gostaríamos que fosse. As cores negra e cor-de-rosa contrapõem-se semioticamente. O negro tem conotações negativas: remete para o mal e para a morte; o cor-de-rosa tem conotações positivas: remete para o bem, para a vida e o amor.

Ao mapa cor-de-rosa podemos ainda atribuir uma outra significação: o cor-de-rosa é a cor do partido do governo, o P.S. O artista, ao pintar o mapa dessa cor, incute no observador duas ideias: que todo o país se encontra do lado do governo nas medidas que tem tomado; que o governo tem a maioria absoluta de que o mapa é símbolo.

Passemos ao artista: facilmente o identificamos com o primeiro-ministro José Sócrates. Primeiro pela fisionomia: o cabelo branco, o nariz, o queixo e a mandíbula esquerda remetem para a imagem que dele conhecemos. Segundo, pela função

metafórica de artista e pela sua relação com o mapa: o mapa cor-de-rosa é obra sua.

José Sócrates, o artista, tem os olhos fechados, por vontade própria ou por deficiência visual, e pinta uma *natureza morta*. Acontece, porém, que há um desfasamento entre o que ele pinta e o que lhe serve de modelo. Não coincidem. Ou somos nós, observadores, guiados pelo cartoonista, que, por natureza cépticos em relação aos políticos e pessimistas em relação ao país, vemos o país negro; ou é José Sócrates, com o optimismo muito próprio dos políticos eleitos, que vê o país cor-de-rosa e assim o pretende mostrar. Ou simplesmente ele pretende pintar um país cor-de-rosa que na realidade é negro, mas que ele, por cegueira, teimosia, capricho, ou seguindo a lei mais básica da propaganda, que é negar a realidade, insiste em pintar dessa cor.

Aparentemente, no cartoon, o observador menos atento poderia pensar que há uma vitória da fantasia (país cor-de-rosa) sobre a realidade (país negro). No entanto, a disposição dos conteúdos eufóricos e disfóricos coloca essa vitória em questão. A categoria semiótica *euforia vs. disforia* «regula a projecção de valores de conteúdos positivos e negativos dados a cada termo da categoria» (Pietroforte 2004: 76). Neste cartoon de Gonçalo Viana, há uma negação da euforia (país cor-de-rosa), uma vez que o modelo (país negro) contraria a cópia.

A natureza-morta é na arte da pintura um quadro que representa seres inanimados, animais ou vegetais. Portugal está morto. No entanto, a “Natureza Morta” do cartoon não se refere apenas ao mapa cor-de-rosa, mas também àquele que o pinta, uma vez que se encontra de olhos fechados como um cadáver.

O mapa que serve de modelo à natureza-morta tem a forma de um buraco de campa de cemitério, reforçando a ideia negativa de todo o cartoon e justificando o título que o cartoonista lhe atribuiu.

Resumimos a análise na tabela seguinte:

Categorias do plano da expressão	Categorias do plano do conteúdo
esquerda vs. direita	verdade vs. mentira
mapa negro vs. mapa cor-de-rosa	realidade vs. fantasia
	disforia vs. euforia

Para Jacques Durand, a retórica coloca em relação dois níveis de linguagem: a própria linguagem e a linguagem figurada. A figura é a «operação que faz passar de um nível a outro» (*apud* Joly 2007: 98). Uma das figuras mais utilizadas no cartoon é a metáfora, que obriga o leitor a interpretar a imagem a um segundo nível.

A metáfora deste cartoon de Gonçalo Viana está na relação que se faz entre a arte da pintura (com signos que facilmente identificamos: o título “Natureza Morta”, o modelo, o cavalete, a tela, o pincel e a paleta de tintas, a pose e o vestuário do artista) e a arte da política. O político, à semelhança do artista, distorce a realidade que pretende imitar. Esta distorção tem por objectivo fundamental dar a aparência de que tudo está bem e fazer acreditar aos outros que assim é.

Referências bibliográficas

Barthes, Roland (1964), «Rétorique de l'image», em *Communications*, n.º 4, Paris, Seuil.

Barthes, Roland (2001), *Elementos de Semiologia*, Lisboa, Edições 70.

Francastel, Pierre (1998), *A Imagem, a Visão e a Imaginação*, Lisboa, Edições 70.

Gradim, Anabela (2000), *Manual de Jornalismo*, Covilhã, Universidade da Beira Interior.

Joly, Martine (2007), *Introdução à Análise da Imagem*, Lisboa, Edições 70.

Leal, Audria (2004), *A Infra-estrutura do Género Cartoon*, Lisboa, UNL-FCSH.

Pietroforte, António Vicente (2004), *Semiótica Visual*, São Paulo, Editora Contexto.

Sousa, Jorge Pedro (2001), *Elementos de Jornalismo Impresso*. Disponível em: www.bocc.ubi.pt.

Sites da Internet:

<http://www.goncaloviana.com>

<http://www.cm-vnpaiva.pt/portal>

Imago: O jogo do olhar

Anabela Dinis Branco de Oliveira
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
 aoliveir@utad.pt

As «imagens» - as sombras do mito de Platão - tornaram-se *o nosso pão quotidiano*, mas não denunciam um sol ausente, que só contemplaríamos se as criticássemos, se fôssemos capazes de lhes voltarmos as costas. Ao contrário do que pensava Platão, essas imagens são o próprio sol. (Lourenço 1999: 37)

As imagens tornam-se indispensáveis no percurso da verdadeira intelectualização. De etapa base do conhecimento, na Alegoria da Caverna, elas definem-se, actualmente, como elemento transformador e alavanca de criatividade. A caverna deixa de existir como elemento de divisão entre dois graus de saber. As imagens, nascidas da distância que o olhar impõe aos objectos, projectam a abstracção e transformam-se na força criadora do pensamento e da arte.

A liberdade criativa nasce na abstracção, fruto de uma apenas aparente imobilidade. A imagem define-se como essência da vontade humana e como exigência fulcral na formação do pensamento. Englobando não só o universo visual, mas também a estruturação sonora e somatossensorial, a imagem ilustra a construção do pensamento. Para António Damásio, o pensamento é um fluxo contínuo de imagens, interligadas, em múltiplas velocidades e em várias sequências convergentes, divergentes ou sobrepostas (Damásio 1999: 362-363). Hélène Vedrine projecta a imagem como essencial à intelectualização:

Platon est le premier sans doute à avoir pris conscience des difficultés inextricables de toute recherche sur l'image et l'imagination. Certes, l'image s'articule sur l'apparaître, mais elle définit d'abord la situation de l'homme ordinaire ballotté entre des images-copies, des images-simulacres, des effets de miroir, d'ombres et de reflets. Mettre de l'ordre dans ce foisonnement, telle est une des tâches du philosophe. (Vedrine 1990 : 21)

O texto filmico é a imagem de uma realidade, a representação de espaços e de situações, a concretização de múltiplos pontos de vista (Mitry 2001: 54-55) de múltiplas escolhas técnicas, provocadoras da criação de um outro espaço imaginário.

Na multiplicidade dos pontos de vista que cria, a imagem assume sempre uma dupla relação com o Outro, constrói-se sempre num espaço dicotómico estabelecido entre o Eu e o Outro, que, na perspectiva de José Gil, se encontra sempre ausente:

Enquanto que os vários espaços imaginários são considerados em si mesmos, monadicamente, dever-se-á definir o espaço de imagem a partir de uma relação entre singularidades. Isto significa que o espaço de imagem acontece ou surge sempre que essa relação se estabelece em certas condições, quando se estabelece fora da esfera da consciência perceptiva. Mesmo aqui, quando um sujeito se encontra em frente de outro e o percebe em carne e osso, é possível acontecer o espaço de imagem. Isto porque nunca se está completamente na presença do outro, há sempre uma esquiua que impede a percepção inteira do outro. De qualquer modo, o espaço de imagem constrói-se preferencialmente na ausência da percepção do outro. (Gil 1999: 58)

A imagem que temos do Outro e que ele projecta sobre nós não é retiniana, fotográfica ou especular. Engendra, pelo contrário, todo um conjunto de metamorfoses perceptivas. Uma imagem transmite sempre vestígios de outras imagens, de outros espaços e tempos, imagens de percursos políticos, históricos e culturais, numa constante simbiose com a contemporaneidade¹. Transmite sempre vestígios de outras imagens impregnadas de aceitações e de recusas² e difunde vestígios de imagens que olham a História e absorvem a realidade, concretizando a concepção da metáfora do “*film-éponge*” proposta por Alain Resnais:

Après qu’aura été évoqué ce qu’ils doivent à la littérature et au documentaire, mais aussi à la composition musicale, Resnais suggérera la métaphore du «film-éponge»: «le film attire automatiquement autour de lui, autour du personnage, les événements contemporains, comme une éponge se remplit d’eau.» (Frodon 1995: 346)

Ao nível da produção, a imagem cinematográfica projecta uma função de registo dos acontecimentos, de vestígio da realidade imediata e/ou diferida. Ao nível da recepção, por detrás dos pontinhos que percebemos, dos caracteres tipográficos que vemos, encontramos sempre, polifónica e intertextualmente, as outras imagens do nosso universo e da nossa memória estética.

Na Caverna de Platão, os prisioneiros, agrilhoados nas pernas e no pescoço, impossibilitados de voltar a cabeça, só olham para a frente, só vêem imagens falsas e sombras construídas. Os homens que transportam os objectos, os “*montreurs de marionnettes*” de Monique Dixsaut, são demónios criadores de ilusões Dixsaut 1986). Sendo os informadores exclusivos de uma comunidade isolada, tornam-se metáforas da mentira e da hipocrisia e, através da manipulação do tempo e do olhar, condicionam a visão da História e a percepção dos acontecimentos. Detendo a produção da imagem detêm o poder.

¹ L’image ne coïncide pas avec les réalités politiques, historiques, culturelles du moment, pas forcément en tout cas; mais l’image est toujours en étroite relation avec une situation culturelle historiquement déterminée. (Pageaux 1983 : 79)

² O campo cinematográfico - a porção de espaço contido pelo enquadramento da câmara - não é, por isso, apenas imagético; possui uma substância política (de conformação, mas também de resistência e insubordinação) que é a medida da sua relação à ordem e à inteligibilidade/legalidade que ela confere. (Grilo 1993: 5-6)

A linguagem cinematográfica, império das potencialidades e funções da imagem, analisa esse processo de manipulação, projecta imagens manipuladas e imagens que manipulam, estabelece a fronteira entre a imagem criada e manipulada, entre as condições de produção e de recepção, define o poder de um regime totalitário e de uma mente condicionada no processo de manipulação e de criação de estereótipos em *O Monstro* de Roberto Benigni (1994), *Underground era uma vez um país* de Emir Kusturica (1995) e *Good Bye Lenin* de Wolfgang Becker (2003).

Em *O Monstro*, Loris, um marginal que vive de estratagemas diversos, depois de uma inacreditável sucessão de malentendidos, é confundido com um perigoso tarado sexual, um monstro que já cometeu uma série interminável de assassinios aterradores. O chefe da Polícia aconselhado por um especialista de Psiquiatria decide armar-lhe uma ratoeira. Marko, de *Underground*, cria, em 1941, em Belgrado, um abrigo subterrâneo para toda uma comunidade que foge dos bombardeamentos alemães e das perseguições da Gestapo. Fazendo-lhes crer que a Segunda Guerra Mundial ainda não havia terminado, convence a comunidade a fabricar armas para a resistência, durante vinte anos. Através de um regular atraso do relógio (seis horas por dia) toma-lhes cinco anos a menos de permanência na cave. Alex, de *Good Bye Lenin!*, para poupar a mãe, socialista ferrenha, recentemente saída de um coma profundo de oito meses e não podendo sofrer nenhuma espécie de preocupação ou emoção forte, decide, em Junho de 1990, fechá-la num quarto isolado. Escondendo-lhe o verdadeiro contexto do seu desmaio, mudando o calendário da queda do muro (Novembro de 1989 substituído por Outubro de 1990), Alex fá-la acreditar na continuação da RDA e na vitória da pátria socialista estendida a toda a Alemanha.

Em *O Monstro*, o chefe da polícia, para convencer uma deslumbrante agente, Jessica Rossetti, a servir de isco com a missão de provocar o monstro para lhe desencadear um turbilhão de demónios luxuriantes, coloca uma série de câmaras nas imediações do bairro onde ele vive. As filmagens do quotidiano de Loris são depois interpretadas pelo grupo de investigação: o psiquiatra e o chefe da polícia. A imagem cinematográfica é aqui analisada no seu processo diegético – a escolha das sequências, dos ângulos de visão e dos processos de montagem criam a realidade de um pobre coitado, cheio de esquemas mas profundamente desastrado. O olhar do psiquiatra projecta a manipulação das câmaras – limitadas ao nível do espaço – e a manipulação na transmissão da análise. As imagens vistas pelas mulheres presentes na sala são fragmentadas e a interpretação que lhe é veiculada manipula a sua acção.

Em *Underground*, Marko, com Natalija, maquilha-se e transforma-se em prisioneiro torturado por uma Gestapo há muito tempo aniquilada. Através de suportes radiofónicos e cinematográficos, sob o fundo musical Lili Marlene, cria sirenes de alarme, constrói falsas notícias, difunde os discursos de Hitler e imagens de operações militares e de ataques alemães. As imagens cinematográficas - documentários de guerra com bombardeamentos, batalhas, discursos, avanços de tropas - criadas por Marko para, transformando os factos históricos, enganar os refugiados da cave, funcionam como documentos históricos que traduzem a mentira e a manipulação de todo um regime.

Em *Good Bye Lenin*, após o coma, Christiane nunca sai do quarto: o exterior é veiculado nas palavras, nos produtos trazidos pela família e nas montagens televisivas feitas por Alex. Para que a sua mãe não se aperceba do desaparecimento de certos produtos, Alex procura desesperadamente em contentores e casas antigas, frascos e pacotes e, na sua cozinha, elabora um cuidado processo de transformação de embalagens. Família e amigos de Christiane percorrem os mercados saudosistas de produtos soviéticos e encenam roupas e discursos quando a vão visitar. Com a ajuda de um colega, Alex faz montagens de vídeo que garantem à sua mãe a continuação de um regime: as gravações vídeo são transmitidas como se fossem reportagens em directo, difundem os discursos de Hoenecker, o quotidiano político e social da RDA e constroem novas reportagens que possam justifiquem certas mudanças visuais acidentalmente percebidas por Christiane, como a reportagem da criação da Coca-cola nos laboratórios da República Democrática Alemã e a reportagem da fuga dos alemães da RFA para a RDA.

Em *O Monstro*, Jessica projecta a sua acção voluntariamente aceitando sem reservas a análise manipulada do psiquiatra. Os prisioneiros da cave de *Underground* projectam a aceitação feliz de uma vida escondida e subterrânea, na aceitação de uma normalidade colectiva perante o duplo recolher representado pela protecção do tanque de guerra após a sirene de alarme e durante a sessão de agradecimentos a Marko que lhes fornecia mantimentos e roupas. Na cave, todos estão convencidos que o inimigo é o exterior e que está no exterior.

Em *Good Bye Lenin*, Christiane agradece a gentileza e amabilidade dos seus filhos, a protecção da sua família, a homenagem dos amigos durante o seu aniversário, o prazer de poder comer os seus pepinos da marca Spreewald e as bolachas Filichen e recusa a Coca-Cola e as mentiras do inimigo capitalista. Fascinada pela vitória da pátria socialista, ela diz continuamente “que dia maravilhoso, incrível” e acaba por morrer num país de imagens no qual ela acreditava, esquecendo os intensos sofrimentos do passado.

Algo acontece, os prisioneiros saem da caverna de Platão, a relação entre Loris e a mulher polícia começa a ficar mais forte, a cave de Belgrado explode e cai o muro de Berlim. No meio das confusões visuais e dos inúmeros acontecimentos de *O Monstro*, a mulher polícia modifica o seu olhar, enfrenta a realidade e esquece as imagens manipuladas que a orientavam. Em *Underground*, explode a cave e saem para o exterior três personagens manipuladas por Marko durante vinte anos: Ivan, Blacky e o seu filho Jovan. Em *Good Bye Lenin!*, Christiane começa a movimentar-se, olha pela janela e vê o logótipo da Coca-cola – símbolo do capitalismo inimigo. Apanhando o seu filho a dormir, sai do quarto e começa a olhar para as novas imagens de um novo regime que ela ainda não conhece. Jessica, Ivan, Blacky, Jovan e Christiane serão, a partir daí, protagonistas de um profundo confronto de imagens.

Em *O Monstro*, Loris provoca a confusão, abre-se à sua nova companheira e esclarece as confusões transmitidas pelas filmagens da polícia. No percurso do quotidiano, Jessica apercebe-se dos olhares estereotipados da polícia, da população e do psiquiatra, enfrenta o olhar da autoridade, reage contra o sistema manipulador

e consegue descobrir o verdadeiro assassino escondido por detrás da máscara de um pacato professor de chinês.

No início da invasão alemã, a festa de casamento de Natalija e Blacky, realizada num barco, é bruscamente interrompida por um grupo de soldados alemães, comandados por Franz, que raptam Natalija e prendem Blacky. Durante o ataque, Marko afasta-se discretamente com o barco e nada faz para ajudar os amigos.

Após a libertação e a instauração do regime de Tito, na sequência da sua própria encenação e ascensão política, Marko aceita a realização de um filme de homenagem a Blacky, considerado herói e mártir da pátria, intitulado “A Primavera chega num cavalo branco”. Marko e Natalija são magnificamente recebidos no local de filmagem. Prepara-se a filmagem da sequência da festa do casamento. No *plateau*, o acontecimento é interpretado de um modo totalmente diferente da realidade, ocorrida em 1941: a personagem Blacky está no rio, ao pé de um barco iluminado e, com uma metralhadora, mata todos os alemães, incluindo o oficial Franz. O filme transmite a imagem de um Blacky extremamente forte e invencível contra o inimigo. O confronto de imagens adensa-se quando, durante esta visita, o realizador chama Marko e lhe apresenta os diversos actores. Nos dois espaços cinematográficos, o filme *Underground - Era uma vez um país* e o filme “A Primavera chega num cavalo branco”, os actores são os mesmos, embora com óbvias diferenças de maquilhagem para vincar a distância cronológica. Marko e Natalija olham fixamente para os actores que os encarnam. O diálogo entre Marko e o actor que o representa – “Faz de mim? / De Marko, sim. Faço de si” – e a alternância de *champ* e *contre-champ* metaforizam o olhar para o espelho e um interrogar de realidades. Nesta sequência, os grandes planos dos rostos deles e o confronto dos mesmos actores em posicionamentos cinematográficos diferentes projectam um inexplicável confronto de imagens: como se Natalija e Marko estivessem com medo de que esta verdade fingida os ultrapassasse. Imediatamente após a saída da cave, Blacky assiste, sem saber, à continuação das filmagens de “A Primavera chega num cavalo branco”. Achando que o país ainda está ocupado pelos nazis, encontra todo um conjunto de figurantes fardados com uniformes alemães da Segunda Guerra. Na sequência seguinte - sucessão de planos onde Jovan e Blacky, olhando em *hors-champ*, transmitem, em câmara subjectiva, os acontecimentos no *plateau* -, Blacky projecta outra visão da mesma realidade. Ele não sabe que se trata da rotação de um filme e vai, inevitavelmente, provocar uma grande confusão. Blacky aceita como realidade a construção cinematográfica, tal como aceitava as imagens na cave. Para ele, naquela situação, o *plateau* é uma situação de tortura alemã em cenário de guerra.

Quando, numa determinada sequência, o realizador diz que quer algo verde, Blacky diz a Jovan – “Não gosta da cor”; quando, num outro plano, o realizador agride levemente o aderecista, Blacky afirma: “Está a torturar as pessoas, o bandido!”; quando o realizador elogia Franz a propósito do seu bigode, Blacky diz ao filho que o realizador é um colaborador; quando os figurantes estão a urinar, Blacky afirma: “Mijem, mijem, mas não por muito tempo!”. Blacky e Jovan atacam os figurantes, e

Jovan diz a um deles: “Atreves-te a mijar na minha cidade?” Esta sequência reflecte a completa deturpação da imagem, consequência de uma mentalidade manipulada durante muitos anos.

O confronto de Blacky com o filme adensa-se quando ele vê o actor Franz. No olhar espantado de Blacky, há um factor de intemporalidade na medida em que acha que o oficial alemão não mudou nada em quinze anos. Nas sequências seguintes, nomeadamente na sequência do pelotão de fuzilamento, a deturpação da imagem por parte de Blacky é tão forte que ele mata o actor que encarna a personagem Franz. Para ele, Franz não passa de um inimigo estrangeiro que vai fuzilar um herói jugoslavo.

O contacto com o exterior define-se de uma maneira totalmente diferente para Jovan. Nasceu na cave, viveu sempre no escuro, sem luz natural, e o seu conhecimento construiu-se a partir de relatos, de imagens cinematográficas, de transmissões de rádio e de desenhos. A saída para o exterior é uma nova aprendizagem. Jovan assusta-se muito com todos os ruídos, faz perguntas contínuas. Há um contacto traumatizante com a realidade¹. No escuro da noite, confunde um veado com um cavalo. Quando o pai o corrige, ele responde: “Eram assim os cavalos que me desenhavas”. A imagem transmitida pelo pai era necessariamente diferente da realidade: o contraste entre a aprendizagem da caverna e a realidade de conhecimento perante o Sol. Jovan está espantado com tudo o que vê e apresenta a expressão facial de uma completa fascinação.

Em *Good Bye Lenin*, quando Christiane sai do seu quarto, a nova cave após o coma, ela sente a mesma fascinação, o mesmo deslumbramento e o mesmo medo de Jovan. O seu olhar enuncia a estupefacção e a incompreensão e o seu corpo é também vacilante e desajeitado perante os novos móveis, os novos carros, os novos placards publicitários e sobretudo perante o helicóptero que sobrevoa a cidade transportando a estátua de Lenine. A estátua desaparece da cidade porque desapareceu, no processo ideológico, a entidade que ela substituíra. A imagem adquire neste excerto uma das funções que lhe inerente – a de substituição.

Na amálgama de imagens e de reinterpretações, ocorre necessariamente um processo de criação de estereótipos. Para Lippmann (Garaud 20021 : 13), os estereótipos “s’apparentaient à des «images dans la tête», et comparables à ces cartes routières qui s’avèrent idéales pour le voyageur, mais ridicules pour le géographe”. Porque se inserem no âmbito das emoções, das crenças e da caricatura, conduzem a uma análise monossémica e monómórfica, policintextual, continuamente maleável e transformável.

¹ Jovan - que era aquilo papá?

Blacky - um faisão.

Jovan - um faisão é perigoso?

Jovan maravilhado - ali está o sol!

Blacky - É a lua, meu querido!

Jovan - e onde está o sol?

Blacky - está a dormir. O sol descansa.

A imagem constrói-se sempre num espaço duplo, num percurso dialógico entre o Eu e o Outro. A imagem é um Outro elemento no processo de intelectualização humana. Cria outras imagens acerca do Outro, à procura do Outro, na estruturação do Outro.

E no percurso da estruturação, o Outro define-se na imagem, provocadora e sedutora, projecta-se na criatividade e na escolha, constrói-se no jogo do olhar.

Imagem - Imago é o jogo do olhar. É o jogo do olhar que transmite poder e que resiste ao poder. E num jogo, a manipulação, a aceitação, a ilusão e a luta pela verdade estão sempre presentes.

Referências bibliográficas

Filmografia

O Monstro de Roberto Benigni (1994),
Underground era uma vez um país de Emir Kusturica (1995)
Good Bye Lenin de Wolfgang Becker (2003).

Damásio, António (1999): *O Sentimento de Si*. Lisboa: Publicações Europa-América.

Dixsaut, Monique (1986) *Platon, République (Livres VI et VII)* Paris: Éditions Bordas - Les Oeuvres Philosophiques.

Frodon, Jean-Michel (1995) : *L'âge moderne du cinéma français, de la nouvelle vague à nos jours*. Paris : Flammarion.

Garaud, Christian (org.) (2001) : *Sont-ils bons? Sont-ils méchants? Usages des Stéréotypes*. Paris : Éditions Honoré Champion.

Gil, José (1999): “Imaginar a Imaginação” in *Do Mundo da Imaginação à Imaginação do Mundo*. Lisboa: Fim de Século Edições.

Grilo, João Mário (1993): *A Ordem no Cinema - vozes e palavras de ordem no estabelecimento do cinema em Hollywood*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Lourenço, Eduardo (1999) : *O Esplendor do Caos*. Lisboa: Gradiva.

Mitry, Jean (2001) : *Esthétique et Psychologie du Cinéma*. Paris : Éditions du Cerf.

Pageaux, Daniel-Henri (1983), “L’imagerie culturelle: de la littérature comparée à l’anthropologie culturelle”, *Synthesis X*, pp. 79-88.

Vedrine, Hélène (1990) : *Les grandes conceptions de l’imaginaire - de Platon à Sartre*. Paris : Librairie Générale Française.



O paradoxo persuasivo da retórica

Tito Cardoso e Cunha
Universidade da Beira Interior
titompc@gmail.com

O renascimento da retórica moderna em 1958, com a publicação dos dois livros iniciadores de Toulmin e Perelman, foi desde o início marcado por atitudes teóricas fundadas em tradições filosóficas muito diferentes e, então, quase mutuamente desconhecidas: a tradição filosófica inglesa, no caso de Toulmin, e a tradição filosófica dita continental no caso de Perelman.

Esse desconhecimento mútuo era então, por vezes, interpretado como sinal de uma incompatibilidade insuperável.

Toulmin creio que nunca chega a pronunciar no seu livro a palavra “retórica” e pensa o que escreveu como uma reflexão sobre a lógica e a sua capacidade, ou não, de nos dar conta da forma quotidiana do pensar argumentando. Ele escreveu-o como livro de filosofia e para filósofos mas serão os estudiosos da retórica quem o lê mais positivamente e da sua obra mais proveito vem a tirar.

Perelman, diferentemente, insere-se com clareza numa tradição filosófica que remonta a Aristóteles e se confronta abertamente com as manifestações modernas do racionalismo, nomeadamente cartesiano. Em vez da lógica e da epistemologia, que são os interesses predominantes de Toulmin, e formam o ambiente teórico em que este se move, Perelman centra a sua atenção, e define a sua problemática, na área da filosofia do direito, essencialmente.

Contrariamente ao inglês, formado em Cambridge, o professor da ULB situa o seu trabalho teórico no âmbito explícito dessa antiga disciplina que é a retórica. “Nova Retórica” é a expressão que sucede ao enunciado do título no *Tratado de argumentação* fazendo assim notar não apenas a ruptura (pela novidade) mas também a continuidade relativamente à história da retórica.

O único elemento comum às duas terminologias acabará por ser esse conceito central de “argumento” ou “argumentação”. *The Uses of Argument*¹, escreve Toulmin no título da obra cuja tradução em português, publicada no Brasil, nos propõe como *Os usos do argumento*². Poderia também ser “os usos da argumentação.”

Em suma, o que ambos os autores se preocupam essencialmente em construir é uma teoria da argumentação. O modo, no entanto, como o fazem, a atitude teórica de cada um, os propósitos que os animam, são certamente muito diferentes. O que não significa terem elas necessariamente de ser incompatíveis ou incomensuráveis

¹ Cambridge University Press, 1958.

² Martins Fontes, 2001.

nos seus resultados. No entanto a aproximação aos problemas é, em cada um deles, radicalmente adversa.

Perelman preocupa-se em construir uma teoria da argumentação que é sobretudo analítica e taxinómica. Ou seja, procura definir, descrever e classificar os diferentes tipos de argumentos articuláveis no discurso retórico. Distingue três grandes grupos – os argumentos quase lógicos, os que se fundam na estrutura do real e os que fundam, eles, a estrutura do real – no âmbito dos quais variados tipos de argumento são identificáveis. Uma grelha daí resulta que permite ao investigador identificar as características de cada um desses dispositivos discursivos e reconhecê-lo na múltipla variedade de enunciações que os textos ou a oralidade proporcionam.

O que é que com isso se obtém, eis uma boa questão. Obtém-se sem dúvida uma classificação dos argumentos que os permite inventariar mas sempre numa perspectiva estática, de cariz taxinómico. Organiza-se, é certo, o campo próprio da teoria da argumentação, dá-se alguma ordem a dispositivos que fora dessa classificação eram inidentificáveis. Trata-se essencialmente de um processo ordenador à maneira daqueles sobre os quais um Foucault se debruça em *As palavras e as coisas*.

A compreensão é certamente uma consequência possível da ordenação classificatória que a categorização operada por Perelman alcança. Compreensão da capacidade ou poder persuasivo veiculado pelo discurso retórico do orador perante o seu auditório. Cada um dos tipos de argumento identificáveis a partir da taxinomia perelmaniana se torna reconhecível na banalidade de qualquer discurso desde que animado pela intenção retórica de convencer outrem de alguma coisa.

Resta no entanto uma limitação. A perspectiva classificatória que preside à categorização dos argumentos não se mostra capaz de entender a dinâmica do processo argumentativo. É nisso que a postura de um Toulmin se revela, a nosso ver, bastante mais fecunda.

Com efeito, as propostas deste autor permitem aproximar a argumentação não já como um estático campo taxinómico de categorização mas antes como um *processo* que o é da acção comunicativa na sua intenção de persuadir o interlocutor, isto é o auditório.

Em vez de identificar os diferentes tipos de argumento por categorias classificáveis como objectos reconhecíveis num quadro, à maneira de Perelman, o filósofo inglês procura interrogar a acção argumentativa no seu processo de desenvolvimento activo. Isto é procura descrever os diferentes momentos do seu desenvolvimento desde a acção primeira, que consiste em propor uma alegação à consideração do auditório, até às sucessivas intervenções persuasivas que vão da convocação dos dados à garantia da pertinência destes para a justificação da alegação inicial, sem esquecer todos momentos eventualmente necessários à consumação do objectivo persuasivo que se procura.

Há no entanto um aspecto em que as duas abordagens do fenómeno persuasivo se aproximam. É que ambas o concebem como emanando de uma instância plenamente consciente de si própria que é o discurso no que ele tem de

racionalidade explícita. Quando Perelman pensa nos argumentos que identifica e classifica, fá-lo na convicção de que cada um deles não escapa à consciência reflexiva de quem os articula. É aliás aí, nessa tematização explícita, que reside grande parte da sua força persuasiva.

O mesmo acontece com Toulmin quando este descreve um processo de articulação argumentativa em que os interlocutores não podem deixar de ter um domínio plenamente consciente da inserção processual que em cada um dos momentos constrói a força persuasiva do discurso.

Há no entanto um momento em que Perelman se refere a um dispositivo argumentativo que escapa, pelo menos em parte, a essa auto-consciência retórica. Essa perda de consciência da argumentação dá-se sob a forma do esquecimento, da perda de memória. Ao referir-se à metáfora enquanto dispositivo discursivo de alguma capacidade persuasiva, Perelman remete-a, na sua fundamentação, para o mecanismo de uma analogia que se esqueceu, que se perdeu na memória.

Fundamentando a metáfora, muito aristotelicamente, numa analogia definida enquanto “comparação de relações” e não “relação de comparação”, Perelman define-a sob a forma do esquecimento, isto é a metáfora é uma analogia esquecida ou, dito talvez mais prudentemente, a metáfora é entendida como uma construção discursiva cuja fundamentação se perdeu no esquecimento e da qual já se não tem consciência. Que deixou de estar presente ao espírito. E mesmo a metáfora toma por vezes a forma do seu próprio esquecimento quando a racionalidade da sua fundamentação se foi perdendo nas profundezas do tempo. O exemplo que Perelman dá consiste na expressão inequivocamente metafórica “o *braço* da poltrona.”¹ Parece óbvio que este “braço” é uma metáfora que já se esqueceu como tal, isto é que já de si perdeu consciência². Não há outra palavra que não a metafórica para designar tal coisa.

No entanto, para além das referidas breves indicações sobre a metáfora, Perelman não desenvolveu muito mais o assunto, pelo menos que eu saiba.

Deixou, no entanto, bem claro que considerava a metáfora como um dispositivo de larga capacidade persuasiva, o mesmo é dizer, na sua forma de pensar, argumentativa.

Acontece que esta questão do desconhecimento – outra maneira de designar a não presença ao espírito característica das formações psíquicas inconscientes - na enunciação do discurso metafórico reaparece num outro contexto mais propriamente linguístico, embora não menos retórico, como seja o pensamento sobre a metáfora levado a cabo por George Lakoff.

Segundo este autor as metáforas, mormente aquelas a que ele chama “metáforas conceptuais”, caracterizam-se também pela sua “unawareness” isto é pela sua não presença à consciência, pelo seu desconhecimento no que ao sujeito

¹ C. Perelman, *O império retórico*. Porto, Asa, 1993, p. 134.

² Acerca disto, escreve Perelman: “À força de serem repetidas, as metáforas entram no uso corrente e tende-se a esquecer que se trata de metáforas: delas se dirá, metaforicamente, que estão mortas ou adormecidas ...” Idem, *ibidem*.

falante diz respeito.

Acontece que isso não diminui a sua capacidade de gerar convicções, antes pelo contrário consolida e fortalece esse poder. De certo modo, quanto mais despercebido passa à consciência tematizante uma construção metafórica conceptual, mais persuasiva esta se torna. De facto, essa característica aumenta o potencial de marcar um enquadramento que irá definir os limites a que a capacidade de pensar sobre determinado tema fica limitada. Como escreve o nosso autor, “When you think within a frame, you tend to ignore what is outside the frame.”¹

Esse “enquadramento”, que se nos afigura ser a tradução possível em português do conceito lakoffiano de “frame”, é fundamentalmente instaurado pelo dispositivo eminentemente retórico da metáfora que, por sua vez, no pensamento do professor de Berkeley, não é redutível a um recurso simplesmente linguístico ou estilístico. A metáfora tem, segundo ele, uma dimensão acentuadamente conceptual mas também emocional, o que só é reforçado pela referida característica do desconhecimento que muitas vezes a caracteriza.

Em suma, a metáfora institui um enquadramento cognitivo que nos leva a razoar sobre um tema em determinados termos e não outros, marca os limites do seu horizonte conceptual. Mas não só, uma vez que esse enquadramento tem também um “conteúdo emocional”². É esse enquadramento que determina o nosso razoamento e, assim sendo, informa o nossa visão do mundo mesmo quando não a tematizamos e a deixamos “invisível”, isto é inconsciente, como já atrás se disse.

Na visão do mundo própria do universo político americano encontra Lakoff um exemplo característico. Nesse contexto particular mas que, a nosso ver, se poderá porventura reconhecer em muitos outros contextos político culturais, o razoamento político mais básico assenta numa única metáfora, naturalmente desconhecida, invisível ou inconsciente, que pensa, cognitiva e emocionalmente, a sociedade segunda a metáfora da *família*. Escreve Lakoff, “In the nation-as-family metaphor, the family corresponds to the nation, the children correspond to adult citizens, and the parent corresponds to a national leader.”³

É a partir desta metáfora, com as suas dimensões emocionais também, que as duas grandes linhas de pensamento político – a conservadora e a progressiva – se separam. Num caso, a conservadora, a família é concebida segundo o modelo de uma família ideal comandada pelo pai severo (que persevera) e disciplinador. É o que Lakoff chama de “strict father family.” No outro caso, a metáfora progressiva da família concebe-a como um meio de acolhimento e desenvolvimento apoiado, “a nurturant parent family.”

Estas duas metáforas, cujo estudo Lakoff desenvolveu sobretudo em *Moral Politics*⁴, irão enquadrar todo o pensamento comum sobre o político e sobretudo

¹ G. Lakoff, *Whose Freedom? The battle over America's most important idea*. New York, Farrar, Strauss and Giroux, 2006. P. 11.

² Idem, *ibidem*, p. 67.

³ Idem, p. 66.

⁴ G. Lakoff, *Moral Politics: How liberals and conservatives think*. Chicago, University Press, 2002.

os valores que aí estão em causa. Nomeadamente a noção de *liberdade* que passa a ser muito diferentemente percebida e entendida consoante o sujeito está enquadrado no seu horizonte conceptual e emocional pelo modelo metafórico-familiar progressivo ou conservador.

No caso de a metáfora privilegiada ser a da família disciplinar e disciplinadora, necessariamente, e poder-se-ia mesmo dizer inconscientemente, os valores preferidos, porque únicos concebíveis, serão todos os que tenham alguma ressonância disciplinar como a da lei, ordem e segurança.

A retórica da *liberdade* será também ela desenvolvida a partir desse pressuposto metafórico segundo a qual a liberdade se preserva sobretudo pela lei, pela ordem e pela segurança.

Do lado oposto do espectro político-conceptual-metafórico, a liberdade, pensada a partir de um horizonte cognitivo delimitado pelo enquadramento propiciado pela metáfora da família formadora, educativa - “nurturant family” - terá necessariamente de ser conformada conceptual e emocionalmente, mas não menos inconscientemente, de modo radicalmente diferente. Neste caso, a liberdade resulta sobretudo de uma protecção e acarinamento que a metáfora familiar inspira em termos de senso comum quase invisível.

A *protecção* dos seus membros é, neste quadro de pensamento, uma das condições da liberdade numa sociedade. Em contraste com o modelo conceptual característico da mentalidade disciplinar do pai severo.

Tudo isto se deve entender tendo em mente que a base conceptual em que o enquadramento metafórico assenta não deve ser entendida num sentido estritamente racionalista, isto é aquele que pensa a razão como algo de plenamente “consciente, literal, lógico, universal e não emocional.”¹ Ora, não é disso que se trata mas de um contexto cognitivo delimitado por metáforas que sendo conceptuais, escapam também, em larga medida, à consciência.

Assim sendo, talvez nos possamos neste momento interrogar sobre uma questão das mais intrigantes que a retórica levante e que ultimamente um autor como Marc Angenot² pôs em relevo.

Se atentarmos na tradicional definição da retórica como “arte de persuadir pelo discurso”³ temos de admitir que algo fica por dizer nessa definição que se pretende exhaustiva. O que falta dizer é que a persuasão raramente alcança os seus objectivos práticos em termos de persuasão, pelo menos se usar os simples meios de uma arte puramente discursiva. Basta invocar aqui o caso retórico por excelência do discurso político, nomeadamente na democrática figura da campanha eleitoral, para verificar que esse discurso tem as mais das vezes por resultado, se não mesmo por

Ou ainda, do mesmo autor, *Don't Think of an Elephant! Know the values and frame the debate*. White River Junction, Chelsea Green Publishing, 2004 e *Thinking Points: Communicating our American values and vision*. New York, Farrar, Strauss and Giroux, 2006.

¹ G. Lakoff, *Thinking Points*. p. 10.

² Dialogues de sourds. *Traité de rhétorique antilogique*. Paris, Mille et une nuits. 2008

³ *Idem*, p. 7.

objectivo, não tanto a tal “persuasão” dos que ainda não estivessem convencidos, mas sim apenas o reforço das convicções no espírito daqueles que, de qualquer modo, já estavam persuadidos. É para isso que serve a figura e o rito do comício eleitoral onde, por definição, se encontram apenas os que já estão persuadidos da mensagem que se lhes quer transmitir.

O acontecimento que define a retórica, o da persuasão, é afinal algo de raro e muito escasso. Põe-se então a questão de saber, como escreve Angenot, se se “pode construir uma ciência falando de uma eficácia ideal, a persuasão, que só excepcionalmente se apresenta.”¹ Esta é a questão.

Ao definir a retórica pelo resultado que ela raramente alcança está-se a levantar um problema mais do que a resolvê-lo.

Porque é que a retórica falha tão sistematicamente no seu propósito mais básico? Se o seu objectivo primeiro se define como sendo o de resolver ou superar diferendos, como pode ela subsistir na manifesta ausência de resultados?

O problema é semelhante ao que se põe a propósito da *comunicação* que se verifica ser muitas vezes superada por fenómenos de incomunicação, mal entendido ou descomunicação, se assim se pode dizer.²

O exemplo acima referido, em que a partir da mesma metáfora da sociedade como família se constroem concepções radicalmente opostas, de permanente incomunicação e geradoras constantes de um diferendo cuja solução não parece alguma vez poder vir a ter um termo é disso - se tal nos for permitido dizer - uma *eloquente* ilustração. O ideal retórico da persuasão pelo discurso parece ter como objectivo último uma unanimidade cuja essência a natureza mesma das sociedades se encarrega de denegar.

O problema, segundo Angenot, é que na base da discursividade pública não se encontra uma “Razão universal, transcendental e ahistórica.”³ Quando Habermas define famosamente a esfera pública como sendo “o conjunto das pessoas privadas fazendo uso público da razão”, isso não implica a uniformidade dos padrões discursivos existentes numa mesma sociedade. A própria visão do real que a discursividade implica constrói-se ela mesma, e assim se limita, pelos enquadramentos conceptuais a que as metáforas dão acesso, o que na linguagem de Angenot, se diz do seguinte modo: “pela divergência dos pontos de vista, pela disparidade dos dados retidos e alegados, pela incompatibilidade eventual dos vocabulários e pela dos esquemas nocionais que *informam* esses dados”⁴ se bloqueia interminavelmente a discussão.

Poder-se-á aqui notar a reminiscência de alguma terminologia toulminiana na importância dos dados e na alegação que eles fundamentam ou garantem. Mas é também das noções avançadas por Lakoff que podemos neste caso extrair algumas orientações para o desenvolvimento da interrogação sobre a eficácia retórica do

¹ *Idem, ibidem.*

² *Idem, p.10.*

³ *Idem, p. 15.*

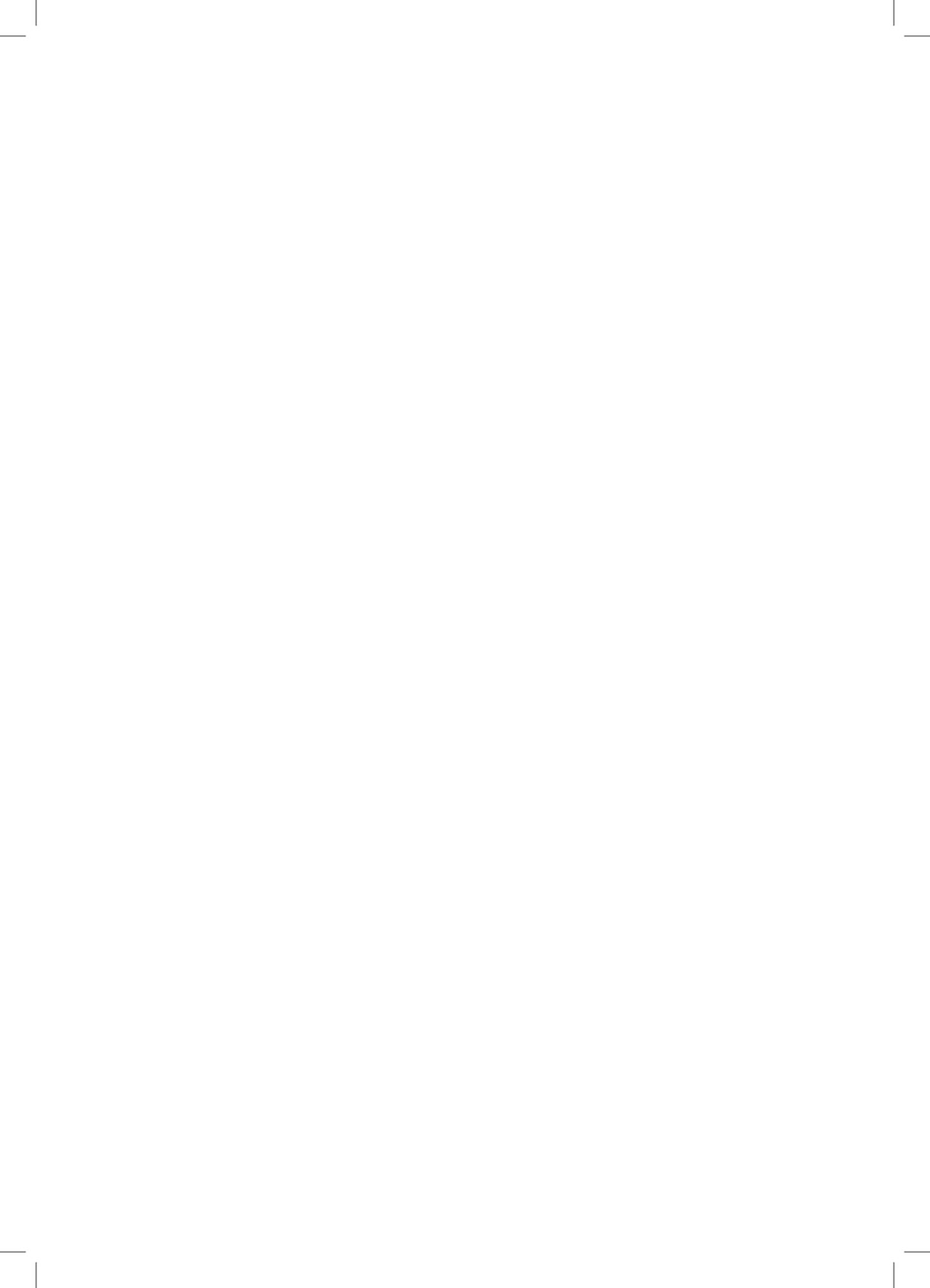
⁴ *Idem, ibidem .*

discurso persuasivo. O que Angenot chama “schémas notionnels” (esquemas nocionais) que *informam* os dados, parecem com clareza poderem identificar-se com as metáforas conceptuais de Lakoff e, sobretudo, os quadros cognitivos que elas constituem.

Assim sendo, percebe-se que em grande parte o que intervém num debate entre convicções opostas é largamente desconhecido, porque inconsciente, aos intervenientes.

A retórica terá pois de ser pensada, ou re-pensada, como um campo discursivo em que as convicções se formam, e sobretudo se reforçam, na base de processos cognitivos nem sempre classicamente racionais.

Toda uma interrogação se nos oferece, que exigirá certamente uma árdua reflexão, sobre o modo de intervenção retórico na formação das convicções em sociedade de maneira a perscrutar um pouco mais longe o sentido, e porventura a resposta, a esse intrigante paradoxo que é o da ineficácia persuasiva na retórica.



CULTURA



Death in the work of Zora Neale Hurston

Orquídea Ribeiro

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

oribeiro@utad.pt

I want a busy life, a just mind, and a timely death.

Zora Neale Hurston

As an important part of human culture, death and the rituals and beliefs that surround it are immersed in various taboos. Death is celebrated, embraced and feared. The process of mourning is culturally defined and some of the present day African American traditions and customs of death can be traced back to Africa, namely to the Bakongo tribes. African traditions were transmitted by the oldest living members of the community, in the form of expressions, sayings, stories, superstitions, religious beliefs and practices.

In the African American community death is an important aspect of culture. Death rituals preceding and following the last moments of life, death practices and death itself appear in Zora Neale Hurston's work. Hurston's description of her mother's death in *Dust Tracks on a Road* suggests that family and community traditions and customs surrounding death kept it from being a private affair (616). Hurston describes her mother's death as an episode that would accompany her throughout her life. Lucy asked Zora to prevent certain deathbed rituals from being carried out. These requests concerned the removal of the pillow from under Lucy's head, the covering of the mirror and the clock and the moving of the bed so that she could face east. According to folklore and deathbed rituals of the community, removing the pillow was supposed to ease the dying; as to the mirror, if it reflected the image of the dead person, it would be ruined forever and it was also bad luck for the people in the dead person's room to see themselves in the mirror, since they might become death's next victim. The clock would stop working if it was uncovered at the time of death and would never work again. Tradition also "required" that the dying person must be facing east at the moment of departure to avoid remaining in the crossways of the world. This would make it easier for the dying person to leave this world peacefully and if the person woke up in the afterlife he/she would already be facing the sun.¹ The village ladies carried out the expected rituals and ceremonies during Lucy Hurston's death, while John Hurston tried to control and silence his helpless and unhappy daughter who wanted to carry out her mother's wishes.

¹ Lucy Hurston's death in DT 616-618. Explanation of death rituals in Boyd: 44-47.

The description of Lucy Hurston's death in *Dust Tracks on a Road* parallels the death scene of Lucy Pearson in *Jonah's Gourd Vine*. The details are very similar in both books: "I could see the huge drop of sweat collected in the hollow at Mama's elbow and it hurt me so. [...] I think she was trying to say something, and I think she was trying to speak to me" (Hurston 1942: 617) and "Great drops of sweat stood out on her forehead and trickled upon the quilt and Isis saw a pool of sweat standing in a hollow at the elbow [...] [and] she thought that she tried to say something to her as she stood over her mother's head" (Hurston 1934: 113). As previously mentioned, the character of the mother in both books instructs the youngest daughter, Isis, in *Jonah's Gourd Vine*, and Zora, in *Dust Tracks on a Road*, to stop certain passing rituals from being carried out. The request made by Lucy to her daughter Zora narrated in Hurston's autobiography, *Dust Tracks on a Road*, "I was not to let them take the pillow from under her head until she was dead. The clock was not to be covered, nor the looking-glass. She trusted me to see to it that these things were not done" (Hurston 1942: 616) parallels the request made by Lucy Pearson in *Jonah's Gourd Vine*, "And Isie, when Ahm dyin' don't you let 'em take de pillow from under mah head, and be covering up de clock and de lookin' glass and all sich ez dat. Ah don't want it done, heah? Ahm tellin' you in preference tuh de rest 'cause Ah know you'll see tuh it" (Hurston 1934: 111).

In *Dust Tracks on a Road*, during the description of Lucy's funeral, Hurston personifies Death as it hovers in the yard of her family house waiting for the moment when it can enter and claim its prey. She mentions Death as her mother's situation evolved:

The Master-Maker in His making had made Old Death. Made him with big, soft feet and square toes. Made him with a face that reflects the face of all things, but neither changes itself, nor is mirrored anywhere. Made the body of Death out of infinite hunger. Made a weapon for his hand to satisfy his needs.

... And now, Death stirred from his platform in his secret place in our yard, and came inside the house.

... Just then, Death finished his prowling through the house on his padded feet and entered the room. He bowed to Mama in his way, and she made her manners... (Hurston 1942:616-617)

Hurston obviously knew the Bible quite well: she grew up in a religious household, she must have heard many sermons involving death and she had read the Bible various times during her childhood and adolescence. Hurston used Bible stories and Bible themes in her work throughout her lifetime. The Bible has references to death, the personification of death and death as a shadow. In Revelations 6:8 Death is personified:

And I looked, and behold a pale horse: and his name that sat on him was Death, and Hell followed with him. And power was given unto them over the fourth part of the earth, to kill with sword, and with hunger, and with death, and with the beasts of the earth.

And in Psalms 23:4 we read: "Yea, though I walk through the valley of the shadow of death, I will fear no evil."

Hurston's second book of folklore, *Tell My Horse* (1938), contains the material she collected in the Caribbean, namely in Haiti and Jamaica, and presents a critically reflected ethnographic study of Caribbean culture, politics and religion. The title of the book refers to the Haitian belief that Guedé, the peasant God, "mounts" a subject (a horse) and speaks through him/her after uttering the phrase "Parlay Cheval Ou" (tell my horse). This "spirit possession" gives the subject the freedom to speak to rivals and/or superiors in a tone that normally would not be used.

The book is divided in three parts, "Jamaica," "Politics and Personalities of Haiti" and "Voodoo in Haiti." In "When Horses Talk: Reflections on Zora Neale Hurston's Haitian Anthropology" Gwendolyn Mikell wrote that

Tell My Horse does not plunge into an exploration of culture in Haiti; rather it takes us on a winding journey through rural Jamaica, examining racial attitudes, religious and death rituals, male-female relationships and the position of women in Caribbean society. (Mikell 1982: 223)

In the chapter entitled "Zombies," Hurston tries to prove the existence of zombies, giving as evidence her empirical observation and the photographic record of Felicia Felix-Mentor. She saw Felicia when she went to the hospital at Gonaives with "permission to make an investigation of the matter" (Hurston 19:469). Felicia was a woman who died and was buried, but was found walking twenty nine years after her death, leading Hurston to believe that zombies did exist:

I had the rare opportunity to see and touch an authentic case. I listened to the broken noises in its throat, and then, I did what no one else had ever done, I photographed it. If I had not experienced all of this in the strong sunlight of a hospital yard, I might have come away from Haiti interested but doubtful. But I saw this case of Felicia Felix-Mentor which was vouched for by the highest authority. So I know that there are zombies in Haiti. People have been called back from the dead. (Hurston 1938: 457)

Zombies "are the bodies without souls. The living dead. Once they were dead, and after that they were called back to life again" (Hurston 1938: 456). Zombies are created as an act of revenge. A Houngan causes someone to fall suddenly ill and appear dead by giving him/her a zombie poison. After the burial the body is dug up by the houngan's followers or voodoo practitioners and brought back to consciousness with the use of an antidote, but retains no will power. The victim remains under the control of the person who drugged him/her. Zombies are thus the perfect realization of the slave condition. They are put to work from morning to night and they do not have the will power to protest or leave. The boundary between life and death are blurred when zombies are discussed. Hurston describes

some cases of zombies, but the case of Felicia is the most detailed and the one that she was able to verify personally, a “dreadful [...] sight of [...] wreckage” which “was too much to endure for long” (Hurston 1938: 469).

Hurston discusses with two white doctors the reasons for the existence of zombies. They admit that zombies may be created by secret African drugs that destroy parts of the brain:

It was concluded that it is not a case of awakening the dead, but a matter of the semblance of death induced by some drug known to a few. Some secret probably brought from Africa and handed down from generation to generation. These men know the effect of the drug and the antidote. It is evident that it destroys that part of the brain which governs speech and will power. The victims can move and act but cannot formulate thought. (Hurston 1938: 469)

In the essay “Women Possessed: Eroticism and Exoticism in the Representation of Woman as Zombie”, Lizabeth Paravisini-Gebert points out that

zombification continues to be perceived as a magical process by which the sorcerer seizes the victim’s *ti bin ange* – the component of the soul where personality, character, and volition reside – leaving behind an empty vessel subject to the commands of the bokor. (Paravisini-Gebert 1999: 38)

Regarding the reasons for the “zombification,” Paravisini-Gebert cites Wade Davis who undertook “anthropological research into the ethnobiology and pharmacopoeia of zombification [...] to demystify a phenomenon long believed to be solely the result of sorcery and black magic.” (Paravisini-Gebert 1999: 38). The results were published in Davis’s two books on the subject, *The Serpent and the Rainbow* (1985) and *Passage of Darkness* (1988), and are summarized by Paravisini-Gebert in the essay referred above:

Zombification, far from being the result of arbitrary sorcery performed by the bokor for his own personal gain, Davis contends, is a “social sanction” administered to those who have violated the codes of the secret society known as the *Bizango*, “an important arbiter of social life among the peasantry,” a force “that protects community resources, particularly land, as they define the power boundaries of the village”. (Paravisini-Gebert 1999: 38)

Wade Davis discusses Zora Neale Hurston and her work on hoodoo and voodoo in his book *The Serpent and the Rainbow*. He mentions that it was Hurston’s “spirit of adventure combined with a passionate desire to continue her investigations and promote vodoun as a legitimate and complex religion that drew [her] to Haiti” (Davis 1986: 208). Describing some of her activities and incidents that she was involved with in Haiti, he praises the fact that she was able “to put together an astonishing portrait of the Haitian secret societies” (Davis 1986: 209) and also the fact that she “rather remarkably, describes what she could not have realized was the

primary method of zombification” (Davis 1986: 209), referring to the description of the punishment inflicted upon the devotee of a secret society who talks.

Hurston’s approach to death-related issues was evident since the beginning of her literary career which began with “John Redding Goes to Sea,” a short story published in 1921 in *Stylus*. This first fictional work is a story of ambition, dreams deferred and determination that result in death. Many of the features that would appear in her later works such as the male-female conflicts, all-black rural setting, and references to conjuring and superstition are employed here. Hurston uses dialect and metaphors that would be fully explored in later works, especially those written after her research period in the South.

The story is about John Redding and his desire to go to sea. He has dreams that are continually curtailed by others, first by his mother and then also by his wife, but he also has a vivid imagination and “his thoughts would in spite of himself, stray down river to Jacksonville, the sea, the wide world” (Hurston 1921: 930). One day, late at night, Mr. Hill, the white “builder of the new bridge that was to span the river” came to the house to ask the men to help secure the new bridge against the bad weather that was expected in the coming forty-eight hours. John went to help fortify the bridge.

During the night the weather changed: “the breeze freshened, growing stiffer until midnight when it became a gale” (Hurston 1921: 936). Alfred, Matty and Stella sat quietly listening to the storm and the wind until “a screech-owl alighted on the roof and shivered forth his doleful cry” (Hurston 1921: 936). This “new element of terror” was “a sho’ sign uh death.” Half way through the night the wind stopped and it started to rain heavily. At daybreak, when the rain stopped, Alfred, feeling uneasy, went to the bridge. He found that the river had risen beyond its banks, “sweeping away houses, great blocks of earth, cattle, trees – in short anything that came within its grasp. Even the steel framework of the new bridge was gone” (Hurston 1921: 937). John Redding had disappeared. Finally, a man was seen floating downriver on a piece of timber – it was John Redding. The storm had thrown John off the bridge. Alfred was distraught, but he stopped the rescue-party from retrieving John’s body from the river: “Leave my boy go on. Doan stop ‘im. Doan’ bring ‘im back for dat ole tree to grin at. Leave him g’wan. He wants tuh go. Ah’m happy ‘cause dis mawnin’ mah boy is goin’ tuh sea, *he’s goin’ tuh sea.*” John Redding was finally going to sea, “piloting his little craft on the shining river road, [he] floated away toward Jacksonville, the sea, the wide world – at last” (Hurston 1921: 939). In death, John realized his dream.

“Black Death” was submitted to the *Opportunity* magazine contest in 1925. This story about hoodoo and the power of justice, and the triumph of good over evil, recounts the tale of a powerful hoodoo doctor in Eatonville. The story is similar in content to “Uncle Monday,” but the characters have other names and the curses are also slightly different, proving Hurston’s recurrent use of the same material. The geographical setting is once again Eatonville and the nearby town of Maitland. Beau Diddely works as a waiter at the Park House Hotel in Maitland where Docia Boger is a chambermaid. Docia is a young, pretty brown girl, who falls in love with Beau and

gets pregnant. When her mother finds out and confronts him, he insults Docia calling her a “woman out of the gutter” (Hurston 1925: 204) and refuses to marry her. He then “bad-mouths” her, telling “the other waiters how that piece of earth’s refuse had tried to inveigle, to coerce him into a marriage” (Hurston 1925: 205).

Mrs. Boger is heartbroken with her daughter’s suffering and weeping and wants vengeance. She decides to take care of the situation, seeking the help of Old Man Morgan, the village hoodoo doctor, who lived near Blue Sink, the bottomless lake. Morgan does not allow her to tell her story, but immediately asks her about her choice of weapons: “How do yuh wants kill ‘im? By water, by sharp edge, or a bullet?” (Hurston 1925: 206) She choses to shoot him and as she “gazed hard into the mirror, she “saw Beau walk to the center of the mirror and stand looking at her, glaring and sneering” (Hurston 1925: 207). She pointed the gun at the mirror and “saw the expression on Beau Diddely’s face change from scorn to fear” (Hurston 1925: 207). Mrs. Boger fired the gun, paid Morgan for the service and ran away. The next day Eatonville awoke to the news that Beau had fallen dead while “making love to another chamber-maid,” while he bragged about Docia. He “clasped his hand over his heart, grew rigid, and fell dead.” The Coroner’s verdict was death from natural causes – heart failure” (Hurston 1925: 207). Mrs. Boger and Docia left Eatonville and the daughter was able to forget this sad episode and rebuild her life and marry well.

Hurston’s masterpiece of vibrant folk culture, *Their Eyes Were Watching God* was written in 1937 “under internal pressure in seven weeks”, according to information in *Dust Tracks on a Road*, while Hurston was researching the religious practices in Haiti. This novel takes us to Eatonville, where the “tongueless, earless, eyeless conveniences” who sit on the porch of Joe Clarke’s store watch life around them. It is a story within a story. Janie Stark tells the story of her childhood, her life and her loves to her best friend, Phoeby, and through Phoeby, to the community to which she has just returned.

The cycle of death and resurrection is implied by the language of the novel. The opening phrase of the third paragraph deliberately recalling the “In the beginning” of Genesis, but this beginning follows the burying; the burying of a husband, of a life, of a dream. In this novel the human deaths that affect Janie are those of Nanny, Joe Starks and Tea Cake Woods. Nanny’s death is quick and uncomplicated. She is disposed of in one sentence: “A month later she was dead.” Apparently there was no illness, no mourning and no funeral.

Joe Starks, Janie’s second husband, dies after a lingering illness and here too, Hurston personifies Death calling it “the icy sword of the square-toed one”. Joe Starks and Tea Cake Woods were given death rituals that were different from the ones described during and after Lucy Hurston’s death. There were no pre or post death rituals; instead there were burial rituals. Joe Starks was well known in and around Eatonville and mourners from far away show up for his funeral. Janie organizes a big funeral for Joe. She arranges a fancy coffin for him and also a procession of hired automobiles so that his friends and acquaintances can accompany him to the cemetery. The funeral is clearly a “show” for the spectators.

Another funeral is described in *Their Eyes Were Watching God*: the ridiculous funeral organized by the community for Matt Bonner's yellow mule. The mule is first mentioned on the store porch as porch sitters accuse Matt Bonner of mistreating, overworking and starving his mule. Matt and the mule then become a topic of conversation and teasing for the sitters. Janie listens to the stories, but is not allowed to participate actively in the conversation and in the "lying sessions." She is the mayor's wife and therefore, according to Joe, "above" the people that gather on the porch. One day, the men start mule baiting and the animal fights back. Janie shows her disapproval towards the whole thing and Joe overhears. Surprisingly, Joe buys the animal to free it from further violence. The mule becomes the town pet and from then on leads a life of freedom, living in the front yard of the store. When the mule finally dies of old age, the townspeople organize an elaborate mock funeral service for the animal. Joe joins in the "ceremony," but Janie is not allowed to attend the "funeral" and stays at the store.

Janie provides for a big funeral for Tea Cake, her third husband, with a nice coffin and a long line of automobiles for the funeral procession, but with this big funeral Janie is paying a final tribute to the man she loved and with whom she learnt to enjoy life.

The narrative in *Their Eyes Were Watching God* begins not on the individual level, but on the general and universal:

Ships at a distance have every man's wish on board. For some they come in with the tide. For others they sail forever on the horizon, never out of sight, never landing until the Watcher turns his eyes away in resignation, his dreams mocked to death by Time. That is the life of men. (Hurston 1937:175)

The second paragraph establishes that the use of 'man' and 'men' in the opening lines was not simply impersonal and general. Hurston indicates a specific contrast between man's aspiration for the tide to bring in his wish - and his consequent luck or despair - and woman's creative capacity to shape a vision of the world and act by it:

Now, women forget all those things they don't want to remember, and remember everything they don't want to forget. The dream is the truth. Then they act and do things accordingly. (Hurston 1937:175)

Even at the level of the universal, men and women are different, and the hallmark of the female is vision and creativity - first expressed not through the body but through the imagination. In the sense that the 'dream' of the woman orders all aspects of experience at once, her vision is synchronic, as opposed to the diachronic perspective of those who wait for the tide (time) to bring in their goals.

The third paragraph narrows the focus to a specific, individual woman and establishes the relationship of the beginning to the time of all that is to be narrated:

So the beginning of this was a woman and she had come back from burying the dead. Not the dead of sick and ailing with friends at the pillow and the feet. She had come back from the sodden and the bloated; the sudden dead, their eyes flung open wide in judgement. (Hurston 1937:75)

For another three pages she remains simply “the woman”, exuding psychological strength and sexual vitality. She walks to her gate undisturbed by the watching eyes, an apotheosis of ripeness and plenitude. Her vitality is a triumph of life over death. The novel begins after all its major events except the telling of the tale have been concluded – its structure is cyclic as is the story of death and revival it records. Even the key imagery of the beginning, the voyage to the horizon, is repeated in the end.

Death, dying, grief and bereavement impact people at a personal and at a cultural level. The rituals, beliefs, and mourning are culturally transmitted and learned, showing that the visible dimensions of death are always culturally defined.

Bibliography

Boyd, Valerie (2003): *Wrapped in Rainbows. The Life of Zora Neale Hurston*. New York: Scribner.

Davis, Wade (1986): *The Serpent and the Rainbow*. New York: Simon & Schuster.

Hemenway, Robert E. (1997): *Zora Neale Hurston: A Literary Biography*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press.

Hurston, Zora Neale (1934): *Jonah's Gourd Vine. Zora Neale Hurston. Novels and Stories*. New York: Library of America, 1995.

----- (1921): “John Redding Goes to Sea.” *Zora Neale Hurston. Novels and Stories*. New York: Library of America, 1995.

----- (1925): “Black Death.” *Zora Neale Hurston. Novels and Stories*. New York: Library of America, 1995.

----- (1937): *Their Eyes Were Watching God. Zora Neale Hurston. Novels and Stories*. New York: Library of America, 1995.

----- (1938): *Tell My Horse. Voodoo & Life in Haiti and Jamaica. Zora Neale Hurston. Folklore, Memoirs and Other Writings*. New York: Library of America.

----- (1942): *Dust Tracks on a Road. Zora Neale Hurston. Folklore, Memoirs and Other Writings*. New York: Library of America.

----- (1995): *Zora Neale Hurston. Folklore, Memoirs and Other Writings*. New York: Library of America.

----- (1995): *Zora Neale Hurston. Novels and Stories*. New York: Library of America.

Mikell, Gwendolyn (1983): “The Anthropological Imagination of Zora Neale Hurston”. *Western Journal of Black Studies*, Volume 7, Number 1, 27-35.

----- (1982): “When Horses Talk: Reflections on Zora Neale Hurston's Haitian Anthropology”. *Phylon. The Atlanta*.

Paravisini-Gebert, Lizabeth and Margarite Fernandez Olmos (eds.) (1999): *Sacred Possessions. Vodou, Santeria, Obeah, and the Caribbean*. New Brunswick: Rutgers University Press.

The Bible. Authorized Version. Swindon: Bible Society, 1992.

A cultura jesuítica do Barroco em Portugal e na Polónia representada pelos padres António Vieira e Piotr Skarga

Anna Kalewska
*Instituto de Estudos Ibéricos e Iberoamericanos
da Universidade de Varsóvia, Polónia*
a.kalewska@uw.edu.pl

Resumo

Os Padres António Vieira (1608-1697), S. I. e Piotr Skarga (1536-1612), S. I., foram representantes da cultura jesuítica nos dois “baluartes” da Europa cristã: em Portugal e na Polónia, estendendo-se as suas missões, respectivamente, até às terras do Brasil e da Lituânia (em união dinástica com a Polónia nos anos de 1569-1795). Em ambos os pregadores, a missão religiosa serviu de apoio ao regime monárquico vigente no seu País. A importância do P^o Vieira na corte de D. João IV compara-se ao papel do P^o. Skarga na corte do rei Sigismundo III Vasa na Polónia. Enquanto Vieira zelava pelos interesses da Companhia, Skarga deixou-os passar para o segundo plano visando sempre o bem da sua Pátria. A heteronomia dos sermões patrióticos e ultracatólicos de Skarga encontrou, no outro tempo e espaço, o seu complemento na obra e a acção de Vieira, ambas em prol das ideias messiánicas diferentemente realizadas na História,

Palavras-chave: cultura jesuítica, arte sermonária barroca, ortodoxia católica, heteronomia política, messianismo histórico

«Os Jesuítas, no século XVI, tinham-se tornado uma força religiosa essencial a que se recorreu para actuar em quatro frentes fundamentais interligadas: na reacção intelectual à Reforma Protestante; na elaboração doutrinal católica em Trento; na missionação dos gentios; e, pela sua preparação cultural acima da média, vão ser solicitados, quer pela Igreja a dirigir os seminários (instituição que só então verdadeiramente surge e se desenvolve), quer pelos Estados católicos a exercerem funções educativas cada vez mais importantes ao nível da formação de quadros não só religiosos como políticos e culturais.» (Franco, Cardoso Reis 1997: 32).

O afastamento geográfico dificultou sempre a existência de intensas relações entre Portugal e a Polónia, mas a própria situação de dois países, em posições extremas da cristandade frente ao inimigo muçulmano, e o forte ideal religioso comum haviam de originar, por vezes, um certo paralelismo de atitudes e suscitar contactos. Com o correr do tempo, vários factores actuaram no mesmo sentido. Já na conquista de Ceuta (1415) estiveram presentes dois cavaleiros polacos e outros homens valentes e esforçados da Polónia ajudaram os portugueses a combater

mouros no Norte de África. Em 1516, três nobres polacos foram armados cavaleiros pelo rei D. Manuel; um deles, João Tarnowski, bateu-se em Marrocos e distinguiu-se mais tarde nas guerras travadas na Polónia contra os turcos. Mas nem só o espírito de cruzada trazia os polacos ao extremo ocidental da Europa. Nos séculos XV, XVI e XVII, muitos polacos viajaram até à Península Ibérica e a Portugal por gosto da aventura ou desejo de se aí instruírem (Nicolau de Popielowo, Erich Lassota de Steblov, João Tarnowski, Tiago Sobieski, pai de D. João III Sobieski, rei da Polónia, vencedor dos turcos na Batalha de Viena em 1683). Os referidos viajantes polacos observaram Portugal com atenção e simpatia, desde a paisagem aos costumes e à psicologia dos habitantes. Nos anos de 1529 e 1531 Damião de Góis visitou a Polónia, com uma missão diplomática, tratando do malogrado casamento da princesa Edviges com o infante D. Luís, filho de D. Manuel. O século XVII foi de especial peso bélico na Polónia. Seguiram-se as guerras com a Turquia (1620-1621, 1672-1673), a longa e sangrenta guerra civil com os cossacos revoltados na Ucrânia (1648-1657) e a guerra com a Suécia, que invadiu a Polónia em 1655, começando a época da destruição chamada o Dilúvio Sueco. O barroco polaco desenvolveu-se, então, num ambiente de guerras, que ao longo do século XVII arrasavam as terras da República das Duas Nações, Polónia e Lituânia. A sucessão de vitórias suecas terminou em 1655 com a heróica defesa polaca do Mosteiro Paulista em Częstochowa (*cf.* Siewierski 2000: 40-41).

As guerras da Polónia travadas contra os turcos, os suecos e os tártaros eram sentidas em Portugal como sendo de interesse comum para as nações cristãs da Europa. Por isso Severim de Faria (o biógrafo camoniano) considerava os soldados polacos que venceram a primeira batalha de Chocim (1621) como os “nossos soldados” (*ap.* Ferrand de Almeida 1992: 109). Por isso também o Padre António Vieira não se cansava de lembrar, nas suas cartas e sermões, que a Polónia era a “muralha da cristandade” (*ap.* *Ibidem*).

No século XVII, então, a Polónia “eleita por Deus” consolida a fé e defende as suas terras, assim como Portugal imbuído de igual espírito providencialista legitima a posse – ameaçada na altura por holandeses e ingleses – das terras descobertas e achadas; “a pregação evangélica entre os gentios é assimilada a uma nova Criação” (Vieira Mendes 1989: 496). A missão jesuítica nas empresas políticas nos dois pólos da Europa não é de sobre-estimar.

Os padres jesuítas Piotr Skarga e António Vieira criaram um sistema messiânico em que se deu a conversão de esperanças religiosas para um sistema sócio-político bastante duradouro e importante para a constituição das respectivas consciências colectivas, comparáveis dentro de diversos interesses monárquicos unidos pela semelhante ideologia. A construção imaginária da Polónia estendida do Mar Báltico até ao Mar Negro encontrou uma contrapartida no mito do Quinto Império, esse mesmo Império que “reduziria a diversidade à unidade do domínio e da penetração católica da monarquia portuguesa”; o Quinto Império eliminaria, pois, a alteridade “integrando-a dentro de um Todo, unificado, que seria tanto mais maravilhoso quanto maior fosse a variedade e extensão da terra conhecida” (*Idem*, 497-498).

Exemplificar os elementos criadores e duradouros da cultura jesuítica em Portugal e na Polónia será o objectivo da presente comunicação. Seria de lembrar que passado o Dilúvio Sueco, acabadas as guerras com a Turquia e Rússia, i.e., na segunda metade do século XVII, na Polónia foram edificados primeiros castelos barrocos, como o Palácio Real de Varsóvia¹, assim como inúmeras igrejas na Polónia, sendo os mais impressionantes os templos jesuítas de Cracóvia, Varsóvia e Poznań. A cultura polaca dos últimos anos do Renascimento e do início do Barroco – época da vida e da acção missionária do Padre Piotr Skarga – foi susceptível ao processo de “sarmatização” ou da adaptação das formas nacionais, locais, especificamente polacas do culto religioso; a obra literária tornou-se uma poderosa arma ideológica (cf. Dziechcińska 1990: 124).

Piotr Skarga nasceu a 2 de Fevereiro de 1536 em Grójec, numa família pequeno-burguesa, na província de Mazóvia, uma pequena cidade não muito longe de Varsóvia. Em 1552, ingressou na Universidade de Cracóvia, onde estudou as artes liberais e o chamado *trivium* (gramática, retórica, lógica). Os seus estudos foram feitos em latim e em polaco – sendo também polaca e latina a futura obra de Skarga. Após ter tirado o diploma de bacharel, Skarga tornou-se director duma escola paroquial em Varsóvia (1555). Em 1557 aceitou a posição do preceptor-tutor de João Tęczyński, filho de André Tęczyński, magnata polaco e castelão de Cracóvia. No ano de 1560, acompanhando o seu jovem aluno, Skarga vai a Roma, onde fica por dois anos e toma conhecimento dos jesuítas. Naquele tempo, a Companhia de Jesus em Roma tinha por função o “fornecimento” de confessores para a corte do Império Austro-Húngaro (sediado nos territórios do Sul da Polónia, da futura Áustria, da presente República Checa, da Eslováquia e da Hungria). Os jesuítas romanos fundaram em Viena um colégio florescente cuja fama chegou até à Polónia e à Hungria. Skarga interessou-se pelo zelo fervoroso dos religiosos da Companhia de Jesus na expugnação das heresias. O seu sonho tornou-se agora ser um jesuíta e ajudar na conversão ao catolicismo dos povos que habitavam na região da Áustria e da Hungria de hoje (meio-protestantes, na altura) e agir decisivamente em prol da castidade da doutrina católica.

Quando em Roma, Skarga aplica-se à teologia mística com ardor, meditando os *Exercícios espirituais* de Loyola. Segundo os preceitos da S. I., menos se preocupa com a aquisição de uma ciência do que com a formação da alma e da “boa consciência” católica, mortificação da sensualidade corporal e do orgulho. No fim do período italiano de 1568-1570 Skarga ingressa na Companhia de Jesus, há pouco tempo estabelecida na Polónia (1564). Skarga regressa à Polónia em 1571 e empreende a sua acção em prol da erradicação das “heresias”.

Em 1561 Skarga regressou para a Polónia; nos anos 1563-1564 recebeu ordens sacerdotais. Desde 1563, Skarga esteve à serviço da catedral de Lvóvia

¹ A decisão de construir o Castelo Real de Varsóvia foi tomada quando o rei da Polónia e da Suécia Sigismundo III Vasa mudou a capital do País de Cracóvia para Varsóvia, em 1596. O Castelo foi construído em estilo protobarroco pelos italianos Giovanni Trevano, Giacomo Rodondo e Matteo Castelli entre 1598 e 1619, incorporando o antigo castelo dos príncipes de Mazóvia; foi totalmente destruído durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e reconstruído em 1988.

(hoje na Ucrânia). A oratória de Skarga fazia tanto sucesso que o padre jesuíta polaco decidiu tornar-se um missionário pregador no meio da população da Polónia oriental (entre os rutenos e os livónios), a fim de combater os desvios do catolicismo ortodoxo. Nesse mesmo tempo, a Dieta polaca de Lublin, em 1566, reconheceu o luteranismo e o calvinismo como religiões oficiais da Polónia, cujos adeptos podiam desempenhar funções importantes na administração da Polónia. Em 1568, Skarga empreende a segunda viagem à Itália, onde estuda teologia, assume o estatuto do “penitenciário para a língua polaca na sede apostólica de S. Pedro”, torna-se noviço na ordem dos jesuítas no tempo da perseguição dos católicos na Europa Oriental. Nomeado pelo Papa Pio V, Skarga torna-se então o “grande penitenciário” do Vaticano para com os Eslavos. A sua função insere-se (espiritualmente) na guerra contra os turcos, em que nem Roma nem Portugal aderiram.

No palco de ardentes lutas e disputas políticas e religiosas na Polónia aparece o Padre Skarga com a incumbência missionária bem definida (e conseguida!): a conversão da Lituânia. Skarga reconhece então a sua missão do pregador, começando a sua missão primeiro como professor em escolas jesuíticas. Vai então o padre polaco pregar nas cidades e nos colégios jesuíticos de Pułtusk, Jarosław, Płock e Poznań. A actividade missionária de Skarga vai compreender pequenas e grandes cidades da Polónia. O padre polaco empenhar-se-á também na fundação e desenvolvimento das instituições de caridade pública.

A Companhia de Jesus tornou-se necessária para combater “a heresia” na Polónia, na parte oriental da República das Duas Nações, chamada Lituânia. Era onde Skarga pregava, ensinava, visitava os obres, os doentes e os aprisionados, convertendo ao catolicismo milhares de calvinistas e protestantes. Durante uma missão empreendida na Lituânia, Skarga levou até à verdadeira doutrina numerosas famílias nobres, inclusive a dos Radziwiłł, considerados traidores da pátria e partidários da Suécia.

Lembremos, ainda, que a federação da Polónia e da Lituânia instituiu um Sejm (Dieta, parlamento), rei e política conjuntos. No entanto, cada país tinha o seu próprio governo, exército, sistema financeiro e judicial. A Polónia e a Lituânia passaram a uma das grandes potências na Europa. Os seus reis governaram também as nações checas e húngaras. Nos territórios ocidentais da coroa polaca havia paz, uma prosperidade relativa e – coisa rara em outros sítios – tolerância religiosa.

Em 1578, Skarga começa a trabalhar na Academia de Vilnius/Wilno (na Lituânia), cujo reitor será nos anos de 1579-1584, nomeado pelo rei Estêvão Batory. O processo de disseminação da fé católica em polaco equiparava-se, na altura, à polonização das terras ainda semi-bárbaras, no extremo Leste europeu.

Em Vilnius, Skarga escreveu o seu livro *A Vida dos Santos* (por exemplo, a *Vida de Santo Adalberto* e a *Vida de Santo Estanislau Kostka*), publicado em 1577, marcado com a herança cultural da Idade Média e do Renascimento¹ e lido na

¹ “La date de publication des *Vies de saints* de Skarga (1577) indique que dans son bagage historico-littéraire entrai non seulement l’hagiographie du Moyen Age, mais aussi les biographies de la Renaissance que représentaient les héros laïques humanistes de manière toute différente des exemples ascétiques” (Dziechcińska 1990: 123).

Polónia até à metade do século XIX. Em 1584, Skarga foi transferido para o novo Colégio dos jesuítas de Cracóvia e em 1587 tornou-se o pregador oficial na corte do Rei Sigismundo III Vasa, uma posição que manteria até 1611, fazendo também alguns discursos na Dieta/Parlamento polaco (função comparável com a que Vieira deteve junto do Rei D. João IV). Skarga defendia fortemente a autoridade do rei, teve enorme influência sobre o monarca. Sendo crítico para com a fidalguia, foi odiado pelas classes dominantes no governo da República das Duas Nações. Morreu em Cracóvia, em 27 de Setembro de 1612. Não chegou a ser canonizado por razões políticas, sendo crítico dos Habsburgos, muito influentes no Vaticano. Segundo a lenda, teria sido sepultado vivo na igreja dos Santos Pedro e Paulo em Cracóvia. Triste sina, comparável com a do Padre Vieira que, após o desterro no Porto e julgamentos humilhantes, foi encerrado num cárcere frio e húmido de Coimbra a 1 de Outubro de 1665.

No panorama do barroco polono-lituano, salienta-se, então, o vulto de um padre jesuíta e pregador Piotr Skarga. O seu nome “Skarga”, que em polaco significa a “acusação” ou a “queixa”, facto devido a sua carreira de reformador político, crítico social e moralista. Uma tradução livre do nome do pregador poderia ser a de “Pedro, o Acusador”. Devido às suas habilidades em retórica sermonária e arte literária, Skarga foi considerado um dos melhores escritores polacos dos quinhentos e comparado com melhores pregadores franceses: “Tous les critiques polonais sont d’accord pour reconnaître en Skarga un de leurs plus purs écrivains, sinon le plus pur. Au point de vue de la langue, Skarga a dans son pays une réputation semblable à celle don’t jouissent chez nous Pascal et Bossuet” (Berga 1916: 363). A comparação com o Padre António Vieira é possível em virtude da ubiquidade e da importância civilizacional da acção dos jesuítas e de relevância política e cultural que ambos os pregadores desempenharam nas cortes de reis polacos e portugueses¹.

Padre Skarga desenhou um plano da unificação das igrejas orientais e ocidentais. Skarga escreveu cento e oitenta sermões ao todo de mais variadas espécies, dividindo-os ele próprio em dois grupos:

1. Sermões dominicais e dos dias de festa (noventa e oito),
2. Sermões de circunstância – o resto, isto é, oitenta e dois sermões, um corpo tematicamente mais diversificado.

Não era pouca a obra de Skarga, considerando o facto de que o Padre António Vieira nos legou cerca de duzentos sermões que lhe valeram ser considerado o maior orador sacro em Portugal. É bem sabido que Vieira escreveu mais de setecentas cartas e redigiu diversos tratados de carácter profético e uma série de textos de natureza política e social. Em todos os textos não-sermonários e de feição visionária (a *História do Futuro*, as *Esperanças de Portugal*, a *Clavis Prophetarum* ou mesmo a *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*) – se procurava explicar o verdadeiro sentido das profecias de Bandarra e apregoava-se o Quinto Império: um império universal, totalizante, harmónico, onde coubessem todas as raças e todas as

¹ “Os Jesuítas gozaram de um considerável prestígio e favoritismo da parte dos monarcas lusitanos. [...] De facto, foram convidados a desempenhar cargos de invejável relevância política e cultural e foram-lhes confiados importantes campos de missão.” (Franco 1997: 33).

culturas, unidas espiritualmente num único reino cristão e católico.

As questões do barroco, do jesuitismo, do “lado escuro” do poder simbólico da religião e da sua eficácia político-social são subjacentes a um só campo ideológico da irremediável batalha de um *milites Christi* travada por Vieira e também por Skarga, sob os mesmos pendões da Companhia. Bem reparou José Eduardo Franco: “O P^e. António Vieira é avaliado como um homem detentor de um grande poder de influência política que manipulou jesuiticamente o espírito de D. João IV” (Franco 1997: 77). Recebendo o mesmo tipo do salvo-conduto do rei Sigismundo III Vasa, Skarga não “manipulou jesuiticamente” o seu monarca. Deixou mesmo passar a concretização dos interesses dos jesuítas para o segundo plano, visando sempre o bem da sua Pátria e a crítica das maleitas polacas. Encontrando-se muito mais longe de pactuar com os interesses da Ordem e do papado do que teria estado Vieira, Skarga foi também “o Tipo genial da sua época” (*Ibidem*).

Os *Sermões para a Dieta* do Padre Skarga (*Kazania sejmowe*, publicados em Cracóvia, em 1597, juntamente com os *Sermões para os Domingos e dias festivos do ano inteiro*) são imbuídos do patriotismo exacerbado, do espírito bíblico e messiânico, deixando vislumbrar um estilo emotivo, simples, familiar, bem diferente da linguagem teatral e conceituosa dos sermões de Vieira.

Os textos homiléticos do Padre Skarga tematicamente são muito diferentes dos do Padre António Vieira o que resulta do diferente pano de fundo histórico e político. Seguem a velha tradição europeia dos comentários dos Evangelhos, sermões dogmáticos, morais, panegíricos, orações fúnebres e sermões de circunstância. As orações religiosas de Skarga não são puras homilias, nem sermões dogmáticos ou morais. Os mais representativos (os sermões “tipo-Skarga”) são os discursos do primeiro grupo atrás-mencionado: os sermões dominicais e dos dias festivos, derivados, talvez, da tradição dos *Sermones Dominicales* de Santo António. Skarga começa pela citação do Evangelho lido num dia festivo, passando depois para a recuperação do texto e para a reflexão geral, possibilitada pelo específico “jogo dialéctico”, constituído pela apresentação das razões por duas partes antagónicas: a católica e a protestante e culminando na chegada à verdade única: louvor a um dogma católico. Na época da luta contra as igrejas protestantes, evidenciou-se o fortalecimento do sermão dogmático em complemento do sermão moral.

Dentro da tradição nacional polaca, Skarga seguiu a tradição dos sermões do Padre Wujek, tradutor polaco da Bíblia que foram menos desenvolvidos retoricamente do que os sermões vieirinos e continham: 1. explicação do Evangelho, 2. refutação das razões dos heréticos. Seguindo este esquema bipartido, Skarga propõe uma verdade dogmática (ou de carácter moralístico) e depois tira lição do Evangelho (carácter moral). Um texto concebido segundo este esquema atrás apresentado, não é ainda um pleno sermão, plenamente estruturado do ponto de vista da retórica. Trata-se de um género híbrida, transitório entre um texto literário e uma homilia, misto no sentido de evolução do sermão dogmático para o moral. É mais um esboço de um sermão, com uma contextura e conteúdo a menos em relação aos sermões bem estruturados retoricamente de Vieira. Num texto de Skarga encontramos, então, uma citação do Evangelho mais o sermão dividido em

duas partes – na segunda parte, em Skarga há sempre a acusação de “hereges”, a obediência aos cânones da fé, aos patrões terrestres e espirituais. Assim acontece, por exemplo, *Sermão para o 2º Domingo depois da Páscoa*.

Skarga foi pregador por gosto e vocação; toda a sua obra sermoneira é cheia de interrogações, crises de cólera e exortações à fidelidade ao catolicismo ortodoxo de vocação nacionalista. O imaginário e as comparações de Skarga baseiam-se na Bíblia. O dogma e a controvérsia religiosa são motivos constante na obra do pregador. O pregador expugna a falta de fé na imortalidade da alma, na ressurreição do corpo, em Deus uno e “triádico” na Sagrada Trindade, a renúncia ao culto dos santos e a contestação da virgindade de Virgem Maria. Critica também o clero pelo amor ao dinheiro e ouro. Como moralista, Skarga é pessimista natural em relação à natureza humana que percebe como corrompida e irreparável. Critica, antes de mais nada, a nobreza anárquica e o clero alheio à preocupação patriótica.

A política é uma constante muito importante nos sermões de Skarga. Na politização do sermão reside mesmo a originalidade de Skarga. O pregador não se limitou aos tópicos dogmáticos e morais, entremecendo-os com referências políticas à contemporaneidade e aos problemas do seu tempo. Era importante lembrar aqui alguns dos sermões de Vieira prendem-se aos processos ou factos históricos específicos: por exemplo, o levantamento do sítio que os Holandeses haviam feito à Baía em 1638. Passados dois anos, os discursos em questão determinaram, respectivamente, o *Sermão de Santo António* e o *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda* (1640). Os discípulos de Santo Inácio não sempre se colocaram, então, “do lado tenebroso da história” ou como “os mais importantes protagonistas da decadência” (*Idem*, 40). Sendo acérrimos promotores da ortodoxia católica, defenderam o nacionalismo monárquico em suas várias formas e conteúdos, ajudando na formulação ideológico-política dos interesses dos seus Países.

O Padre Skarga não se limitou, por sua vez, aos assuntos dogmáticos e morais. No Prefácio aos *Sermões Dominicais* (1595) fez exame à consciência nacional polaca. No entender do pregador, o Senado polaco deve amar a Igreja e a Pátria que são as suas “duas mãos” inseparáveis. A Polónia não se deve reger pela discórdia ou heresia. Todas as resoluções da Dieta devem ser tomadas tendo em conta o bem público. É preciso respeitar sempre “o Rei nosso Senhor” assim como faziam os nossos antepassados. É mister zelar pela liberdade, sem se deixar dominar pelos “mestres estrangeiros”. A “infidelidade religiosa”, isto é, a heresia, deve ser condenada, sendo colocada entre homicídio, incesto, adultério, usura, violência e outros pecados mortais. Segundo Skarga, a Igreja deve ser dos pobres e não perseguir ninguém. De modo igual, deve renunciar-se ao orgulho, luxo, despesas supérfluas, “vãos prazeres”. As riquezas e os bens pessoais devem ser consagrados para a defesa da República e da “querida Pátria”, dos pobres e das igrejas. Se tudo isso não for rigorosamente observado, o reino da Polónia será devastado, destruído e entregue a outros povos. As palavras de Skarga cumpriram-se no tempo histórico, no século XIX.

Skarga-profeta indicou, ainda, o perigo dos pagãos (turcos e tártaros) que já arruinaram os países vizinhos. Quando os turcos serão derrotados pelo rei polaco

D. João III Sobieski na batalha de Viena, 1683, o Padre Vieira, num dos sermões, chamar-lhe-á “Marte polaco”, na época de total abstenção da coroa portuguesa de qualquer acção anti-turca. Todo este programa, Skarga desenvolveu-o em oito sermões, publicados em 1597 como *Kazania sejmowe*, a sua melhor obra, mostra de eloquência e patriótica exortação à penitência (Skarga, 2003).

O pregador polaco examina também as “doenças mortais” e os perigos da República polaca: falta do amor à pátria, discórdia interna, enfraquecimento do poder real, leis más, pecados públicos ou nacionais, exprobando sempre a heresia como o mal supremo. A cada “maldade” Skarga dedica um sermão, à heresia dedicando dois (o quarto e o quinto). Os sermões tratam, respectivamente:

1. Da sapiência necessária para a assembleia parlamentar,
2. Do mal supremo na República da Polónia que é a falta do amor pátrio,
3. Do segundo mal da República das Duas Nações, ou da discórdia interna,
4. Sobre o grande mal que é a heresia,

5. Sobre a religião católica como base e suporte natural de reinos europeus, achando que a heresia os leva ao seu desmoronamento. Sendo assim, Skarga mostra-se defensor do reinado “edificado sobre a fé católica da Santa Igreja romana”. Sem a religião e sem padres, leis morais e a “antiga religião” Skarga prevê o colapso do reino da Polónia. No entender dele é mister, então, jogar os “heréticos”, i.e., os representantes das religiões reformadas fora do reino da Polónia (sic!). O que nada tem a ver com o mito do *complot* jesuítico ou com a educação considerada retrógrada – Skarga foi mais obediente à sua Pátria do que à Companhia.

Os demais sermões skarguianos tratam ainda:

6. Do enfraquecimento do poder real, dirigindo-se também contra os tiranos,

7. Das más leis,

8. De certos pecados ou “crimes sociais”: injustiças sociais, opressão dos camponeses, usura, luxo, violência, violação das leis públicas, sendo o pecado maior “a blasfémia contra Deus de cristãos” (*Idem*, 2003: 162).

Comparado com Pascal e Bossuet, Skarga empregou uma novidade: a língua polaca que prevalece na maioria dos seus textos, mesmo que fossem escritos em latim. A língua polaca nos sermões era uma novidade, porque a corte da rainha Bona (esposa do rei Sigismundo I o Velho) falava italiano, os pregadores pregavam em alemão. O polaco de Skarga foi tido como clássico e depurado, mesmo que fosse pejado às vezes com latinórios. O estilo dos sermões é repetitivo, um tanto fastidioso, empregam-se metáforas e comparações. A língua de Skarga é acessível e popular o que – juntamente com a mensagem dos sermões – lhe salvaguardou uma longa popularidade, em especial na época das partilhas da Polónia entre a Rússia, a Prússia e a Áustria (1795-1918), quando as “queixas” de Skarga contra a corrupção de costumes e da moral cristã bem como as visões da queda do estado polaco devassado pelos heréticos foram tidos como profecia anunciada e cumprida porque assim “aprouve a Deus”. Entre os mestres de Skarga encontram-se São João Crisóstomo, São Tomás de Aquino, São Hugo, Bourdaloue, Bossuet e outros pregadores populares. A tese sobre o longínquo legado franciscano e possível influência de Santo António de

Lisboa sobre Skarga precisava de verificação e confirmação.

A concepção da monarquia teocrática, patente na maioria dos sermões de Skarga, baseia-se no pensamento de São Roberto Francesco Romolo Cardinal Bellarmino (1542-1621), SI, executor da sentença de Giordano Bruno.

Janusz Tazbir, o conhecido historiador polaco contemporâneo, dedicou ao Padre Skarga, o Acusador umas linhas bem significativas quanto à inspiração do seu pensamento filosófico:

Pierre Skarga (1536-1612) étais l'un des principaux militants de la contre-réforme. Premier recteur de l'Académie de Wilno fondée en 1579, ensuite supérieur de la maison des jésuites à Cracovie, enfin (à partir de 1588 jusqu'à sa mort) prédicateur à la cour de Sigismond III Vasa, il trouvait enconre le temps ses contemporains furent ses Vies de Saints, maintes fois rééditées, alors que les générations suivantes ont le plus apprécié ses *Sermons de Diète* refermant entre autres le postulat du renforcement du pouvoir royal en Pologne. Skarga n'étais pas un esprit original; en outre, le manque le temps a fait qu'une partie importante de ses écrits est composée de compilations d'ouvrages étrangers. Il devait particulièrement beaucoup sous ce rapports à Robert Bellarmin, Laurent Surius (auteur de vies de saints) et à César Baronius. (Tazbir 1982: 549).

Piotr Skarga é considerado o maior pregador da Polónia barroca, tendo exercido uma profunda influência sobre a cultura polaca do seu tempo e influenciando também nas correntes messiânicas do romantismo polaco em pleno século XIX.

Lembremos, ainda, que no Concílio de Trento (1545-1563) consumou-se a separação das duas igrejas, católica e protestante, facto importante que marcaria decisivamente a evolução dos países que alinharam por cada um dos seus lados. A Polónia não teve a Inquisição, orgulhou-se da tolerância religiosa, acolhendo milhares de judeus refugiados e desterrados de outros reinos da Europa. Na democrática monarquia da Polónia, a maioria católica da nobreza polaca (que era numerosa e constituía cerca de dez por cento da sociedade) elegia o parlamento em que, ainda pela metade do século XV, um papel significativo desempenhavam membros de igrejas protestantes, ortodoxas e outras comunidades religiosas. Na Polónia pluricultural da época renascentista, havia também luteranos e calvinistas, arianos e anabaptistas, irmãos checos e morávios, menonitas, quacres, arménios, muçulmanos, caraimos. Os católicos foram a comunidade mais numerosa entre os grupos religiosos na Polónia quinhentista. Não é de estranhar, portanto, que a reacção contra-reformista fazia sentir-se na cultura polaca, na poesia, na prosa religiosa e na historiografia. No ano final do Concílio de Trento (1563) deu-se na Polónia a separação dos calvinistas e o isolamento forçado dos Irmãos Polacos (antitrinitários), um grupo extremo de reformistas religiosos.

O regime católico ia, porém, abrandando na Polónia com os progressos da contra-reforma. Assim sendo, em 1572, a confederação dos fidalgos polacos em Varsóvia confirmou a manutenção das liberdades religiosas outorgadas aos "dissidentes" pela Contra-Reforma. O rei viu-se forçado a garantir a paz entre os católicos e representantes de religiões reformadas bem como a liberdade do culto

religioso durante longos vinte anos. Por outras palavras, a confederação varsoviense decidiu que não havia, sob qualquer pretexto, perseguição religiosa na Polónia.

As decisões da confederação de Varsóvia não agradaram ao Padre Piotr Skarga que empregou toda a sua vida para criticar severamente os “heréticos” e impugnar as resoluções dessa reunião varsoviense que outorgou aos dissidentes religiosos na Polónia uma única possibilidade de ascenderem aos altos postos administrativos no Estado polaco e na Dieta (Sejm). O gume da arte sermonária de Skarga dirige-se, agora, contra a pluralidade política no governo polaco, almejando o único objectivo que é uma monarquia teocrática absolutista do espírito de Bellarmino. Porém, os fortes acentos separatistas e patrióticos, omnipresentes nos sermões de Skarga, não deviam ser muito bem aceites pelo Vaticano, preocupado na altura se não com a subjugação dos reinos da Europa ao papa, pelo menos com uma progressiva centralização do poder eclesiástico unido com o poder leigo. Os jesuítas que chegaram à Polónia em 1564 tinham que coadjuvar neste processo, nem sempre unânime com as ambições patrióticas e independentistas da grande federação da Polónia e da Lituânia, fundada mediante a Dieta de Lublin pouco tempo antes, em 1569.

No tempo instável da procura de difícil equilíbrio ideológico-estético entre o catolicismo ortodoxo e a reforma protestante da Igreja – a marca indelével da cultura europeia da segunda metade do século XVI, bem como na época do perigo das invasões turcas – Skarga revelou-se um verdadeiro líder e profeta da Igreja católica, primeiro polaca e só depois apostólica e romana, trabalhando incansavelmente para arraigar os vícios sociais da nação polaca, tais como espírito indisciplinado e insubordinação ao rei¹. Skarga visou sempre a morigeração ou a correcção dos costumes e censurando a famosa “liberdade de ouro” – a liberdade sem freio na Polónia quinhentista, propiciada por factores geo-políticos e disputas acérrimas entre os católicos e os protestantes.

Na Polónia não houve guerras religiosas no séc. XVI, mesmo que não faltassem dramas, conflitos, tumultos políticos e tensões sociais nos vários períodos da nossa história. Em Portugal, desde 1541, ardião as fogueiras dos autos-da-fé movidos pelo Santo Ofício, enquanto à Polónia afluíam rios de desterrados, que em número de milhões encontraram aí abrigo seguro. A expressão “Polin” queria dizer “ponto de parada”, “lugar de descanso”. Nos séculos XV, XVI e, em parte, no século XVII, a Polónia tornou-se um paraíso para os “heréticos”, para os perseguidos pela fé, os husitas, anabaptistas e outros radicais religiosos de toda a Europa. Os banidos por razões religiosas chegavam a um país onde não se podia aprisionar sem sentença de tribunal, onde a maioria católica elegia, no século XVI, o parlamento em que papel significativo desempenhavam protestantes, calvinistas e ortodoxos. A monarquia polono-lituana era um país tolerante, onde os deputados católicos, representantes da nobreza, exigiam dos candidatos estrangeiros ao trono

¹ “Si nous ajoutons à ces traits un penchant à l’intempérance, qu’excuse sans le justifier l’âpreté du climat jointe à mauvaise qualité de l’eau, et un amour passionné de la liberté, que se traduit par l’esprit d’insubordination et d’indiscipline, nous aurons esquissé la physionomie générale du peuple polonais.” (Berga 1916: 9).

polaco, o juramento de liberdade religiosa, dizendo *si non iurabis, non regnabis* (se não jurarás, não governarás). Assim jurou Henri de Valois-Angouleme a ascender ao trono polaco em 1573. Sendo mesmo assim, o jesuíta polaco chamado por Adam Mickiewicz, o maior poeta romântico polaco, do “padre patriota” (*le prêtre patriote/kaplan obywatel*) circunscreveu uma vez para sempre a ideia da Polónia a um estado monoreligioso.

Skarga chegou a ter relações de amizade com os reis polacos Estêvão Batory (1576-1586), um dos mais ilustres monarcas electivos e, antes de mais nada, privou como pregador oficial de corte com o rei Sigismundo III Vasa (1587-1632) que lhe outorgou – ao pregador de origem burguesa ou mesmo plebeia – o brasão da família Skarga-Powęski. Skarga advogava a necessidade de fortalecimento do poder da monarquia em detrimento do Sejm, magnatas e *szlachta* (fidalgos). Teve uma forte influência sobre o Rei Sigismundo, defendendo fortemente a autoridade régia contra a nobreza polaca, revoltada, irriquieta e ciosa de liberdades políticas:

Enfim la noblesse [polonaise] a le privilège de participer au gouvernement, d’abord par la part qu’elle prend à l’élection royale (Constitution de 1538), et ensuite par sa collaboration nécessaire à la confection des lois, depuis le statut de Radom (Constitution de 1505, *nihil novi*). Grâce à ce statut que interdi au roi d’innover en matière de loi sans le consentement comun du Sénat et de la Chambre des nonces, la noblesse peut s’immiscer dans tous les actes du pouvoir exécutif, sous le prétexte d’examiner si les décrets royaus (*mandata*) ne sont pas des innovations. (Berga 1916: 12).

Que país era, então, a Polónia grande e pluricultural, que se estendeu do século XV a meados do século XVIII? Era um país feudal em que a nobreza gozava de todos os direitos civis, entre outros, o direito de escolher o monarca, uma monarquia eleitoral. Depois da extinção da dinastia dos Jagelões em 1572 (com a morte do rei Sigismundo August O Velho, também protector e mecenas de Skarga) a Polónia passou, pois, a ter reis eleitos por meio de votação da representante da fidalguia polaca, e não reis-herdeiros da coroa em descendência directa (sendo o primeiro rei eleito o francês Henri de Valoise). Nos séculos XVI e XVII a Polónia era um dos maiores países da Europa de então, habitado por representantes de várias nacionalidades, em que a realização da ideia de uma monarquia ultracatólica com reis eleitos não tinha hipótese de se realizar por mais variada ordem de razões. Nos séculos XVII – XVIII impera na Polónia a famosa lei chamada *liberum veto* – o voto livre de contrariar as decisões da Dieta polaca. Desde o ano de 1652 até a promulgação da Constituição de 3 de Maio de 1791 cada um dos deputados podia votar contra as resoluções do Parlamento polaco e dissolver a assembleia parlamentar; acontecimentos de género tornaram-se notórios no século XVIII, precipitando a queda do Estado polaco, considerado não auto-governável pelas três potências vizinhas.

No âmbito político de tolerância religiosa precária havia um movimento significativo para fortalecer a República das Duas Nações, ameaçada sempre pelos

povos vizinhos e pelos turcos, bem como para instituir reformas. Neste ambiente da procura da paz política aparece o padre Skarga como reformador dos espíritos dos polacos, da moral e da ortodoxia religiosa católica conjugadas com um forte sentimento do amor à pátria. Condenando a política interna da Polónia quinhentista, defensor intransigente da monarquia católica, Skarga tornou-se, de um modo inevitável, um reformador político. Foi, então, um escritor polémico e político, religioso e moralista. Em 1568, Skarga ingressou definitivamente na Companhia de Jesus, há pouco tempo (em 1564) levados à Polónia pelo cardeal Estanislau Hósio¹ e sedeados em Braniewo (região do Norte da Polónia, chamada Warmia). O estabelecimento dos jesuítas na Polónia tinha directamente a ver com a vontade do papado de converter a Prússia luterana para o catolicismo. O fortalecimento do poder eclesiástico de Roma na grande República das Duas Nações continuou também como importante motivo da acção da Companhia nas praças leste-europeias. A heteronomia do pensamento patriótico de Skarga, o lado controverso e intolerante de muitas das suas posições políticas e religiosas encontrarão, no século XVII, um cúmplice seu dentro da mesma cultura jesuítica: o Padre António Vieira defensor dos índios e autor de vasta produção profética politizada para a necessidade de vários absolutismos da mente e da alma. Ambos alimentaram uma vida política intensa, apaixonada, com dedicação absorvente à colectividade: em Vieira, à independência e liberdade portuguesa, em Skarga à defesa da Igreja católica e desenvolvimento da cultura nacional polaca (cf. Craveiro da Silva 1998: 48)

Os dois religiosos da Companhia de Jesus em foco da presente análise partilharam espontaneamente a mentalidade da época, segundo a qual a protecção das autoridades civis constituía o caminho mais seguro e eficaz para a cristianização; apoiavam, então, os seus monarcas nas missões de evangelização do novo mundo (em Portugal e no Ultramar) e na erradicação do protestantismo e dos dissidentes religiosos (luteranos e calvinistas, à falta de anglicanos) na Polónia. Vinculados por uma ligação especial a Roma e possuidores de um grande influxo cultural, os jesuítas formavam um corpo visto na época pombalina como ameaça para um sistema absolutista em Portugal, mas sim, percebido como sustentáculo da República das Duas Nações e das acções do seu exímio “padre patriota” Piotr Skarga, seus leitores e discípulos espirituais. Extinta a Ordem dos Jesuítas em Portugal em 1559, manteve-se intacta a Companhia na Rússia e na Prússia, onde não foi anunciado o respectivo documento de extinção da Sociedade. Na Polónia, a Ordem foi extinta em 1773 e restabelecida em 1814, depois da revolução francesa e das guerras napoleónicas (a 7 de Agosto de 1814, a Companhia de Jesus foi restaurada pelo papa

¹ É conhecida a correspondência trocada entre os dois grandes representantes da Contra-Reforma, bispos Joerónimo Osório (1506-1580) e Estanislau Hósio (1504-1579). São mais de trinta cartas, trocadas na década de 60 e de 70 do séc. XVI, tratam de assuntos eclesiásticos e particulares. Os polacos vinham buscar em Portugal auxílio na guerra contra os turcos, os portugueses acharam oportuno que os polacos os ajudassem nos trabalhos de evangelização do Ultramar. Cf. L. Bourdon (1956): *Jerónimo Osório et Stanislas Hosius d'après leur correspondance* (1565-1578), Coimbra; Stanislai Hosii Opera Omnia (1584), Colónia, vol. 2. Uma carta desconhecida do rei D. Sebastião a cardeal Hósio, datada de 4.09.1573 encontra-se na Biblioteca da Universidade Yaguelloniana de Cracóvia, Polónia, manuscrito 1139, nº 36.

Pio VIII). Os jesuítas polacos tinham o mesmo papel dos seus correligionários na Europa – eram conselheiros e confessores de reis, magnatas e fidalgos, professores nos colégios jesuíticos, exercendo sempre uma forte influência sobre a política dos países em que actuavam.

Em Agosto de 1829, chegaram a Lisboa oito jesuítas que traziam como superior o P. Filipe José Delvaux, belga. Abriram um noviciado e iniciaram actividades apostólicas entre a população da capital e dos arredores. Em 1832, os jesuítas foram restabelecidos oficialmente em Portugal, prestando assistência aos feridos da guerra civil e às vítimas da epidemia de cólera ocorrida em 1833. Trabalhavam agora na Índia, em Macau, Timor e na difícil missão da Zambézia. Em Outubro de 1910, a Companhia de Jesus foi de novo expulsa de Portugal e espoliada dos seus bens. Continuou, porém, a actuar no Ultramar, principalmente no Brasil, em Angola e em Moçambique. A Constituição de 1933, abolindo as leis de excepção por motivos religiosos, e o decreto de 12 de Maio de 1941, reconhecendo a companhia de Jesus como corporação missionária, normalizaram a situação jurídica dos jesuítas em Portugal.

Educação, ensino, formação espiritual, trabalho paroquial, missões, meios de comunicação social, presença na cultura e na investigação continuam constituir um amplo leque de actividades dos jesuítas em Portugal, hoje, e no mundo contemporâneo. A *Brotéria* (fundada em 1902) continua a ser publicada regularmente, tanto na série científica como na cultural, de parceria com novas revistas de investigação, por ex. a *Revista Portuguesa de Humanidades*. A *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* resultou da colaboração entre a editorial Verbo e as instituições culturais da Companhia de Jesus.

Superados os tempos de regimes ditatoriais, podemos contar com a colaboração mais alargada entre os jesuítas e leigos de diferentes nacionalidades, estabelecendo também um diálogo enriquecedor com representantes de outras religiões. O missionário do Leste europeu chamado Piotr Skarga e o missionário na Baía, em Portugal, em França, Holanda e Itália, defensor do regresso dos hebreus ao reino de Portugal e o abrandamento dos processos implacáveis do Santo Ofício do nome do Padre António Vieira constituem bons exemplos do humanitarismo e do empenho civil na justa causa. O cerne do pensamento de ambos os padres enquadra-se, porém, no “pessimismo antropológico de fundo agostiniano [...] resultante da sobrevalorização doutrinal da queda adâmica originária que enferma a natureza humana e a torna hipersensível ao pecado” (Franco, Cabanas 2008: 198), como se pode constatar de muitas passagens de Vieira e de Skarga inspiradas na antiguidade cristã (a patrística), na literatura medieval e jesuítica sob a égide de Bellarmino.

Com a passagem do tempo, as lutas entre as facções políticas e religiosas, o enfraquecimento do poder real e as ameaças do exterior conduzirão ao desmembramento da Polónia, à época dolorosa das partilhas que durou até ao ano de 1918. Privada da sua independência pelo século XIX fora, a Polónia transformou-se num território para exploração. As esperanças depositadas em Napoleão revelaram-se ilusórias. O Grão-ducado provisório e independente de Varsóvia, subjogado a Napoleão, durou apenas oito anos (1807-1815). O fracasso

das sucessivas insurreições de Novembro e Janeiro (1831 e 1863) conduziram a mais restrições por parte dos governos czaristas: os bens de raiz foram confiscados e as instituições culturais e educativas foram dissolvidas. Em 1773, foi extinta na Polónia a ordem dos jesuítas e a missão do ensino confiada à Comissão da Educação Nacional. A queda dos impérios da partilha na Primeira Guerra Mundial permitiu à Polónia reconquistar a independência em 1918. A Polónia vai sofrer enormes perdas territoriais, compensados, depois de 1945, pela decisão dos Aliados em deslocarem a fronteira do país para oeste. Depois desta data, a Polónia foi subjugada pela União Soviética e só se tornou democrática em 1989.

Vivendo em democracias liberais, é sempre importante saber assumir a rica tradição do nosso passado, forjado pela cultura espiritual disseminada por pensadores e pregadores jesuíticos. O paradoxo da leitura e da interpretação correcta da cultura jesuítica na Europa e no Mundo terá a ver com a tomada de atitude perante “um puritanismo racionalista”, “uma flagrante irracionalidade” ou, até, “uma autêntica criação mitológica, ao serviço de uma ideia do homem, do poder e da sociedade que se queria, pelo contrário, inteiramente racional” (Franco 1997: 40). A legitimização das mundividências de Vieira e de Skarga permite a suspensão, pelo menos temporária, do espírito positivista e científico e a procura – quanto menos prejudicada pelos desvios do pós-iluminismo – de uma resposta cabal às nossas inquietações metodológicas existente, talvez, nas propostas da mitocrítica de Gilbert Durand (*cf. Idem*, 41).

A lição universal de Skarga ensina-nos sobre a dignidade moral, coragem e piedade para com os pobres e oprimidos, necessidade de diminuir crimes, corrigir os costumes e, antes de mais nada, amar a pátria. É então uma catequese universal, com um só objectivo: fortificar o poder real na Polónia baseado no catolicismo ortodoxo e restabelecer a ordem social ameaçada pela anarquia e – no entender do pregador – pela “heresia” ou pluralismo religioso, multiplicidade de crenças e credos religiosos na antiga República das Duas Nações. A ironia da história foi que a anarquia prevaleceu, malgrado os ensinamentos de Skarga lido na época romântica como arauto de ideias messiânicas, o único homem do seu tempo que tinha visto na Polónia um país eleito por Deus para cumprir o plano divino de salvação do mundo em virtude do seu desaparecimento do mapa da Europa. Os sermões de Skarga começaram a viver uma nova vida na charneira do séc. XVIII- XIX, quando as profecias do padre jesuíta sobre a queda da Polónia estavam a cumprir-se. Os textos sermonários começaram a ser lidos como adivinhas de infortúnios nacionais, como profecias cumpridas sobre a partilha do País. Skarga-profeta foi retratado por muitos pintores nossos como também por Jan Matejko (1838-1893), maior pintor histórico polaco. Polónia de múltiplas nações, Nova Jerusalém, Quinto Império passaram hoje para mitologias nacionais e apontam uma outra possibilidade de abordagem mitocrítica.

O cuidado pelo bem comum dos povos e pelos assuntos públicos da pátria imortalizou Skarga não somente nos olhos dos escritores e pintores polacos da época oitocentista. Porém, o seu pensamento político-religioso não passa hoje de um sistema utópico, idealista e irreal, baseado numa vontade de regressar à ordem

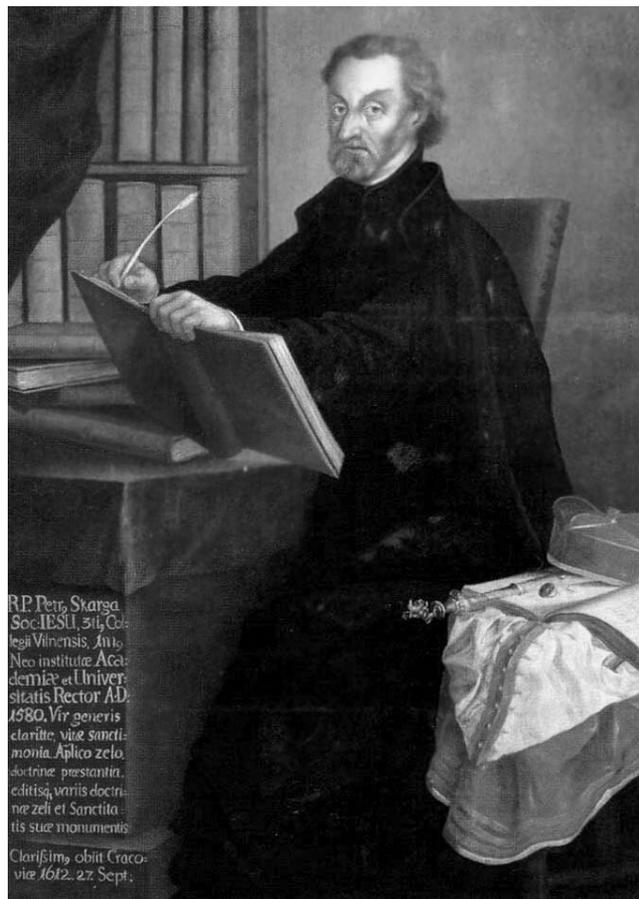
sócio-política pela qual se regiam as monarquias medievais ou, na Europa moderna, as pequenas repúblicas como Veneza e Suíça. O absolutismo católico ocidental à espanhola e a exortação à cruzada contra os turcos não podiam ser transplantados ou postos em prática imediata na Polónia quinhentista, cuja especificidade se baseava nas regalias extraordinárias conferidas a nobreza polaca e na tradição da tolerância religiosa.

A problemática das sociedades multiculturais, de muitos credos religiosos e umas vozes “de oeste e de este” em defesa da paz entre as nações que reclamam as suas identidades não perderam a sua actualidade através de séculos. Vieira e Skarga são grandes metáforas de atitude idealística, espiritual, moralizadora para com a realidade sócio-política conturbada e difícil nos seus respectivos Países: o Portugal de D. João IV e a Polónia de Sigismundo III Vasa.

Figuras:

Figura 1

Piotr Skarga, pinotr anónimo, antes de 1612



Fonte: Wikimedia Commons

Figura 2

Epitáfio de Piotr Skarga, pintor anónimo, séc. XVIII



Fonte: Wikimedia Commons

Figura 3

Lápide comemorativa de Piotr Skarga, Cracóvia, Polónia (antiga Casa de Misericórdia, fundada por Skarga em 1584), 1938



Fonte: Wikimedia Commons

Referências bibliográficas

Almeida, Luís Ferrand de (1992): “Polónia”. In: Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas, vol. V: 108-113.

Berga, Adam (1916): *Pierre Skarga (1536-1612). Etude sur la Pologne du XVI siècle et le protentantisme polonais*. Paris: Societé Française d’Imprimerie et de Librairie.

Dziechcińska, Hanna (1990): “Les composants medievaux et renaissants dans l’hagiographie en Pologne: l’exemple de Piotr Skarga”. In: Giovanna Brogi Bercoff (a cura di), *La percezione del Medioevo nell’epoca del Barocco: Polonia, Ucraina, Russia. Atti del Congresso tenutosi a Urbino 3-8 luglio 1989*, estratto da: *Ricerche Slavistiche*, vol. XXXVII: 123-131.

Franco, José Eduardo, e Cabanas, Isabel Morán (2008): *O Padre António Vieira e as Mulheres. O mito barroco do universo feminino*. Porto: Campo das Letras.

-----, e Reis, Bruno Cardoso (1997): *Vieira na Literatura Anti-Jesuítica (séculos XVIII-XX)*. Lisboa: Roma.

Lima, Luís Filipe Silvério (2000): *Padre Vieira: Sonhos Proféticos, Profecias Oníricas. O Tempo do Quinto Império nos Semões de Xavier Dormindo*. Dissertação de Mestrado não publicada. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Mendes, Margardia Vieira (1989): *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa: Caminho.

Siewierski, Henryk (2000): *História da Literatura Polonesa*. Brasília: UnB.

Silva, Lúcio Craveiro da (1998): *Padre António Vieira e Antero de Quental. Ensaios*. Braga: Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos.

Skarga, Piotr (2003): *Kazania sejmowe (Sermões da Deita)*, elab. Janusz Tazbir. Wrocław: Ossolineum.

Tazbir, Janusz (1982): “Baronius et Skarga”. In: AAVV, *Baronio Storico e la Contrariforma. Atti del convegno internazionale di studi Sora, 6-1 ottobre 1979*, estratto: 549-568.



Diogo Cão na obra *Mulheres Navegantes no Tempo de Vasco da Gama*

Fina d'Armada
finadarmada@gmail.com

1. Introdução

Em Maio de 2008, tive a honra de ser convidada a participar, como escritora, no XII EIRI. Deslizei então pela estrada de montanha, dormi num esplêndido hotel de Vila Real e delicieei-me com o murmúrio do rio Corgo. Após atravessar árvores e ervas na pujança da Primavera, pisei o chão da UTAD para falar do meu livro “Mulheres Navegantes no Tempo de Vasco da Gama”, sobretudo através de imagens.

Esta obra resultou de uma investigação de vários anos. Foi iniciada pela altura do Congresso Internacional “A Face Feminina da Expansão Portuguesa,” organizada pela CIDM, em 1994. Em 2003, após ter aprofundado a investigação sobre as Mulheres nos Descobrimentos, no período de vida do descobridor do caminho marítimo para a Índia, decidi apresentar este trabalho como tese do mestrado “Estudos sobre as Mulheres”, na Universidade Aberta, Lisboa. Dividi a obra em cinco partes, como as cinco quinas. Naturalmente, a parte do meio, a terceira, é a mais importante – “Mulheres nas Naus de Vasco da Gama”.

Como resumo, apresentarei uma gravura para cada parte, para além de dois mapas.

Houve três homens que envolveram as mulheres nos Descobrimentos – D. João II, Afonso de Albuquerque e mais ligeiramente o Infante D. Henrique.

Mas, como estamos em Vila Real, penso que será mais oportuno falar do envolvimento dum filho da terra com as mulheres das descobertas.

2. Mulheres do Zaire companheiras de Diogo Cão

Certa vez, desloquei-me a Vila Real para conhecer a casa onde, segundo a tradição, nasceu Diogo Cão. Estava um lindo dia de Verão, a luz iluminava a praça principal. Nos canteiros de flores, próximos da casa, sorriam viçosos cravos do Brasil, amarelos como o Sol e a luz que se espalhava pelos edifícios. Uma placa na frontaria identificava o local onde provavelmente Diogo Cão soltara o seu primeiro grito de vida.

Volvidos mais de 500 anos, a casa continua a ser bonita e rodeada de misticismo, lembrando tempos de outrora.

Não se sabe a data em que um rapaz, nascido ali no centro de Vila Real, sonhou navegar por mares nunca navegados. O rapaz tornado homem enfrentou

tempestades e calmarias, ondas cruas, até chegar ao rio Zaire. Cumpria ordens de um rei a quem a gente que Diogo Cão encontrou chamava o “Senhor do Mundo”.

Mas o que o navegador de Vila Real não sabia é que iria protagonizar uma relação entre povos, que poderíamos dizer que foi uma relação modelo, pois seu rei D. João II determinou estabelecer com esses povos uma comunicação singular.

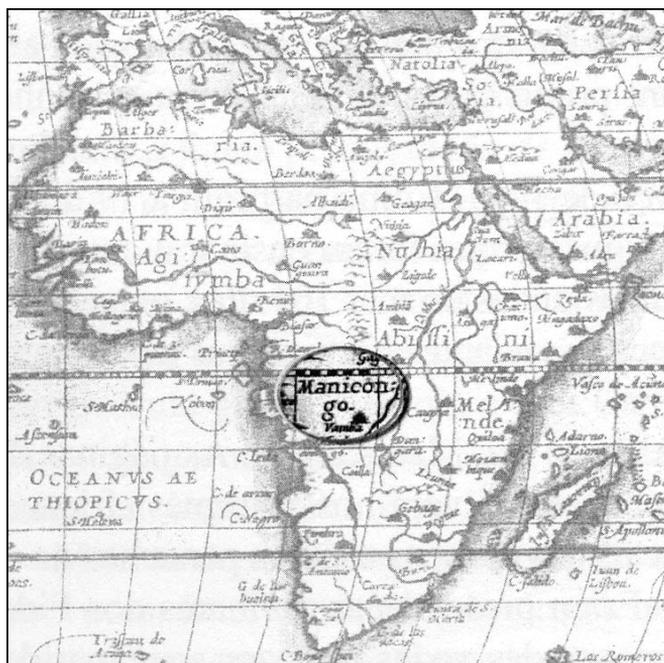


Fig. 1: Localização do reino do Congo (Vaz Dourado, 1568).

Diogo Cão fez mais que uma viagem de exploração. Navegou no período em que Portugal queria encontrar, conhecer, descobrir povos, mares, estrelas e terras.

O marinheiro da vila do Corgo partiu em 1484 e, no ano seguinte, chegou a um grande rio ao qual os naturais chamavam Zaire. Ele já tinha realizado uma viagem anterior, já colocara padrões, já tinha contactado com africanos a sul do Equador. Desta vez, a armada ia provida para muito tempo e transportava presentes para eventuais contactos com dirigentes africanos. Não ia incumbido de nenhuma relação de domínio como as missões no tempo de D. Manuel I. Era uma viagem marítima de exploração científica.

Os marinheiros portugueses ficaram surpresos com a grandeza do Zaire. Descreveram-no como uma grande extensão de água, de largura de duas léguas e setenta braças de fundo. Entrava pelo sertão umas trezentas léguas e a força do seu caudal era tal que, desaguando no mar, ainda fazia corrente ao longo de cinquenta léguas da costa. Garcia de Resende diz que essa terra do Congo distava de Portugal “mil e setecentas léguas, onde por ser tão longe da outra terra da Guiné já descoberta, não se puderam entender com a gente da terra e, levando muitos línguas [intérpretes], nenhum entendia nem sabia aquela linguagem” (Resende:

fol.93.

Diogo Cão e seus companheiros subiram o rio até cerca de 160 quilómetros. Para testemunhar que tinham estado ali, gravaram nuns rochedos de Ielala seus nomes – Diogo Cão, Pêro Escobar, João de Santiago, Pêro Anes...

Como não conseguiram comunicar por meio de intérpretes, comunicaram por gestos. Perceberam que aquela terra era governada por um rei que vivia numa terra do interior. Diogo Cão enviou emissários cristãos ao seu encontro, guiados por naturais. Iam carregados de presentes variados e levavam a mensagem que eram enviados do rei de Portugal que com todo o mundo queria estabelecer paz e amizade.

Os emissários encontraram o rei. Foram recebidos com espanto e honra. As pessoas do Congo nunca tinham visto nem ouvido falar em gente com outra cor, outras vestes, outras falas, vindos de algures, em grandes navios capazes de vencer grandes distâncias.

O tempo foi passando. É possível que o navegador de Vila Real tivesse explorado a costa a sul, colocado padrões e voltasse à foz do Zaire.

Mas os seus emissários não estavam lá. Veio-lhe à ideia que talvez a missão tivesse corrido mal. Talvez os seus homens tivessem sido mortos ou aprisionados.

Entretanto, africanos da foz do Zaire tentaram dialogar com os portugueses. Estes permitiram que fossem visitar o barco, vissem o desenvolvimento que esse navio representava no progresso do tempo, tocassem o que seus olhos surpresos observavam.

Diogo Cão teve então uma ideia – fazer uma troca. Mas como participar essa ideia ao rei local que nem sabia se existia nem onde? Resolveu então trazer alguns africanos, possivelmente os que estariam dentro dos barcos, como reféns para Portugal. Não os trouxe como cativos (D. João II proibia que se cativassem povos de terras achadas), mas, na pena de Resende, “com fundamento que depois de aprenderem a língua e costumes nossos e a tenção del Rei, tornariam a Manicongo e por eles se poderia bem saber tudo o que cumprisse de uma parte e da outra, porque lhe pareceu que doutra maneira não poderia ser”.

Conseguiu transmitir esse plano aos africanos que ficaram. Prometeu que voltaria “antes que passassem quinze luas” e que devolveria a gente que levava, viva e sã, com honra e riqueza. E tratou-os honradamente enquanto navegavam a caminho de Lisboa.

3. mulheres nas caravelas de Diogo Cão

Não está escrito em lado algum que, entre os africanos que trouxe, haveria mulheres. Até sugerem os documentos que seriam homens. E da nobreza negra. Mas a história das mulheres escreve-se também pela lógica. É que havia nesses tempos e ainda hoje a praga da “ginecocegueira” (doença ocular dos cronistas e historiadores que provoca que seus olhos tornem as mulheres invisíveis e os homens gigantes).

Mas teria de ter trazido mulheres, pois africanas foram ensinadas em Portugal e envolvidas nos segredos da navegação. Foram depois reenviadas ao seu continente nas caravelas de Bartolomeu Dias com a missão de ajudar a encontrar o

caminho da Índia e as terras de Prestes João. Ora, estas navegantes nas caravelas, que descobriram o cabo da Boa Esperança, só podiam ter vindo para Portugal nos barcos de Diogo Cão. Não podiam ter vindo a voar como fadas nem de avião que ainda não tinha sido inventado. Seriam mulheres inteligentes a quem D. João II confiou uma missão idêntica à tarefa que destinou a Afonso de Paiva e Pero da Covilhã.

João de Barros, na sua *Primeira Década da Ásia*, escreveu que Bartolomeu Dias, em 1487, levou quatro mulheres africanas ensinadas. Diz concretamente:

Passado o rio do Congo [Zaire], começou Bartolomeu Dias a seguir até chegar onde ora se chama a Angra do Salto por razão de dois negros que Diogo Cão ali salteou. Os quais Elrei, por ele Bartolomeu Dias, já ensinados do que haviam de fazer, mandava tornar àquele lugar e *assim levava quatro negras desta outra costa da Guiné*. (fol. 42/ 42 v).

Nesse tempo chamavam Guiné à África.

O contacto com o rei de Manicongo aconteceu. Os africanos, após as quinze luas, foram levados ao seu povo. Os emissários portugueses, que Diogo Cão enviara, também estavam vivos. O reencontro foi de grande alegria e um episódio dos mais bonitos da História da Expansão.

O rei de Manicongo enviou uma embaixada a D. João II, comandada pelo embaixador Caçuta. Este trazia consigo presentes – muitos dentes de elefante, peças em marfim lavradas e diversos panos de palma, bem tecidos e de cores delicadas. E pedia quatro coisas ao “Senhor do Mundo”:

- frades e clérigos para evangelizar
- carpinteiros e pedreiros para construir igrejas
- lavradores para amansarem bois e ensinarem o cultivo da terra
- algumas mulheres para ensinarem as de seu reino a amassar o pão.

D. João II enviou o que o rei de Manicongo pedia. E assim mulheres padeiras, possivelmente de Évora, foram as primeiras portuguesas a navegar a sul do Equador. Levavam bacias e caldeiras. Partiram a 19 de Dezembro de 1490. Em Portugal viviam-se tempos de alegria porque decorriam as festas do casamento do príncipe Afonso, filho de D. João II, com a princesa Isabel, filha de Isabel a Católica. As padeiras chegaram ao Congo a 29 de Março de 1491. Navegaram sobre o oceano Atlântico durante 101 dias, ou seja, três meses e onze dias. Segundo Garcia de Resende, essas mulheres não voltaram a Portugal, ficaram no Congo de livre vontade, com outros portugueses dessa missão.

Entretanto, as mulheres africanas, trazidas por Diogo Cão, foram ensinadas, vestidas à europeia e carregadas de ouro. Navegando juntamente com os marinheiros lusos, nas caravelas que zarparam do Restelo, no Verão de 1487, foram largadas na costa africana por Bartolomeu Dias. Uma faleceu. Mas as outras três foram largadas – uma na Angra dos Ilhéus, outra na Angra das Voltas e a última na Angra dos Ilhéus de Santa Cruz, já após a passagem do Cabo da Boa Esperança. Foi a primeira pessoa, não só a primeira mulher, ida em barco europeu, que ficou no

Oceano Índico. Levava a missão de descobrir o caminho para a Índia ou encontrar Prestes João.

As mulheres do Congo que Diogo Cão conheceu estavam divididas em nobres, do povo e servas. As mulheres, que deve ter trazido, talvez pertencessem à classe do povo. Não é provável que trouxesse servas, pois teriam um senhor, nem as damas da nobreza que estariam mais recatadas e não no “cais” do rio Zaire. Na gravura (Fig. 2), a mulher do povo é a que está no meio.

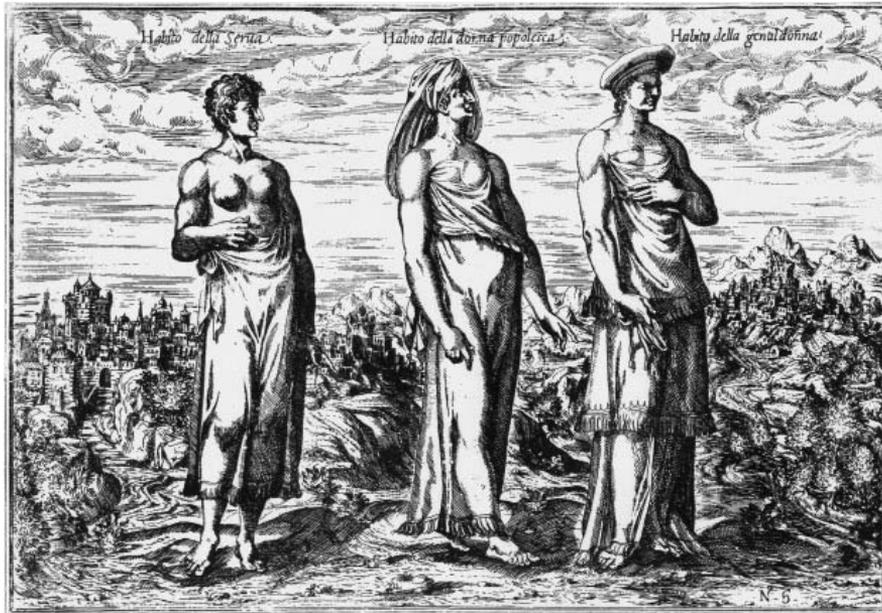


Fig. 2: Mulheres do Congo que Diogo Cão conheceu (in Lopes e Pegafetta, 1591)

Apesar dos nossos conceitos éticos de hoje, o certo é que D. João II considerava as mulheres capazes de ações arriscadas, depois de preparadas para tais missões. Coisa que mais de 500 anos ainda não é reconhecido por todos. A participação das mulheres na epopeia dos Descobrimentos é mais um dado a acrescentar à genialidade desse rei João, que Garcia de Resende define como “segundo em nome e a ninguém segundo”.

Referências bibliográficas

Armada, Fina d' (2006), *Mulheres Navegantes no Tempo de Vasco da Gama*, Lisboa, Ésquilo.

Barros, João de (1628), *Primeira Década da Ásia*, Lisboa, ofic. Jorge Rodrigues.

Resende, Garcia de (1607), *Vida e Feitos del Rey Dom João Segundo*, Lisboa, ofic. Jorge Rodrigues.



TESES CONCLUÍDAS EM 2008



Teses de Doutoramento

MOURA, Teresa Maria Teixeira de (2008): *As Ideias Linguísticas Portuguesas no século XVIII*. Tese de Doutoramento em Linguística Portuguesa. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Orientador: Carlos Assunção.

Teses de Mestrado

GONÇALVES, Paula Alexandra Couto (2008): *O Sagrado no Imaginário Barrosão e em Padre António Lourenço Fontes. Estudo Etnolinguístico*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Dissertação de Mestrado em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas. Orientação científica: Rui Dias Guimarães. Vila Real: UTAD.

MONTERROSO, Cláudia Sofia P. (2008): *O Professor e o Estudo dos Valores Culturais em Portugal: Uma Análise de Caso dos Manuais e Orientações de Formação Cívica no 2º Ciclo do Ensino Básico*. Tese orientada por José Manuel. C. Belo e defendida na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real: UTAD.

PINTO, Paula Cristina de Sousa (2008): *Desafios da Escrita no Ensino Secundário Profissional. Um estudo pré-teste-pós-teste com alunos de duas turmas de Português*. Tese orientada por José Manuel. C. Belo e defendida na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real: UTAD.

ASSUNÇÃO, Maria de Fátima C. (2008): *Subsídios para o desenvolvimento da comunicação didáctica no processo de ensino e de aprendizagem*. Tese orientada por José Manuel. C. Belo e defendida na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real: UTAD.

TERESINHO, Luís Filipe da Cunha (2008): *A manipulação do olhar no cinema. O alcance, o controlo e as limitações da câmara em Brave New World, Nineteen Eighty-Four e Fahrenheit 451*. Vila Real: UTAD. Tese orientada por Anabela Dinis Branco de Oliveira e defendida na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real: UTAD.

- ROSÁRIO, Mariana Especiosa (2008) - Nós por cá – Tradições do Nordeste Transmontano. Vila Real [s.n.] Dissertação de Mestrado apresentada na UTAD e orientada por Fernando Alberto Torres Moreira.
- AFONSO, Maria Isabel Laiginhas (2008): *O mundo às avessas na obra de Luísa Ducla Soares*. Tese orientada por Henriqueta Gonçalves concluída em 2008 e defendida em 29 de Janeiro de 2009. Vila Real: UTAD.
- MARTINS, Cristina Maria Almeida (2008): *Do conto tradicional ao conto contemporâneo*, Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Dissertação. Orientação Científica: Armindo Mesquita (dissertação defendida em 28 de Novembro de 2008 com a classificação de Muito Bom por unanimidade).
- PEREIRA, Anabela (2008): *Arthur and George por Julian Barnes – na pista de um crime sem castigo*. Tese de Mestrado em Literatura Inglesa contemporânea, orientada por Laura Bulger, e concluída com 18 valores em Novembro 2008. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- PEREIRA, Cristina Maria Pinto (2008): *A Viagem como Conhecimento do Outro na Carta de Pêro Vaz de Caminha*. Tese orientada por Maria Luísa de Castro Soares e defendida em 9 de Dezembro de 2008 – Informação final de Muito Bom. Vila Real: UTAD.
- RICARDO, José Eduardo Firmino (2008): *Domus Mea Est Orbis Meus: Campos Monteiro*. Tese orientada por Maria Luísa de Castro Soares e defendida em 2 de Dezembro de 2008 – Informação final de Muito Bom. Vila Real: UTAD.

Tese de doutoramento

As Ideias Linguísticas Portuguesas no século XVIII

Teresa Maria Teixeira de Moura

Resumo

A historiografia linguística Portuguesa tem sofrido, ao longo dos últimos anos, um desenvolvimento acentuado. Este incremento resulta da consciencialização generalizada de que os estudos historiográficos têm um papel preponderante no seio da própria linguística, na medida em que lhe fornecem as coordenadas das investigações linguísticas que fundamentam a sua base teórica no passado.

Assim, situando-se no campo estrito da historiografia linguística, o estudo das ideias linguísticas na centúria de setecentos, que se apresenta nesta tese, teve como finalidade o cumprimento de dois objectivos essenciais: o estabelecimento do grau de homogeneidade e/ou heterogeneidade dos sistemas classificatórios apresentados nas gramáticas seleccionadas e o estabelecimento das principais influências nelas exercido por gramáticos portugueses ou europeus e latinos, tendo em conta o contexto histórico-ideológico que esteve subjacente à produção gramatical setecentista.

Neste sentido, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, estabeleceu-se uma breve resenha da constituição e desenvolvimento da gramática no Ocidente até ao surgimento das primeiras gramáticas das línguas vulgares, procurando evidenciar-se a abordagem do nome, do verbo e do participípio ao longo da história gramatical. No segundo, enquadrou-se a produção linguística em estudo no contexto histórico-social-político-cultural setecentista, assumindo uma importância relevante o facto de o estudo da língua portuguesa ser oficialmente obrigatório, a nível da escolarização, a partir de então. No terceiro, analisaram-se as teorias linguístico-gramaticais apresentadas pelos gramáticos do *corpus* que dizem respeito ao nome, ao verbo e ao participípio, destacando-se, por um lado, as influências nelas sofridas por outros gramáticos portugueses ou europeus e latinos, e, por outro, algumas noções setecentistas que poderão estar na origem de conceitos teóricos actuais.

O resultado deste estudo permitiu verificar que os gramáticos do século XVIII estavam perfeitamente imbuídos do espírito dos gramáticos e pedagogos dos séculos XVI e XVII, já que atribuíram uma importância fundamental à implementação, no ensino oficial, de uma disciplina de língua portuguesa cujo método de ensino/aprendizagem assentasse na simplicidade das regras e na eficácia dos resultados. Alguns deles defenderam, ainda, que o estudo da língua portuguesa facilita a aprendizagem de outras línguas, sobretudo a latina, preconizando, neste contexto, a existência de certos princípios comuns a todas as línguas. Todavia, nenhum dos

gramáticos estudados procedeu à compartimentação, explícita, da gramática em ‘geral ou universal’ e ‘particular’. Quanto à definição de gramática, constatou-se que os autores setecentistas a entende como a «Arte» que ensina a falar e a escrever correctamente, seguindo desta forma a definição tradicional latina. Por outro lado, verificou-se uma heterogeneidade no que diz respeito à divisão da gramática proposta por cada um dos autores, sendo que esta heterogeneidade também se faz sentir no número de classes de palavras apresentadas.

No que diz respeito às classes de palavras estudadas, patenteou-se que os autores, seguindo de perto a tradição gramatical, conferiram uma importância relevante ao estudo do nome e do verbo.

Em relação ao nome, sobressaiu o facto de os autores considerarem esta classe como uma macroclasse que, por sua vez, compreendia várias subclasses. Porém, à excepção da divisão do nome em adjectivo e substantivo, confirmou-se a existência de uma heterogeneidade generalizada face às restantes subclasses. A mesma dissemelhança fez sentir-se, também, nas definições apresentadas, já que os autores apoiaram as suas caracterizações em critérios linguísticos distintos. Contudo, houve a predominância do critério semântico, consignado pela longa tradição latina, sendo utilizado por Figueiredo, na maioria das definições apresentadas. Existiu, também, algum consenso entre os autores ao considerarem que o nome era uma classe de palavras variável em género, número e caso. A ruptura deveu-se a Fonseca, que preconizou que na língua portuguesa não existiam casos.

Na caracterização do verbo, confirmou-se que todos os gramáticos assentaram as suas definições em bases semânticas. No domínio das subclasses dos verbos, constatou-se que a sistematização apresentada pelos autores é acentuadamente heterogénea, sendo que esta heterogeneidade também se fez sentir nas descrições de cada uma das subclasses propostas. Todavia, as caracterizações de alguns autores patenteiam já algumas implicações sintácticas. Este aspecto foi o que mais contribuiu para um relativo distanciamento em relação aos critérios seguidos pela tradição greco-latina, aproximando alguns dos gramáticos do *corpus* aos gramáticos filosóficos europeus. No que concerne aos acidentes do verbo, todos os autores admitiram o género, o número, a pessoa, o tempo e o modo. Neste último, a conformidade dos autores foi total, pois todos apresentaram quatro modos verbais para o português.

Quanto ao participípio, constatou-se que os gramáticos do *corpus* usaram nomenclaturas distintas para se referirem a uma mesma matéria, pelo que se tornou difícil estabelecer um paradigma fidedigno em relação às ideias linguísticas sobre este assunto. No entanto, seguindo a tradição greco-latina, a maior parte dos autores defenderam que o participípio é uma classe de palavras autónoma. Pelo contrário, apenas uma minoria considerou que o participípio constitui uma subclasse do nome adjectivo. Não obstante este facto, quer uns quer outros continuaram a atribuir uma importância relevante às características formais do participípio, considerando ainda que o participípio tinha propriedades do nome (adjectivo) e do verbo.



